

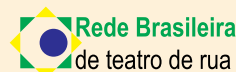
Realização



PROGRAMA MUNICIPAL DE
**FOMENTO
TEATRO**



Parceria



Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito :: Caderno III

Contato
Simone Brites Pavanelli
nucleopavanelli98@gmail.com
(11) 9 6563-9248
www.nucleopavanelli.com.br



:: CADERNO III / 2014 ::

O Núcleo Pavanelli nasceu em 1998 com a clara proposta de pensar um teatro que atendesse às especificidades da rua como espaço cênico, um teatro em que a dramaturgia, a encenação e a interpretação fossem pensadas em função do ambiente e do público dos espaços alternativos das metrópoles.

Em 2014 estreou o espetáculo Dia de Benedito - se fugir o bicho pega, se ficar o mundo come e, o caderno III do Centro de Pesquisa para o teatro de rua Rubens Brito, reúne os principais momentos da pesquisa para esta montagem

Núcleo Pavanelli
de Teatro de Rua e Circo
2013/2014

Dia de Benedito
se ficar o bicho pega,
se fugir o mundo come.

Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito
Núcleo Pavanelli



Dia de Benedito
se fugir o bicho pega, se ficar o mundo come!
:: Caderno III ::

Processos

:: 2013/2014 ::

Expediente

Caderno 3

Dia de Benedito - se fugir o bicho pega, se ficar o mundo come!

Publicação

Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo
Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito

Conselho Editorial

Marcos Pavanelli e Simone Brites Pavanelli

Textos

Beatriz Barros, Luciana Yumi Yara, Marcelo Royá, Reginaldo Figueiredo,
Simone Brites Pavanelli e Thamara Fernandes

Transcrição

Carlos Biaggioli

Foto capas

Julio Leão

Revisão

Taiguara Belo de Oliveira e Danielle E. F. Maciel

Projeto Gráfico/Diagramação

Mauricio Santana

ISSN : 2317-5230

Tiragem: 1.000 unidades

Gráfica: Bartira

Distribuição gratuita

Esta publicação foi produzida com os recursos públicos do Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo, Lei 13.297/02. Faz parte do projeto Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito, desenvolvido pelo Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo, no período de setembro de 2013 a novembro de 2014.

SUMÁRIO

I Estudos sobre mitologia com Calixto de Inhamuns	9
II O Processo de montagem	20
III UPAC - Universidade popular de arte e ciência	48
IV O saber do pajé	69
V Apontamentos sobre o anarquismo com Luis Carlos Checchia	89
VI Estudos com Scapi	114

:: 4 :: Núcleo Pavanelli de teatro de rua e circo



Dia de Benedito/ Largo São Bento /2014. Foto de Julio Leão.



Sobre o conteúdo deste Caderno

O III Caderno do Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito se propõe a registrar parte do processo de montagem do espetáculo *Dia de Benedito - se fugir o bicho pega e se ficar o mundo come!*, do Núcleo Pavanelli, com estreia em 25 de outubro de 2014.

Neste processo seguimos com as técnicas circenses, musicais, de percussão corporal e instrumental; acrescentamos danças populares brasileiras e ritmos percussivos, especificamente da região de São Paulo. Nossa pesquisa teve como foco a cultura da região paulista, as manifestações populares como congada, jongo, catira, cururu, moçambique, suas origens e processos de resistência.

No que se refere à teoria, iniciamos este processo com um curso sobre mitologia com Calixto de Inhamuns, também coordenador dessa pesquisa. Demos continuidade aos estudos que iniciamos com Luis Scapi, de base marxista, e ao intercâmbio com os indígenas *huni kuin*, do Acre, que vêm nos apontando a luta indígena daquela região em torno da questão da demarcação de terras e os embates com o agronegócio. Ainda, fizemos um estudo inicial sobre anarquismo com Luis Carlos Checchia.

Os pontos de maior relevância dessa pesquisa estão neste *Caderno*, em um trabalho final do grupo de *transcrição*; uma transcrição editada e reeditada, de modo que tivéssemos quase certeza de que nada de muito importante estivesse ficando de fora!

Esperamos que todos aproveitem a leitura e que possam apreender um pouco desse período da nossa trajetória.

Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo

Nov/2014

Antes de passarmos à *transcrição* do curso de mitologia, é importante contar um pouco como essa ideia nos ocorreu, como tudo começou e como ela está relacionada com todos os outros textos deste caderno.

Quando estávamos ensaiando o espetáculo *Viva Malasartes!* em 2009, já de olho na continuidade do processo, Calixto nos disse que uma boa metáfora para utilizarmos em relação à sociedade seria a Medusa. Um ser capaz de transformar as pessoas em pedra. Ele dizia assim: “A sociedade é isso! É uma Medusa, se a gente olhar muito, vira pedra porque não sabemos o que fazer! A gente vê pessoas morando na rua, gente doente jogada no chão, o caos na educação, na saúde, no transporte; é o caos, é a barbárie! E isso é o resultado de uma sociedade, de um sistema capitalista que nos endurece!”

E o tempo passou. Ficamos com essa imagem guardada no coração, mas antes quisemos falar do processo histórico, das relações de trabalho no sistema capitalista, da exploração a que a classe trabalhadora vem sendo submetida. Foi daí que, em 2011, estreamos *Aqui não, Senhor Patrão!*, e circulamos com este espetáculo até 2014, quando demos uma pequena pausa para montagem de um novo.

Durante todo esse tempo que passou, a ideia da Medusa permaneceu! Mas, pra que verticalizássemos esse assunto, sentimos a necessidade de revisitar a mitologia de um modo geral.

Agora, feitas as devidas explicações, passaremos aos momentos mais significativos deste curso, que nos remetem principalmente à função do mito na atualidade, à função do grupo como *aedos*, aos atores dionisíacos e, finalmente, à sociedade Medusa.





Dia de Benedito/ Largo São Bento /2014. Foto de Julio Leão.

:: 8 :: Núcleo Pavanelli de teatro de rua e circo



I

Estudos sobre mitologia

com Calixto de Inhamuns

Quando falamos a palavra mito o que vocês pensam? O que vem à cabeça de vocês? O que é mito? Qual a função do mito hoje? Qual a atualidade do mito? Por que vocês querem estudar o mito?

Essas e muitas outras questões foram levantadas inicialmente por Calixto na introdução dos estudos sobre mitologia. Já de olho na montagem, ele nos coloca, durante todo o curso, diante de questões que remetem ao conteúdo que estaremos trabalhando, a quem estaremos comunicando e o que queremos falar. Ou seja, questões básicas - sobre quem somos, onde estamos e para onde vamos - vão sendo cada vez mais apontadas e relacionadas com as histórias mitológicas e personagens arquetípicos.

Mito, literatura, lendas e contos de fada

Diferente da literatura que tem significante e significado, o mito tem um signo, ele tem significante e significado e muda de acordo com as civilizações, com cada época. O mito é algo que está ligado à história do ser humano, a momentos da humanidade, não é moral. Alguém pode querer se aproveitar dos mitos para fazer moralidade, mas na sua base ele não é moral. Os mitos não falam que você deve ter obediência a nada. Ele trata da relação dos deuses com os homens, constantemente em conflito. Isso é a coisa mais normal na mitologia, onde os homens são colocados à prova.

O mito é uma narrativa dramática. A lenda, os contos de fada são mitos que se transformaram nisso. O mito mostra a questão do mal que pode trazer a beleza, a riqueza, o talento; e vários mitos mostram que isso pode trazer o mal. Qual é essa história? Eros e Psiquê, que é um mito, e Branca de Neve, que é um conto de fadas feito a partir de um mito. As lendas representam o pensamento de uma época em relação ao mito. Eurípedes, por exemplo, fez Medeia, uma peça teatral sobre um mito, e nessa peça ele coloca o pensamento que ele tinha sobre o mito. Por isso que vocês têm de perceber que o problema são as interpretações que se fazem dos mitos em cada período histórico. Então, eu pergunto pra vocês:

Por que estudar mitologia?

A primeira coisa que eu quero falar pra vocês é que a gente não estuda o mito, a gente se aproxima do mito. O mito não é algo racional, estudado cientificamente, ele é além disso. Diz respeito a algumas coisas que nos atormentam. Todos os grandes mitos são momentos de humanidade que ainda estão presentes, que não estão bem resolvidos. É algo prático, algo direto. Nós vivemos em sociedade e sofremos influência dela, isso é próprio do humano e isso é desde que o homem existe. A alma humana é uma coisa complexa, esse pensamento que dá a capacidade ao homem de perguntar o porquê das coisas. Ontologicamente, faz parte do homem o questionamento, a busca do prazer. Esse pensamento, que podemos chamar essência,



alma, ou qualquer outra coisa, a gente não estuda, a gente se aproxima, vivencia e sente. Essa força que nos causa sofrimento, dor e alegria, não dá para ser estudada cientificamente. É claro que tem gente que estuda! Mas são nesses mistérios da alma que vive a mitologia, o que nos faz sentir cada vez mais ser humano.

O primeiro equívoco das pessoas é querer conhecer o mito racionalmente. As questões que são trazidas pela mitologia tocam a humanidade até hoje em pontos perturbadores. O mito é uma referência, um paradigma, algo que nos deixa abertos diante da vida.

O pano de fundo da mitologia é o ser humano. O inconsciente coletivo é um nome técnico que deram pra uma situação que faz com que eu pense uma coisa aqui no Brasil e outra pessoa esteja pensando a mesma coisa em outro lugar do mundo.

São respostas e pensamentos que aparecem e que fazem parte da nossa ontologia. Por exemplo, é o que faz o Vladimir Propp estudar o conto de fadas, em 1929, e escrever seu livro sobre os contos maravilhosos russos. Ele é formalista, ou seja, através da forma ele estudou esses contos e descobriu uma sequência. Os formalistas estudam a estrutura, e ele descobriu que a história arquetípica tinha uma sequência. Em 1949 ele caiu em desgraça no governo Lenin, porque a repressão aos artistas começou e o Stalin, depois, só completou o serviço. Então, ele foi transferido pra um serviço burocrático e ninguém ficou sabendo do livro dele. Em 1948, Campbell escreveu o *Herói de mil faces*, que é exatamente o mesmo estudo que o Propp tinha feito. Só que o Campbell o fez através do conteúdo e o Propp, através da forma. Nós estamos falando de dois estudiosos, dois cientistas, mas essas histórias se repetem em várias partes do mundo. Essas situações mitológicas se repetem, e o que muda é a civilização e a época, e o inconsciente coletivo guarda todas essas memórias. Uma história nasce de resíduos do que nós já fizemos, vimos, lemos, e achamos que está esquecido, mas está na nossa memória. Por isso tem pesquisadores que dizem: “há só uma história e o resto é plágio”. Então, o que nós temos pra contar pode ser da nossa ontologia, ou resíduos de memória;

e é nesse inconsciente coletivo que moram os mitos.

Por isso nós temos que abrir as portas para os mitos entrarem e saírem. O encontro com a mitologia é justamente para isso.

Eu vou apresentar para vocês algumas definições de mito que eu peguei de alguém, porque tudo que nós fazemos tem herança, mas nessa herança eu coloco também meu pensamento.

Definições

Os mitos são imagens e narrativas simbólicas, metáforas das possibilidades da experiência humana e a realização de uma dada cultura num determinado tempo.

O mito é um modelo exemplar de todos os ritos, de todos arquétipos que habitam o ser humano e de todas as ações significativas.

O mito é um caminho do arquétipo. Uma narrativa onde o homem é um deus humanizado, vive um grande momento de humanidade. Momento esse que fala de tempos heróicos passados, mas que continua a se recriar e a se repetir até os dias de hoje.

Exemplo. Otelo não é ciumento, ele vive uma experiência de ciúmes. E, se procuramos dentro da mitologia, vemos que há vários mitos que tratam dessa experiência de ciúmes. A diferença entre o tipo e o arquétipo é que todo arquétipo tem uma história, um mito. Todo arquétipo mora num mito e todo mito tem arquétipo. Isso é fundamental para o ator que cria personagens inteiros, que se reconhecem nessas possibilidades. Essa é a verticalidade que o ator tem que ter para ter densidade em cena, fora a parte técnica e o artesanato. E o artesanato da arte é o pensamento, a arte começa quando temos dentro de nós a perplexidade do humano. A mitologia discute as experiências humanas que se repetem ao longo dos tempos.

O mito é uma abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. (Campbell)



Agora começamos a entrar em arte! Isso é um pouco o que eu falei da ontologia. Estudar mitologia é abrir brechas pra essas energias cósmicas entrarem no nosso trabalho, pra nos fazer ter uma percepção maior da alma humana!

É uma narrativa dramatizada que medeia as angústias e todas as perguntas que angustiam os seres humanos de acordo com as civilizações e as épocas.

Quais são as funções do mito?

O mito aparece porque tem um mistério que o homem não sabe explicar; então aparece o mito. Na Idade Média na Inglaterra, onde os camponeses eram altamente explorados, surgiu o mito de Guilherme Tell. Outro exemplo, como o mundo apareceu? Tem vários mitos que explicam o surgimento do mundo e cada civilização criou o seu mito. O mistério disso é que o mito permeia coisas insondáveis, nesse sentido é que ele vem pra responder perguntas e angústias do ser humano. O mito não engana! Ele responde a essa angústia. O mito mostra aos homens que eles não estão sozinhos no mundo, que outros homens pensam e sentem as mesmas coisas. O mito não é receita, é uma referência!

Nós não vamos enfrentar o Minotauro, mas como enfrentar o Minotauro moderno?

O mito nos dá marcas, referências, por exemplo, de que esse monstro, o Minotauro, não é como nós pensávamos, que tudo é possível vencer e que nós precisamos da ajuda dos outros. Na vida a gente vive se perdendo, e o mito fala: você deixa um fio por onde pode seguir para achar o caminho de volta. É claro que esse caminho é simbólico.

O mito possui a finalidade primordial de fixar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as ações humanas, conferindo significado e valor à existência. Tem a misteriosa capacidade de conter e transmitir paradoxos, permitindo-nos enxergar, em volta e acima do dilema, o verdadeiro cerne da questão e torná-lo suportável. Mostra

que não estamos sozinhos em nossos sentimentos, temores, conflitos e aspirações diante dos mistérios da vida.

O mito não é discurso, não é teoria, não profetiza e nem ensina, é fechado no homem e aberto para o homem. É ninguém que fala a ninguém, sob a condição do anonimato, e que pela fenda do presente deixa correr o discurso para o vestígio do acontecimento que nunca existiu, para o limite onde não há ninguém. Ele existe porque nós perseguimos a verdade de nosso nascimento até no corpo real da própria mãe, onde ele alcança ao mesmo tempo o mais extremo consumo e o gozo supremo.

O mito é o conhecimento na sua origem

Ele exprime o desejo de saber; mas um desejo facilmente pervertível e tão violento que, na sua impaciência, descamba para a ilusão, mãe da ideologia (hoje em dia onipresente) e da idolatria. Sendo uma e outra nada mais do que subprodutos do mito.

O mito tem uma função restauradora. Os regimes políticos, as religiões, as sociedades os exploram para se estabelecer e se legitimar, e assim os matam, mas eles são imortais e nos seus mistérios renascem para restabelecer a verdade.

Na sua escuridão e luminosidade, o mito é sempre como um pote de mel cheio de merda. A beleza, a feiura. Feiura e beleza, duas faces do mesmo monstro: o homem.

O médico e o monstro, o que cura e o que mata. No fundo o mito não encerra nada de novo, não ensina nada, mas apenas ratifica, na sua atemporalidade, o ensinamento da história que nasceu com o homem e nos mostra a face da Medusa que se esconde em nós. A vida, na mitologia, resvala do nascimento à morte para a putrefação, para o fim, que é um recomeço.

O mito não é literatura, não é teatro. Mas este é a reinterpretação do



mito por um ser, alguém que é de uma determinada sociedade e que o transforma nisto. O mito, senhor dos códigos, assiste - distante e ao mesmo tempo embrenhado nas entranhas - ao homem se contorcendo para se entender no inexplicável: o mito que é e não é nem origem e nem porvir.

A religião e a ciência fundam-se sobre uma direção particular do tempo: do passado para o futuro, da causa para o efeito. Como se pudesse separar o passado do futuro e a causa do efeito. O mito re-vivido, re-dito, é o do re-começo. É portanto um mito que define um mito. É o mito da repetição, desta re-tomada, que é o próprio mito. O mito no porvir (re)começa, o mito é o (re)começo de nosso porvir. O por-vir de nosso começo. O mito é necessário porque o porvir está perdido: ele (re)começa no porvir como o nascimento que destrói o começo, como a tela arrebentada de nosso porvir.

Falar mito é fazer um uso violento do discurso, usar da violência provocada no discurso pelo sexo. O que se encontra no mito é menos o primitivo ou o original do que o selvagem. Quando a psicanálise encontra o mito, é sua própria selvageria que ela encontra, não somente seus próprios significantes em estado selvagem, mas a violência de sua verdade, a violência que desnuda, sempre de novo, a selvageria da cultura, a violência da verdade do sexo. Assim o mito se estreita sobre a encruzilhada edípica: no cruzamento de tantas estradas o encontro impossível do desconhecido, vai, ele próprio, ao encontro do estrangeiro. O discurso vai em direção ao lugar onde cai o cutelo do destino.

Assim a mentira do mito preserva a verdade

A incredulidade é sua garantia. Não há que crer no mito, visto que a verdade ele a mente, e que seu relato só pode confiá-la ao silêncio. Ele, na multiplicidade, ocupa tudo, não há vazio, não há ar, tudo está nele. No nosso mundo moderno a verdade apodrece no

fundo do poço, como um cadáver encoberto pelas delicadezas dos vendedores de perfumes e cosméticos. Isso nos leva apenas à perda, como a perda do tempo e outras infinitas perdas. Perda que é uma porta para os artistas, para os criadores

A questão do que é o mito nos dias de hoje

É um processo! É perceber que o mito está no ciclo da vida, reconhecer o movimento das coisas e perceber a transformação eterna do mito que o faz mudar e ao mesmo tempo ser imutável.

O mito não se transforma, o que muda é a nossa compreensão do mito.

É próprio do mito a vulnerabilidade do conhecimento; e, ao mesmo tempo, é essa vulnerabilidade que nos leva ao conhecimento. A ideologia e a idolatria são subprodutos do mito. Ou seja, se eu tenho uma interpretação do mito, isso pode passar a ser ideologia. O mito quando está integrado funcionalmente serve como conhecimento; e quando você o romanceia, vira subproduto, como as novelas.

O mito existe desde sempre, dizendo e escondendo o começo da história e é ao mesmo tempo ocultação e celebração, esquecimento de perpetuação do começo.

Isso é teatro, é o esquecimento do começo e, ao mesmo tempo, a perpetuação do começo. O mito no porvir começa, mas ao mesmo tempo que ele começa ele recomeça no futuro. O mito é o futuro do nosso começo.

A mitologia é filtrada através dos poetas, os aedos que a cantaram. Os poetas pegaram o imaginário da Grécia e criaram essa obra, que é uma projeção estética. O que caracteriza a mitologia grega é que, nela, não foram os deuses que criaram o mundo, foi o mundo que criou os deuses. A mitologia é sempre uma pergunta, um conhecimento.

O teatro tem que ser antena das angústias, dos sofrimentos, dos desejos do público, transformar em poesia uma coisa que o



público não sabe falar. Essa é a função do ator (tal como os aedos, que tinham a função de desocultar a verdade, já que o poeta não falava a verdade): ele tira o véu que impede o público de perceber o que está por trás.

O artista é um espírito livre e a arte é sempre oposição. A partir do momento que o artista assume o poder, ele estabiliza, não é mais oposição. As ideias do artista, o seu pensamento, não podem aprisioná-lo. As ideias são ferramentas para a criação, não para prisão, ou para serem seguidas fielmente. Nós aprendemos uma coisa hoje para quebrar, não para nos escravizar. Os gregos não eram escravos dos deuses que representavam ideias. A imagem dos deuses é fluida, ela está sempre em mudança. O teatro é uma arma magnífica e perigosa para o poder. Não existe criação sem tensão criativa: é como o parto, exige esforço. A tensão criativa é isso, é estudar, colocar suas forças em cima desse trabalho. Inspiração é transpiração. Quando se fala que os poetas invocavam as musas, é isso, é um pouco o inconsciente coletivo, é o esforço, o estudo que se faz. A ideia não aparece sem trabalho. As musas não aparecem sem a nossa transpiração. Se nós nos debruçarmos sobre um trabalho com esforço, as ideias surgem em diferentes momentos do nosso dia. Mas, para isso, precisamos acreditar no trabalho que estamos fazendo e ter um propósito pra fazê-lo. Quando existe essa dedicação as musas chegam até você. A eterna busca do conhecimento: “só sei que nada sei”. O conhecimento é uma eterna busca que começa em algum lugar.

Existe uma diferença entre a novidade e o novo. Uma coisa pode ser novidade, mas se ela é nova só a história vai falar. Nós temos uma dificuldade para saber o que é o novo no tempo presente porque é a história que vai dar essa resposta em um tempo futuro.

Somos quantos?

Muito mais que
muitos

Em cada canto

Somos gente
Lutando no presente
Por um futuro e tanto
Há uns poucos
Que nos querem lentos
Tontos e quietos
Sem ter movimentos

Algo assim
Como insetos tortos
Ou cordeiros natos

Povo sem intento
É mais que preciso
Estar atento
Para não cair em contos
Sementes que somos
Brotamos direitos,
Jorramos memória
Adubo perfeito,
Nascemos do tempo
Estrelas... Brilhamos
Trazemos no peito

A força da história
Somos como o trigo,

Crescemos ao vento

Luiz Hespanha





Dia de Benedito/ Largo São Bento /2014. Foto de Julio Leão.

II

O Processo

Dia de Benedito - se ficar o bicho pega, se fugir o mundo come!

Simone Brites Pavanelli

pro.ces.so

sm (lat *processu*) 1. Ato de proceder ou de andar. 2. **Sociol** Sucessão sistemática de mudanças numa direção definida. 3. Concatenação ou sucessão de fenômenos. 4. Seguimento, decurso. 5. Série de ações sistemáticas visando a certo resultado. 6. Ação ou operação contínua ou série de ações ou alterações que ocorrem de uma maneira determinada.

Dicionário Michaelis

O processo de montagem do espetáculo *Dia de Benedito*, oficialmente teria começado no projeto do Núcleo Pavanelli contemplado pela 23ª edição da Lei de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo, com início em setembro de 2013 e término em novembro de 2014. Mas, assim como no dicionário, na prática este processo teve início bem antes, enquanto uma “*série de ações sistemáticas visando certo resultado*”. Ou seja, todas as ações do grupo ainda em projetos e ações anteriores já vislumbravam um resultado prático, conceitual e estético que seria um novo espetáculo.

Esta formação, que hoje é composta por Beatriz Barros, Cristiane Accica, Jéssica Duran, Lucas Branco, Otávio Correia, Marcos Pavanelli, Marcelo Roy, Mizael Alves, Sabrina Motta, Simone Brites Pavanelli e Tiago Cintra, é relativamente jovem dentro da história do grupo. Dentre eles, Marcos e Simone são fundadores (1998); Mizael e Lucas estão desde o processo do espetáculo *Viva Malazartes* (2008); e os demais, com exceção da Jéssica, que entrou no início de 2014, estão neste coletivo desde 2012, quando passaram a integrar o grupo cumprindo demandas já existentes, como a circulação dos espetáculos *Aqui não*, *Senhor Patrão!*, *O Básico do Circo* e todas as ações de pesquisa e outras voltadas para a comunidade. Durante esse processo, nesses três anos, essa *concatenação ou sucessão de fenômenos* foi conferindo aos novos integrantes legitimidade e pertencimento aos 16 anos de história do Núcleo Pavanelli. Nesse processo, *sucessão sistemática de mudanças numa*



direção definida, a essência do grupo, o circo, a musicalidade, a pesquisa da cultura popular e a formação política vêm sendo mantidos e cada vez mais aprofundados. E isso nos possibilita uma maior qualidade na realização das nossas propostas, impactando diretamente as ações que são realizadas para a cidade, ou comunidades, além da própria pesquisa do grupo.

O Básico do Circo e Aqui não, Senhor Patrão!

Sendo assim, este novo grupo se apropria de duas histórias importantes na vida do Núcleo Pavanelli. Dois espetáculos distintos: um deles completará 15 anos em agosto de 2015 e já teve quatro formações; e outro, mais jovem, terá 4 anos em abril de 2015, mas com diferenças na sua forma e conteúdo.

O primeiro possibilita ao grupo a liberdade do palhaço, a compreensão de cada ator dentro do seu tipo, da sua personalidade artística, da interpretação sem psicologismos, do jogo entre os atores/palhaços e da execução das técnicas circenses. O segundo, que vai pra um lado de um teatro contextualizado histórica e politicamente, ensina, esteticamente como utilizar nossa base, que é o palhaço, sem que ele seja o personagem, isto é, a utilização das técnicas circenses a serviço da cena e não como exibição de números. No que se refere ao conteúdo, traz o próprio desafio de como trabalhar as questões de forma e conteúdo e de como dialogar com o público sobre questões tão complexas como a luta de classes.

Esse aprendizado, é claro, não se deu de forma linear e ainda está longe de estar acabado. Vem acontecendo de forma contínua e se tornando cada vez mais vertical, cada um a seu tempo e, na soma, o coletivo cresce.

Mas por que eu comecei contando essa história?

Porque, como diz nosso mestre Amir Haddad, somos filhos da história e não da ideologia!

É fato que esse novo espetáculo, *Dia de Benedito*, é tão novo enquanto forma estética quanto é velho enquanto processo e maturação. Pode não exprimir ainda toda necessidade de expressão do grupo acerca do tema, mas neste momento de pré-estreia ele representa o máximo, o limite da nossa potencialidade artística e do nosso pensamento sendo expresso esteticamente.

Nas inquietações anteriores à formação desse coletivo, como já apontamos no texto sobre mitologia, estava posta a questão da metáfora: “a sociedade como uma Medusa”. E, principalmente a partir da vivência da circulação do espetáculo *Aqui não, Senhor Patrão!*, outras questões foram surgindo. Circulamos com este espetáculo de 2011 a 2014 por bairros da periferia de São Paulo, praças do centro e cidades do interior e grande de São Paulo (Tatuí, Itu, Francisco Morato, Osasco, Guarulhos, Boituva, Araçoiaba da Serra, Sorocaba, São Bernardo do Campo). Estivemos também em Rio Branco/AC e Porto Velho/RO. Em cada um desses locais, fomos observando a reação das pessoas que nos assistiam e entendendo, amadurecendo o próximo passo.

Aqui não, Senhor Patrão! fala da luta de classes, fala de períodos históricos. Começa em 1914, com a questão do regime de trabalho semi-escravo nas fazendas, passa por 1940, abordando a conquista da carteira de trabalho e outros direitos trabalhistas, e termina em 1980, com o período das grandes greves das fábricas.

A formação que tivemos neste período fortaleceu e embasou a prática. Na rua, assim como no processo de criação, somos provocados a exercitar o olhar para desconstruir e desnaturalizar as coisas que, por condicionamento, são vistas pela ótica viciada dos princípios éticos e morais do sistema capitalista.

Beatriz Barros

O que o público fala

Vamos percebendo que as pessoas se identificam e se reconhecem nessa angústia de ser um trabalhador explorado, que reconhecem a existência de uma outra classe, a classe dominante, mas que isso não vem de forma conceitual, é claro! Para nosso público o que existe somos nós, o povo, e eles, os patrões. Mas percebemos que, mesmo nessa definição, existe ainda uma ampla diversidade entre o que vem a ser povo e patrões.

Vamos observando que para nosso público existem alguns pensamentos que são expressos em frases como: “isso sempre foi assim”, “a sociedade não vai mudar”, “a culpa é do povo”, “o povo é porco”, “isso é normal”! Essas frases e outras que ouvimos com frequência revelam



pensamentos naturalizados, ou seja, pensamentos que foram se tornando naturais, como se fossem a verdade absoluta, quando, na verdade, são fruto de uma longa história de dominação, em que a classe explorada passa a reproduzir os mesmos pensamentos da classe dominante como se estes fossem seus.

Com esse estímulo iniciamos os debates e nossos cursos de formação política que estão transcritos neste caderno. Começamos a destrinchar cada uma dessas frases para que, em primeiro lugar, nós tivéssemos a compreensão do porquê elas virem sendo reproduzidas.

Cultura popular

Em paralelo a esse estudo, um outro teve início, que foi a pesquisa sobre a cultura popular paulista. O Núcleo Pavanelli desde sua formação vem pesquisando e trabalhando com cultura popular. O circo e os artistas mambembes foram o tema de nosso primeiro interesse, e permanecem na base do nosso trabalho. No decorrer da trajetória do grupo, a cultura nordestina, seus ritmos musicais e danças fizeram parte do nosso imaginário, da nossa rotina de trabalho e, assim, nos serviram de inspiração em montagens como *Viva Malasartes!* e *Aqui não, Senhor Patrão!*. Feita esta observação e avaliação, o grupo sentiu a necessidade de pesquisar a cultura popular do estado de São Paulo, de se voltar para o estado em que vivemos, conhecer e vivenciar essa cultura, de modo a compreender um pouco melhor quem é o homem paulista e de que maneira esse homem expressa artisticamente suas inquietações.

O contato com a cultura popular paulista, a continuação dos estudos políticos e, é claro, as práticas e ações habituais do grupo fortaleceram a busca por ressaltar a importância da luta no resgate das raízes culturais, trazendo à tona a história de resistência da classe trabalhadora.

Vivemos um momento social onde tudo é “pré”. “Pré-fabricado”, “pré-concebido”, “pré-montado”, “pré-disposto”. Em meio a tudo isso, a cultura não seria diferente. Consumo imediato, cultura do sistema capital, de massa. Somos educados desde o berço por ela, assim, crescemos

condicionados a não pensar que a base de toda essa estrutura só foi e é possível ser construída e mantida pela força de trabalho do explorado. Daí a importância de pesquisar a cultura popular paulista: reencontrar-se com as raízes, Trata-se de olhar ao redor e questionar o quanto sabemos sobre a luta e as expressões de resistência da nossa classe; perceber a força de cooptação que o capital tem sobre tudo, sendo capaz de engolir práticas e expressões populares tradicionais.

Fazer um teatro político a partir de uma estética popular é, sim, uma forma de lembrar a tradição. A cultura popular nos aproxima do público. Gera no ouvinte um reconhecimento e identificação, que percebe que aquilo foi feito “pelos teus”, que algo ali diz respeito a ele e à vida de seus familiares e amigos. Logo, quando trazemos o olhar para a luta e resistência da classe trabalhadora, colocamos uma lente de aumento na própria guerra diária pela sobrevivência.

Beatriz Barros

Essa pesquisa aconteceu de várias formas: desde o estudo teórico feito a partir de livros ou sites, passando por viagens que fizemos pelo interior de São Paulo, visitando grupos de cultura popular, como na própria realização da Feira de Arte Pública, para a qual convidamos grupos de congada, jongo, catira e samba rural para se apresentarem no Jardim Julieta, ao lado do CICAS - Centro Independente de Cultura Alternativa e Social. Dentro desse universo, nos identificamos e nos encantamos com as histórias, a musicalidade e os novos amigos que fizemos. Abrimos um amplo leque de possibilidades estéticas e de histórias de resistência, que cada uma dessas manifestações populares carrega. Identificamo-nos especialmente com o grupo Filhos de N’Zambi, de São José dos Campos, que nos recebeu para uma vivência e nos deixou encantados com o ritmo forte da sua congada.



em São José dos Campos

Em nossa caminhada em busca do “sotaque paulista”, fomos para São José dos Campos, interior do estado de São Paulo, município pertencente à região do Vale do Paraíba. Com aproximadamente 681mil habitantes, é uma das cidades com maior aglomeração de habitantes, uma mistura de interior com cidade grande.

Encontramos o *Grupo Folclórico Filhos de N’Zambi*, grupo de mais ou menos vinte pessoas entre crianças, jovens e adultos. Um dos mais velhos integrantes, e também fundador do grupo, Mestre Lourenço Juventino da Silva é praticante da cultura tradicional popular da congada há mais de 50 anos, tendo, em sua experiência, vivência com os negros e moradores do Sertão das Onças, na Serra da Bocaina-SP, onde hoje está localizado o Parque Nacional da Bocaina. Desde então, vem multiplicando os conhecimentos desta tradição popular para pessoas interessadas na região do Vale do Paraíba.

A *congada* é uma manifestação da cultura popular de influência africana celebrada no Vale do Paraíba pelos escravos cafeeiros. Inspirada no Cortejo aos Reis Congos, saúda, louva e festeja São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, santidades protetoras dos escravos. Os instrumentos, na sua origem, eram mais precários pelas condições da época, assim como a grande parte da instrumentalização das culturas populares. As alfaias - produzidas pelo próprio Sr. Lourenço - substituem os tambores mais rústicos.

Em nossa visita, pudemos conhecer e vivenciar o ritmo desse grupo que tem, além do treinamento percussivo, um ensaio de danças brasileiras bem intenso, onde suamos a camisa e conhecemos outros ritmos de fora do estado. Na chegada, o grupo começava o ensaio com a formação base: sempre em bloco, com as meninas à frente tocando pandeiro e chocalhos amarrados nos tornozelos; no centro é carregada a imagem de Nossa Senhora do Rosário; e logo atrás, o cortejo segue com ganzás, caixas e alfaias. Com um som muito

parecido com o de uma escola de samba, as músicas são puxadas no microfone pelo casal fundador e repetida pelo coro, sem uso de instrumentação, depois da repetição a batucada inicia. Não se passou muito tempo e já nos chamavam para fazer parte do bloco; ensinavam o toque algumas vezes e seguíamos com eles. Suas músicas carregam sempre muita alegria e chamam o povo para a festa:

“Vem, meu povo, vem

Não se acanhe, não

Chegue mais perto

Para ouvir o som”

Música do grupo folclórico Filhos de N’Zambi

São José dos Campos/SP

Tivemos um encontro muito festivo que terminou com gosto de quero mais. A próxima viagem ficou marcada para a Festa de São Benedito e o Encontro Nacional de Congada, na cidade de Aparecida do Norte-SP. Nossos novos amigos, Filhos de N’Zambi, já estavam se preparando!

Marcelo Royá



Depois de muita leitura, mais uma para puxar o fio da meada

Sob orientação de pesquisa e dramaturgia de Calixto de Inhamuns, começamos de fato a falar sobre espetáculo. E começamos com a leitura de uma entrevista feita com João Pedro Stédile, concedida à revista Carta Maior, feita por Léa Maria Aarão Reis. Nessa entrevista, ele fala sobre MST, reforma agrária e as consequências do agronegócio. Pegamos como foco o homem do campo que é praticamente expulso do interior para a cidade grande, onde é jogado nas periferias. Identificamos várias famílias do Jardim Julieta, bairro onde fica o CICAS e onde realizamos nossas ações de continuidade,

e começamos pensar em como encenar essas histórias, mostrando os problemas da saúde, transporte e educação como consequências de um sistema capitalista que também é responsável pela formação dos pensamentos naturalizados que já citamos.

O agronegócio representa os interesses apenas dos grandes proprietários de terra, do capital financeiro e das empresas transnacionais. Um modelo baseado na monocultura, em que cada fazenda se especializa num só produto como soja, cana, pastagens ou eucalipto. (No Brasil de agora, 80% de todas as terras se dedicam apenas a esses cinco cultivos.) Em lugar de usar mão-de-obra eles fazem uso intensivo de máquinas agrícolas e de venenos, ambos controlados pelas empresas transnacionais. Destroem o meio ambiente, pois o único objetivo é o lucro máximo. E estão completamente dependentes do capital financeiro, que adianta o crédito para que comprem os insumos das empresas transnacionais - e assim se fecha o ciclo.

Claro, eles são os porta-vozes da classe dominante. Os capitalistas, para manterem seus altos lucros no campo, espoliam a natureza e expulsam o povo do interior; e se protegem num estado burguês, que é o estado brasileiro. Protegem-se fazendo leis apenas para seus interesses, como fizeram nas mudanças do código florestal etc. Protegem-se com o seu poder judiciário que é o poder ainda monárquico, que inviabiliza as desapropriações para reforma agrária, que impede a legalização das terras indígenas e de quilombolas, que impede inclusive as desapropriações das fazendas com trabalho escravo, como determina a Constituição - mas que eles não cumprem.

Boletim Carta Maior / Livraria Carta Maior

16/04/2014 - Copyleft

um bate papo

Calixto - Eu acho que as consequências desse governo de conciliação de classes são assunto pro teatro, são situações pra gente trabalhar no teatro. A gente tá na barbárie, é muito complicado, tá muito difícil

os nossos tempos. Isso é o fator econômico. O agronegócio, que é fundamental pra esse governo, toma conta de todo o campo, mecaniza tudo e esses trabalhadores, depois de usados, são descartados, vão para as periferias das cidades, viram dejetos, deixam de ser humanos pelas próprias condições a que foram empurrados pelo sistema. Não vira nem bicho porque bicho protege a cria. Lembram de *Fuonte Alverruna*? Quando a filha do servo é estuprada pelo nobre, ela fala para o pai e irmãos que eles nem bicho são porque não são capazes de proteger a própria família.

Gente, a coisa tá piorando, é uma pressão muito forte, é só olhar pra cidade, só olhar pra periferia.

Nós temos que fazer teatro pra essas pessoas que estão sendo exploradas e sofrendo essa pressão na periferias. Nós temos que ir lá, e teatro é exemplo de grandes momentos da humanidade. Se pegar a entrevista do Stédile, tem uma história. É só pegar uma família da periferia e ir pra trás que a gente descobre uma pessoa que tinha sonhos, que morava no campo, que veio pra cidade com esperança; a gente descobre a mitologia dessa família e que a economia é uma máquina de criar monstros.

Tudo é medido pelo sistema econômico, inclusive na nossa área. O teatro não pode ser refém de governo, o teatro é oposição. Se vocês têm um projeto público, aproveitem e façam um puta trabalho, tem que fazer um trabalho importante pra sociedade, esse é o retorno que vocês têm que dar. É fundamental o aprofundamento do estudo político que vocês estão fazendo, é mais uma ferramenta, assim como o trabalho do ator, em corpo, voz, em tudo o que vocês pesquisam.

Simone - Isso é interessante, porque nós temos que entender os processos históricos. Essa entrevista do Stédile, por exemplo, tem tudo a ver com o *Manifesto comunista*, e a gente vê o aperfeiçoamento disso e como isso chega nos dias de hoje.

A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou cidades enormes, aumentou prodigiosamente a população urbana em comparação com a rural e, dessa forma, arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida do



campo. Assim como colocou o campo sob o domínio da cidade, também pôs os povos bárbaros e semibárbaros na dependência dos civilizados, as nações agrárias sob o jugo das burguesas, o Oriente sob o Ocidente. A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Ela aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. Resultou daí a centralização do poder político. Províncias independentes, ligadas até então por débeis laços mas com interesses, leis, governos e aduanas diversos, foram reunidas em uma só nação, com apenas um governo, uma legislação, um único interesse de classe e uma só fronteira aduaneira.

Manifesto comunista

Karl Marx e Friedrich Engels / 1848

Calixto - A gente tá num nó. Ninguém quer ir mais trabalhar no campo.

Simone - O que a gente ouve do nosso público é que sempre foi assim, que o povo é porco, que o povo destrói tudo e que isso é da natureza humana. Estudando, a gente viu a construção desse pensamento pelo capitalismo e até mesmo a naturalização da palavra povo e a supressão do conceito de classe trabalhadora. Como a gente consegue colocar isso no espetáculo? E também o desejo de entender o mundo, a vontade de aprender.

Calixto - A gente nunca pode menosprezar o ser humano, sempre tem alguma coisa lá dentro capaz de animar as pessoas. Nós temos que plantar o desassossego, começar a trabalhar com o inconsciente. Para pessoas que dizem que não querem saber de nada, nós temos que tocar essas pessoas em algum ponto que as faça querer saber. Temos que pregar o desassossego, o estranhamento. Se as pessoas saírem do espetáculo falando “que estranho isso!”, já tá bom!

Marcos - Mas tem uma questão que eu sempre penso: os métodos de manipulação funcionam e nós não queremos reproduzir esse método, nós queremos provocar as pessoas para que elas pensem, para que elas possam entender um pouco desse sistema, inclusive como a sociedade vem sendo manipulada.

Mizael - Eu concordo e também fico pensando qual caminho para se chegar nisso, porque tem uma grande máquina de manipulação da sociedade e a gente é só um grupo de teatro.

Calixto - Temos que trabalhar com situações que causem estranheza, que as pessoas pensem que tem alguma coisa errada. Isso é Brecht! Agora, qual situação você pega, por exemplo, de um facínora social, como mostrar que ele é humano? Nós somos os *aedos* com a função de desvelar a verdade. Nós temos uma função social de revelar os mecanismos da sociedade. A ideia de trabalhar com a cultura popular é justamente pra trazer o inconsciente das pessoas, temos que trabalhar com a beleza no meio da podridão, lembrar as pessoas que elas já foram felizes em algum momento.

Lucas - Eu acho muito importante como nós vamos traduzir isso pro teatro. Se nós escolhemos o teatro como nossa ferramenta de comunicação, como traduzir esse turbilhão de informações em cena. Nós queremos falar para a classe trabalhadora, e qual é a melhor forma de ser claro nesse conteúdo que a gente escolheu?

Jéssica - Eu fico pensando que os mitos, a história mitológica estão muito distantes das pessoas.

Sabrina - Mas usar o mito não é usar a história em si. É usar os arquétipos.

Calixto - É isso! E o mito não é pra ser entendido racionalmente, é pra ser vivenciado e é isso que nós temos que fazer no espetáculo.

Roya - Olha, todas as peças que eu vi de mito até hoje eu não entendi nada! (*risos*)

Calixto - É porque as pessoas não montam o mito, montam uma interpretação que elas têm do mito. É complicado isso, as pessoas colocam gelo seco, vídeo, bolinha, sei lá mais o que e fica um saco, não dá pra entender! É quem faz teatro pra si mesmo.

Simone - A gente levantou muito material teórico e agora nossa dificuldade é a de fazer a síntese. De escolher um recorte. E, o que mais nos tem agradado é a ideia de provocar um estranhamento. No *Aqui não*, por exemplo, como é muito didático, dá a impressão que todo mundo sabe o que a gente tá falando e, pelo retorno do público, mostra que tem de tudo. E, esteticamente, como colocar também para



que seja direto, para que não reste nenhuma dúvida do que a gente vai falar? Quais são nossos pontos fundamentais, dos quais não abrimos mão de que estejam?

Calixto - É o caminhar. Tese, antítese e síntese. É cultura popular, é causar um estranhamento, e pode ser que no fim a conclusão seja outra coisa, mas essa outra coisa vai estar carregada do processo. Acho que, essa história, da pessoa que vem do campo e vai morar na periferia onde tudo é controlado pelo tráfico, onde não tem condições mínimas pra viver... como é isso? Como é que essas famílias suportam? Como essas famílias sobrevivem? O que anima essas pessoas? Qual é a alma dessas pessoas? Qual a diferença dos acordos políticos e dos acordos do tráfico? E os acordos no futebol? Pensa na situação de uma pessoa que vive sob a proteção de um traficante e como ela fica quando esse cara morre. Como é que a gente dá a esperança de que nem tudo tá perdido. E não é salvação divina. A salvação é justamente o entendimento da situação. Para nós, de teatro, qual é nossa esperança? É fazer um teatro que não vai depender do governo. Que o público ache que a gente é tão importante que vai dar grana pra gente sobreviver.

Simone - Aí sim, eu quero que as pessoas entendam ou tenham minimamente o desejo de entender esse nó.

Calixto - Troca a palavra entender por estranhar.

Simone - Então, que as pessoas estranhem as suas próprias convicções, porque o que a gente vê é que cada um tem uma tese sobre a sociedade. Uns dizem: “ah, o problema é a corrupção!”. E pronto, resolveu! Tá confortável, essa pessoa já entendeu tudo. Outro exemplo, a greve do metrô. A gente vê trabalhadores reclamando da greve do metrô porque eles não podem ir trabalhar. E como é que a gente fala pra esse cara que a classe trabalhadora deveria ficar unida, que quem não pode trabalhar porque não tem transporte poderia entrar em greve também? E os voluntários da Copa? Como dizer pra esses caras que eles são uns trouxas?

Sabrina - Concordo, e também acho que é muito difícil porque as pessoas não têm consciência, só ficam indignadas com os problemas. Como dizer pra elas que só se indignar não muda nada.

Tiago - E como despertar o interesse das pessoas em questionar, em querer ir além?

Jéssica - Em termos de forma, acho que a ironia, o humor, é sempre muito eficiente em fazer a pessoa rir da própria desgraça.

Sabrina - Eu fico pensando em quais situações as pessoas perderiam a paciência.

Calixto - Temos que deixar as pessoas desassossegadas. Se fizermos para cem, e três ficarem, tá ótimo. É um grãozinho.

Lucas - E pensando no que a Si falou, depois de junho de 2013 parece que todo mundo tem uma proposição política e até as manifestações estão ficando naturalizadas.

Calixto - Eles estão conseguindo esvaziar as manifestações. É óbvio! A polícia age de acordo com os interesses do Estado, é óbvio! Interessa criar pra todo mundo que é um risco ir fazer manifestação.

Lucas - E a mídia contribui pra isso e parece que os explorados começam a defender os exploradores. Sei lá, talvez queimar ônibus não seja a melhor estratégia...

Calixto - Mas pode ser. O problema é como fazer isso. Tudo tem que ter uma estratégia.

A conversa foi bem mais longa do que isso, claro, mas já deu pra ter uma ideia de onde partimos?

Surge a primeira proposta, a primeira anedota

Em uma festa de São Benedito, o capeta tenta descobrir porque perdeu seu *status* e o poder de atemorizar as pessoas que parecem temer mais umas às outras do que a ele próprio, serem capazes de atos atrozos e de conseguirem viver em condições sub-humanas como se isso fosse normal. Tenta encontrar o responsável e vai percebendo nas histórias do povo um sistema econômico desumanizador, em que todas as situações, seja na educação, saúde, política ou religião, são reflexos desse sistema capitalista.

De modo geral, as festas populares trazem a resistência das suas manifestações, histórias de luta de um povo, de uma classe, e trazem também sua religiosidade e contradições. Um caldo ótimo onde cabe de tudo, desde um capeta triste até as histórias do cotidiano.



Na festa de São Benedito em Aparecida do Norte nosso imaginário se abre

O tradicional encontro nos revelou, a princípio, muita diferença entre as congadas que cruzavam as ruas: algumas com pandeiros, chocalhos nos pés e tambores rústicos; outras semelhantes a escolas de samba; outras com sanfona, bandolins etc; alguns grupos pequenos formados por senhores negros, jovens; outros que pareciam uma marcha militar; e outros com um som que remetia ao samba caipira. Porém, o foco era o mesmo: louvor e festa a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

A todo momento, grupos cortavam a festa, entravam na igreja de São Benedito para pedir suas bênçãos e seguiam com o cortejo, que tinha início às oito horas da manhã e se encerrava por volta das dezesseis horas.

Todos os fiéis, seguidores, turistas ou curiosos aguardavam o momento para colocar os seus pedidos aos pés do mastro que seria erguido também como momento tradicional das festas a São Benedito, simbolizando a ligação entre a terra e o Divino. Muita gente, não só da região sudeste, mas de todo o Brasil, que crê e vive essa tradição religiosa e cultural, vem até à festa, para receber as bênçãos do Santo, fazer seus pedidos ou até mesmo pagar suas promessas.

No fim da festa acontece a também tradicional Cavalaria de São Benedito, nascida em 1757, que, além de ser um gesto de devoção ao santo, também deixa à mostra a estrutura das relações que são mantidas na nossa sociedade. À frente vêm as bandeiras nacional, estadual e municipal, seguidas pela imagem de Nossa Senhora Aparecida escoltada pela Polícia Militar. Logo atrás segue um grande desfile de cavalos. Na primeira parte do bloco vinham os patrões e senhores de poder, seguido pelos peões, um grande desfile de cavalos, ao som constante da sirene da polícia que escolta a Santa e toda a cavalaria.

As ruas lotadas no entorno da Basílica de Aparecida desde cedo com os grupos de congada, muitas barracas de comidas e bebidas, lembranças de Aparecida e São Benedito; bingos, distribuição de brindes, missas, o “mercado da fé” com seus inúmeros santinhos e lembranças para aqueles entes queridos ou para a própria proteção espiritual. Encerrando com o desfile da Cavalaria antes de cair a noite.

No tempo da informação, em que a cada dia as coisas se atualizam mais rapidamente, nossa essência, resistência e motivo de fazer tudo à nossa volta vão se acabando, restando somente o consumo inconsciente. Tivemos em nossa busca pelo sotaque paulista esse encontro com muita gente boa e música boa de ouvir e tocar, aqui bem próximo de nós, dentro de nosso estado. São pessoas que fazem da congada a sua luta, a sua resistência. Resistência, pois eles carregam a história de um povo. E, com alegria, eles louvam e pedem as bênçãos de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário para seguirem adiante.

E viva São Benedito, o padroeiro dos pobres e oprimidos!

Viva!

Marcelo Royá



**Dia 12 de junho de 2014
Dia dos namorados?
Não!!!!!!**

Esse ano o dia dos namorados foi comemorado no dia 11 para dar lugar a um outro evento muito mais lucrativo ... Abertura da Copa... uma homenagem aos tesouros do Brasil!

**Custo R\$ 18 milhões
Primeiro jogo Brasil X Chile**

E nós, nem namorando, nem vendo jogo, estávamos no galpão quebrando a cabeça pra saber por onde começar. Já tínhamos uma primeira proposta e a continuidade dela seria levantar histórias pessoais que mostrassem ao capeta os efeitos do sistema capitalista. Começamos levantando histórias que vimos, ouvimos, lemos. Das várias histórias que levamos para o debate, três foram escolhidas. A primeira tratava do alto índice de suicídio no metrô; a segunda, sobre casos de justiça feita com as próprias mãos; e a terceira, sobre assaltos.

Suicídio

Da primeira situação, criamos uma cena de um homem que sai do interior de São Paulo porque não consegue mais sustentar sua família, vai para a cidade grande e sua situação piora ainda mais. Sufocado e angustiado ele tenta se suicidar.

Pula catraca

Da segunda situação, criamos uma cena em que um trabalhador está indo para o trabalho e, sem o dinheiro para pagar o metrô, pula a catraca, é espancado por outros trabalhadores e esta cena é filmada pelo celular dos usuários do metrô.

Assalto

Das várias situações de assalto que discutimos, escolhemos uma para encenar: a história de uma senhora cega de 90 anos que está indo ao médico, é assaltada e apanha do ladrão. Ela fica com tanto medo que acaba se urinando.

Nos dias que se seguiram continuamos levantando cenas. E as primeiras que saíram, além das que já contamos, foram sobre agronegócio, agrotóxicos e exploração do trabalho no campo. Nossa dinâmica era a de levantar as cenas, realizá-las algumas vezes e apresentá-las para o Calixto, que nos dava suas orientações. Segue o primeiro *e-mail* que ele nos mandou com algumas provocações bem interessantes.

Simone,



Vou pensar em algo pra aumentar essa tensão criativa, algo que aterre (literalmente), que cause tensão, insegurança e vontade de morrer. Mas, por enquanto, vamos devagar, com calma.

Acho que vocês têm que pensar na dramaturgia, na linha contínua que vai nos amarrar ao público. É a história de um homem que veio do interior, expulso pelo agronegócio (isso não é pra colocar assim, katsun!) que lhe tomou as terras, envenenou sua esposa e, pior, tomou-lhe todas as expectativas de vida, ou melhor, causou uma tensão criativa terrível que o levou à tentativa de suicídio. Como vai encaixar isso no espetáculo que deve ser uma moralidade do nosso pensamento sobre o assunto?

1. Tudo acontece, todos os fatos levantados, com e em volta desse homem. As dificuldades dele no seu novo ambiente e as dificuldades para educar sua família; um filho seu comete um assassinato ou é assassinado; ele participa ou vê ou tenta evitar um linchamento; os problemas do tratamento da sua mulher no serviço médico público e no privado (os planos de saúde, as enganações religiosas e muito mais); a sua religiosidade; as lembranças da sua cultura; a sua tentativa de suicídio; o encontro com o diabo; etc, etc.
2. Esse homem acompanha o seu mundo e vai vendo e ouvindo sobre essas histórias? Isso é feito para quê? Para dar consciência do mundo e das relações políticas? Ou é a sua memória tentando se fazer presente na hora do pesadelo?
3. Qual o objetivo do aparecimento do diabo? É função dramática? É o narrador? Ajudante do narrador? Afinal, quem conta a história? Ele é parceiro do protagonista, ajuda o protagonista no seu objetivo de compreender o mundo, ou é o protagonista, ajuda o público a compreender o mundo contando a história de um infeliz?
4. Qual é, de forma clara, teatralmente, dramaticamente, o objetivo e o pensamento do grupo que vai mostrar os fatos?
5. Conteúdo (soma de várias ideias, acontecimentos) x forma (como vai ser apresentado ao público).
6. Na proposta de uma estética popular, qual será a dramaturgia dos eventos da cultura popular paulista? Qual a função da música, das danças, etc.

7. Como – como!, eis o segredo de tudo! – vamos mostrar tudo isso ao público? Como vamos fazer que todos tenham prazer (atento ao Brecht!) com o nosso espetáculo? O prazer do eureka: não tinha pensado nisso, meu Deus! Será do fim para o começo? Do começo vamos para o fim, voltamos até o meio e recomeçamos, metade vai para o fim, metade vai para o começo e descobrimos que é um círculo que nesse mundo que vivemos nunca vai mudar.
8. Quântico? Épico? Épico e quântico? Ou só uma fábula popular, contada através da recordação de um homem à beira da morte, que é tudo isso?
9. Morrer resolve? Se resolver, vários revólveres ao invés de revolucionários, afinal, se todos os pobres se matarem, acabou a moleza dos capitalistas... Ou seria melhor matar os capitalistas?

Bobagens, bobagens, bobagens...

Beijos,

Calixto



Foto Divulgação. Internet.

Seguimos...

E, nesse meio de tempo, uma situação inesperada e trágica. Morre assassinada por um policial, no dia 27 de junho de 2014, Luana Barbosa, a Lua, 25 anos, nossa amiga e parceira de teatro, integrante dos grupo teatral Os Mamatchas, de Presidente Prudente.

O texto abaixo foi recolhido da página do Facebook dos familiares da Lua e pedimos licença para reproduzi-lo, deixando aqui nossa homenagem a ela e nosso repúdio a essa polícia criminosa.

A morte de Luana não foi um acidente. O policial atirou consciente do que estava fazendo.

A vida da Luana Barbosa foi tirada de forma banal. Era um dia de festa para os artistas da Federação e para o público que ali frequenta. Luana era uma das principais responsáveis pelo evento que aconteceria naquela noite, 27 de junho. Planejava esse momento desde novembro do ano passado. Estávamos nos reunindo desde as 7h30 da manhã, recepcionando os artistas que iriam se apresentar na festa. Lua saiu para buscar o responsável pelo espetáculo que seria apresentado e no caminho da sua casa foi assassinada, vítima da ação violenta de um policial que atirou contra ela em uma blitz de trânsito.

O que justifica tanta violência, tanta brutalidade? Como é possível um policial utilizar uma arma para atirar diante de uma situação tão banal, quando a vida de ninguém estava sendo ameaçada?

Esse é o tamanho da nossa indignação, que se junta à indignação de tantas outras famílias e amigos de pessoas que foram vítimas de ações violentas - e inaceitáveis! - como esta que levou a vida da nossa querida Lua.

Nosso grito é contra este e tantos outros casos onde a injustiça tende a imperar. Gritamos.

Queremos que a memória de Luana Barbosa seja preservada na verdade dos fatos. Queremos uma investigação séria e não versões fantasiosas de acidente. Queremos que o policial que atirou e a Polícia Militar do Estado de São Paulo assumam suas responsabilidades. Queremos justiça!

Julho/2014

Assinamos nós, amigos da Federação Prudentina de Teatro e Artes Integradas, pai, mãe e familiares de Luana Barbosa.

Continuamos nossos ensaios acompanhando as notícias da falta de investigação, da tentativa da polícia em encobrir os verdadeiros fatos, das ameaças que os amigos do grupo Rosa dos Ventos e Felipe vêm sofrendo. E a tristeza no nosso coração acaba passando pra cena. Inevitavelmente começamos colocar em cena o braço armado do Estado, a contradição presente no cotidiano de uma polícia que serve para controlar, coibir e matar. Mas, quem policia a polícia?

Então saíram cenas sobre manipulação da mídia, exploração no trabalho em uma fábrica, a questão da saúde pública *versus* saúde privada, a dificuldade dos professores da rede pública em dar aula, com histórias recolhidas dos relatos das professoras Adriana Victorelli e Claudia Victorelli, que trabalham como professoras nas escolas públicas do estado e da prefeitura há 20 anos. E um *esquete* clássico de palhaço, *O Batalhão*, que adaptamos pra mostrar a ação violenta da polícia em várias situações.

Tínhamos muitas cenas, muitas músicas, mas nada fechava. Então, voltamos ao primeiro *e-mail* do Calixto e definimos as trajetórias dos nossos personagens, que nos deram depois condições de ver quais cenas seriam necessárias.

Seguem as anotações:

Homem/Pai - Trabalhava na colheita de laranja no interior de São Paulo e veio para São Paulo tentar melhorar de vida, para ficar perto dos filhos e para tentar um tratamento médico pra mulher.

Cenas que temos:

A cena do suicídio

A cena da festa/colheita de laranja

A cena do trabalho (a que está muito longa)

Mulher/mãe - Trabalhava na colheita de laranja, pela exposição aos agrotóxicos teve um problema de saúde e veio pra São Paulo tentar um tratamento e também uma vida melhor.



Cena que temos:

Cena da saúde

Cena que vamos criar:

A mulher trabalhando de faxineira, limpando a praça. Pensamos que ela foi exposta ao agrotóxico no interior e por isso está doente, e na capital continua exposta aos produtos químicos de limpeza.

Filha - Morava com os pais no interior de São Paulo e veio para a capital morar com parentes. Trabalhou com telemarketing para pagar faculdade de Pedagogia, foi professora de escola pública e não conseguiu realizar seu sonho de ensinar devido às péssimas condições das escolas públicas.

Cena que temos:

Telemarketing: essa vamos ajustar. Pensamos que ela será a que não vai ser mandada embora. A amiga é mandada embora, pede ajuda dela e ela não ajuda porque tem que se sustentar e pagar a faculdade.

Cena que vamos criar:

Uma professora tentando dar aula em escola pública e as dificuldades que encontra.

Filho - Morava com os pais no interior de São Paulo e veio pra capital morar com parentes. Queria pagar o tratamento da mãe e tentou vários empregos registrados, não conseguiu, acabou nos trabalhos informais, foi levado por um amigo a fazer um assalto.

Cena que temos:

Assalto

Cena que estamos criando:

O filho na busca dos empregos formais, registrados, e acabando nos empregos informais, vendendo milho na festa de São Benedito.

Já temos uma música, feita na sexta.

A partir daí a coisa foi! Selecionamos as cenas que já tínhamos e criamos as que estavam faltando, até que chegou o momento da edição, quando Calixto de Inhamuns assumiu a escrita do texto final e, nessa reescrita do que tínhamos em mãos, as mudanças necessárias. Dentre essas mudanças, as principais foram a função do capeta na história e a utilização das músicas da cultura popular paulista, que carregam em suas letras a resistência cultural e expressam uma vida de luta pela sobrevivência.

Com o texto em mãos, mãos à obra na encenação!

Ensaaios diários na Praça Léven Vampré, no bairro Jardim Leonor Mendes de Barros, bem perto do galpão, uma praça bem tranquila, com poucos frequentadores, mas que se acostumaram com a nossa presença e passaram a acompanhar a evolução da história. Um público comportado que assistia e ficava no final para comentar o que tinha achado. Os ensaios acabavam sendo, para essas pessoas, um estímulo para falarem sobre os assuntos do momento:

Eleições para presidente, governador, deputados estadual e federal e senador.

Reeleita no segundo turno a candidata do PT, Dilma Rousseff

A falta de água no estado de São Paulo

Apesar da afirmação do governador Geraldo Alckimin, reeleito ao governo do estado de São Paulo no primeiro turno, de que não vai faltar água, muitos, muitos bairros, principalmente das periferias, vêm sofrendo há mais de seis meses a falta de água por dias inteiros ou o racionamento na parte da noite. Sem falar em cidades do interior, sendo uma das mais graves a cidade de Itu, onde moradores vêm fazendo constantes protestos em pedidos de socorro para a cidade.

Isso não é normal!

Esses ensaios passaram a ser acompanhados por Marcio Rodrigues, ator, diretor teatral e figurinista, integrante da Brava Companhia, que convidamos para fazer a proposta de figurinos deste espetáculo. Ele trouxe ao longo do processo a ideia da cor branca como base e de figurinos que se transformam. Ou seja, propôs a utilização de saias duplas, lenços e aventais que podem ser usados de várias formas para que tudo seja simples, prático e funcional. Entramos na brincadeira e fomos incorporando outras possibilidades. Convidamos Cleydson Catarina, ator, brincante, bonequeiro e figurinista para a execução do que estávamos pensando, mas sua experiência e criatividade se somaram as primeiras ideias e os figurinos foram ganhando uma cara lúdica e popular, com fitas, rendas, cores e encantos das festas e brincadeiras.

E foi nesse clima quente, que nasceu

Dia de Benedito - se ficar o bicho pega, se fugir o mundo come!

Uma festa de São Benedito é interrompida porque um homem, que perdeu um filho e sua mulher, ameaça se jogar de um viaduto. Todos interferem: uns querendo o arrependimento, outros querendo a queda. Entre eles, está Lúcifer, que lhe oferece, no inferno, uma vida melhor e mais sossegada do que a que ele vive. A filha do homem interfere, pede que ele escolha a vida, mas o diabo propõe que a história da família seja mostrada ao público e que este decida qual é a melhor opção: ir para o inferno ou continuar nessa vida onde ele e sua família não conseguem sobreviver?

O que Lúcifer não esperava é que a história de cada membro, contada por brincantes acolhidos nos cantos, e as danças da cultura popular paulista trouxessem, na sua própria dor, a consciência da vida e da importância de construir seus próprios caminhos pelos não caminhos. Filha e pai, mesmo depois da trágica morte de dois membros da família, escolhem resistir e lutar, começando pelo estranhamento das situações pelas quais eles passaram e que, até então, vinham sendo consideradas normais. Terminam a história certos de que isso não é normal, de que nem sempre foi assim e de que cada um é em parte responsável pela mudança desse sistema.

Filha - Nós vivemos em tempos sombrios, onde conversar com o

vizinho, sair com os filhos pra passear, cuidar de uma pessoa ferida na rua são coisas perigosas... Fiquem em casa!... Tomem cuidado!... Cuidem de sua vida!... Eles pregam o discurso do impossível, do que nada é possível, de que a gente tem que desistir. A gente tem que dizer não!...

Dia 19/10/2014 às 12h

Pré-estreia na Praça Carlos Kozeritz | Jardim Julieta - CICAS - Zona Norte | Feira Livre

Era uma manhã muito, muito quente. Chegamos à praça às 10h e, para nossa surpresa, no espaço amplo embaixo das árvores onde sempre realizamos nossas apresentações, estava acontecendo uma campanha de vacinação contra a raiva, para cachorros. A equipe de zoonose presente no local nos informou que essa campanha só acontece em agosto, mas que esse ano as vacinas chegaram atrasadas e que eles só souberam disso na quinta-feira, dia 16 de outubro, que aconteceria a campanha. Também disseram que dessa forma não foi possível fazer a divulgação necessária e que a intenção do Governo Federal é acabar com essa vacinação alegando não haver tantos casos de raiva; mas eles afirmam que, se não tem, é justamente porque existe a vacinação!

Enfim, não pudemos fazer no “nosso” local. Fomos para um outro espaço da praça, que é bem grande, mas menos privilegiado para o teatro. Com menos árvores, a encenação aconteceu com sol a pino. O público não obedece a nossa lógica, a nossa proposta de que façam uma roda onde queremos. Eles ficam onde é melhor para eles! E, nesse caso, ficaram na única sombra que tinha, de forma que a apresentação foi bastante truncada. Para completar, uma barraca de churrasco estava armada bem pertinho da nossa roda, com uma dupla de cantores sertanejos. Antes de começar a apresentação, conversamos com eles e combinamos que durante a apresentação eles fariam um intervalo. Cumpriram! Mas a dona da barraca.... ligou o som bem alto, com aquele estilo de música bem ruim e, quando fomos lembrar o combinado e pedir que baixasse o volume só um pouquinho, ela nem deu bola. E nesse clima quente aconteceu a



pré-estreia de *Dia de Benedito*, com a intensa participação de quatro bêbados, que, contemplados pela figura do bêbado do espetáculo, assistiram a tudo e se emocionaram.

Pré-estreia bem conturbada. Muita coisa pra arrumar, vamos ao trabalho, rumo à estreia, que seria dia 25/10/2014

Breve pausa

Deixamos aqui nosso carinho ao Sr. Antônio Peixoto, pai da Sabrina, que fez a passagem no dia 23 de outubro de 2014, surpreendendo a todos nós com os novos rumos da sua história. Passarinho avoou!

Estréia dia 01/11/2014

Praça do Casarão | Vila Mara - Buraco d'Oráculo - Zona Leste

Praça cheia de gente e um sol bem forte. Tudo pronto. Até que, a 20 minutos da apresentação: ventania, chicotada de areia, chuva de vento, de ladinho. Recolhemos tudo na biblioteca. Meia hora depois montamos tudo novamente e começamos sob a tensão da garoa fina, raios e trovões, literalmente. Tudo bem que estamos precisando de chuva, mas precisava ser no dia do espetáculo? Na hora da estreia?

Seguimos com a apresentação e a tensão foi usada a nosso favor. As pessoas que ficaram com seus guarda-chuvas queriam saber o final da história. O apoio dos queridos do Buraco d'Oráculo foi fundamental nessa logística do monta e desmonta. Ao final, a sensação de que tínhamos estreado e de que estávamos prontos para seguir a temporada.

03/11/2014, às 16h, na Praça do Patriarca

Satisfeitos por essa apresentação, pela roda grande e generosa e por mais um espetáculo montado.

Acertos pra fazer?

Muitos!

Mas tá só começando, é como uma calça jeans nova que precisa ser usada e lavada muitas vezes ainda.

Quero finalizar esse texto com o relato de uma senhora que assistiu a essa apresentação:

“Tudo o que vocês colocaram nessa peça é verdade. Eu passo isso, eu passo tudo isso. Olha só minha perna, sofri um acidente e o juiz me deu a causa, mas o INSS recorreu e eu tô desde 2010 esperando. E isso de droga, de traficante, tem na porta da minha casa (nesse momento ela estava assistindo à cena da escola, onde as crianças brincam de polícia e ladrão). Agora mesmo eu tô indo embora porque tem um dinheiro aqui que eu tenho que entregar pro traficante da minha rua pra ele sair de lá. Eles ocuparam um terreno e vão construir, mas as pessoas da rua têm que dar o dinheiro. Tô indo viu, eu quero ver o final da peça, mas hoje não dá porque vai chover e eu moro longe e tenho que dar o dinheiro pra ele. Mas eu vou voltar na quarta. Tenho que ajudar vocês com alguma coisa?”

Universidade Popular de Arte e Ciência

Essa é a Universidade/ Popular de Arte e Ciência

Afeto escancarado/ Discurso organizado

Saber acumulado/ Da cultura popular

Ciência é teatro/ Teatro é loucura

Loucura é saúde/ Nossa história é milenar!

Essa é a Universidade/ Popular de Arte e Ciência

A festa é coletiva/ Na gira de quem cura

Um jeito diferente/ De ouvir e de pensar

Criando liberdade/ Vivendo intensamente

Um jeito diferente/ De ser e de amar!

música de Simone Brites Pavanelli

III

UNIVERSIDADE POPULAR DE ARTE E CIÊNCIA

OCUPA NISE - HOTEL DA LOUCURA

Em 2013 e 2014, o Núcleo Pavanelli participou do Congresso da Universidade Popular de Arte e Ciência, no Rio de Janeiro/RJ, com uma ação pontual chamada OCUPA NISE. Fundada em 2010, a UPAC é sediada no Hospital Psiquiátrico Pedro II, em Engenho de Dentro, que foi rebatizado de Hotel da Loucura; e a ação acontece uma vez por ano, agregando médicos, psicólogos, artistas e todos aqueles que se sentem chamados a construir e compartilhar um novo processo de cura e transformação da sociedade, absolutamente democrático, participativo, inclusivo e colaborativo.

A partir do momento que conhecemos a UPAC e suas ações, compreendemos que ela nasce com uma característica de vanguarda e vem se tornando cada vez mais importante e contundente em ações que apontam para uma nova forma de organização, seja na área da cultura, da saúde ou da educação. Por isso, convidamos o médico e ator Vitor Pordeus, idealizador da UPAC e do OCUPA NISE, para integrar nosso ciclo de estudos com o tema “Saúde não se vende, loucura não se prende, quem tá doente é o sistema cultural!”. Ele esteve presente na primeira e segunda feiras de arte pública que aconteceram no CICAS, no Jardim Julieta, em dezembro de 2013 e fevereiro de 2014. Nessas duas feiras o diálogo se deu através de ação de rua, de festa, de prática e colaboração. O entendimento das propostas desse novo processo de cura, que parte da ritualidade e da ancestralidade, não pode ser transcrito mas pode ser ampliado para outras vozes, de outros participantes da UPAC, para que também este texto seja um diferencial na leitura deste caderno.

Seguimos então, de 01 a 07 de setembro de 2014, rumo ao Rio de Janeiro, para 4º Congresso da UPAC, 3º OCUPA NISE e XV Encontro da Rede Brasileira de Teatro de Rua.

O que é o Ocupa Nise? Quais suas principais transformações durante esses três anos? O que é o Theatron de DyoNises? Qual sua participação nesse processo?



Essas foram as perguntas que motivaram a conversa que tivemos com Miriam Rodrigues, Pelezinho, Edimar de Oliveira, Denise Andrade, João Lima, Edu Viola e Vera Dantas (médica). Elas motivaram os textos produzidos por Thamara Fernandes e Luciana Yumi e a poesia de Reginaldo Figueiredo.

Salve o povo da Terra / Salve o povo da água / Salve o povo do ar / Salve o povo do fogo / Ó muito obrigado! Ó muito obrigado!

Vera Dantas- *médica, educadora popular, aprendiz de xamã, avó...*

Acompanhando esse processo de três anos, a gente vai percebendo coisas muito importantes e que são transformadoras. A primeira é que a gente não planeja uma sociedade, uma transformação que há de vir, mas a gente constrói em ato essa transformação. Acho que esse é um primeiro diferencial que eu vejo e que tem reverberado em outras práticas de que eu tenho participado.

Acho que uma outra coisa importante, e que eu vejo inclusive para o teatro, é que nós estamos construindo um caminho de teatro que é muito diferente de todos os outros caminhos que eu já vi. Ele incorpora vários elementos de outros caminhos de teatro, mas traz algo de fundo - diferente de todos os outros que eu conheço, pelo menos - que é essa dimensão da ritualidade como a base, porque a ritualidade nos conecta com a nossa ancestralidade, com a nossa identidade, e é um processo de expressividade que tá profundamente vinculado com a ideia de cuidado. É um teatro que cura e que incorpora tantas linguagens, no qual a gente percebe que, em nenhum momento, uma tá servindo a outra, mas que é realmente um diálogo. Ao mesmo tempo esse processo que nós temos vivenciado nesses três anos do Ocupa Nise, enquanto ação teatral, cultura de arte pública, é um processo absolutamente coletivo, poliárquico e transgressor, no sentido de que ele é mutante, por mais que as pessoas que são do Rio sejam as que dão continuidade ao processo e animam a nossa chamada pra cá. Eu me sinto tão protagonista, participe dessa nossa sociedade que a gente tá construindo em ato como as pessoas que estão aqui.

E eu também vejo outras pessoas de outros lugares que também se sentem assim.

Outra questão que eu percebo de transgressor nessa experiência é o quanto ela é inclusiva. Ao trazer essa dimensão do cuidado, da ritualidade, da autonomia, e mesmo que em alguns momentos a gente perceba que a criatividade expandida de alguns produz de uma certa forma um certo encolhimento daqueles que estão menos expandidos, essas mesmas pessoas vão se apercebendo das coisas e vão retomando os processos de inclusão e de cuidado com aqueles que estão precisando mais. Eu fico pensando o quanto a política da promoção da equidade em saúde precisa aprender com essa experiência do Ocupa Nise, pois eu vejo muitas vezes os seguimentos meio que se digladiando entre si para ver quem é o mais excluído. E eu vejo, aqui, que a gente tem construído, mesmo com suas contradições, um processo permanente de ação – reflexão - ação. Quer dizer, à medida que a gente vai percebendo essas contradições, acaba refletindo e reconfigurando, refazendo nossos caminhos, sem muito medo de errar e de dizer que fizemos besteiras.

Acho que tem ainda uma outra dimensão transformadora desse processo que é a de dizer que as tribos que têm seus rituais e conhecimentos diferentes, seu jeito diferente de se organizar, podem dialogar. Mesmo que em alguns momentos isso apareça como uma dissonância, depois a ritualidade consegue fazer essa harmonização. Mikhail Bakhtin já dizia: na polifonia não tem lugar para concentração de poder, é possível eu perceber que, mesmo que em alguma coisa eu discorde do outro, em alguma coisa eu posso construir uma harmonia. Então, isso eu acho que nós estamos construindo a partir de hoje, aqui, onde a gente teve grupos diversos que encontraram um certo estranhamento, que gera um certo conflito. Mas o nosso jeito de trabalhar o conflito não é a explicitação, não é um ir de frente para o outro. É a busca, no ritual, por aquilo que nos identifica, que nos unifica; buscar no ritual a possibilidade de construir essa polifonia.

Quero finalizar essa questão da polifonia dizendo que, quando eu escrevi a minha tese de doutorado, que foi sobre a experiência das Cirandas da Vida, irmã carnal do Ocupa Nise, a gente falava de uma coisa que parece com esse nosso diálogo com a ritualidade, com a



arte, com a expressividade: como esse diálogo polifônico é capaz de produzir uma transposição metafórica! Por isso que eu digo que nós não sonhamos com uma sociedade que a gente quer construir, a gente constrói em ato. Esse vivenciar aqui, nesse momento, e por outros lugares por onde a gente circula, essas possibilidades efetivas desse coletivo amoroso, construtivo, reflexivo; e a gente transpõe metaforicamente esse real dado e vai construindo o inédito viável, que pode não ser a nossa utopia ainda, porque ela vai estar sempre no devir. E como diz o Galeano, cada passo que a gente dá em direção a ela, ela se distancia. E ela serve para a gente continuar caminhando.



*Sem culto a culpa, Ocupa Nise.
Engenho de Dentro pra fora!*

Miram Rodrigues Galvão, atriz e professora de teatro do grupo *Theatron DyoNises*, faz tratamento no Espaço Aberto ao Tempo, há dois anos e meio .

“Faz a gente se sentir melhor, crescer como pessoa e cuidar melhor da gente. Nós temos um espetáculo que se chama *Loucura sim, mas tem seu método*, e fazer apresentações é muito divertido. Na minha vida me fez sentir mais calma, ser mais pacífica com as pessoas, fez eu me sentir melhor. No Ocupa Nise as pessoas se sentem melhor, se sentem bem por fazer teatro”.

Jaci da Costa de Oliveira, conhecido como **Pelezinho**, um dos clientes do *Hotel da Loucura*, é compositor e ator do grupo *Theatron DyoNises*.

“Eu conheci o Dr. Vitor já faz um tempo. Eu era garoto de rua e meu pai me botou pra fora de casa. Sem mãe, tive muita madrasta. E o Vitor me conheceu em 2011, em Ipanema, na praça General Osório. Eu tava repicando bolinha, nem sabia cantar, e foi dali que saíram as composições que eu tenho cantado. Depois dali ele me apresentou o Pombas Urbanas, a Thamara, o Pavanelli e eu fui indo. Tenho uma alegria que eu puxei do meu pai, eu tenho fé no meu sangue, só que eu não tinha ninguém e eu agradeço muito ao Dr. Vitor e a

vocês porque hoje em dia tô contente, tô alegre, tô feliz; gravei um CD profissional, vou viajar pra Brasília, Teresina, Inglaterra e o Brasil inteiro, com alegria de viver. Eu faço parte do grupo de teatro que é uma alegria total. Estamos com *Hamlet* e a gente ensaia na praça de Ipanema de terça; e quarta é no Arpoador. O Ocupa Nise é um teatro de muita alegria, é saúde, é cura, igual todos vocês de São Paulo.”

TEATRO E LOUCURA

Somos o Theatron de DyoNises, um grupo de atores-curadores-terapeutas residentes no Hotel e Spa da Loucura, ocupação artística sede da Universidade Popular de Arte e Ciência (UPAC) no campus psiquiátrico do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, localizado no Engenho de Dentro, zona norte do Rio de Janeiro.

Dos ditirambos da Grécia Antiga, passando pelo mote shakesperiano “O mundo é um palco”, o espírito da arte pública sustentado pelo teatro de rua e o afeto catalisador de Nise da Silveira, em sua correspondência com Baruch Spinoza, utilizamos o teatro para promover processos coletivos de restauração da saúde emocional-psíquica-física-social em pacientes com transtornos mentais.

O Theatron de DyoNises produziu em seus cinco anos de existência espetáculos como *A terra não é o Centro do Universo* (2010), baseado na obra *A Vida de Galileu*, de Bertold Brecht, e *O Auto da Paixão*, de Nise da Silveira (2012), trazendo à cena a história de Nise da Silveira, precursora no trabalho que une arte e saúde.

Vitor Pordeus

Edimar Junior Silva de Oliveira - ator e pesquisador, cursando *Serviço Social*, tem como uma de suas linhas de pesquisa a questão do abandono afetivo e sua relação com transtornos mentais.

“Faço teatro e tenho a atuação política com um instrumento artístico como uma forma de estabelecer essa questão de saúde e cultura integrando arte e ciência e toda e qualquer possibilidade de transformação da realidade das pessoas que aqui estão neste hospital.

Eu faço parte do Theatron DyoNises, e além de atuar procuro intervir de outras formas junto com o Núcleo de Experimentações e Transas Artísticas, o NECTAR, um dos coletivos que atua aqui, de frente, nesse espaço de convivência e experiências sócio-culturais, e quem rege esse trabalho é Nise da Silveira.

Eu conheci esse trabalho com o Vitor na Casa do Tá na Rua e senti a necessidade de acompanhá-lo. Vim conhecer esse projeto e estudar a história da psiquiatria no Brasil e no mundo. Decidi ficar por aqui, estudando, residindo e estabelecendo essa relação mais próxima com os usuários desse hospital; e fui entendendo a dinâmica de funcionamento desse hospital, além do Ocupa Nise.

No grupo de Teatro, que é o Theatron DyoNises, a gente tá com o espetáculo *Hamlet – loucura sim, mas tem seu método*, e tem a atuação dos usuários que têm essa pré-disposição, o interesse de participar. Aqui a gente trabalha com a questão da autonomia, tem cortejos, tem estudos e o aprofundamento de tudo o que estamos fazendo, que é o trabalho coletivo, a colaboração. Envolve os atores e o que o Vitor fala que todo ser humano é, ator; são aqueles que estão nessas condições, mas que a gente coloca na condição de protagonistas da sua própria história, da sua própria caminhada pra que eles possam se manifestar, seja através da música ou da dança. A gente já viajou pra vários lugares e isso me interessa muito, pesquisar mais sobre os territórios e entender como funciona essa parte de arte pública de cultura.”

O NEGÓCIO É A PEÇA!

Atualmente, estamos em **processo de montagem** do espetáculo-oficina cenopoética ***Loucura sim, mas tem seu método***, inspirado em ***Hamlet***, de William Shakespeare. Pretendemos abrir uma temporada de apresentações entre os meses de outubro e dezembro de 2014. Tendo como referências Amir Haddad, Bertold Brecht, Shakespeare e os artistas da *Comédia dell'Arte*, nos apresentaremos em praças e ruas da cidade.

Por meio do processo terapêutico-cultural-político inspirado em Shakespeare, que nos propõe “Ajuste o gesto à palavra, e a palavra ao gesto”, narramos a loucura geossociopolítica que assola a Dinamarca e mostra a potência profunda do ser humano, sua infinita capacidade de criar e destruir - o que nos provoca a reflexão sobre nós mesmos e nossa época.

Vitor Pordeus

Denise Andrade - atriz

“Faço parte do grupo Theatron de DyoNises e do NECTAR, que se integra com os outros atores da casa.

Esse grupo é uma possibilidade de discutir questões importantes tanto de saúde pública como de arte pública, principalmente porque o princípio é de que todo ser humano é ator, portanto, todos os saberes são importantes e aí é que se fortalece a ideia de que eu preciso ouvir o outro pra me ouvir também.

O Ocupa Nise é o espaço de descoberta de si mesmo a partir do momento que eu vejo o outro!”

João Lima - ator

“É uma tentativa, uma vontade de se fazer um teatro que se fazia há muito tempo, um teatro ancestral que se perdeu, que tem origem no ritual, na celebração, nos ritos, no contato com a natureza, com a energia do outro. É um teatro feito com a espiritualidade e com essa conexão com os ancestrais, com as celebrações do homem primitivo, do diálogo da paisagem com o ambiente e as relações interpessoais. No Hotel a gente tenta fazer esse teatro e acho que, na medida do possível, estamos conseguindo. Tem uma outra contrapartida que é o trabalho da Nise da Silveira com saúde mental; e já uma comprovação de que esse teatro ritual promove a cura e dá pra ver isso nos clientes, porque no teatro eles manifestam os conteúdos que ficam contidos nesse processo da doença mental.”

SHAKESPEARE NO HOSPÍCIO

A construção do espetáculo *Loucura sim, mas tem seu método* se concretiza a partir dos princípios da Psiquiatria Cultural de Jacques Arpin, segundo os quais os atores-terapeutas expressam por meio de seu corpo físico e cultural suas memórias, tradições, costumes e desejos para produzir um novo discurso - que “reorganiza o mundo”.

Esses atores terapeutas são todos os que quiserem fazer parte do processo de criação preservando a tradição ratificada nas palavras do poeta: “*Totus mundus facit histrionem!* - Todo ser humano é ator”.

Vitor Pordeus

Edu Viola - cantor autor

“Quando começou tinha como grande força o Vitor, como um catalizador do movimento, que passava as suas certezas, mas nem todos ainda sabiam por que estavam nesse projeto. Eu tenho motivos pessoais. Eu tinha um horror a essa forma terrível que é prender uma pessoa em um hospício e que a faz perder todo o convívio. Quando eu cheguei aqui, achei tudo muito novo. Começaram a aparecer relações normais e possíveis aqui dentro e a gente percebeu que as pessoas começaram a chegar, atender a um chamado tácito, e as pessoas (clientes) mais problemáticas, que não chegavam, começaram a chegar e a se relacionar, a cantar. Cada um que estava aqui tinha um porquê. O afeto incondicional não foi exigido, ele veio como uma coisa natural e eu acho que isso fez verdadeiro milagre. O Vitor deu alta pra um cliente, isso eu só vi aqui!

Nesses três anos eu vi esse processo e dessa vez essa união com o pessoal de teatro, eu gostei desse encontro! É claro que o reclame dos atores é um, e parece que muitos não se entenderam. Mas muitos se entenderam e eu acho que foi positivo. Dessa vez vieram alguns conteúdos políticos, demandas, e é importante clarear que nós fizemos algo aqui nesse encontro. Nós temos “vertigem lógica”, mas acho que a gente tem que perceber o que foi feito.

Em relação aos clientes, tem alguns que são meus amigos que foram até em casa e tem outros com quem passei a me relacionar esse ano; pra mim esse ano foi ótimo. O acontecimento é positivo e eu o chamaria de um fenômeno em processo.”

Se, andas ausente,
Entras em cena,
No espetáculo vida
Há um vazio no palco.
E o tempo que rodeia
A cegueira do presente
O destino descontente
Em cadeia solidão.
Mas a ida é transparente
Escala-se a todo instante
Nunca houve obstáculo
Nem o céu é o limite.

Reginaldo Figueiredo

poeta



Luciana Yumi Yara - atriz

Posso ficar feliz com essa maravilha, embora gerada da miséria. Vi e vivi acontecimentos belíssimos, continuações de um trabalho fecundo.

Nise da Silveira, depois de muita história, chega ao Hospital Psiquiátrico Pedro II, Engenho de Dentro, Zona Norte do Rio de Janeiro. Chega chegando.

Levanta mais de 17 oficinas, espaços criativos, para ser a nova terapia ocupacional daquele presídio de loucuras.

Importante lembrar que esses espaços eram espaços do criar.

Poder concretizar o que está dentro, poder manipular e se colocar em relação com o que nos habita. A doença não é individual, o Ocupa Nise me ensinou, ela é fruto das relações que construímos, das opressões, das frustrações e impossibilidades

Tudo isso precisa sair, sair de dentro, sair do âmbito pessoal. Terapia ocupacional não é a arte de ocupar os desocupados. O que isso virou foi uma grande ocupação artística, abrindo, dentro da expremeção das grades e paredes frias, uma grande roda para as manifestações.

Então, seu trabalho perdura até hoje e de muitas formas diferentes.

Dentro daquele complexo existe bloco de carnaval, Ponto de Cultura, museu, o EAT (Espaço Aberto ao Tempo, um CAPS) e dois andares de um prédio transformados em Hotel da Loucura.

E também me deparei com atrocidades. Pessoas presas atrás de grades, pó branco nos lábios. Gritando em quarto isolado, tentando contar suas histórias com muito custo, pois aqueles medicamentos, drogas mais que pesadas, tiram a capacidade de expressão, amortecendo língua e lábios, o rosto escorrendo entregue à lei da gravidade, vidas entregues à grave lei da mortandade.

Ali, como em muitos outros lugares, o que impera é a tortura, só que camuflada de cura.

A Fábrica de Loucos tem muitos nomes, um deles: Hospital

Psiquiátrico. Atende público variado, na sua grande maioria pobre e trabalhador. O serviço já está incluso no seu pacote de impostos. O resultado é garantido, tanto para quem trabalha para oferecer os serviços, quanto para quem os recebe. Depois de alguns dias - o tempo varia de acordo com cada organismo e resistência - loucura fruto de frustrações, opressões e muita violência, garantida... Existem cotas para enganar; se ainda não enlouqueceu, é só chegar, o método é infalível.

O importante é continuar.

As rodas desse grande encontro recriam a paisagem, sacolejam o imaginário que nos é imposto, já incrustados nas paredes internas. Ali, nos viramos do avesso. As práticas de cuidado, a invenção do nosso dia, o contato íntimo nos deseduca, colocando-nos de frente com a necessidade de recriar as relações.

E continuar, também, com o simples: acordar num coletivo, fazer o café preto para muitos, dividir banheiro, se colocar a pensar “o nós”. Lidar com as necessidades básicas da vida, pensar na comida, na água, na cama de todos, é parte importante para não perder a noção de que as conquistas são para muitos.

Claro, aqueles primeiros 22 dias em 2012, mais os sete em 2013 e mais sete em 2014, sem contar com o que foi preciso para tudo isso acontecer, não são a revolução. São apenas a continuidade das lutas já iniciadas. E também como tantas outras que estão espalhadas pelo mundo.

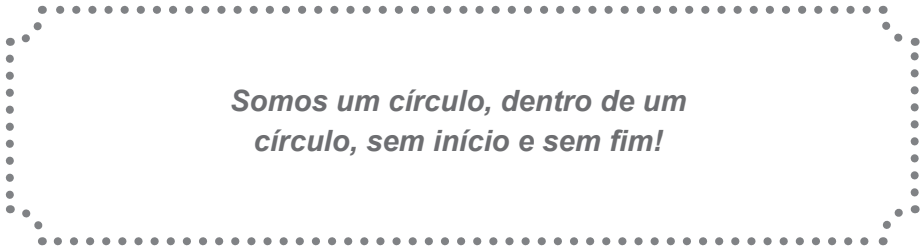
Esse é um jeito de lutar, diverso como o mundo é diverso.

Esse trabalho continua, e com transformações. Não só durante os grandes encontros do Ocupa Nise, mas dentro do Hotel da Loucura, onde os núcleos de arte, de saúde e de produção manifestam e teorizam, com suas portas abertas, recebendo atores e atoras de dentro e de fora do hospital. E continua fora, em outros bairros e também em outros estados, alimentando trabalhos de arte e saúde já existentes e inspirando novos.

Fazer arte na cidade, de graça, buscando o outro como parceiro, reconhecendo a potência de uma vida e de muitas vidas juntas é



serviço público de saúde pública. Ser artista e pensar nessa dimensão que a arte tem, de cura, de debate, de denúncia, de proposição de novas maneiras, não poderia ser se não fosse assim.



TEM SEMPRE UM DIA EM QUE A CASA CAI!

Thamara Fernandes

As estruturas da certeza habitam o plano dos discursos, carregadas de concretude e solidez. Mas... A erosão dos tempos algumas vezes nos surpreende: derruba alguns pilares e corrompe paredes antes aparentemente intransponíveis, até que a “casa” cai.

Tem sido exatamente assim o processo do Hotel da Loucura e seus efeitos naqueles que, de alguma forma, penetraram seus espaços. Embora conste em meus registros históricos um contato anterior com seus célebres atores (arquitetos, engenheiros e pedreiros), o primeiro Ocupa Nise, evento que inaugurou o Hotel da Loucura (em julho de 2012), foi um marco importante, que me reconectou com os alicerces.

Nas profundidades do terreno, a iniciativa, fincada em bases objetivamente transcendentais, trouxe para o plano da realidade algo que ruísse com alguns muros ideológicos, projetados nas divisórias de cimento de uma instituição psiquiátrica. Afinal, quando se podia imaginar o livre trânsito entre os “de dentro” e os “de fora” do hospício, para que todos juntos pudessem aprender algo sobre a vida e o viver?

A atitude de artistas, cuidadores, educadores e gestores carregaram suas malas para o interior de uma enfermaria desativada,

colorida e transformada por meio de rituais artístico-culturais, veio a garantir em três semanas a circulação diária de pessoas sem credenciais institucionais. Tal efeito pode ser visto ao longo de um ano, conferido no segundo Ocupa Nise (julho de 2013) e reafirmado até a sua terceira edição (setembro de 2014).

Eis aí o resultado claro, direto e indiscutível dos efeitos essenciais de uma proposta experimentada e praticada no ambiente que veio a se tornar a sede da UPAC – Universidade Popular de Arte e Ciência. O manifesto desta rede colaborativa de atuação e formação afetiva, pautada no cuidado coletivo de cunho político, endossou a aplicação de seus princípios do “Engenho de Dentro pra fora” nos últimos dois anos, em diversas cidades e estados brasileiros, expandindo-se para além das fronteiras tupiniquins.

A construção compartilhada, sustentada a princípio pelos visionários irmãos de alma Vitor Pordeus, Ray Lima, Junio Santos, Verinha Dantas, Edu Viola e tantos outros, que também me adotaram como parte da grande família, cresce indefinidamente em suas bordas flexíveis, garantindo que o conhecimento se ancore nas tradições culturais e que sua arte extravase os sentidos espirituais de nossas práticas cotidianas, quer no campo profissional ou no das relações pessoais.

Nesta perspectiva, o terreno da convivência é o reduto de solo mais fértil e possível. Conviver com a loucura é reconhecer os limites da sanidade e entrar em contato com as forças que infelizmente ainda jogamos fora, despejando na sociedade como mero entulho (como o dito do bebê lançado junto com a água suja da banheira, após o banho).

Como exemplo, o surto nos convoca ao cuidado e acolhimento, porém, se considerarmos apenas os aparatos técnicos ensinados nas escolas e praticados nas organizações de saúde pública e privada, recorreremos imediatamente ao silenciamento ou contenção química das tarjas pretas, sem sequer validar a resposta que ele (o surto) simboliza. Ou seja, o que reflete a dinâmica da relação costuma ser tratado à maneira “abafa o caso” e viabiliza a interrupção do fluxo na comunicação.



O que temos aprendido no contato íntimo entre os frequentadores (ocasionais ou não) do Hotel da Loucura, durante e depois dos eventos Ocupa Nise, perpassa o suportar do surto, escutando o surtado, lançando mão do afeto para acolher o que ele comunica, respeitando o processo e, finalmente, transformando a relação daqueles que fazem parte, no exato momento em que acontece e daí em diante...

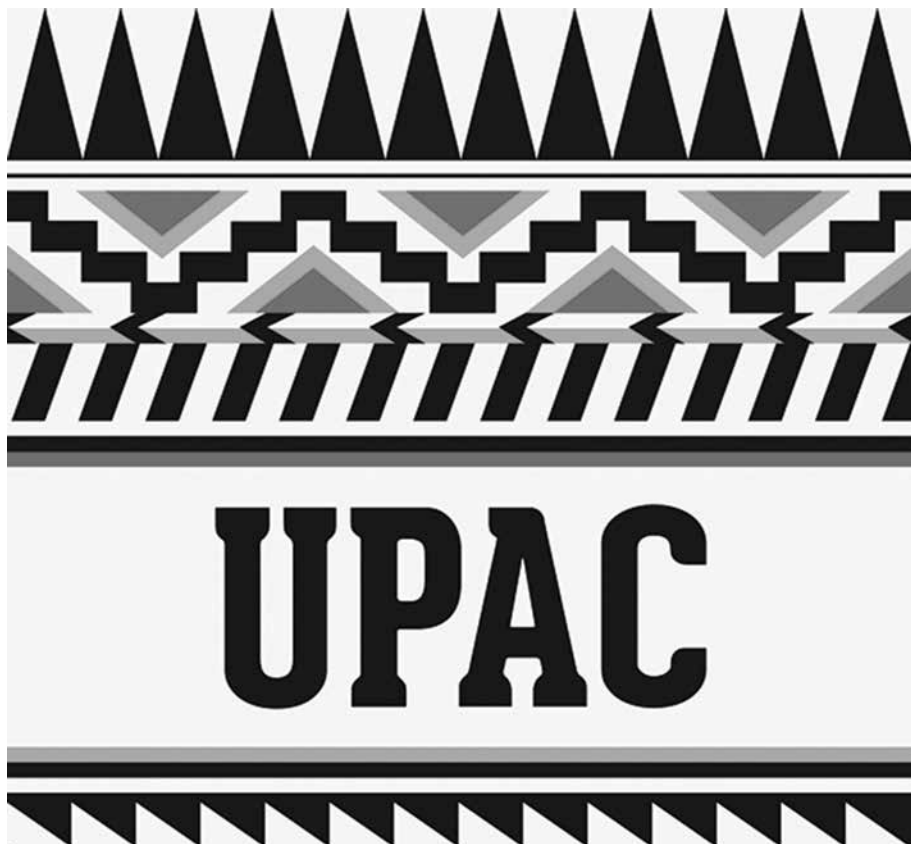
Os ilustres clientes da inusitada hospedaria têm vivido isso de diferentes modos desde a sua fundação, de acordo com quem se dispõe a conviver. Geane, Miriam, Pelezinho e Reginaldo são apenas algumas das celebridades emblemáticas que assumem novos papéis a cada encontro, em seus múltiplos personagens de essência única.

O teatro foi colocado como caminho; a arte como possibilidade. O ritual foi e é sempre o processo. O lema *Loucura sim, mas tem seu método* ressalta exatamente isto. E quem quiser saber, que participe! A experiência nunca há de ser teórica.

A prática nos leva à transformação imediata, cirúrgica, em tempo real. Quem constrói no agora eterniza a sua energia naquilo que vem depois. Portanto, quanto mais força positiva for aplicada em nossos atos de hoje, mais fracas serão as energias de cárcere que restam de outrora.

Nossos loucos emancipados (clientes e frequentadores do Hotel da Loucura), que participaram em responsabilidade conjunta de todas as edições do evento tão citado e revolucionário, desde então carregam em suas vidas luzes materializadas, imagens reconstruídas e comportamentos de cidadãos palpáveis. São dados concretos de uma nova estrutura para estas pessoas.

Oxalá a letra esteja certa: tem sempre um dia em que a casa cai...



extraído do site www.upac.org.br

A Universidade Popular de Arte e Ciência apresenta a todos os participantes do seu II Congresso seus princípios filosóficos, pedagógicos e as ideias-forças que regem seu antiprograma pedagógico.

Desde já declaramos publicamente e a quem interessar possa que nossa proposta educacional está calcada em uma visão de educação que toma a vivência como caminho e considera o saber-de-experiência-feito como ponto de partida, base da produção do conhecimento. Aqui referenciamos um dos nossos mestres, Paulo Freire, que nos ensina que o conhecimento provém da experiência. Nos ensina ainda, dialogando com nossa mestra maior, Nise da Silveira, que não se educa só pela racionalidade. Portanto, apresentamos a amorosidade como princípio fundante de nosso caminho pedagógico e que gera o afeto catalisador, grande legado de Nise, que, por sua vez, gera cuidado

e alegria, também conceitos que nos iluminam e orientam o nosso caminhar. Aprendemos com Baruch de Spinoza que somos afetados pelas paixões e que as paixões que geram alegria despertam nossa potência de viver. Logo as paixões alegres constituem-se também referências de nossa prática pedagógica. Também dialogando com Nise e Spinoza referendamos a ideia de Deus como algo inerente ao humano, síntese entre transcendência e imanência, sagrado e profano, corpo e espírito. Apresentamos a vida como centralidade, biocentrismo em vez de antropocentrismo. Em vista disso nossa universidade referencia as práticas tradicionais como o xamanismo, o candomblé e tantas outras, como caminhos de aprendizagens significativas, de fortalecimento da identidade e do desvelamento que Jung chamou de inconsciente coletivo. Na UPAC propomos uma ciência intuitiva que considera a importância do ato criador e onde criação não se separa da invenção. Onde a poesia e a cultura popular revelam a beleza do conhecer que gera luz, faz nascer novas possibilidades de transformação do cotidiano em suas complexidades. Referenciamos ainda Paulo Freire, ao compreendermos o humano como inacabado em sua incompletude, que valoriza o saber do outro e da outra respeitando as diferenças e reconhecendo as semelhanças, propondo o exercício da alteridade, produtor de polifonias e policromias.

Parte de uma visão ética que considera a fraternidade e a solidariedade como ideias-forças e, compreendendo a circularidade sistêmica, propõe mandalas como sínteses reflexivas e movimentos em teias que referendam a conjugação do verbo esperar e como estratégia de conquista da liberdade.

E para que esses princípios e ideias-forças possam materializar-se, nós atores-sujeitos, protagonistas desta construção, aprendizes da arte do bem viver, propomos caminhos nos quais é possível conjugar o ser, saber e o querer, e onde a escuta sensível, o afeto geram movimentos em potência, atitudes propulsoras para que o mergulho nas vivências produza a abstração acerca do vivido. Nosso caminhar pelos caminhos da terra nos ajudará a construir uma organização que rompa com as hierarquias e as estruturas rígidas; nossa dança pelas chamas energizantes do fogo alimentará a nossa rebeldia e manterá vivo o nosso espírito de luta; nosso navegar pelos caminhos das águas manterá viva a nossa criança e com ela a espontaneidade,

o mimo com os que se achegam, a energia brincante que se faz roda-cirandando, cantando e colorindo os espaços com alegria a se expressar nos sorrisos, nos beijos e abraços; nossos voos pela energia do ar espalharão poemas e canções e, convivendo e partilhando, ensinando e aprendendo, vamos construindo o sentido mais profundo da ajuda mútua, do respeito, do diálogo, do ser feliz, onde o processo educativo se faz manifestação, festa, celebração.

Sabemos que muitos são os que se deixam afetar pelas paixões tristes, geradoras de dor, medo, limitações que produzem marcas, cicatrizes, o medo que amordaça, produz amarras. Essas situações-limite são por vezes fardos pesados que muitos insistem em carregar e geram adoecimentos. Mas não as vemos como barreiras intransponíveis: acreditamos que é possível romper com o preconceito, a culpa e a exclusão. Dizemos não à prisão e à drogadição como recurso atuando como camisa-de-força química.

Conjugamos o verbo esperar e, como protagonistas desse caminhar, vamos construindo o inédito viável rumo à nossa utopia. Nesse não lugar, essa escola sem paredes, nós, crianças, idosos, homens e mulheres de todas as cores e de todas as raças, com família e sem família, com eficiências e deficiências, artistas, músicos, abrelatas, saltimbancos, educadores e educandos, mães-de-santo, xamãs, bruxos, magos, monstros, cuidadores e cuidadoras, loucos por arte e por vida vamos desenhando nosso percurso com o respeito a todos os seres, promovendo a inclusão dos diferentes, dos oprimidos, em busca da independência em um processo de organização pautado na liberdade que tem a emancipação como conquista.

Rumo ao inédito-viável seguimos em frente sem medo da felicidade, da alegria ou da loucura ofertamos a nossa gratidão aos nossos mestres da cultura popular, Nise da Silveira, Baruch de Spinoza, Nelson Vaz, Amir Haddad, José Pacheco, Heloisa Helena e tantos outros, por iluminarem nossos caminhos com seus ensinamentos e a todos os que ousaram conosco experimentar a loucura, a arte e a ciência nessa ocupação.



PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS E PEDAGÓGICOS E IDEIAS-FORÇAS

- Educação / Vivência / Experiência / Amorosidade / Paixão / Alegria / Afeto Catalisador / Cuidado
- Deus / Vida / Biocentrismo / Xamanismo / Espiritualidade / Inconsciente Coletivo/ Transcendência / Imanência
- Criação / Invenção / Ciência Intuitiva / Circularidade / Mandala / Teia
- Ética / Solidariedade / Fraternidade
- Luz / Transformação / Nascimento / Renascimento / Esperança / Liberdade
- Beleza / Poesia / Cultura Popular
- Incompletude / Valorização do Outro e da Outra / Alteridade (respeito às diferenças e semelhanças) Polifonia / Policromia

PAIXÕES TRISTES/SITUAÇÕES-LIMITE

- Dor / Marca / Fardo / Doença / Drogadição
- Medo / Mordaça / Limitações / Amarras / Preconceito / Exclusão
- ATITUDES/ MOVIMENTOS GERADORES E PROPULSORES
- Ser / Saber / Querer / Abstração / Escuta / Mergulho / Vivência
- Afeto / Mimo / Ajuda / Partilhar / Ensinar / Aprender / Conviver / Caminhar / Navegar
- Respeito / Rebeldia / Luta / Organização
- Sorrir / Beijar / Abraçar / Falar / Dançar / Cantar / Colorir / Poetizar / Brincar / Cirandar / Ser Feliz
- Espontaneidade / Festa / Manifestação / Celebração

UTOPIAS

- Respeito / Inclusão / Organização / Independência / Liberdade / Emancipação

SUJEITOS /PROTAGONISTAS/MESTRES/APRENDIZES

- Nós
- Crianças / Idosos / Homens / Mulheres / Negros / Pessoas com Deficiência / Famílias
- Artistas / Músicos / Abre-Alas / Saltimbancos
- Estudantes
- Mães-de-Santo / Xamãs / Bruxos / Magos
- Monstros
- Soldados
- Loucos
- Cuidadores e Cuidadoras

O saber do Pajé

*Vamos viver a vida como ela é
Com o saber dos velhos pajés
Este saber, ele vem lá da floresta
É o saber do povo Huni Kuim
Este saber, ele vem lá da floresta
Fica guardado lá na oca do Pajé
É o saber do Pajé Huni Kuim
Ele quem trouxe este saber para mim.
E tem rapé, ayawaska e o kampô
A medicina da floresta que chegou
E vem a força da cura da floresta
Com o poder da ayawaska e do rapé.
Na sua cara tem a malha da jiboia
Que traz a força da ayawaska e do rapé
É o saber do Pajé Huni Kuim
Ele quem trouxe esse saber para mim.
E tem a força da jiboia pra curar
E encaminhar os maus espíritos
E tem a força da jiboia pra curar
E afastar os maus pensamentos.
E esta casa que está cheia de luz
Vai iluminar os caminhos desta gente.*

*Música de Marcos Pavanelli
Uma homenagem ao povo Huni Kuim*

IV

O Núcleo Pavanelli, desde 2011, vem mantendo um intercâmbio permanente com o Grupo Vivarte de Teatro de Rua e Floresta e com um grupo de indígenas do povo *huni kuin*, ambos do Acre. Esse intercâmbio proporciona a troca de conhecimentos artísticos, políticos e culturais, e mais uma vez a revista *A Poética da Rua* vem dar visibilidade à questão indígena. Desta vez apresentando alguns trechos do nosso bate-papo com Keã e Juliano Espinho. Keã é do povo *huni kuin*, da aldeia conhecida em português por Boca do Grota, localizada às margens do Rio Envira, no município de Feijó/AC. Keã é estudante dos povos tradicionais que habitam essa região brasileira, professor bilíngue e integrante dos movimentos sociais indígenas e do Grupo de Trabalho que luta pela demarcação das terras. Juliano é ator do grupo Vivarte e ambientalista, militante da cultura e sempre atento às demandas ambientais da região onde vive.

Neste III Caderno do Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito, transcrevemos os pontos mais relevantes do nosso bate-papo e dedicamos este espaço especificamente às questões políticas, principalmente no que se refere à demarcação das terras.

O Direito à Terra

Começamos nosso bate-papo perguntando ao Keã como está a demarcação das terras indígenas da sua região e pedimos que ele falasse como está se dando essa luta.

Keã - Pela nossa origem não deveríamos ficar correndo atrás disso mas hoje o território não é mais só nosso: é de todos nós, todos precisam! E nós somos indígenas, a questão cultural precisa ter seu território com segurança, regularizado, ter espaço para as coisas continuarem se fortalecendo. Tem dois livros que falam dos nossos direitos: *Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas* e, ainda, a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, que abrange a todos. Dentro disso, o Estado brasileiro assumiu um compromisso perante a ONU, de dar essa segurança para os povos como hoje são conhecidos e, para nós, é um equívoco: não somos *indígenas*, nós somos povos, o povo *kuini kuin*, *yawanawá*, *mantineri* etc. Então, dentro do que consta, o Estado brasileiro se comprometeu com os nossos gestores



pela organização de todas as terras indígenas, que é só uma parte, mas todos os ribeirinhos, seringueiros, as pessoas que moram nas periferias das grandes cidades, os nossos descendentes, que hoje têm as suas organizações, isso foi cumprido. Na gestão de hoje, quem passou por lá se comprometeu pelos decretos assinados. O nosso trabalho é trazer essa reflexão. E o presidente Lula não cumpriu, assinou o decreto até o final do seu mandato e não cumpriu. A minha avó vai fazer 124 anos no dia 03 de setembro desse ano e ela me diz: “é isso mesmo, meu filho, estou chorando aqui, esperando para ver um pedacinho de terra demarcado onde a gente tenha toda liberdade, tô aguardando, ainda quero ver”.

A gente fez uma primeira etapa do levantamento da ocupação das terras. Os GTs são uma parceria entre a nossa comunidade, estudantes e o próprio Estado, a nível de município, estado e federal. Nós estamos fazendo essa ponte de ligação, esse intercâmbio. E vamos partir para o segundo momento, que é ver os limites da nossa área e, depois, fazer os estudos dos impactos no entorno, do que está dentro do programa do parque, que está desde o início, com a finalidade de estar acompanhando. A Funai é parceira, a Secretaria de Educação, as associações das outras terras indígenas, a Federação do Povo *huni kuin* e também as nossas representações de Brasília, nas quais temos pessoas parceiras que estão articulando, participando das assembleias de deputados, senadores, e acompanham o que está acontecendo, as mudanças que venham dificultar as demarcações. E o GT se encontra no dia 25 de julho para continuar. Depois dessa segunda etapa, nós temos uma última, que é a definição. Com isso, dentro desse GT, também buscando as parcerias, que é para cuidar das outras partes, os seringueiros, o Inca. Lá foi feito um primeiro estudo no ano de 2001. Esse GT está sendo coordenado por um antropólogo, uma ambientalista e os membros da comunidade, lideranças de terras indígenas e outros representantes que ficaram na zona autônoma. O primeiro GT foi coordenado pelo professor da universidade, Jacó Pinto, e, naquela época, teve um conflito: foi sequestrado todo o material que ele tinha, o barco, os equipamentos dele. Depois ele não retornou, e nem concluiu o relatório, porque não foi fácil. Agora está mais tranquilo porque estamos conversando com o exército, a Polícia Federal, os delegados de polícia, os defensores, os juizes, para conseguirmos essa parceria, porque você vai lá trabalhar e precisa ir com segurança!

Na nossa região, nós temos uma organização dos povos indígenas (Organização dos Povos Indígenas do Rio Envira) em que, dentro do estatuto, consta que é pra ela fazer tudo isso. E, a nível de estado, nós temos uma federação de povos *huni kuin*: a Funai, Sini, Copiag e demais parceiros. Só que, como eu falei, não foi escrito na legislação, eu acho que foi falta de atitude, também, do próprio movimento indígena.

O que vem acontecendo é que muitas das nossas representações vêm sendo manipuladas, muitos se vendendo por um pacote de direitos que vai dar segurança apenas a eles, mas nós queremos segurança pra todos.

Nós estamos vindo como uma flecha, nosso objetivo é compartilhar com todos. Tem várias representações, vários parentes, junto aos gestores, ninguém sabe o que acontece. Os artigos da Constituição estão sendo descumpridos, mas nós já fizemos movimento, fomos na Câmara, no Ministério Público. A gente fica pensando do que tá valendo uma lei daquela. Vale para os mais carentes (em termos financeiros). Eles comandam e colocam lá quem eles querem, “você faz isso pra ser assim, porque eu tô te pagando”. Ai eu fico pensando: eu vou acreditar em quem? Em nós mesmos! É a nossa política, nós somos governo, nós somos presidente, senador, deputado, nós somos governador, prefeito, delegado, juiz, padre, pastor, nós somos tudo! Vamos lá para compartilhar, viemos aqui pra contribuir melhorar com essa situação do nosso país. E trazendo, com essa parceria, vários artistas, várias bibliotecas de livros, essa riqueza de interculturalidade do nosso Estado brasileiro. O que hoje a gente vê é preconceito contra esse trabalho, contra nós que somos os autores e executores dessa atividade. O que a gente tem que fazer? Onde é que fica o respeito moral, ético, a segurança, o intercâmbio, a interação, se querem separar a gente? Não dá pra nós vivermos num mundo assim, mas, como a gente diz, a gente vai vivendo em duas partes: com a mais velhona tem atrito e não é só no Estado brasileiro, não, mas no planeta inteiro, no universo.



A relação com o Governo do estado do Acre

Keã - Hoje algumas aldeias tem apoio político estadual, mas pelo lado da politicagem, não do compromisso nem da responsabilidade. Algumas terras indígenas têm suas estruturas básicas de ensino, seus transportes, associação legalizada, suas escolas construídas, seu pessoal de apoio e lideranças sendo pagas pelo estado. Mas tem região, principalmente lá onde moro, não sei se é porque a gente faz parte do movimento, que eles não aceitam esse tipo de coisa. A gente não fica calado e nem vai ficar, lá eu dou aula dentro de um *shubuã*, tudo construído pela comunidade. A escola que o estado construiu numa casa em parceria conosco, ela está a mais de dois anos lá, deteriorada por uma tempestade. Eu vou deixar alguns registros aqui. A questão dos materiais didáticos, a gente recebe a sobra do ano passado; é o que a gente tem! A questão da merenda, que chega muito atrasada, vencida e a gente tá tendo que ter cuidado com isso. E a questão do transporte: pra tudo precisa de transporte (educação, saúde, do meio ambiente), mas lá está nessa situação, a maioria das escolas... muitas vezes uma só escola serve de cartão postal para o que o governo brasileiro está necessitando pra dizer que aquilo é verdade.

Marcelo Molina - E quais são os acordos políticos feitos?

Keã - São acordos pessoais com interesses próprios, sem o conhecimento do coletivo ou das lideranças. Mas nós estamos trabalhando a conscientização dos nossos irmãos, fazendo assembleias, rituais, pra dizer que não se deve trocar seu compromisso, sua dignidade por um salário mínimo!

A relação dos fazendeiros, dos latifundiários, na tramitação da delimitação de terra

Sabrina Motta - Você falou da regularização das terras indígenas e, dentro disso, existe a delimitação de espaço, que é pelo que vocês lutam, hoje. Só que, ao mesmo tempo, eu fico pensando que a delimitação de espaço também é uma restrição de uso, porque, a partir do momento em que vocês delimitam o que é uma terra indígena, significa que aquilo que está ao lado não o é – sendo que vocês estão lá há muito mais tempo do que as pessoas que estão indo lá regularizar aquelas terras. Vocês conversam sobre isso entre vocês lá na comunidade, de

pensar para o bem de quem que é essa delimitação de espaço, essa regularização? Onde é que realmente está aquilo que vocês pedem e onde é que está o que é só de interesse do governo?

Keã – De acordo com a nossa tradição, a terra indígena, principalmente essas delimitações, são o reconhecimento do que está ali, no conteúdo, mas isso não quer dizer que é uma divisão, é pra dar uma segurança. Então, o governo continua lá. Tipo aqui, o cocar. Aqui está a linha de algodão, isso aqui é a delimitação dele todinho. Não está separado. É uma casa construída. Aqui vão estar as penas, cada um, vamos dizer, é uma cultura, uma língua. Isso aqui vai dar segurança de que a nossa língua não vai deixar de existir, vai fortalecer as medicinas, a nossa forma cultural. Os seringueiros já têm outro tipo de organização, uma outra forma de viver e conviver, de se organizar e administrar também. Os assentamentos do Incra também são outra forma já diferente. E os latifundiários, outra forma, diferente.

Marcos Pavanelli – Beeeem diferente...

Keã - Nós trabalhamos uma parceria, as lideranças das terras indígenas, as associações locais, o sindicato dos trabalhadores. A gente tem um compromisso interministerial, através dos ministérios, também, que acompanham, através das associações, dos ribeirinhos, dos assentamentos, dos fazendeiros. A gente tem esse acordo. E enquanto não tinha esse acordo interministerial, nem nós podíamos avançar e nem eles podiam dar segurança, mas infelizmente não deu. O Lula fez um decreto pra demarcar e regularizar todas as terras indígenas até o final do seu mandato, mas isso não aconteceu. E, também nessa parte, nós estamos trabalhando uma questão política, a nossa representatividade. Na nossa região, nós já temos vereador, alguns anos atrás nós trabalhamos para deputado, não conseguimos, e trabalhamos novamente. Estamos articulando pra começar a caminhar. O que dificulta muito o desenvolvimento é a falta de uma pessoa que faz esse trabalho lá.

Até agora, somos 12 terras indígenas demarcadas lá.

Marcos Pavanelli - Mas vocês têm alguma desconfiança ou noção de que, com esse Estado, vai ser difícil? Falando do nosso estudo, que a gente está fazendo, as estruturas que este Estado, dominado



pelos empresários, pelos latifundiários, pelos grandes capitalistas, a possibilidade de a gente ter alguma vitória é bem difícil. A partir disso, tudo o que a gente fizer vai ser mais como resistência, pra gente sobreviver. Vocês têm, assim, alguma ideia, vocês conversam sobre isso, têm alguma noção disso?

Keã - Conversamos, sim. Já estamos conversando aqui.

Beatriz Barros - Aproveitando, quando você vai trazendo, eu percebo assim: nessa “parceria”, como é esse diálogo? São duas visões de mundo muito distintas, como é o caso da cultura indígena, que vem trazendo a relação com a terra, que, de fato, não é só para os povos, mas para todos - vocês tem essa percepção. Os parceiros conseguem reconhecer isso, especificamente os latifundiários, ou pra eles vale a grana?

Keã- Eles não reconhecem. O que vale pra eles é a cultura deles, até porque eles não conhecem o outro lado, essa cultura de que nós estamos falando, dessa origem, dessa vida que nós já tínhamos e continua. A gente vem estudando e a nossa forma é essa: um círculo, trazendo os nossos pensamentos, as nossas reflexões e as ações que nós vamos buscar. E, com isso, fazendo esse trabalho. Muitas vezes a gente não conhece o universo do outro; precisa disso, divulgar, ter intercâmbio entre as linguagens, entre as formas de administrar. Isso se chama queda do preconceito. Vai ter um momento que ele vai ter que se tocar, porque quem tá nisso é a maioria, não a minoria. Eles podem ser a maioria em extensão de área, mas dessa situação que nós estamos vivendo, é a maioria. Hoje a gente está estudando pra isso, aprendendo, observando, buscando, planejando, caminhando e construindo. A nossa luta não tem arma de fogo, pancada, é trabalhar a consciência pra modificar, tranquilo. Construir pra nós o básico pra nossa vida, pra assegurar as futuras gerações, não construir muito sem fazer uso exclusivo.

Lucas Branco - Vocês se sentem representados pela Funai na questão da luta indígena?

Keã - Bem, a gente acredita muito mais de contemplação, mas representação, não. Hoje, apesar do movimento que teve, que era pra ser aprovada a PEC 215 no Congresso Nacional, conseguimos

dar uma esfriada, também era um momento em que a Funai estava perdendo poder dentro do Ministério da Justiça. Mas é o que eu coloquei: na prática, tá faltando. O que é pra fazer, a gente tá dizendo e, por isso, a gente não se sente muito contemplado. Mas no momento eles retornaram levantando novamente, com essa força que nós fomos lá dar. Se a gente não tivesse chegado lá, não se falava mais nem em demarcação de terra indígena, ia sair Funai, contato com o Ministério das Minas e Energia, iam mandar nem sei mais pra onde. Mas hoje a Funai está passando por uma grande crise.

E agora com vocês, Juliano Espinho...

Juliano Espinho - Eu sou Juliano Espinhos, faço parte do Grupo Vivarte e do GETA, Grupo de Estudo das Tradições Ayahuasqueiras. O GETA é um grupo de estudo das medicinas que vêm dos povos *huni kuin*, da região do Acre, onde a gente também estuda a espiritualidade, principalmente dos povos indígenas, a ancestralidade, mas também junto às culturas populares ligadas ao Ayahuasca, que é a cultura popular que está toda inserida com essa medicina. Moro na Área Viva, que é um dos espaços que fica dentro da APA do São Francisco, uma área de proteção ambiental também próxima da bacia do Rio Tzinho, que é uma área de vasta floresta que emenda junto às terras indígenas. Pega um pedaço de Mujari, pega Xapuri e Samadureira, esses quatro municípios no entorno dessa floresta. A localização de onde eu vivo, na Área Viva, fica no município de Rio Branco.

O Brasil, quando chegaram aqui nesse território, tanto Pedro Álvares Cabral como os espanhóis, descobriram o Brasil e tiraram e levaram tudo da floresta.

O Nordeste é prova disso. Só que tinha um monte de gente embaixo, quando descobriram. Então, trouxeram a cultura do “homem-deus”, do senhor-sabe-tudo, que coloca aquilo que conhece – o que não conhece é mato. E mata! A partir daí se chocou com a cultura dos povos indígenas, porque, para estes, o que eles não conhecem é medicina do mesmo jeito, tem seu valor. Vivem inseridos na floresta, não explorando a floresta, mas desenvolvendo a vida junto à floresta. A cultura está ligada à floresta. Quando se mata um animal, este animal não se extingue porque ele tá inserido na cultura do povo.



E a maneira do povo viver dá oportunidade pra centenas, milhares dessas espécies também viverem. Na sua cultura tem o respeito à história, tem um fundamento, tem o valor, o ensinamento com que cada ser contribui, em sua existência, com o povo. Diferente dessa cultura que veio com os descobridores, desmatadores - “o que não se conhece se derruba e se planta somente o que se conhece” - que vai se expandindo pelo mundo, se multiplicando, explorando, acabando, matando, desequilibrando através desse consumo e por achar que o seu saber chega ao ponto do saber do mundo – ele não é nem filho: é deus! Então, o choque já vem daí. E hoje nós herdamos isso. Quando se fala da história do Acre, os povos indígenas foram obrigados a trabalharem pra colher seringa pra alimentar guerra. Só que eles não eram bom exemplo de povo pra se explorar; a cultura era outra. Eles tentavam, tentavam e, aí, começaram a chamar de preguiçoso e nisso foram se dando as correrias, o menosprezo da cultura, porque essa cultura do descobridor, do desmatador... pra poder dominar um povo, se acaba com a cultura, impondo a sua, criminaliza e se coloca sobre ela. Quando isso não dá certo, assimila ela e adapta de acordo com seus interesses.

A gente já nasce devendo, nasce num mundo onde tudo tem dono. Então, olha a herança que nós temos e olha a herança que os povos indígenas têm de tudo isso, desse massacre, dessa doença. Hoje a doença não é só a gripe, não é só como a gripe suína, que passou pela aldeia lá e matou crianças indígenas (9 crianças, recentemente). Por isso é que os problemas são parecidos, porque a doença é inserida pelo sistema, pelo modo de vida, pelo individualismo. É aí que desarticula, é aí que eles matam a cultura. É aí que eles fazem o representante (que é pra ser da base do povo) não representar, mas representar a si próprio, seus interesses. Eles jogam a doença pra desarticular. Isso é o que gente erra. Eu não sou *huni kuin*, mas eu também não sou *yawanawá*.

Que é que eu sou? Que é que somos? Tem hora que isso não importa mais.

Importa é, daqui pra frente, a gente adquirir um rumo, pegar um ideal, uma meta de vida, um horizonte e, dentro disso, ir se fortalecendo naquilo que a gente encontra. Por isso é que a cultura indígena hoje é referência.

Juliano Espinho - Dentro da nossa realidade, eu e outros temos mais necessidade de aprender *hâtxakuí* do que inglês, tá mais inserido dentro da nossa realidade. O que nos une é a necessidade de a gente poder juntar as afinidades e construir algo diferente. Estamos em várias partes do mundo sofrendo das mesmas coisas, é isso que traz um *huni kuin* aqui, é isso que faz hoje nós estarmos construindo ideias num movimento, mesmo que não mude, mas é uma necessidade que nós temos, afinal de contas a existência não é à toa. Estamos aqui pra quê? Não vai conseguir, e aí? Esse mundo aqui é aqui, por isso é que o poderoso tem medo de morrer: porque vai acabar isso aqui e aí vem um mundo muito maior do qual, no fundo, eles têm dúvida. Eles manipulam a religião de acordo com os interesses deles pra poder confortar o medo de morrer. Quando teve a ocupação da Funai, o grande lema da luta, que agora é recente, era “Terra, Saúde, Cultura e Educação”. Aí entra na sequência das necessidades: sem terra, como é que vai ter saúde? Sem saúde, como é que vai ter educação e cultura? Então, essa é a base que os povos indígenas precisam hoje. Primeiro, um chão, uma segurança pra poder se estruturar na sua cultura. E, como foi colocado, não é suficiente, porque o modo de vida dos povos indígenas necessita totalmente de um equilíbrio. A gente vê que pessoas da sociedade não entendem: “Ah, por que tanta terra pra pouca gente? Não precisa de tanta terra”. Não entende o equilíbrio. Pra se viver de caça, se necessita de um espaço não pra *ter*, mas pra *cuidar e equilibrar*, pra ter diversidade. Os corredores, o que é que são? Tem que ter áreas que os animais se locomovam. Eles se reproduzem e vão se locomover pra poderem ter caça e ter outros lugares pra se reproduzir. As espécies que têm a diversidade pro povo poder crescer em harmonia, que é diferente de fazer monocultura, de derrubar pra criar gado, plantar soja pra alimentar criação de animais e criar os animais pra poder suprir – mas não é a fome, não: é só acúmulo, é só pra justificar a terra, os latifúndios. Essa necessidade



dos povos indígenas (ou povos originais) é hoje a necessidade que a humanidade carece, porque a cultura indígena na sua essência não é individualista – essa doença está sendo inserida agora.

Hoje, pra essa sociedade se curar, ela precisa da ancestralidade indígena, de viver em comunidade, coletivamente, de saber quebrar o individualismo.

Juliano Espinho - Mesmo entre os conflitos dos povos indígenas antigamente isso não chegava nem perto. Se falava: “ah, os índios praticavam antropofagia...”. No desenvolvimento da humanidade, todos os povos passaram por diversos meios pra poder desenvolver essas relações. E estudando o que é *antropofagia*, se vai entender um tanto desse desenvolvimento e vai ver a diferença do que era esse ato e vai entender a semelhança... que pode até ser menos do que tortura, do que acabar, do que simplesmente querer dominar o mundo, até não caber mais nada, só o que se quer. Os povos indígenas eram assim, com raízes no seu desenvolvimento, por isso é que essa consciência, esse desenvolvimento, mesmo com esse massacre, hoje é a cura desse sistema, é nossa esperança, é o que queremos mudar. E é mais forte, ainda, saber que tem povos que não têm a noção de *nação*, de território, que estão isolados, fugindo dessa sociedade, desse monstro que vem comendo a terra, que não lutam por demarcação de terra, pela vida deles, ficam correndo de um lado pra outro: vai pra fronteira, madeireiro vem e mata, aí corre pra cá e se choca com outro limite, corre pro outro lado e se choca com um outro... E eles nem estão inseridos nessa política aqui, não. Isso é uma realidade, não é “antigamente”, não.

Há um desconhecimento, um preconceito, e isso é proposital. Essa política que tem agora é de *desarticulação* dos meios ambientais, dos interesses indígenas. Na política, hoje, a Dilma tá enroscada com os empreiteiros e, hoje, quem manda no Brasil, dentro dos ministérios e dos deputados, são os ruralistas e os evangélicos. São interesses de desarticular, de acabar. Por isso: PEC 215, por isso grandes hidrelétricas que passam por cima da própria Constituição. Na verdade, essas mudanças levam à justificativa de ter passado por cima da Constituição, e eles mandam e bancam o Brasil. Esse é o mundo que está sendo formado, por isso a necessidade de ser *espinho*, porque,

se não furar, ou ignoram ou passam por cima. Então, quando fura, pelo menos o negócio dói, aí tem que pelo menos disfarçar pra furar menos. Mas continua, a resistência é a necessidade da gente também não ser só *vítima* das coisas, ficar apático. É o ratinho pequenininho que faz um estrago grande. Aqui é até líder de audiência nas periferias. Quando se vai na Amazônia, no entorno da região onde o Keã mora, se vê esse líder de audiência, esse dono do poder, que hoje é a mídia, que manipula, tá corroendo a possibilidade de vida, de existência dos povos que hoje carregam uma das curas (ou a cura) que nós precisamos na sociedade.

Ao mesmo tempo, não adianta criticar, tem que ter propósito. A primeira revolução começa internamente. Primeiramente, antes de criticar o sistema, o latifúndio, a gente tem que olhar pra dentro de si, assim a gente vai fazer a primeira revolução, a mais necessária de todas, mais forte do que tomar o poder – porque depois vai ter que impor e virar ditadura –, a gente, fazendo a revolução interna, a gente se impõe sobre nós mesmos, transforma nossas ações, que transformam nosso entorno e fortalecem com sinceridade e com ação mais direta a unificação pra poder fazer uma transformação externa. Essa é a primeira revolução. E a outra, depois desse despertar, se unir, se mobilizar, se juntar com quem a gente tem afinidade. A gente não veio pra ser inimigo, veio pra dialogar, mostrando a cura, a espiritualidade, trazendo as medicinas, mostrando que dinheiro é só papel, é um meio. Quando se perde na floresta, se estiver com uma mochila de dinheiro e não souber se virar lá dentro, pode jogar ela fora pra se livrar do peso. O valor de a gente estar construindo isso aqui é o fato de a gente estar aprendendo um com o outro, se fortalecendo, andando, movendo, aprendendo a respeitar; se transformar pra poder revolucionar o mundo interno e externo, para a gente poder transcender os problemas, as doenças e transcender a outro plano, após passar por essa escola, com a consciência de que a gente tá fazendo por onde nessa existência, aproveitando cada momento a oportunidade de estar aqui, aprendendo o que realmente tem valor, que é o que a gente realmente vai carregar, porque esse mundo aqui é só um pedaço da vida, só uma passagenzinha. Essa é a grande consciência que nos leva a construir algo que é diferenciado desse sistema individualista, materialista, imediatista. Já entrando no assunto, é por isso que a espiritualidade é a grande força de libertação.



A espiritualidade

Lucas Branco - Quais os principais rituais que vocês fazem? Você poderia falar sobre alguns deles?

Keã - Nós temos vários rituais. Primeiro ritual: o nosso nascimento. Tem o ritual do batismo das crianças. Tem a primeira vacina que é o *jenipapo*. Hoje, em toda sociedade, tem a vacina que é pra proteger o bebê quando ele nasce, aquela do pezinho, a BCG. Então, o *jenipapo* é o primeiro batismo, um dos primeiros rituais ministrado pelo pajé pra proteger o corpo da criança das doenças. Tem outros que são cuidados com o corpo e aos sete anos tem um outro também pra proteção.

As festas também são de rituais. Tomar Nichipã é ritual. Rapé é ritual e tudo tá conectado, tudo faz parte, nada pode ficar fora. Tem o ritual da festa da produção, que também tem cantorias específicas pra fortalecer os legumes. Tudo tem que estar conectado e nada pode ficar de fora. Temos os rituais de cura, medicina e o ritual das dietas, que a gente tem que cumprir. Não pode comer doce, carne, não pode ficar em muito barulho, tem que ficar bem isolado. Tem um ritual que faz uma festa só com banana, você planeja um roçado desse pro outro ano, pra que tenha uma safra grande de bananas, porque é um ritual grande. A gente recebe os cunhados, nossas primas, e também preparamos a culinária com esse produto, tem vários tipos de alimento com ele, farinha, assada, caiçuma.

Também temos outro ritual de batismo quando a pessoa tá formada, que também é muito forte. Tem vez que o ritual tem 15 dias e chega até a um ano e seis meses, sem comer carne. E tem ritual tanto masculino como feminino.

Sabrina Motta - Como é o envolvimento das mulheres nos rituais e também com as medicinas?

Keã - As mulheres começam desde cedo, junto com as próprias mães e avós. Então, tem momento em que elas fazem, só elas, o planejamento, as atividades da comunidade mesmo. Quando tem um evento grande elas se articulam; e já estão se inserindo na questão mais política, também, na questão do artesanato, estudando as medicinas, tanto que elas se habilitam, vamos dizer, na profissão de parteira tradicional.

Hoje em dias todas elas leem, escrevem; antigamente é que era só na teoria, na prática era oralidade. E elas fazem um trabalho coletivo. Há tempos atrás, o papel da mulher era diferente do de hoje. Era ter filho, cuidar dos filhos, da cozinha, do marido, roupa. Hoje em dia, além disso, ela é feminista. Tem mulher pajé, estudando pra Medicina, mulher que faz trabalho de cura, parteira. Mas tem atividade que só o homem ou só a mulher é capaz de executar. Por exemplo, a agricultura é papel dos homens. As mulheres, trabalho de tecelagem - o homem pode até fazer, mas não é específico dele.

A formação universitária do indígena

Keã - Há tempos atrás, os nossos alunos permaneciam na aldeia, vamos dizer, até o seu ensino fundamental, orientados na questão teórica. Mas, hoje, nossos alunos já permanecem na nossa aldeia até o ensino médio e estamos correndo atrás pra implantar o ensino superior. Mas, na questão prática mesmo, nós estamos com toda essa estrutura, de ir pra escola até o pós-doutorado, que complementa também. A questão do nosso ingresso nas universidades e até em escolas particulares vem sendo tratada no diálogo com nossos parceiros, os gestores das universidades, escolas, Secretaria de Educação, os cursos de formação de professores indígenas, e a gente vem conseguindo espaço. Lá na universidade a gente teria, por ano, até 2012, três vagas. Hoje, com toda essa nossa luta, nós conseguimos conquistar 50 vagas. Nossos estudantes estão se aprimorando cada vez mais. Eu sou uma das pessoas que pode dizer que passou por muito preconceito. Mas sempre procurei não dar confiança, fazer o meu trabalho no estudo. Nem por isso, também, magoei ninguém, os parceiros, as pessoas, os colegas. Uma vez fui até chamado de “macaco” pelo professor da universidade mesmo, foi dar aula lá de Biologia. Um parente meu quis confrontar com ele, mas nós tiramos e não deixamos. Esse não é o nosso trabalho. Mas não é fácil, e hoje a gente tá correndo pra isso, então, cada vez mais aprimorar nossos estudos e, além do nível superior, hoje, continuar, conquistar essa formação variada. O pior nós já passamos. Hoje, na questão da cultura, muita coisa não volta, mas o que temos não vai se acabar mais. Pode usar produto, relógio, os aparelhos eletrônicos que vêm da sociedade e essa é a forma de nós compartilharmos nosso conhecimento, daquilo que é necessário, básico para ro nosso desenvolvimento.



Juliano Espinho - É importante colocar isso. Tem jovens que vêm, estudam e não voltam pra base.

Keã - Hoje nós temos o *PPP - Procu Específico Bilingue*, com o qual nós trabalhamos português e *hâtxakuí*. Mas nós estamos trazendo outras linguagens, como o espanhol, o inglês, e estamos trabalhando pra ensinar o *hâtxakuí*.

Juliano Espinho - Ele, o indígena que vai estudar, não vai voltar pra competir dentro do mercado dentro da aldeia. Ele vai voltar pra poder compartilhar o conhecimento.

Marcos Pavanelli - No foco da educação das aldeias, o conteúdo didático vem do Ministério da Educação ou vocês é que fazem o conteúdo?

Keã - Como eu falei, a gente tem o PPP e trabalha todas as nossas necessidades básicas pra desenvolver dos dois lados. Os nossos conteúdos, hoje, nós estamos produzindo. Temos três livros, aqui, escritos em português e *hâtxakuí*. Mas, antes, a gente só recebia da Secretaria, já o livro pronto, só conteúdo em Língua Portuguesa, todas as disciplinas. Hoje não. Trabalhamos pra produzir nosso material didático e uma série de exemplares, de História, de cantoria, de pintura, de artesanato, na forma de interdisciplinaridade, pra gente desenvolver todas as disciplinas: Português, *Hâtxakuí*, Matemática, Ciência, História, Religião...

Marcos Pavanelli - E o Ministério da Educação? Quando vocês propõem algo da cultura de vocês para o ensino, eles fazem algum tipo de restrição?

Keã - Sim, várias. A gente dialoga pra chegar a um entendimento. Antigamente, educação era tradicional *huni kuin*. Hoje, além disso, nós estamos trabalhando educação escolar *huni kuin*, pondo em contato com as letras e os números. E dentro disso, registrando. Esses livros aí, nós temos os informantes, que são os pajés, onde estão as informações deles. Através disso, valorizar esse trabalho deles na formação dos médicos, os nossos pajés são nossos verdadeiros médicos, que conhecem a verdadeira medicina, fazem a cirurgia se precisar. Tudo isso são valores que nós trouxemos, também, pra agregar, pra expandir, divulgar, levar o conhecimento de que existem

essas pessoas lá, dentro do trabalho de educação. Então, o PPP passa todos os pontos, que estão dentro da escola, da nossa comunidade, dos nossos valores.

A questão da saúde

Juliano Espinho - Na luta pela saúde, uma das metas não era só pedir remédio e médicos pra aldeia, mas uma das exigências era o reconhecimento dos pajés e do seu conhecimento como um desenvolvimento da medicina, dos médicos de dentro da aldeia, pra eles serem reconhecidos dentro da sua formação (como médico) e que tivessem apoio e meios de sobrevivência para poderem exercer a sua formação, o seu conhecimento. E não é pedir pra sociedade, não. O governo do Acre, boa parte do recurso que vai pro Acre vai pelos povos indígenas. O Acre adquire muito recurso em cima dos povos indígenas e acontecem desvios pra outras coisas. Então, não é pedindo ressarcimento com dinheiro da sociedade de cá, não: é reconhecer para que ele possa exercer a sua profissão, a sua formação da maneira como é desenvolvida dentro da cultura tradicional, não desvalorizar o pajé e valorizar o médico. Não pedir médicos e remédios sem valorizar e estruturar o pajé para curar, para utilizar também o seu conhecimento para o bem-estar e a saúde do povo, estruturar pra ele trabalhar também. Por isso eu falei que entra bem dentro dessa parte, da formação, da valorização do conhecimento. Isso valoriza mais porque também registra, porque eles também estão desenvolvendo os registros. Não tinha escrito? Agora tem. A forma da linguagem é desenvolvida por eles. *Bakâ Umuê* tem som de â, tem toda uma construção linguística que não foi imposta, não, foi construída. Eles estão desenvolvendo isso e estão criando outros meios pra poder fortalecer sua cultura, suas relações, o desenvolvimento dessa nova realidade, com o fortalecimento do povo, da cultura.

Keã - Nós estamos visando agora a questão da medicina por um motivo. Antigamente os povos não sentiam o tipo de sintoma que sentem hoje. Talvez outros povos também não. Tem momento que o médico sente que vai resolver sem a medicina da farmácia; mas vai ter momento que a medicina da farmácia não vai resolver: tem que ser a da floresta, com o pajé; vai ter momento em que nem a medicina da floresta vai resolver, vai ter que ser a do médico. Lá, o pessoal



da saúde, da equipe multidisciplinar, tá trabalhando assim, tentando buscar para que os pajés sejam reconhecidos. Nossos médicos, que aprendem ali, na prática do dia a dia mesmo, a cuidar, a salvar vidas dos nossos irmãos! Ter essa parceria, também, com os nossos médicos que trabalham na zona urbana, muitos deles vão lá na aldeia contribuir. Tudo isso a gente vê, a gente reconhece e vai estudando, trabalhando pra divulgar, pra levar isso pra nossa comunidade.

Juliano Espinho - Lá na nossa comunidade tem muito caso de ferida brava, de estafilococcus e, com essa medicina tradicional, tem uma senhora lá que tomou 60 injeções, ficou até com sequelas por causa de tanta injeção. O povo *huni kuin* conhece medicina da floresta que, com uma dieta, cura até em 5 dias.

Qual é o nosso zelo e cuidado que eles também têm? Não é eles ensinarem pra gente e a gente sair ensinando pra todo mundo. Mas aí não tá segurando o conhecimento? Não. Se esse conhecimento vai, outra pessoa aprende, muitas das vezes nem valoriza de onde veio, discrimina, pega o conhecimento, se apropria, começa a tirar proveito próprio do conhecimento, não tem retorno e o velho continua lá. Então, a gente propôs um zelo, um cuidado. Ensinou três pessoas da comunidade, de segurança, ninguém vai deixar de ser atendido. Essas três pessoas vão saber mas não vão ensinar. Tem o conhecimento lá dentro. A passagem de ônibus que a pessoa ia gastar pra ir pro hospital, fazer o tratamento, independente disso, ela pode direcionar pro pajé, uma galinha, manda pra lá valorizando o desenvolvimento e também tendo esse cuidado. Essa sociedade parece que é sabida, assim, pela ciência, mas muita coisa é roubo. Ou mataram quem sabia ou roubaram e patentearam. Então, é um dos cuidados que também se tem. A gente, enquanto conhecedores, também mantem o respeito com esse zelo. É que nem a questão das medicinas. Estão aprendendo as medicinas da cultura indígena? Então, a gente tem que ter responsabilidade também com o povo, não vamos chegar e sair fazendo qualquer coisa, de qualquer jeito, com as medicinas que eles zelaram por tantas gerações pra hoje a gente ter oportunidade. Então, o respeito também vem através do desenvolvimento do zelo, e cabe à gente. Isso, inclusive, nos ajuda a aprender, desenvolver, aprofundar e a se curar, se for preciso.

Keã - Pra complementar mais sobre a medicina, todas as plantas são uma medicina. Quando você vai estudar, todas elas têm uma função como medicina. Como eu falei, tudo isso tem uma origem, uma coordenada, e eu vejo isso como uma forma de regular também. Dentro da nossa cultura, passamos por momentos bem difíceis, mas também por falta de divulgação. A gente começa falando isso para os nossos próprios irmãos, que estão viajando e estão dando brecha pra isso acontecer. Espero um dia não existir isso, essa disputa, o preconceito contra o irmão-outro que tá trabalhando, utilizando esse vinho sagrado (*aywaska*). Não é pra gente estar perseguindo, falando mal do nosso irmão, assaltando, roubando nosso irmão; a gente tá tendo esse cuidado, essa atenção de levar essas mensagens.

Juliano Espinho - É bem importante colocar essa parte do zelo. Eu vou voltar um pouquinho mais pra trás, dentro da parte da medicina, a questão da ciência e da espiritualidade dentro da cultura. Isso é separado? A doença é ou não é espiritual? Como se separam essas coisas?

Keã - Os dois estão coligados. A matéria e o espírito estão um no outro. Fé faz bem pra matéria e também para o espírito. Mas tem coisas que nosso pajé diferencia como mais da matéria ou do espírito. O nosso espírito fala através da nossa própria visão. E, da nossa matéria, vem mais porque nós temos esse contato: a própria alimentação, água. Hoje, isso é muito principal pra gente ter boa saúde, a qualidade dos nossos alimentos, e hoje nós estamos tendo muito problemas materiais e espirituais por causa disso, os alimentos que já não são mais tão naturais, litros e mais litros de venenos em nossas águas. E hoje, na questão ambiental, a gente vê que tá faltando água, as nossas fontes precisam ser preservadas por questão da nossa saúde com água de qualidade. Isso a gente tá buscando também, água de qualidade.

Juliano Espinho - Eu vejo que essa sociedade separa a ciência da parte espiritual, a ciência é fria, é cética; e a religião é outra coisa. Nos povos *huni kuin*, e outros, é junto. O tratamento de várias doenças é feito pelas rezas e pelo trabalho, porque a doença, pra atingir a matéria, é porque atingiu o espírito. Essa sociedade é fechada pra isso.

Keã - A ciência, por exemplo. Pra se fabricar esse violão aqui tem uma técnica que passa por um estudo científico. Mesma coisa pra



produzir aquele celular. A diferença é que, pra produzir o material, tem uma fonte. Mas no espiritual, pra trabalhar a cura do espírito, tudo tá coligado. O *Nishipan* tá aí pra mostrar. A internet, facebook, isso, pra nós, vai separando das atividades da nossa convivência.

Juliano Espinho - Viva o respeito! Viva a diversidade! O equilíbrio vem da diversidade!

Cantoria de Juliano Espinho

Cada um tem seu caminho/ Seu modo de fazer
Seu próprio jeito com a vida/ Sua maneira de dizer
Sua maneira de dizer/ Sua maneira de dizer
Cada um tem sua medida/ *Sua forma de crescer*
O respeito é alternativa/ Para todos conviver
Para todos conviver/ Para todos conviver
Para todos conviver/ Vamos cantando
Calados e concentrados, ê/ Seja como for
Com a vida nos compreender
Com a vida nos compreender/ Com a vida nos compreender
Com a vida nos compreender

Keã também terminou a entrevista com cantoria, uma música linda que não transcrevemos por ser da língua *hâtxakuí*.

Aquele que botar as mão sobre mim, para
me governar, é um usurpador, um tirano.
Eu o declaro meu inimigo.

Pierre Proudhon

Não acredito nas constituições nem nas
leis, a mais perfeita constituição não
conseguiria satisfazer-me. Necessitamos
de algo diferente: inspiração, vida, um
mundo sem leis, portanto, livre.

Mikhail Bakunin

Nenhuma revolução social pode triunfar se
não for precedida de uma revolução nas
mentes e corações do povo.

Piotr Kropotkin



Apontamentos sobre o anarquismo

com Luiz Carlos Checchia

No dia 12 de junho de 2014 recebemos na sede do Núcleo Pavanelli o parceiro de longa data Luiz Carlos Checchia, que veio com a difícil missão de, em apenas 3 horas de bate-papo, fazer um panorama geral sobre a origem do anarquismo e alguns apontamentos que nos ajudassem a compreendê-lo um pouco melhor. É claro que o bate-papo se alongou! Seguem os principais pontos dessa conversa:

Checchia – A minha experiência com anarquismo vem dos anos 80, quando eu fui anarco-punk. Interessante ver como o garoto, nos anos 80, vira anarquista por conta do Movimento Punk numa cidade periférica como Osasco e hoje, embora eu não seja mais anarquista, *male-male* sou um marxista convicto - ainda que confuso.

Eu vou retomar o que é o Estado, que vocês já devem ter estudado. O Estado é uma invenção moderna, um momento histórico em que a burguesia ascende ao poder, principalmente no Ocidente. Até então a organização da sociedade era em torno da aristocracia, que não foi sempre a mesma. O que a gente tinha era um poder feudal fragmentado entre os vários chefes de feudos, com arranjos específicos de suserania e vassalagem, em que os reis se tornavam suseranos dos demais. O que é suserania e vassalagem? Um acordo em que alguém se coloca sob a proteção de outro alguém, e isso estabelece obrigações mútuas entre ambos. Enquanto o protegido, por exemplo, é obrigado a pagar pedágio quando passa por ali, é obrigado a ceder suas tropas - não existia um exército nacional, com soldados, as pessoas estavam a serviço desses senhores feudais; em contrapartida, quem estava acima, no acordo, era o cara que te protegia, organizando maiores exércitos.

É uma teia de arranjos muito complexa, tênue, entre esses nobres, que acaba fazendo com que um desses nobres se torne vassalo ou suserano dos demais. Quando chega a Modernidade, com a decadência do feudalismo, por várias questões. O motivo desse declínio é colocado por alguns autores como tendo sido originado por um agente externo ao feudalismo: o capitalismo. O que vão

dizer alguns autores marxistas muito importantes, principalmente um inglês chamado Maurice Dobb, é que não foi um agente externo ao feudalismo (capitalismo) que fez o feudalismo cair, mas as próprias contradições internas do feudalismo que fizeram com que ele ruísse, permitindo a ascensão de um novo sistema, de um novo paradigma, que é o capitalismo. Só que esse novo paradigma vem com vários conteúdos internos, um dos quais é a construção da ideia de Estado - ou Estado-nação, ou Estado de Direito, como hoje está na moda falar, com constituições fortes. A gente fica pregando a importância do Estado de Direito, com instituições fortes, mas, para ser democrático, o Estado tem que ter instituições fracas. Essa invenção, o Estado, é muito importante para a gente, porque vai significar a unificação dos planejamentos da estrutura social; ele detém o poder de coerção (a força) e a questão da constituição da hegemonia. E, aqui, tem a ver com a questão do “campo simbólico”. Isto significa que o Estado consegue manter as pessoas coesas a partir de uma unidade, da construção de um conjunto de valores e significados próprios. Na Copa do Mundo a gente pinta tudo de verde e amarelo e se emociona, torce pelo Neymar, aquele garoto de ouro que pode mostrar o caminho de redenção da sociedade brasileira – é incrível, mas é verdade: as pessoas acreditam nisso para a construção de valores e significados, que para o Brasil são esses, para os EUA vão ser outros, pra Inglaterra, outros. Mas existe toda uma construção de significados que mantém as pessoas coesas e acreditando num corpo jurídico com instituições específicas daquilo que no marxismo é chamado de “superestrutura”. Mas se você for uma pessoa que não acredita tanto assim no Estado e quer pensar em outras coisas, o Senhor Estado tem a força, o poder de coerção, da violência legitimada - só o Estado tem o direito de bater em alguém. Eu não digo que apanhar seja pior do que morrer, mas a prova maior da selvageria é você poder bater em alguém, poder comprar um cassetete e treinar formas de onde bater na pessoa para doer mais! Poder comprar moto para a Rocam e dizer que pode passar por cima das pessoas sem ser preso por isso, porque é direito dado pelo Estado! Mas ele não é apenas Estado-nação ou Estado de Direito: é um Estado *burguês*. O que significa que ele atende somente aos interesses da burguesia. Ele traz os vícios da burguesia, dentre os quais o mais importante é o de ser *acrítico, a-histórico, a-autocrítico*, quer dizer, ele não se autocrítica, não se historiciza, não conta sua



própria história para si mesmo, não pergunta “de onde vim, pra onde vou, onde estou?”. A burguesia não é a maioria desse Estado. O que é a “burguesia” - tudo a gente, hoje em dia, fala que é burguês, não é? Dentro do senso comum, aquele playboy é um burguês, mas de fato pode ser um classe média. A burguesia de que a gente está falando são os capitalistas, que detêm a propriedade privada dos meios de produção. Ao resto só resta vender a própria força de trabalho para quem detém os meios de produção.

Agora a gente vai começar a misturar um pouco o pensamento marxista com o anarquista. Para o marxista, a grosso modo, o Estado é uma construção histórica dentro de um processo de luta de classes em que a ascensão da burguesia (que se dá no confronto com a aristocracia pré-moderna) precisa da unificação de vários procedimentos. Quais? Desde a unificação de moedas (no feudo havia diferentes moedas); de um exército forte; uma burocracia muito precisa que abranja todos os campos do Estado; tudo isso a serviço da classe dominante. Seja que Estado for, por mais democrático que seja, ao fim e ao cabo ele é uma *ditadura*. Aquele Estado jacobino, todo democrático; aquela sociedade social-democrática em que todo mundo pode votar, se manifestar... Não, é uma ditadura, porque os marcos estreitos daquela sociedade são sempre delimitados pelos interesses da burguesia. Logo, por mais que seja democrático, esse Estado é uma ditadura burguesa. Agora, olha que interessante: eu estou dando nome e sobrenome (ditadura burguesa), estou qualificando a ditadura.

Os marxistas vão entender que existe uma forma de eu tomar o Estado e estabelecer uma outra ditadura, a do proletariado.

Os anarquistas, não. Eles vão entender o Estado como uma construção em si, isto é, não importa a quais interesses esse Estado, em tese, legisla – se é da burguesia ou do proletariado. Se é Estado, automaticamente é sempre uma ditadura e, como tal, sempre vai se degenerar, mesmo que quem vai contra a ditadura seja revolucionário.

O marxista vai falar que a gente nunca teve um Estado propriamente proletário em condições de desenvolvimento, em estado de paz para poder desenvolver. Eu faço par com aquelas pessoas que dizem que nem dá pra se fazer uma crítica à União Soviética se a gente se

lembrar que toda a União Soviética sempre viveu em clima de “guerra fria”. O marxista vai dizer que a experiência de Estado que a gente tem hoje é a de Estados com ditadura burguesa. O que nós precisamos construir, como processo de transição para o comunismo, seria um Estado proletário. Um anarquista diria: a gente não quer Estado algum. Então, quando a Modernidade começa, a gente tem um embate muito forte entre aristocracia e burguesia, porque a burguesia tem dinheiro e a aristocracia não, mas tem outras coisas que os burgueses gostariam de ter: sangue azul! O direito de ser respeitado socialmente, o direito a ter propriedades gigantescas de terra. É quando surge o “comércio” de títulos de nobreza, as pessoas compram títulos de nobreza. Uma das formas de adquirir esses títulos era: o nobre, que não tinha absolutamente porra nenhuma, mas tinha uma filha ou um filho, e o burguês também tinha o filho ou a filha. Então o nobre negociava: não quer casar sua filha com meu filho, que tem título de nobreza? A sua filha vem com o dote... Isso se tornou, então, uma forma de troca. O burguês sabia que ele não iria ser nobre, mas os seus netos, sim. Um pouquinho antes desse período tem um processo importante para a gente entender o capitalismo: “acumulação primitiva do capital”. Foi um período de mais ou menos 300 anos, que significou principalmente um movimento em que esses primeiros burgueses, principalmente comerciantes... eles não tinham inicialmente capital em grande volume, mas começam a comprar muitas coisas: terras, quadros, peças de ouro, propriedades, coisas para enfeitarem suas casas burguesas. Em algumas gerações, novas oportunidades de desenvolvimento econômico surgem, como o princípio das manufaturas, por exemplo. Todas essas tralhas que estavam nas casas das famílias, em algum momento, por conta da necessidade de liquidez, de fazer dinheiro rápido, os filhos ou netos de quem comprava todas aquelas coisas começaram a vendê-las e investir nas primeiras manufaturas, nas primeiras formas de industrialização, ainda rudimentar, ali pelo século XIX. Por isso é que esse período de compra, de aquisição, de guarda desse material, que vai ser vendido gerações depois, vai virar “acumulação primitiva do capital”. Quem comprava essas coisas não pensava nisso como capital, mas depois se realizou como tal com seus descendentes. Quando a gente chega ao século XVIII para o XIX, a gente tem a importante Revolução Industrial. Ou seja, da acumulação primitiva do capital até aqui, a gente vai ter um desenvolvimento muito



grande do capital, uma ascensão da burguesia e uma acomodação da aristocracia, o que significa que, nesse processo, a gente tem duas importantes revoluções burguesas. Vocês sabem que o Brasil é um país de porte intelectual francês, não é? Quem nos colonizou intelectualmente foram os franceses. A gente aprende na escola que a primeira revolução burguesa foi a francesa mas, na verdade, foi a inglesa. Na verdade, a francesa foi nos moldes da inglesa.

A Revolução Inglesa foi motivada principalmente por parte da burguesia e por parte da aristocracia pequena insatisfeita com seus espaços, que acabaram decapitando o rei na Inglaterra e instituindo uma república. Quem liderou essa revolução foi um cara chamado Cromwell, que era um monarquista e por isso acabou se restaurando a monarquia. Depois veio a Revolução Francesa. Qual a diferença para a inglesa? A classe trabalhadora, na Revolução Francesa, teve um papel muito mais importante, durou mais tempo e deixou um legado muito mais palpável que a gente discute até hoje. Ela tem, no seu começo, uma associação muito forte entre burguesia e trabalhadores, mas, dentro do processo revolucionário, a burguesia dá um golpe dentro do golpe sobre a classe trabalhadora e ela se torna uma revolução eminentemente burguesa. Mesmo Marx vai falar que, em determinado momento, a burguesia foi extremamente revolucionária e importante para tirar o Ocidente da mentalidade medieval. Apesar de ter sido em 1789, a Revolução Francesa, apesar de já haver um movimento de comércio, as mentalidades, as relações no campo eram extremamente medievais. Havia ainda a servidão, ou seja, o atrelamento do indivíduo à terra de uma forma tão profunda, de relação hereditária. O Kropotkin fala que alguns republicanos, poucos anos antes da Revolução Francesa, falavam que eles eram praticamente quase nada até o momento da revolução, quando muita gente aderiu ao processo. Pois bem, até aqui a gente tem o desenvolvimento do capitalismo, que vai passando por algumas etapas até chegar na etapa da Revolução Industrial, do capitalismo industrial, um período de profundas, intensas e rápidas transformações sociais, com o desenvolvimento muito rápido das ciências, das novas tecnologias, da comunicação de massa (jornais). E o desenvolvimento industrial vai levar à possibilidade de organização da classe trabalhadora, porque, como bem escreve o Marx em *O Manifesto*, a Revolução Industrial vai gerar uma condição, na classe trabalhadora, muito profunda de transformação. Então, a

gente vê a rápida transformação de uma massa de pessoas que viviam nos meios rurais, com certo distanciamento entre si, trabalhando ali na máquina, o dia inteiro.

Pois bem, é desse período que a gente está falando, em que a classe trabalhadora começa a se organizar mais, a ficar mais próxima, a ver o que está acontecendo. Não é mais eu plantando aqui e levando três dias para chegar até o vizinho; agora estou trabalhando do lado do meu parceiro, vendo o que essa nova sociedade está trazendo para a gente. Então, tem que começar a lutar... pelo sufrágio universal, pela diminuição da carga de trabalho, pelo fim do trabalho infantil. Enfim, a classe trabalhadora fica mais unida. E aí, no momento em que ela se une, em que ela se *mobiliza* – mais do que se organiza –, quer dizer, entra em estado de movimento e começa a questionar a sociedade em que está vivendo, projetos começam a surgir, dentro dessa mobilização, e levam à organização dos trabalhadores. A AIT, Associação Internacional dos Trabalhadores (a I Internacional), surgida em Londres em 1864, começa a abrigar uma organização de trabalhadores, dentro da qual surgem algumas questões pontuais entre eles.

A gente pode separar em dois grandes grupos esses diversos projetos colocados na AIT: os “libertários” e os “autoritários”. Entre os principais nomes dos libertários - não são os únicos, porque também tem o Malatesta e o Owen - que vão estabelecer correntes de pensamento, estão o francês Proudhon (1808-1865) e os russos Bakunin (1814-1876) e Kropotkin (1842-1902). Quem são os “autoritários” (denominação dada pelo Bakunin)? O Marx (1818-83) e o Engels (1820-95). Esses trabalhadores já sabiam algumas coisas: a nossa luta é contra o Estado. O Marx tem um texto muito bacana, muito fácil, que todo mundo devia ler, chamado *O capital...* [risos] Caramba, é sobre anarquismo e eu tô falando do Marx! Mas é uma leitura extremamente necessária, não tem como fugir disso. Enfim, algumas questões estavam muito em comum acordo para esses trabalhadores organizados, que é a abolição do Estado, o Estado burguês, bem como as relações do capital. Mas a contradição estava dentro dessa classe trabalhadora, por conta desses projetos.



A primeira pessoa que usou a palavra “anarquismo” foi o Proudhon. Mas a palavra anarquista ou anarquismo não estava tão bem colocada entre eles como a gente imagina hoje. O que estava colocado entre todos, aqui, era a necessidade da construção, ou melhor, da socialização (nem era *socialismo*, ainda) dos meios de produção, dos produtos, das trocas e consumo destes produtos.

Então, de certa forma, todos esses trabalhadores eram “socialistas” – palavra maldita que quer dizer muita coisa. Adora-se dizer “ah, os nazistas também eram socialistas”, não eram mas estava no plano dos caras, né? Qual era a grande diferença? Qual era o problema para essas pessoas, para esse conjunto de pensamentos representado por essas pessoas, nesse processo de socialização? O Bakunin, importante liderança junto com o Marx e com o Engels na I Internacional, falou que o programa dos marxistas era autoritário, enquanto o deles era libertário. Por que isso? O Proudhon vai desenvolver um pensamento que ele vai chamar de “mutualista”, ou seja, baseado na ajuda, na cooperação mútua; o Bakunin vai criar o que ele chamou de “coletivismo”; e o Kropotkin, o “anarco-comunismo”. Cada um com uma teoria, por isso é que a gente fala que “anarquismo” é uma palavra muito genérica; não dá pra você se referir aos projetos e programas dessas pessoas utilizando essa palavra genérica. Historicamente, a gente acabou criando um conceito de anarquismo que pouco explica as propostas desses caras, porque existem contradições muito grandes entre eles.

Primeiro, o mutualismo. Marx foi muito amigo do Proudhon e o respeita muito. Talvez tenha sido o único entre eles que realmente era da classe trabalhadora, que escreveu de dentro mesmo. Mas, em algum momento, começa a ter um acirramento entre esses projetos, para ver qual se tornaria paradigmático, e o Marx começa a detonar o Proudhon, que escreve *Filosofia da Miséria*, um livro criticando o Marx. Aí o Marx escreve *Miséria e Filosofia*, um livro criticando o Proudhon. Então, o Marx escreve um livro para desqualificar o Proudhon, cujo pensamento proposto com o mutualismo seria uma forma de relação entre as pessoas. Imaginem que acabou o Estado capitalista. Os trabalhadores se associariam (todos esses anarquistas são federalistas), todos seriam donos do seu material de produção, os meios de produção são das pessoas, manteriam-se os salários mas

não nos princípios do capital. Ou seja, você me vende a sua força de trabalho por determinado período de tempo e eu lhe pago com salário, que não tem nada a ver com a produção. Eu não vendo o meu trabalho, mas a minha *força de trabalho*. Então salário é o que eu pago pela venda da sua força de trabalho. A ideia de salário é outra. Na verdade, o que a pessoa está recebendo é pelo *trabalho* que ela teve, então, eu recebo de acordo com o meu volume de trabalho realizado, pagamento este que pode ser por nota de trabalho mas não na moeda que se entende no capitalismo, certo? Esse(a) trabalhador(a), associado(a) a outros trabalhadores, vai organizar a produção em associações e é detentor(a) daquilo que produziu, então, pode comercializar o que produziu. Então, além da propriedade privada, eu mantenho uma ideia de troca, um livre mercado. Tranquilo? Lembra o neoliberalismo? Veja, eu produzi associado com esses quatro aqui. Vamos supor que vamos produzir sapatos, todos juntos. A gente trabalha, comercializa, e a gente paga com nosso trabalho, entendeu? Por isso é que eu falei para esquecer a ideia de *salário* dentro dos moldes do capitalismo. Dentro dessa proposta, todos os trabalhadores terão os seus próprios meios de produção. Eles são associados! Mas não é a coletivização que será proposta pelo Bakunin.

Talvez uma das grandes deficiências dos anarquistas é eles terem feito propostas quase abstratas; eles colocaram o que seria ideal, mas não necessariamente eles escreveram como esse ideal seria realizado no cotidiano! Fica uma grande lacuna, neste sentido. Tá, você me propõe isso, mas como é que eu chego a isso, como eu organizo isso? Essa preocupação não existiu. Isso ficou sem resposta.

Então existe a propriedade privada, a posse dos meios, existe um livre mercado. A forma que o Proudhon encontrou para regular essas relações foi a criação de um Banco do Povo. Então existiria um serviço bancário que não seria de alguém ou do Estado. As insuficiências de uns foram criticadas pelos outros. O Bakunin respeitava muito Proudhon, mas fez críticas a ele, entre elas a forma muito abstrata como o Proudhon tratou algumas questões, como a manutenção da propriedade privada. Então ele vai criticar parcialmente a ideia das trocas e a do Banco do Povo. O Bakunin vai sugerir o seguinte: não vamos manter a propriedade privada, a gente socializa (ou coletiviza) os meios de produção, porque não há como eu deter os meios de



produção numa sociedade capitalista. Então tudo vira de todos. Eu mantenho uma ideia de pagamento pelo trabalho, por nota de trabalho ou por crédito. Ao longo do mês você trabalhou 40 horas e vai receber um documento dizendo isso. Os produtos vão ser estipulados em cima das horas de trabalho que eles levaram para serem produzidos. Você troca por hora de trabalho.

Tem uma crítica num desses livros que eu acho muito bacana. Vamos supor que uma fábrica tenha x trabalhadores, trabalhando tantas horas por semana. Eu vou multiplicar tantos trabalhadores por tantas horas de trabalho e por tanto que foi produzido e eu chego ao número de tantas mil horas de trabalho. Então, esses trabalhadores dessa fábrica, dessa unidade de trabalho, vão receber o equivalente a tantas horas de trabalho para eles dividirem entre eles como eles acharem ideal. Cada unidade de trabalho tem autonomia de decidir o que vai fazer. Onde é que eu vou gastar essas notas de trabalho ou esses créditos? Eu vou comprar isso não no mercado livre como o Proudhon pensou, pois não existe a ideia de eu pegar o meu produto e colocar na minha banquinha, não é isso. O que é produzido vai para mercados coletivos. O que significa isso? Socialização dos meios de produção dos produtos e trocas e consumo desses produtos. Aqui, o meio de produção ainda é do indivíduo, a produção e a troca. O Bakunin já está pensando nisso de outra forma, mas ainda existe a questão de pagamento.

O Kropotkin vai falar assim: tanto o Proudhon quanto o Bakunin estão viajando, piraram! Não tem como socializar os meios de produção e manter formas de salário, então ele critica. Num dos textos, ele fala que os coletivistas e os mutualistas estão equivocados. Ele mantém o princípio, principalmente na questão do trabalho e do pagamento, nocivo a qualquer sociedade igualitária. Então, ele propõe a socialização dos meios de produção, não existe nenhum tipo de mercado porque não existe nenhum tipo de pagamento: todo mundo produz de forma associada, organiza a distribuição dentro de estruturas em que esteja tudo ali e as pessoas vão pegar de acordo com suas necessidades, distribuição coletiva dos produtos e, conseqüentemente, do seu consumo.

Carlos Biaggioli - E quem não produz?

Checchia - Esse é o problema.

Marcos Pavanelli - Não, quem não produz não produz! Qual o meu direito sobre uma pessoa que não quer produzir?

Checchia - Falou como um perfeito anarquista. Os anarquistas têm um princípio que eu vejo quase como uma fragilidade, que é um “espontaneísmo”, quase um pensamento muito abstrato, muito idealista, de achar que todo mundo vai querer. O Kropotkin e o Bakunin vão dar grandes contribuições à ideia da educação libertária. Como educador de arte, eu particularmente sou muito libertário nos processos educativos. Tem uma escola inglesa chamada Summerhill, que existe até hoje, maravilhosa, atenta ao princípio libertário, e a Escola da Ponte, em Portugal. A educação libertária, onde eles vão criar os princípios, é primorosa, porque acreditavam que bastava a pessoa crescer dentro dessa forma de educação para ela automaticamente ser libertária. É muito bacana. Não sei se vocês conhecem a história, mas em Osasco havia uma colônia anarquista muito forte, com anarquistas que trabalhavam aqui na região oeste da capital, produzindo as garrafas da cerveja Antártica, eram vidreiros. Houve uma greve, nem puxada por eles mas por garotos brasileiros, de uns 9 anos, que tinham o trabalho de ficar empurrando os carrinhos. A reação contra os meninos foi tão violenta que os trabalhadores italianos resolveram fazer uma greve que se estendeu por vários dias e acabaram sendo despedidos. Resolveram ir para Osasco porque alguns tinham parentes lá, e a areia que tinha num córrego em Osasco era muito boa para fazer vidro. Então, ali, eles montaram uma cooperativa de vidreiros. Tanto na fábrica quanto para Osasco, uma das primeiras coisas que eles criaram foi a escola. Quando chegaram para trabalhar em São Paulo, uma das exigências era a permissão de montar uma escola anarquista que pudesse, inclusive, ser frequentada por crianças brasileiras, porque eles tinham muito forte essa preocupação da educação, por acreditarem que bastava uma boa educação. Eles usavam muito a arte: tinha muito teatro, panfleto, saraus, os piqueniques para ir provocando e despertando as pessoas. Então, tinha essa questão espontaneísta, de acreditar que bastava ser assim, ter esse ambiente, essa formação para automaticamente você ser um libertário. Bom, quais eram os meios, como se organizavam esses anarquistas, quais eram os princípios para chegarem a esse novo Estado? Um dos seus primeiros instrumentos foi a AIT, cujas principais lideranças (não as únicas), no seu início, foram Bakunin, Marx e Engels – a briga entre *autoritários*



e *libertários*, usando as expressões maldosas e preconceituosas do Bakunin.

Nesse primeiro momento da I Internacional a briga pela hegemonia, pela constituição do que seria paradigmático na organização internacional dos trabalhadores, opunha os projetos anarquistas, o que significava que a AIT deveria ser uma “federação”, isto é, os trabalhadores se organizariam dentro dos seus próprios grupos, nas suas cidades, nos seus países. O princípio básico do anarquista é: somos trabalhadores associados.

Para eles, a Internacional não poderia ser uma relação de submissão por níveis, mas só uma articulação, um ponto de encontro. O Marx, o Engels e os seus “correligionários” – como a gente fala na política tupiniquim – pensam na centralização da organização, não é? Então, no diretório de Londres, o papel dos comissários que organizaram a Internacional não era só articular, mas ser o ponto de comando, de organização de cima para baixo, dentro do princípio que depois vai ser conhecido como “centralismo democrático” O que acontece dentro do centralismo democrático é que você tem o direito de debater, discutir, votar; você perdeu, ganhou; mas na hora que centraliza, a proposta é essa e todo mundo tem que defendê-la. A proposta do Marx é centralizadora; a dos anarquistas, federalista. O Marx e o Engels partiam da seguinte proposta: o Estado existe, é uma realidade historicamente construída, então, o que nós precisamos é tomar o Estado e constituir a “ditadura do proletariado”. Esse termo tem queimado o movimento marxista ao longo da História, porque as pessoas se aproveitam da palavra *ditadura*, pensando que ela significa só alguém dando chicotada ou paredão, quando ditadura significa que uma classe impõe a outra classe não apenas a violência autorizada, mas todo um conjunto de valores, práticas e burocracia que amarra essa outra classe.

Marcos Pavanelli - A gente vive uma ditadura!

Checchia – Sim! Um dos princípios básicos, um dos elementos que constituem a ditadura burguesa ou do proletariado é a ideologia. No pensamento marxista existem dois conceitos de ideologia: o conceito

forte e o *fraco*. No forte, ideologia é uma construção tão profunda de representação simbólica, de valores, um falseamento da realidade que parece tanto a realidade, que é colocado pela classe que manda sobre a classe que obedece, que esta acredita que também pensa daquele jeito, não critica, reproduz o comportamento do opressor. São distorções por questões de classe que a gente não questiona.

Então, o Marx, o Engels e os marxistas levaram para a mesa da Internacional a proposta de uma organização mais centralizada dos trabalhadores – essa foi uma das críticas feitas. Eles vão também discutir a questão (que para o Bakunin e para o Kropotkin é muito legal) do “trabalhador qualificado”. O Marx fazia uma distinção entre o trabalho qualificado e o trabalho não qualificado. Eu concordo mais com a crítica do Kropotkin, de que se você ficar discutindo quem é ou não qualificado você pode criar quase que uma pequena aristocracia dos qualificados sobre os não qualificados. Quanto à questão do Estado, a proposta marxista era: vamos tomar o Estado, instalar a ditadura do proletariado, em cujo processo se faz um rearranjo da sociedade que permita uma transição ao socialismo – assim, a priori, a ditadura do proletariado não é o socialismo propriamente dito. Depois, o próprio decorrer do socialismo vai levar à construção do comunismo. Agora, se alguém perguntasse: “Marx, como vai ser o mundo comunista?” “Não tenho a mínima ideia.” “Marx, como vai ser o mundo socialista?” “...” “Marx, como vai ser pelo menos o processo de transição ao mundo socialista?” “Aí ele aponta possibilidades, não em livro, mas em alguns textos.

Estávamos falando sobre a importância dos anarquistas aqui. A maior parte dos grupos que estavam dentro da Comuna era anarquista, blanquista, jacobinos e uma porção nem tão grande de marxistas. O Blanqui foi um insurgente, um revolucionário francês que não se encaixava nos princípios anarquistas, com um recorte de classe dentro das observações dele, mas não era um materialista como Marx ou como os anarquistas. Era um período com muitas propostas revolucionárias e ele foi um grande conspirador, tanto é que ele não participou da Comuna de Paris porque estava preso. Então, havia muitos seguidores dele, os blanquistas.

Havia muitas propostas de socialismo. A dele era mais uma proposta revolucionária de radicalização da democracia, dos acessos, do que



uma proposta formulada de socialismo. Era mais um insurgente, tinha mais uma postura de negação, mas não dialética. Os jacobinos, que vocês já estudaram, democratas radicais que não necessariamente escutam o corte de classe. Existiam muitos proudhonianos na Comuna de Paris, os mutualistas estavam em maior massa lá. O Marx fala que a Comuna de Paris é uma ideia (não acabada) de ditadura do proletariado. Está no livrinho *Guerra Civil de França*, muito legal de ler. Essa publicação tem uma introdução do Engels, póstuma, revendo algumas posturas, quase dizendo: se o Marx estivesse vivo, aqui, ele teria feito algumas coisas diferente. Outro texto do Marx em que ele fala sobre como poderia ser é o *Crítica ao Programa de Gotha*, onde, em poucas linhas, ele resolve muitas dessas questões aqui. O Marx pergunta: o que seria uma sociedade em transição? Como se daria a questão da distribuição, do trabalho? Ele diz que, num mundo capitalista, as pessoas recebem um salário que corresponde ao valor que o capitalista atribuiu à sua força de trabalho; ele não corresponde à sua produção. O Marx vai falar o seguinte: bom, primeiro as pessoas têm que produzir. O *Programa de Gotha* fala que tudo o que for produzido vai ser distribuído para as pessoas. Marx diz que não é assim. Primeiro, da riqueza produzida tem que deduzir a garantia de quem não trabalha: crianças, idosos, doentes, pessoas com necessidades especiais (mentais ou físicas). Então, é quase como uma previdência social. Como a gente garante a sobrevivência daqueles que não podem trabalhar? Mas e quanto àqueles que *não querem* trabalhar? Quem não quer trabalhar não está produzindo, não vai receber. Não vai receber o produto do que trabalhou, mas recebe, ali, alguma forma de pagamento pelo trabalho que não é salário, o salário é algo do capital. A pessoa vai receber a partir do que produziu, a relação de horas trabalhadas dentro da produção. O Marx ainda diz, olha que interessante: quando a gente paga a pessoa pela hora trabalhada, pelo que ela produziu, não pela força de trabalho, a gente está corrigindo uma exploração social das relações de trabalho. No capitalismo isso se dá pela compra da força de trabalho. Então, quem trabalha muito vai receber muito pelo seu trabalho; quem trabalha pouco vai receber menos. Isso resolve uma injustiça social, mas – olha a sacada brilhante do Marx! – ainda não resolve uma desigualdade biológica: no trabalho braçal tem o cara que vai produzir menos porque é fisicamente menos preparado. O cara do braço vai fazer

não sei quantas vezes mais do que eu! Além disso, intelectualmente existem pessoas mais preparadas do que outras. O Marx diz que essa desigualdade biológica também tem que ser corrigida. Como? “Não sei.” A gente vai conseguir pensar nisso quando isso estiver acontecendo. O Marx pensava: “cara, não sei o que vai vir no futuro!” Quando ele chegar e permitir essas novas relações e, ao mesmo tempo, as forças produtivas estiverem saturadas, aí vai haver uma revolução de acordo com a possibilidade do que aquele momento permitir. Marx dizer, no século XIX, como isso vai ser era completamente absurdo, até porque não estava no horizonte, não é? Mesmo diante da Comuna de Paris, Marx sabia que não estava no horizonte a revolução socialista. Ele acompanhou de longe, de forma muito entusiasta, saudando a Comuna mas sabendo que ela não aconteceria.

O Kropotkin propõe colocar toda a produção no armazém e todo mundo ir lá e pegar, livremente, de acordo com sua necessidade. Isso é impossível. Sem um Estado, sem uma forma de organização que garanta minimamente uma equidade na distribuição, como é que você vai organizar? Não a equidade burguesa – é importante saber essa diferença. Tem um *cartoon* que rolou na Internet que mostrava um professor; na frente do professor, um peixinho no aquário, um macaco, uma foca, vários bichos. O professor falando: “a prova é igual para todo mundo”. Peixe subir na árvore! Essa é a igualdade burguesa, que nega a história dos elementos que chegaram até aquele momento. Um peixe e um macaco: passa na prova quem subir na árvore! O peixe pode tentar a vida inteira, mas não vai conseguir. Talvez daqui a milhares de anos ele vai evoluindo até virar um símio. Mas não é o caso. É diferente da igualdade, vamos chamar de revolucionária, que considera as características e particularidades dos elementos envolvidos. Então, a igualdade não está no como eu vou fazer isso, mas no respeito que vou ter para que todos consigam fazer. O princípio da igualdade, revolucionária ou socialista, é completamente diferente da igualdade burguesa.

Esse princípio da igualdade é presente tanto no marxismo como para os anarquistas

O princípio. Agora, nas formas de realização desse princípio, as contradições dentro do anarquismo dificultam o processo. Por exemplo,



pegando o Brasil, se fosse uma nação socialista seria um dos países mais ricos do planeta, porque tem todos os climas, solos, tipos de vegetação em um país só. Não é como a Islândia, por exemplo, que só tem neve. A gente nem precisaria se preocupar tanto em fazer trocas com outros países, as trocas internas já seriam extremamente ricas. Como eu posso garantir que uma produção feita no Sudeste chegue ao Acre, onde a escassez de frutas é muito grande, se eu não tiver a estruturação da sociedade centralizada e organizada? Como a gente faria, para os anarquistas? Eles falam muito de federações frágeis, elas teriam de estar em estado de instabilidade para poderem mudar de acordo com as necessidades. Mas como eu faria para estabelecer uma relação de troca entre regiões tão distantes? Eu acabaria condenando aquela região a tentar produzir quase tudo o que ela precisa! No socialismo a ditadura do proletariado seria só um passo para se chegar numa sociedade sem Estado. Só que os anarquistas são completamente contra, talvez aí o Marx estivesse certo em muitas das suas críticas. Um Estado feito por revolucionários tenderia à estratificação, tenderia a privilégios dos quais talvez as pessoas não quisessem abrir mão.

Marcos Pavanelli - Mas qual era a alternativa que eles davam para isso?

Checchia – Pois é. Olha que interessante: você tem muitas propostas de como organizar a sociedade a partir do momento da revolução. Mas não tem muitas propostas concretas de um período de transição para o outro. Então a gente abole o capital e se organiza em comunas. Mas você tem grandes macro-planejamentos, é por isso que muitos dos anarquistas estão dentro daquilo que o Marx chamou de “socialismo utópico”. O Marx declara que todas essas experiências, pensamentos são legítimos, verdadeiros, interessantes. Mas são utópicos porque não apresentam cientificamente uma forma de realização.

Simone Brites Pavanelli - Tirando essa parte da ditadura do proletariado, se para o marxismo o passo seguinte é uma sociedade sem Estado, chega no anarquismo?

Checchia – Não chega. Esse é um erro muito grande que a gente comete no senso comum. Chega no comunismo, mas olha só: as pessoas tendem a dizer que os anarquistas e os marxistas querem

a mesma coisa, que é o comunismo, o que muda é o caminho para chegar lá. Não é tão simples, porque mesmo entre eles as contradições são muito acirradas. A forma como o Kropotkin critica o livre mercado mutualista ou o assalariamento coletivista é violenta. É por isso que o Marx comete uma pequena sacanagemzinha com os anarquistas na I Internacional. Porque, enquanto os anarquistas dizem que não querem se organizar, ficam no espontaneísmo, o Marx diz: beleza, vou organizar a galera. Organizou e acabou expulsando esses caras da Internacional, acabou não tendo espaço, rolou um clima e os caras foram tirados. O Bakunin foi expulso!

Teve um racha tremendo. A I Internacional vai, se não me engano, até 1886, o Marx já tinha morrido. Constrói-se uma nova AIT anarquista. A Internacional se organiza na II Internacional, começada se não me engano pelo Engels, marxista, mas com uma tendência muito grande de sociais-democratas, com caráter extremamente reformista, no sentido de abrir mão da revolução. E o Lenin constitui a III Internacional, que depois é tomada pelo Stalin. Qual foi o grande problema da II Internacional? Um dos grandes rachas que têm dentro do movimento trabalhador às vésperas da I Guerra Mundial era a liberação de créditos de guerra pelos deputados de esquerda que ocupavam os parlamentos. O que eram os créditos de guerra? Uma verba que os governos precisam para se armar e irem para a guerra. Na II Internacional, ela defendeu que os seus integrantes que ocupavam os parlamentos apoiassem a liberação desses créditos de guerra. Aí o pessoal de esquerda mais radical rompe com ela: “você já estão vendidos para o capital, porque a guerra é um instrumento do capitalismo para se reproduzir”, e aí fundam a III Internacional. A II Internacional, se não me engano, existe até hoje e aglutina os principais países reformistas do mundo. Aí o Lenin cria a III Internacional, extremamente revolucionária. É meio problemática essa proposta do Lenin, mas foi o que todo mundo estava querendo. Ela acaba virando uma grande instrumentalização de revolução nos outros países, e o modelo que o Lenin coloca é o da Revolução Russa, o que é problemático, porque você cria algo não-materialista, uma idealização de processo que não é necessariamente possível. Quando ele morre, o Stalin assume a Internacional e acaba transformando-a numa corrente de transmissão do PCUS (Partido Comunista da União Soviética). E ela acaba em 1956, se não me engano, ele mesmo rompe com ela. E o Trotsky cria



a IV Internacional, e hoje existem umas quatro ou cinco organizações internacionais que dizem “nós somos a IV Internacional”. O racha que tem entre eles não permite uma unidade entre os próprios anarquistas; o que existe é afinidade sobre alguns pontos-chave do anarquismo: o federalismo...

Vamos pegar uma fábrica, a General Motors, que pode se identificar como uma associação de trabalhadores. Numa unidade as peças são construídas e nas outras elas são montadas pelos trabalhadores. Como uns dependem dos outros, então a organização vai de acordo com os próprios trabalhadores, não existe uma normatização de como essa associação vai acontecer, vai de acordo com a organização dos trabalhadores. É bem cooperativa. Mas você entende? O princípio do espontaneísmo e do individualismo está muito dentro do anarquismo, por isso é que existe a expressão “anarquismo egoísta” ou “egoísmo anarquista”, porque vai existir uma tendência dentro do anarquismo que é a de que o princípio básico é a minha satisfação pessoal. Mesmo a organização entre nós tende, primeiramente (e, para alguns desses grupos, unicamente), à minha satisfação pessoal. Muitos anarquistas, inclusive, vão dizer que os marxistas têm um problema grave, que é o de colocar a sociedade na frente do indivíduo e, por isso, não garante ao indivíduo o princípio básico do anarquismo, que é a liberdade. É complicada essa questão. Então, tem o federalismo, a relação indivíduo X sociedade, em que a tônica está no indivíduo; tem a questão da negação completa de qualquer forma de Estado, não existe a mínima possibilidade de um órgão organizador que se assemelhe a qualquer proposta de Estado já acontecido na História (ou por acontecer). Então, quanto às federações, vamos supor que tenha os trabalhadores da GM, da Brastemp, da Caloi, dessas fábricas todas, que, por uma questão geográfica ou de cadeia produtiva, conforme houver uma identificação entre eles, podem se organizar numa comuna, inclusive podendo estabelecer processos de trocas, sem uma organização, que, se existir, é mínima, acima da relação imediata da produção. Alguns anarquistas vão colocar: isso aqui é São Paulo, Acre, Rio Grande do Sul. Então, até por identificação de língua, de cultura, a gente estabelece uma federação do Brasil, que vai, por sua vez, dialogar com uma federação argentina...

A maioria das propostas anarquistas parte do princípio do respeito

total às individualidades, à liberdade do indivíduo. O indivíduo tem a liberdade de se cooperativar também. Eu reconheço que existe em mim uma necessidade de trabalhar junto com você, mas, se eu não quiser, vou procurar outro lugar para trabalhar. Não existe nenhuma força de coerção ou de convencimento que faça eu trabalhar com você.

Não existem grandes elaborações sobre a questão do bem-estar social numa sociedade anarquista. Marx falou: a gente vai cuidar primeiro dos que não podem, os que não conseguem... Agora, numa sociedade marxista: desculpa, filhão, você tem que trabalhar! Você quer comer? Você tem por que não trabalhar? Eu não sei até que ponto isso não acontece, as sociedades são muito diferentes do ponto de vista do capital. O próprio espírito de generosidade, de companherismo, de relação de preocupação com o outro é muito diferente, acho que o cara não vai morrer de fome, acho que por conta de política pública.

O próprio conceito de trabalho numa sociedade não-capitalista (não estou nem usando o termo “socialista”) é completamente diferente da que a gente tem numa sociedade capitalista. A ideia que tem de trabalho é muito complexa, porque a gente faz o que gosta, mesmo recebendo pouco.

Então, voltando, tem a questão do federalismo, uma articulação entre associações de trabalhadores autônomos, sem subordinação. A federação não traça planos verticais como os Quinquenais na URSS, por exemplo, uma planificação da economia, planos para cinco anos (onde a gente está e onde a gente chega). Bom, então, tem federalismo, relação indivíduo e sociedade tendendo ao individualismo, tem a negação do Estado. Existem algumas práticas anarquistas não comungadas por todos eles. Uma das que mais criaram problemas é o que hoje a gente chama de “ação direta”, que, se não me engano, o Bakunin chamava de “propaganda pela ação”, que é a seguinte ideia: a melhor forma de estimular as pessoas e levar ao golpe de Estado. O Kropotkin vai criticar muito essa ação e quem mais a pratica é o Bakunin. Vamos criar fatos reais que, em tese, animariam as pessoas a se rebelarem e, em algum momento, por meio disso, aconteceria uma insurreição total e viria o golpe de Estado. Uma das formas de propaganda direta é o que o pessoal



chama de “redecídio”, ou seja, assassinar reis, nobres, aristocratas, capitalistas, destruição de símbolos, feito os black-blocs. Um grupo que vai refletir muito sobre isso é o dos situacionistas, dos anos 50 e 60. Os situacionistas eram militantes que acreditavam que podiam criar “situações revolucionárias”, como atos terroristas mesmo. Na verdade as palavras “ocidental”, “capitalista” ou “legalista”, para isso, em certa medida seria a ideia do terrorismo – que pode, também, ser um terrorismo *estético*, tipo pintar a estátua principal da cidade, que é a ideia da agressão aos símbolos. Uma das formas de organização de parte dos anarquistas é o “anarco-sindicalismo”, uma corrente anarquista que acreditava na organização em sindicatos. Não é essa ideia de sindicato como organização dos trabalhadores por melhores condições de trabalho dentro do capitalismo, mas uma organização de trabalhadores que visavam se manter mobilizados para realização de algumas ações que pudessem levar ao desequilíbrio total do capitalismo. Uma dessas ações é, inclusive, a ideia da greve. A greve da Cobrasma em Osasco, famosa, em 1968, e a greve de Contagem (MG), ambas muito próximas, foram as primeiras greves de enfrentamento ao capital ocorridas durante a ditadura, a partir das quais, em 1978, vão surgir as greves do ABC e a ideia do Lula. Muitos dos caras que estavam, por exemplo, na greve de Osasco são hoje pessoas muito próximas do, vamos chamar Comitê Central, do grupo do Lula, a CNB, Comitê Novo Brasil. O Roque Brasil foi uma liderança da greve da Cobrasma, que é um grande quadro do PT e por aí vai. Quando essa greve estourou, o que a motivou era o arrocho salarial, mas, para eles, isso era só um pretexto. A ideia dos grevistas era: a gente faz uma greve em Osasco, várias fábricas param, agita o meio estudantil, outros estados vão se empolgar, vão fazer greve junto com a gente e a gente faz a revolução socialista. Hoje são todos senhores, você conversa com os caras e eles dizem: “A gente viajava, na época! A gente achava que ia fazer uma greve em Osasco e que ia levar à mobilização nacional, que ia derrubar o regime militar e o capital e, em pouco tempo, a gente instaurava o socialismo”. Mas era essa a ideia desse sindicato, dessa organização de trabalhadores que cria situações revolucionárias. Nem todo anarquista acredita no anarco-sindicalismo. O Malatesta, por exemplo, importante anarquista italiano, achava um absurdo, falava que sindicato é uma organização e, sendo tal, é anti-anarquista por natureza.

Eles estão organizados, constituídos inclusive para isso – mas não só para isso. No que isso difere do marxismo propriamente dito ou das concepções mais genéricas do capital, tanto das obras marxianas (escritas pelo Marx) como da tradição marxista – escrita pelo Marx e pelos marxistas que vieram depois dele, que vão elaborar mais o pensamento? Federalismo não garante nem possibilita a construção de uma nova sociedade; é impossível achar que espontaneamente grupos autônomos e associados conseguirão articular todo um país ou toda uma região de forma a garantir a estabilidade e as necessidades dos seus cidadãos. Com a queda do Estado, como é que você faz, quase por geração espontânea, pra ela se organizar rapidinho, conseguir se manter e se retro-alimentar? É impossível eu colocar uma carga maior sobre o conceito de indivíduo em detrimento, se for necessário, da questão da sociedade. Eu preciso ter uma sociedade organizada e capaz de gerar condições para que os indivíduos possam surgir com uma nova subjetividade. Quer dizer, você vai ter uma massa de revolucionários que já têm introjetado. Eu me digo socialista e comunista, mas de fato eu não os sou. É quase impossível, eu sou um revolucionário, nós somos, porque vivemos no tempo da revolução, a gente não vive no tempo do socialismo, a gente não vive uma experiência socialista. A gente nem sabe o que vai ser. Pode ser que a gente comece uma sociedade socialista e nem goste muito dela. O que nós podemos ser é revolucionários. Então, o pensamento marxista tem, sim, a necessidade de organização da sociedade, sem esperar que os indivíduos espontaneamente (ou por ações não organizadas) possam criar uma nova subjetividade mais revolucionária. Não existe a negação do Estado, mas, sim, uma distinção entre o Estado burguês e o Estado proletário, o que corresponderia à ideia da “ditadura do proletariado”. Então, a conquista do Estado é uma etapa de um processo revolucionário, para os marxistas.

Mas voltando, enfim, essa prática não está contemplada pelos marxistas. É muito importante a gente perceber que os anarquistas dizem ter sido sacaneados pelo Marx na I Internacional. O Marx falou: “galera, eu vou me organizar. Vocês não querem se organizar entre vocês? É nós por nós”. E aí, num determinado momento, o Marx conseguiu organizar os marxistas dentro da I Internacional, que votaram pela saída dos anarquistas, deixando claro o que é que iria ser a pauta, quem não concordasse que caísse fora. Foi vencido. Foi a



maioria. A Internacional verticalizou e deixou de ser só uma federação. Vamos pegar historicamente. I Internacional (1864). Revolução Russa (1917). Historicamente uma distância muito pequena entre uma e outra. Nesse período, com grande número de fórmulas, de propostas socialistas, o marxismo era só uma delas, tinham os jacobinos, os blanquistas, os mutualistas, os coletivistas, os anarco-comunistas e por aí vai. Nesse pequeno período de tempo, o marxismo, ainda que com todas as distorções ocorridas, conseguiu promover uma Revolução Russa, a Revolução Cubana, quer dizer, para o bem ou para o mal, o pensamento marxista conseguiu realizar as suas propostas, ele legou à humanidade, aos militantes, instrumentos, exemplos, laboratórios de *organização*. Quando a gente pega o que acontece hoje na América Latina, tida por muitos teóricos como sendo o grande laboratório do socialismo no Século XXI. Algumas propostas da Bolívia, da Venezuela são muito interessantes. A Venezuela mal e porcamente parece ser uma absorção muito bem feita de um pensamento marxista de alguns princípios anarquistas. A Bolívia é um país multinacional, se reconhecem várias nações indígenas relativamente autônomas, quer dizer, é um princípio de construção de socialismo, mas não como foi o soviético, onde um dos grandes problemas foi a *russificação* das grandes nações soviéticas, quer dizer, a forma de ser russa se tornou paradigmática em todos os países que foram obrigados a se alinhar com ele. Você tinha que aprender a falar russo, os valores russos eram os valores e tal. Então, você pega uma população como a da Bolívia, que reconhece as várias nacionalidades indígenas, com direito à autonomia, com organização central não impositiva no sentido de forçar valores; ela reconhece outras nações, internamente. Me parece, mal e porcamente, um reconhecimento histórico de possibilidades colocadas pelos anarquistas como uma ideia de *federação*, por exemplo, sem deixar de ser uma proposta socialista, não é? No socialismo da Iugoslávia, o grande líder foi o Marechal Tito, um cara com um poder, um reconhecimento, uma credibilidade muito grande, que conseguiu expulsar, impedir a entrada dos nazistas durante a II Guerra Mundial, o que fazia com que o Kremlin não se impusesse sobre a Iugoslávia. Ele criou uma forma de organização socialista na URSS bem interessante, chamada de “socialismo conselhistas”, um socialismo por conselhos. Então, a autonomia das unidades produtivas era muito maior na antiga Iugoslávia do que na URSS, neste período.

Então, a experiência real nos traz muitas experiências possíveis de socialismo, ainda dentro do campo da referência de Marx: *O capital*. As experiências leninistas estão dentro desses processos, revitalizadas a partir da experiência real e objetiva do momento. De qualquer forma, eu acho que os anarquistas deixam um legado importante: um pensamento crítico em relação à questão do perigo que existe em relação à democracia representativa. Eles (principalmente Kropotkin, Proudhon nem tanto) eram inteiramente avessos à ideia da *representação*. Os textos do Kropotkin eram muito interessantes, porque ele quase previu o que ia acontecer na URSS (mesmo tendo morrido antes da revolução), do perigo que existe de uma estruturação muito centralizadora. Esse é o legado que eu acho muito importante, da construção de um pensamento, de uma subjetividade, da sensibilidade de um ser humano em relação a outro, pensamento que você não tem tanto dentro das obras marxistas e marxianas. Existe um legado de uma possibilidade de reconhecimento no outro, de uma camaradagem, de uma construção horizontal de relações. Talvez o problema desse legado seja a radicalização dele a ponto de falar que qualquer outra maneira fora disso estaria errada. É isto.

Checchia – No Brasil ainda existem federações anarquistas. Os militantes ainda são muito presentes em movimentos como os de fábricas ocupadas; nem tanto no MST, nem sei se tem anarquista ali; nas manifestações de Junho havia muitos militantes anarquistas; ainda existem espaços onde os anarquistas se encontram. Aqui a gente falou mais dos clássicos, mas ao longo do século XX foram desenvolvidas várias experiências e táticas de cunho anarquista. Você viu como é difícil falar de anarquismo, dadas as múltiplas possibilidades dentro deste conceito, não é? Mas o anarquismo traz essa ideia, por alguns expoentes anarquistas, das táticas. Então, os black-blocs não são uma organização, um movimento, isso é bobagem: eles são uma *tática*, uma forma de ação muito específica e pontual com função muito delimitada. Eles foram muito importantes nas manifestações, no que toca à segurança – tem vídeo mostrando eles colocando a Tropa de Choque para correr, evitando minimamente que o Choque batesse nas pessoas. Existem essas organizações. Nos anos 90 começaram a correr muito essas críticas e movimentações contra a OMC-Organização Mundial do Comércio (as primeiras, se não me engano, em Florença, Veneza). O que foram aquelas rodadas da OMC?



Um ponto alto do programa neoliberal, que começa nos anos 70. O neoliberalismo é responsável pelo fim do Acordo de Bretton Woods, fim dos “30 Anos Gloriosos”. Aí começam as rodadas de comércio, extremamente violentas, que quebraram países. Aí começa a haver movimentações muito grandes de jovens protestando pelas ruas, teve rodada que foi cancelada por força das manifestações, que tinham função muito específica: *negar* aquele acontecimento. Era importante, mas não necessariamente ela estava trazendo junto com a negação a negação da negação – questão dialética marxista. Quando você faz uma ação pontual, você está negando, mas não necessariamente está trazendo uma proposta. A gente negou, o que a gente vai construir agora? Quais são as possibilidades? Se você está em uma livraria e entra na seção de Ciências Sociais você vai ver poucos livros escritos por anarquistas, poucos teóricos anarquistas publicando. Existem publicações. Mas o anarquismo ainda não conseguiu elaborar uma boa proposta revolucionária. Mesmo o Bakunin, que foi o responsável pela tradução de *O capital* para o russo, ele e outros anarquistas reconheciam a autoridade do Marx na questão da crítica ao capital. Eles negavam a forma de organização que o Marx propunha. Agora, você não vai ter uma obra que traga um teor de crítica e de possibilidades como o marxismo traz.

*Nada continua como está
Tudo está sempre mudando
O mundo é uma bola de ideias
Se transformando, nos transformando
Abra a cabeça! Saia do escuro!
Não tenha medo, do seu futuro
Faça o que sabe, pra se cuidar
O mundo não pode parar
O mundo não vai acabar!
Música de Junio Santos*





Dia de Benedito/ Largo São Bento /2014. Foto de Julio Leão.

VI

E lá vamos nós em mais um curso de formação política com o Luis Scapi!

Nossa demanda:

“Scapi, queremos no nosso novo espetáculo continuar com o tema da luta da classes, queremos trabalhar principalmente com a desnaturalização de alguns pensamentos que temos ouvido do nosso público, como “ sempre foi assim”, “nada vai mudar” ou “a culpa é do povo”. E também queremos que você nos ajude a entender melhor nosso momento histórico, só isso, rs!”

Da nossa necessidade aconteceram três momentos de encontro:

O primeiro foi sobre a primeira parte da questão, a desnaturalização dos pensamentos naturalizados

O segundo trata de uma análise do nosso período histórico.

E o terceiro, sobre dialética.

Simples...

Primeiro Encontro: 04 e 05 de fevereiro de 2014

Local: Galpão do Núcleo Pavanelli

Simone Brites Pavanelli - Este curso está sendo realizado através da 23ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro da cidade de São Paulo, através do Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito. Nós chamamos o Scapi porque temos muitas dúvidas. Já fizemos o curso com ele em 2009, depois assistimos a algumas palestras e continuamos conversando com os parceiros: muitas dúvidas ficaram. O Scapi sabe que nós não temos a pretensão de resolver todos os nossos problemas nestes encontros, mas é bom para a gente ir amadurecendo. O Núcleo Pavanelli fez uma primeira conversa para entender o que estamos pretendendo. Vamos montar um espetáculo neste ano e uma das questões que mais estamos pensando é em como desconstruir os pensamentos naturalizados.



São gritantes algumas falas que ouvimos: “isso sempre foi assim”, “isso é da natureza humana”, “isso é do povo”, “o povo é mal-educado, não sabe nada, é ignorante”, “o povo não trabalha, não estuda porque não quer”... E quem fala isso é o nosso público, que é o povo. Quem é o “povo”? O povo fala do povo e de onde vem essas frases? Então, falamos isso com o Scapi e, também, do primeiro curso que fizemos com ele: “Método” .O que ele vai falar hoje pra nós é surpresa. Queremos agradecer por estarmos com os parceiros, assim a gente aprende mais, e agradecer a disponibilidade do Scapi para esses encontros, por agentar a gente mais um pouco. Vamos nos apresentar para o Scapi saber quem somos: *[além dos integrantes do N.P.]* Adailton Alves, Selma Pavanelli e Amanda, do Buraco do Oráculo; Ciléia e Carlos Biaggioli, do Teatro de Rocokóz; Samia e Jéssica (sem grupo); Danilo, do Coletivo Território B; e Taiguara Belo.

Scapi - Eu sou um educador de classe. Dado o rigor dos tempos, das exigências, das coisas todas, nos denominaram “educadores populares” - eu prefiro o outro. Mas sabem como é: somos homens e mulheres do nosso tempo. É muito legal encontrá-los num momento em que, pela impressão que tenho, vários de vocês se organizam em grupos com o intuito de capturar o espírito do vosso tempo - muito hegeliano pra começar, né! “Quero fazer uma arte contemporânea, no meu próprio tempo”... E aí é difícil, porque tem tempos em que a compreensão do mundo em que se vive está mais acessível. Não é o caso dos tempos em que vocês vivem hoje. Está mais difícil do que nunca capturá-lo e, portanto, colocar teus esforços de organização estética a serviço da contemporaneidade do tempo em que se vive. Você está a fim de mexer, de bulir com isso, de chutar o balde de alguma maneira. E a gente aceita esses conflitos. Acho que eu raramente consegui, com meus estudos, amigos, companheiros de luta, de ação prática, enfim, amadurecer o pensamento a ponto de, não só firmar, como ir junto, mostrar o caminho, como se faz, coisa e tal. O mais legal é que vocês vão ter uma maneira de interpretar o mundo. Se você busca a contemporaneidade, a subjetividade, para além da razão, o importante é o que cada um acha? Enquanto isso predomina, predomina a lógica de sociabilidade do capital para o capital, desumanizador por excelência e muito funcional. Eu achava que isso ia só pelo campo do saber e das teorias até atualizar o contato com vocês. O pós-moderno começa justamente por aí: o não-

dramático, o pós-dramático! E hoje tem uma identidade muito mais precisa: pós-socialista. Na verdade é *anti*-socialista.

Vou começar pegando o grupo. Primeira ideia, talvez fosse legal combinar as duas coisas, o novo espetáculo e o que vocês me dizem: queremos continuar mexendo com a luta de classes. Essa é a inspiração última que os move em relação ao que estão pensando para o próximo espetáculo. Uau! Nem precisava dizer o resto depois de referências como essas, que legal! É isso que traz e vai continuar trazendo a gente. Nas primeiras discussões, conversamos sobre a importância de desconstruir a maneira de pensar das pessoas, porque, de alguma forma, elas pensam, interpretam e expressam. Ao expressarem, invariavelmente virão elementos de naturalização daquilo, quer dizer, vão culpar a si mesmos ou aos outros, vão expressar uma visão de mundo de que “sempre foi assim”. Toda vez que estiver diante da necessidade de explicação de alguma coisa ou de algum impasse (“é natural, é da natureza humana”), vão acabar encontrando em si mesmos ou no seu entorno um conjunto de explicações que faz sentido. Vamos começar, talvez, provocando o grupo: Luta de classes! A importância de desconstruir os pensamentos naturalizados e começarmos a listar algumas maneiras de naturalizá-los. “O povo sempre foi assim”, “é da natureza humana”, “não trabalham porque não querem”... Esse “a culpa é do povo” é extremamente comum. Você vai conversar com as pessoas e elas nunca atribuem a elas, mas ao entorno, ao que está ao lado delas: “esse povo é que é besta, estúpido” e aí vem um conjunto de coisas valorativas, do tipo “esse povo não se valoriza, não estuda”, “por qualquer asa de churrasquinho de frango na laje já se acomoda”. E aí vem toda a bobageira, quer dizer, “isso é do brasileiro mesmo” e toda essa parafernália. Minha ideia inicial era começar por aí e dar um nó em vocês, não sobre a “culpa” do povo, tira o culpar e a autculpa. Mas olha só que interessante: quem quer se atualizar em relação à luta de classes, tão logo formula um elemento mais próximo com o qual quer dialogar, o elemento mais imediato que me aparece me produz uma dúvida: se eu eliminar aquilo, a culpa, será que os Pavanelli não vão nessa de “povo”? Então, se os Pavanelli querem aprofundar a compreensão, a discussão sobre luta de classes, o Scapi viria provocá-los de cara, dizendo: **classe e povo não são a mesma coisa**. Que tal começar por aí? Pega uma mão e fala: meu povo! E pega a outra mão, a esquerda: minha classe! Não é a mesma



coisa. Ou é? Ia começar provocando o grupo nesse sentido: você quer falar de luta de classes e, na primeira forma de as pessoas lerem o mundo, o que a gente tem que enfrentar é por que aparece *povo* e não aparece *classe*? Então, o meu interesse em firmar a luta de classes já sofre uma mediação ao começar a dialogar, desmontar, compreender, devolver pra eles esse papo de que “a culpa é nossa”. Por que os verdadeiros culpados são postos fora por si mesmos? Até aí a gente vai tranquilo, sim? Mas há uma mediação a ser feita.

Como fazer a mediação necessária e ser compreendido, sem perder de vista que não são as mesmas coisas? “Povo” normalmente é uma expressão que se usa para uma determinada região com limites - o que significa que tem vizinhos - que permite formar um Estado nacional, com superestrutura política, jurídica, ideológica etc., uma maneira de produzir e reproduzir a vida. O conjunto das pessoas que vivem naquele território, mesmo que não tenham nascido ali, mas que assumem sua vivência em relação ao *logos*, é povo. Portanto, fora das relações determinantes da sociabilidade, todos são *povo*. Fui muito rápido? Tudo é povo! Grandes capitalistas, no setor financeiro, no setor monopolista, no setor industrial, nos setores-chave, quando saem de suas empresas e vão pras suas casas, o que é aquilo? Um cidadão, com todos os direitos depois de cumprirem os seus deveres. Uma mistura fundamental, porque vive e estabelece relações em um determinado lugar, qualquer lugar. Por conta de esse lugar ser capitalista, com determinações de classe, a riqueza produzida vai necessariamente se acumular com um em detrimento do outro, que produz toda a riqueza, expropriado continuamente seja nos processos produtivos (onde efetivamente se dá o capital), seja pela circulação desse capital na forma de mercadorias, seja pela realização dessas mercadorias no mundo comercial. Por ser uma formação social capitalista, e a riqueza perversamente se concentrar no polo crescentemente cada vez mais rico em detrimento do conjunto dos trabalhadores... cuidado agora!

“Trabalhadores” não se definem por carteira assinada, pois, para que alguns tenham carteira assinada, eu preciso de uma multidão, chamada “exército industrial de reserva”, uma superpopulação relativa.

E por que relativa? Porque as necessidades do capital são cíclicas e periódicas: “eu preciso mais... preciso de muito mais”. É uma imensidão de gente cujo papel social é esse, só esse. Tremenda bobagem seria localizá-los como excluídos - não são excluídos, eles têm um papel social muito preciso: fazer com que o valor da força de trabalho despenque; que a mercadoria mais importante do capital, que é o trabalho assalariado, custe ninharia. Isto não é pouco! É estratégico para a sociedade capitalista. Quando ela não consegue, ela mesma, produzir essa superpopulação, ela importa.

Povo e classe. Para ser preciso, não se deve usar agora, aqui, a expressão “povo”, senão eu misturo tudo de novo e fica indefinido. Mas, Scapi, por que a gente acabou usando essa expressão? É uma longa historia.

Enorme concentração: centraliza-se capital num polo e alguns, até sérios, até com boa intenção, se perguntam: “como é que eu vou fazer pra me contrastar com eles? Nós não somos *eles*”. Como vamos fazer o processo de conscientização, de criar expressões com as quais a gente compartilha com essa ideia? Tem *nós* e tem *eles*. Quais os esforços históricos mais conhecidos e consagrados? “Nós, o *povo*. E *eles*...” – aí inventa um nome para “eles”. Quase invariavelmente colocam o povo num polo e, no outro: *elites*. Agora é que a coisa pega, pois elite te remete pra uma coisa que, se pode ser útil... No Brasil, onde predominava a coerção nas relações de classe, essa mesma consciência, hoje, não ajuda nem um pouco, porque hoje não predominam os aspectos repressivos. O fato de eu falar “coerção” não quer dizer que anteriormente não houvesse mecanismos de convencimento, consenso, cooptação. Existiam. Mas era predominantemente **porrada!** Na organização da sociabilidade nas sociedades capitalistas, o domínio é, ao mesmo tempo, soma de esforços entre repressão e convencimento. O problema é que, dada a história, a luta de classes e como as coisas andam, uma vai se destacar em relação à outra. Historicamente, no Brasil, predominou



a porrada – portanto, a coerção. Toda formação social, toda vida, toda superestrutura política e ideológica é toda marcada, permeada pela forma repressiva, impositiva. São nesses processos históricos que vão sair coisas como essa: “povo = nós; elite = eles, que usam desses mecanismos repressivos etc.”. O problema é que o Brasil sofreu, recentemente, muitas mudanças e os elementos repressivos continuam existindo (mais eficientes do que jamais foram na história), agora absolutamente profissionalizados. Por isso, agora, podem agir localizadamente, criminalizando – assim: facinho!: “tira a máscara, achei teu RG!”. Portanto, agora criminaliza assim, escolhendo, e não mais porrada difusa, pra todo mundo, porrada de todos os termos, profissional como jamais teve, seletiva. Se funciona assim, o que predomina nos domínios pelos quais nós estamos submetidos hoje?

Nós estamos num período onde predomina não a coerção, mas o consenso, o convencimento, o envolvimento manipulatório, a cooptação.

Portanto, agora, com “povo” e “elites” você vai estar absolutamente desarmado para entender a contemporaneidade, ter o domínio do tempo em que você vive. Se povo, elites etc. foram úteis e nos permitiram estar em luta até hoje, nos mantermos dignos... Olá! Não dão mais conta de instrumentalizar você para capturar o tempo em que você vive. Portanto, é preciso afinar essas violas... Eu precisava começar por aí, deu pra sacar? Se os Pavanelli embarcam nessa, historicamente, com dignidade: é isso, estar no campo, na luta, maravilhoso! Querem continuar? Opa! Esse “a culpa é do povo” tem que ficar como elemento de desconstrução que vocês querem definitivamente desconstruir - mas não só do *povo*, mas de vocês.. Quero falar em luta de classes e eu não vivo tempos de expressão de luta de classes; estou vivendo tempos das lutas populares. E a enorme diversidade das lutas populares (tudo bem a armadilha que tá posta?) quem faz, quem é o sujeito? O povo. Adeus, classe! Cheiraram, fumaram, beberam... a pós-modernidade vai amar de paixão, seja essa tradição de povo/ popular, seja o que ela significa. Agora que eu estou sob essa nova forma de poder hegemônico, onde é indispensável não operar com classes – porque classe não tem mais contemporaneidade... etc., etc., etc., se você é um homem, uma mulher do seu tempo, você deve

ter vivido isso, não é mesmo? Só me faltava, agora, eu operar com classes! Isso não existe, não tem mais! Não se permite mais organizar o pensamento pra capturar as principais determinações. Agora é mais difuso, mais popular, mais aquilo e aquilo outro! O essencial nisso é perder a concepção de *classe*.

Quando dizem que vocês são anacrônicos, é como se dissessem que não só não tem mais classe, como também não tem luta de classes! Portanto, vocês estão atrasados em relação ao tempo. As pessoas, agora, introjetaram como lógica: não se discute mais as experiências revolucionárias. Há um pressuposto de que não se precisa mais dialogar, debater. Deixa eu me fazer melhor entender. Olha as novas sínteses que essas merdas produzem: “todo pensamento desenvolvido, método, formas etc. de se tentar entender o seu próprio tempo, que tenha a pretensão de alçar a totalidade, é essencialmente totalitário. Afastem-se!” Essa é a síntese com que os caras operam e atacam! O sentido se hace al caminar. Objetivo? Porra nenhuma. O movimento? É melhor não definir, a última vez que se definiu deu merda. O que é teleologia, o sentido da História? Não tem sentido nenhum, a gente é que dá o sentido das coisas e a gente não vai se entender, porque cada um acha uma coisa. “Mas isso é que é importante! Cada um acha o que quer!” É o predomínio dessa forma, ela se impõe. Monte uma coisa qualquer, que não tenha pé nem cabeça mas que tenha questões seminais que as pessoas digam: “o que é isso!?”. Não entendam, porque não há o que entender. E bote muito gelo seco, uma névoa, uma coisa que cada um ache o que bem entender e saia dizendo: o que será que quis dizer aquilo?! E os fazedores da arte pós-moderna, pós-dramática, estão felizes. É isso que precisa ser feito em todos os campos. O importante é o que cada um acha, sente. Indivíduos no seu envelope com uma gigantesca camisinha protetora contra o outro, suportando-se nas bobagens e mediocridades. Ou seja, só sobra uma possibilidade, o teu sentimento (aí sim, com uma visão holística), aí você se acha.

Samia - Scapi, eu gostaria de saber se é possível um entrelaçamento da singularidade do indivíduo com o todo. É possível ver isso como rizoma e não como algo à parte? Eu consigo, a partir do indivíduo, falar sobre a sociedade sem que isso se torne algo sem pé nem cabeça?



Scapi - Eu tenho só um pequeno problema: localizar *indivíduo* na História. Indivíduo é uma criação moderna - esclarecendo que “moderno” é tudo o que vem simbolicamente com a Revolução Francesa; é sinônimo de burguês; está em oposição a “antigo” (regime). É a modernidade quem produz a sociabilidade do indivíduo, nem a palavra (indivíduo) existia! Isso pro grego era uma estupidez. Sem usar nenhuma expressão amoral, usando só os dedos, me dá um sentido de “agregar”, na sua maior expressão. Agora que estão bem agregados, desagrega. Deixou de ser “grego”. Então volte a ser grego. Por uma série de razões que não cabem aqui discutir, aparece lá na Grécia uma criatura que diz assim: “e eu? Ah, mas eu não quero ir pra Ágora! Eu não quero estar sujeito a ser eleito a dirigir a Grécia pelos próximos dois ou três meses! Eu não posso ficar e cuidar *de mim*? Eu tenho família, eu tenho minhas coisas!”. Isso apareceu por lá. Isso deixa os gregos malucos. Aí vem as escolas, de Platão a Aristóteles. Depois de muito desagregado, agrega-e-desagrega, mesmo sendo grego, precisa *estar fora* da agregação - ainda que mentalmente - pra sentir o que ele é? E os gregos criam uma palavra pra isso: este é um *idiotes*. Tudo bem o contraste chapado? Minha sociedade, a dos indivíduos, contra a sociedade grega. Faz sentido o que eu tô dizendo ou isso é só um delírio?

Grécia já foi. No Império Romano, cadê eu? Não tem! A expressão mais próxima que eu tenho pra esse *idiotes* em Roma vai aparecer no teatro na forma de máscaras: como *persona*. Tudo bem? *Idiotes*, *persona* e *personagens*. “Indivíduo”, como núcleo central da sociabilidade, só com as concepções burguesas. Se prefere o *ser social*, o indivíduo vai enfermar, doenças únicas, desconhecidas no resto da história da humanidade! Esquizo, etc. Indivíduo como ser social?

Pra você, indivíduo é uma coisa *natural*: algo que sempre existiu. Se sempre existiu, existe e sempre existirá. Viu como o sempre foi sempre *será*? Não é um patrimônio só do povo.

Como é que eu recomponho os elos de uma sociabilidade feita por indivíduos? Os esforços de racionalidade, totalidade, são indispensáveis pra recompor isso. Agora, bem-vinda! “Você tá vivendo em que tempo, hein?! Isso é autoritário, não faça isso. Viva o indivíduo democrático!” Cego em noite de tiroteio: vai ficar se buscando, se buscando e vai

chegar o leitor e vai dizer: esse é o sentido, Indiana Jones. “Ahhhh, a minha saga individual!”. Não vai ter muita graça, porque não é, assim, uma odisseia, tem Ulisses mas não tem Ítaca! Não tem o sair, ir se modificando ao longo do processo, voltar e dizer: “ai, minha Ítaca!” Má notícia, cara: ela também se modificou. Esse processual todo interagiu e se modificou. Com que meta você vai operar? Seu ponto de partida é qualquer coisa pós-moderna? Vai acabar numa religiõzinha moderna e se juntar embaixo de pirâmide, vale tudo pra buscar alguma identidade extra-humana. Humano mesmo é um bando de estúpido, idiota com pretensões de auto-suficiência. Isso aqui não é um bando de nômade, isso aqui é classe! É, mas não se tem a consciência de que é. Faz esforços com o povo e outros esforços para juntar e contrastar... mas muito pouco rigoroso. Acaba não dando conta de entender, por exemplo: por que essa necessidade fundamental de se manter como indivíduo? Você reproduz sem que ninguém precise mais ficar apertando suas orelhas, não precisa fazer sabatina de vez em quando, não! Já está devidamente introjetado.

Se quisermos brincar um pouquinho, estamos em uma sociedade que idiotiza à medida que sociabiliza idiotizando. E o indivíduo? É uma produção moderna, uma forma de domínio burguês que precisa encontrar na gente essa casca autoproclamante. Horror a tudo o que é comum, a compartilhar, não é? “Ah, mas isso não significará o rebaixamento geral?” Não, pelo contrário! É justamente a potencialização dessas figuras individuais. A gente nasce para o mundo, então, se você não tem o *outro*, meu, tu nem fala... Nós somos a soma das relações que nós tivemos com os outros mais as sínteses que somos individualmente capazes de fazer! Outra coisa é essa relação babaca do indivíduo como princípio, meio, fim, necessidade de continuidade. Isso é uma estupidez burguesa que tem horror a todas as coisas que são coletivas. Mas na verdade o nosso papo ia pela pós-modernidade, não é? Então, vamos também datar o nascimento da pós-modernidade e seus fundamentos outros. Em busca desses estúpidos que ficam dizendo pra vocês que vocês não são contemporâneos, que são ultrapassados, anacrônicos, que buscam uma estética relativa a um tempo que já passou e que não se deve mais mexer com isso, que bom, acabou. Como é que essa babaquice começou? Ela é extremamente juvenzinha, enquanto ideia, militância, não tem muito tempo, não. Tem uma figura que pode nos



ajudar: Beverly. Cada um lê um trecho e a gente comenta. (*Seguem trechos retirados da obra “Forças do trabalho, movimento de trabalho e globalização desde 1870”, de Beverly J. Silver, com comentários*)

Leitor - Trabalho. Fim do trabalho. E classes.

Nas últimas décadas do Século XX quase houve um consenso da consciência social...

Scapi - De quanto tempo será que esse cara está falando? Nos últimos 20 anos que antecedem a passagem vai ter uma marca, que marca é essa que vai estar na passagem do milênio, do século?

Leitor - *Quase houve um consenso na consciência social de que os movimentos operários passavam por uma crise grave e generalizada. O declínio da atividade grevista e de outras expressões diretas de militância trabalhistas, a decrescente densidade sindical, os salários arrojados e a maior insegurança em relação ao emprego figuram entre as tendências documentadas. A maior parte da documentação empírica focalizou as tendências nos países ricos (especialmente a América do Norte e a Europa ocidental),...*

Scapi - Beverly, não é isso? Tá, que esteja falando o bom senso que deve ter ocorrido pela Europa e pelos EUA. Mas vejamos se isso se aplica também a nós...

Leitor - ... *mas, ainda assim, muitos viram essa crise como algo de escala mundial, que afeta de modo adverso trabalhadores e movimentos operários mundo afora.*

Scapi - Até aí, tranquilo? Operários, trabalhadores do mundo inteiro naquilo que poderíamos chamar de uma *crise*: insegurança de emprego, arrocho salarial por tudo quanto é lado e, estranhamente, diminui o número de greves que esses trabalhadores operários estão fazendo pelo mundo inteiro. Isso é europeu e norte-americano? Os caras conversam melhor e dizem: “não, isso é mundial” - portanto, não está circunscrito a um único lugar. Parece que esse consenso se opera no mundo inteiro: crise nos movimentos dos trabalhadores ou crise no movimento operário, para eles é generalizado, certo? Vamos em frente...

Leitor - *A constatação de que os movimentos de trabalhadores que estão se deparando com uma crise geral e severa contribui para a crise do anteriormente prolífico campo de estudos do trabalho.*

Scapi - Ao ponto de ter um lugar fácil de perceber isso: o campo dos estudos das Ciências Sociais. Por exemplo, até uns dois ou três anos atrás, as universidades brasileiras, com seus cursos mais avançados (Serviço Social, etc.), qual era o objeto de estudo da galera toda? De dez teses, oito eram sobre o MST, pois os caras estão no imaginário como os que lutam. Na hora de escolher os objetos de estudo, bingo!. Ele tá dizendo que, anterior a isso aqui, os trabalhadores do movimento operário são objeto de estudo da maioria absoluta das teses feitas. Interessante: lá pelos anos 80 e 90, o movimento operário entra em crise e conseqüentemente ele entra em crise também como objeto de estudo. Desaparece – por assim dizer – o interesse de estudar o movimento operário (lutas, histórias, etc.), como se assim dissesse que, saindo do foco, deixa de ser moda e, portanto, assim, ninguém mais estuda. Então, com o que tá brincando o Beverly? É como se houvesse uma dupla crise: a do objeto anteriormente estudado de forma intensa e... o movimento operário em crise.

Leitor – *Como notou William Samuel (1993, p15): “já que a classe trabalhadora organizada parece cada vez menos propensa a cumprir a função libertadora a ela atribuída pelos discursos reformistas e revolucionários sobre o trabalho, os estudos das histórias dos trabalhadores perdeu um pouco de sua urgência”. Para muitos, essa dupla crise (dos estudos do trabalho e dos movimentos operários) é de longo prazo e estrutural - intimamente ligadas às momentosas transformações que marcam as últimas décadas do século XX sob a rubrica geral de “globalização”. Para alguns, a crise não é apenas severa, ela é terminal.*

Scapi - O que quer dizer isso? Vai terminar. Não por acaso isso vira título de livro muito famoso... Adeus, classe operária! *Adeus, Proletariado*, livro lido e relido por uma geração inteira. A globalização, as tecnologias, as novas tecnologias, a nano-sei-lá-o-quê, a informática substituiu o trabalho deles - as máquinas operam substituindo o trabalho. Esses desenvolvimentos tecnológicos todos se aprofundam e se



firmam economizando crescentemente trabalho. Projetando isso, qual é o futuro? Máquinas, novas gestões, menos trabalhadores. Portanto, aquilo que, num primeiro momento, aparece como sendo de longo prazo, mas ao mesmo tempo estrutural, acabará se revelando como? Terminal! Outro momento dessa reflexão, deu pra sacar? O fato de isso ocorrer com a classe trabalhadora, não será sem implicações.

Leitor - *Aristide Zolberg, por exemplo, argumenta que as transformações no final do século passado ocasionaram o virtual desaparecimento da “formação social peculiar, a que nós chamamos classe trabalhadora com a “sociedade pós-industrial..”*

Scapi - Tudo bem? Com quem é que Beverly está dialogando? Você não conhece como *pós-industrial* porque é assim que eles nasceram. Depois eles serão *pós-modernos*. Hoje eles são *pós-socialistas*. Três momentos diferentes da mesma bagaça, com a qual estão dialogando os caras que viram pra nós e dizem: “Vocês não são contemporâneos do seu próprio tempo, querem levantar uma velharia que, pelo amor de Deus, deixem ela quieta, que morra”. Tudo bem? A raiz onde essas coisas nasceram, se desenvolveram, tomaram fôlego até virarem uma unanimidade mundial? Vide últimos anos do século passado, essa entrada toda em correspondência àquilo que se chamou de *globalização*, especialmente tecnologias e administrações, diminuindo crescentemente o número de trabalhadores até que venham a se extinguir. Isso tem implicações nada pequenas.

Leitor - *Com a “sociedade pós-industrial”, os “trabalhadores a cuja luta nós devemos os direitos trabalhistas estão desaparecendo rapidamente e hoje são uma espécie ameaçada e residual...”*

Scapi - Uma série de acontecimentos contribuiu pra que isso ocorresse. A impressão imediata de quem olha e só vê a superfície é essa mesmo, a de que estamos vivendo uma conjuntura mundial em que parece que os trabalhadores vão desaparecer. Quem olha a superficialidade vê espuma e, daí, já tira suas conclusões. Não é sem razão, não é um delírio. A evidência empírica, o dado imediato parece corroborar o que estão dizendo, é verdade: precarização absoluta, puta arrocho, ameaça, diminuição do número de sindicalizados, diminuem as lutas e é crescente. Puxa, o que derivo daí em relação ao futuro que estou projetando? Uai! Eu tenho uma luta *política* a ser feita com base nas

lutas e experiências dos trabalhadores, projetos históricos inteiros montados como classe. Todas as principais ideias revolucionárias do último século têm os trabalhadores como sujeitos únicos e possíveis. Catalisar através de suas lutas o conjunto das demandas da humanidade como classe e dirigir suas lutas na superação dessas dificuldades, fazendo o quê? Enfrentando o capitalismo. Dando possibilidade de uma outra sociabilidade que não seja mercantil, capitalista, etc. Portanto, o que interessa aqui não é só constatar essas mudanças, mas situar aqui um projeto histórico. Compreensível, isso? A importância que tem pra esses caras a oposição ao projeto, não mais como pura ideia, agora trazem o real e o concreto como prova de que precisamos mudar nossa concepção de mundo. O mundo mudou e isso pode ser percebido objetivamente.

Leitor - *De maneira semelhante, Manuel Castels argumenta que o alvorecer da “era da informação” transformou a soberania do Estado e a experiência do trabalho de uma maneira que compromete a capacidade do movimento operário para agir como “uma força significativa de coesão social e representação dos trabalhadores”. Ela também minou qualquer possibilidade de os trabalhadores se tornarem “sujeitos” emancipadores no futuro...*

Scapi - Se coloquem nessa perspectiva dos trabalhadores, que significa enfrentar o inimigo comum a muita gente. Era a catalisação do conjunto dos desejos humanos que não podem ser realizados sob o capital e eram para além do capital. É isso que foi pro espaço, foi pro vinagre. Os trabalhadores, com essa crise estrutural, perdem a função libertadora, a capacidade emancipadora.

Leitor - *Ela também minou qualquer possibilidade de os trabalhadores se tornarem “sujeitos” emancipadores no futuro - a fonte de uma nova “identidade-projeto” direcionada para a reconstrução das instituições da “sociedade civil”. Movimentos identitários não baseados em classe, para Castells, são os únicos “sujeitos potenciais da era da informação”.*

Sabrina Motta - Parece que é, mais ou menos, o que aconteceu em junho de 2013, não é? Apareceu uma bandeira, pronto! Bandeira de movimento, sem partido, aqui é de todo mundo, foi de vermelho tá fora!...



Scapi - Aí aparecem os *black blocs* e todo mundo grita que é contra o totalitarismo de direita e o totalitarismo de esquerda. Aqui é sem partido, sem não sei o quê, sem não sei o que lá... Vocês estão sem tudo isso, é? Orra...!!! O que é que você veio fazer aqui, então? Isso vai acabar tão rápido justamente por conta disso aí que você acabou de me falar, que eu tinha que vir pessoalmente pra ver isso tudo...

Adailton Alves - O Castells está falando dos movimentos identitários...

Scapi - É isso que, antes de “Junho”, a gente precisa localizar melhor. Então, morre uma velha identidade e um velho projeto. A realidade ainda tem possibilidades de projeto, mas é uma nova identidade-projeto. Isso vai gerar novos movimentos identitários, mas *sem* classe. Movimentos identitários não baseados em classe: “mulheres”, “LGBT”, “negros”, “juventude”, as minorias dentro das minorias...

Tá no próprio Castells, não é nosso: “movimentos identitários não baseados em *classes*”. Deu pra sacar por que não é baseado em classes? Primeiro porque tá acabando; segundo porque, se se basear em classes, é altamente comprometedor e eu não quero. Por isso, pra estar renovado, novas identidades.

Tem um conjunto de opressões que sequer são apenas do mundo burguês. O burguês apenas achou conveniente manter certas opressões que ele adotou, por exemplo as ligadas a etnia. Ele não produziu isso, só sofisticou, elevou a um patamar inimaginável. Mas, antes do burguês existir, havia o escravismo. O escravismo em relação a brancos e negros antecede a burguesia. Ela só disse: “que ótimo que essa pretada acha que é menos que nós, brancos!”; “irlandês é um monte de bêbado, fanfarrão e brigão. Agora, trabalhando pra mim como assalariados, produz muito!” Uau! Os operários mais produtivos do mundo. O que eu vou fazer? Vou pegar um oculozinho colorido, abraçar o Bono Vox e, se for necessário, vou protestar junto!. Eu tiro as energias, não por processo de ocultamento, mas de revelar movimentos identitários não baseados em classe. Olá, bem-vindos ao seu próprio tempo! E agora? Como eu faço uma reflexão crítica sobre os novos movimentos sociais sem parecer um canalha reacionário? Amo de paixão toda forma de luta da humanidade, mas como eu procedo à crítica que está em oposição ao meu projeto?

Agora, imagine esse ambiente todo extremamente favorável pra se dizer: “uau, por algum tempo a gente vai tirar do horizonte das pessoas qualquer perspectiva revolucionária”. Temporariamente, deu-se uma merda monumental, vamos consagrar outra forma de olhar o mundo sem deixar de fazer lutas. Olá, bem-vindo! Novas identidades não baseadas em classe numa perspectiva de *luta*. Primeira dificuldade: como se faz para agregar esses movimentos, uma vez que isso não agrega? Relaxa, criança! O grande agregador é dado pelos movimentos identitários não baseados em classe, que trazem em si mesmos o elemento que resolve o problema deles. Toda calma agora!

Eles vão significar crenças fora deles, pode deixar. Eles mesmos não trazem essa possibilidade de sua identidade vazar para além de si mesmos, portanto, é um elemento externo a eles que vai juntá-los, um grande outro existe para juntá-los. O Estado! Alguma dúvida sobre para quem esses movimentos identitários não baseados em classe dirigem as suas demandas?

É preciso que se consolidem como direito civil, o direito à livre escolha, não é? **Tem um “grande outro” que vai dar identidade a eles.** Você tem identidade firme, mas ela não unifica os outros. Como é que eu faço essa reflexão crítica sem ser canalha, sem ser contra as lutas? Mas elas podem botar um puta limite no problema? Podem! E quem disse que alguém faz crítica sobre os novos movimentos sociais? Pensei: deixa eu aproveitar que estive dentro do MST, onde não aguentava mais a quantidade de gente que nos busca pra fazer tese... precisamos organizar um dia pra receber os caras tudo de uma vez só. Pra tentar atender bem, tivemos que tentar organizar esse coletivo. Um massaroco de teses, que vocês não fazem ideia! Caramba, me deem uma crítica a vocês! Tá louco, criticar a gente!? Não tem, imagina! Legal, vocês são lindos e maravilhosos. Isso se aplica ao conjunto dos outros movimentos, entendeu? Num trabalho filho da puta, consegui encontrar dois fragmentos: um do velho Chico de Oliveira; outro do Slavoj Žižek. Recolhi os dois, que a gente vai ler. Vai se produzir uma obra nos anos 70 que, de certa forma, é uma síntese não só do Chico, mas de uma geração que tem que responder por que nós nos fudemos com a ditadura militar – não só no sentido de responsabilizar os militares nem porra nenhuma, mas de enfiar o dedo e dizer pra



nós: tudo bem, essa é em família. E *nós*? Fizemos cagada, erramos? Teve o Chico, o Florestan, o Caio Prado, uma geração inteira que para e diz: “Devo isso pra mim e para as próximas gerações”. Chico questiona toda a forma interior da esquerda em pleno mundo: método, maneira de organizar o pensamento e que vai produzir um enorme equívoco chamado Projeto Democrático-Nacional, que vai concentrar os esforços de todos os que se opõem às assim chamadas *elites* no velho Brasil. Talvez eu me explique melhor, vocês são jovencinhos demais.

O Partido Comunista Brasileiro dirige as principais lutas em aliança com o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro, este criado por Getúlio. Dessa aliança sai um projeto: nacional-desenvolvimentismo - podem conhecê-lo por *populismo*. Ele é mais elaborado nos marcos do PCB e se chama *democrático-nacional*. “Democrático” porque a sociedade brasileira é autoritária; ele é antilatifundiário (principal entrave ao desenvolvimento) e, do ponto de vista externo, ele é anti-imperialista. É ele que dirige, consagra, reúne nossos esforços de luta que vão ser interrompidos em 1964 pela ditadura militar. Mas esses caras dizem: “não é só ditadura; nós também temos problemas seríssimos na leitura de mundo, na teoria que nos orientava, porque só fizemos um projeto que, entre outras coisas, revela o gigantesco equívoco que nos dirigia anteriormente”. Na leitura que fazíamos anteriormente, os impasses que a sociedade brasileira tinha e precisavam ser superados eram, do ponto de vista interno, o latifúndio e, do ponto de vista externo, o imperialismo. Quais seriam, portanto, as classes interessadas em superar esses entraves? O sujeito central disso é a burguesia nacional, atrofiada por conta do latifúndio e do imperialismo, que leva a maior parte das riquezas produzidas e não faz investimentos aqui, possibilitando crescimento e desenvolvimento desse capitalismo brasileiro. Esse equívoco se desfaz com o golpe militar, que é vanguardado pela própria burguesia, a qual, pelo projeto anterior, deveria estar na vanguarda do nosso projeto. Ela está na vanguarda contra nós! Uai, na realidade mandou seu projeto pra puta que o pariu, num imenso equívoco. Fazendo reflexões em cima disso, Chico, Florestan e Prado perguntam: “e aí?”. Bom, e aí tem uma maneira de organizar o pensamento que, por assim dizer, condicionou a gente a pensar bobagens como essa. E vai apontar seriamente onde está isso. Isso chama *crítica da razão dual*. O livro do Chico é *Crítica da razão*

dualista – dualista por conta de atrasado/moderno na maneira como se organizava os pensamentos. O que é o atrasado? O latifúndio. O que é o moderno? As forças que desenvolvem o mercado interno, o mundo caminha pra industrialização, no Brasil atrofiada pelo velho latifúndio, pelas velhas elites, etc. O Chico diz: “isso é absolutamente estúpido”. Essa maneira de ler o mundo tem equívocos monumentais. Foi isso que, por muito tempo, orientou nossas lutas. 1986: o PT está numa puta crise; não cresce sua densidade eleitoral; não consegue se eleger para além de lugares inexpressivos; parece que tem problemas. E aí? Como de costume, sentam-se os intelectuais pra desenvolver e ajudar a entender esse tipo de dificuldade. Esse fragmento está no livro que reflete um dos seminários do PT em 1986. Estão lá o Chico, o Gushiken, o Zé Genoíno, o Dirceu, o Weffort, quem produzia teoricamente o PT, que, ao se sentir em crise, chama esses caras pra uma reflexão. Teve um momento em que esses caras foram vitais pra nós, por isso, vez em quando, escutar o Chico é bom, o mesmo que, durante a crise, vai tentar explicar ao PT que ele tem problemas nada pequenos e que é preciso enfrentá-los. Entre outros, parte daquilo que o constituiu. O PT vem de uma trajetória cuja gênese aponta pra três ou quatro lugares.

O primeiro e principal deles: a esquerda que sobreviveu à ditadura militar e quer continuar o processo de achar os caminhos da revolução. A segunda fonte vem do renascimento dos movimentos operários em 1978-79, começando pelos metalúrgicos do ABC, depois vindo pra SP, Osasco, Guarulhos e, depois, via metalúrgicos, atraindo professores, bancários e o conjunto de todas as outras categorias profissionais que entraram no samba, dizendo: “opa! Vinte e poucos anos de ditadura, puta arrocho, enfia essa merda num conjunto de lutas que marcam efetivamente o fim da ditadura militar”. Portanto, esquerda sobrevivente, o movimento operário vindo muito fortemente pelos sindicatos e uma terceira força vinda da Teologia da Libertação - momento único depois de milênios dessa canalha reacionária papal. Nasce aqui, especialmente em São Paulo, um conjunto de cristãos preocupados com a ditadura militar, com o arrocho e os efeitos dessa porra toda. Vão receber muita ajuda, porque o professor que dá aula em seminário lá das Perdizes é um hegeliano. Padre Henrique de Lima Alves ensina Hegel pros moleques, dialetiza os pensamentos, tudo tão extemporâneo: “como fazer uma leitura atualizada das



sagradas escrituras?”. Eles pensavam que se atualiza isso construindo o Reino de Deus na Terra. Como assim? Isso é pra depois que a gente morrer, o papa abençoar! Não, se constrói isso participando das lutas, organizando as lutas, dirigindo as lutas dos trabalhadores numa perspectiva renovadora, revolucionária. A Igreja pariu isso?! Pariu. Assim como em 64 a Igreja pare as marchas por Deus e pela Propriedade, portanto, pedindo o golpe. Ela mesma, ao ser tão ativa na participação, teve que dar conta de suas próprias contradições, que vão explodir numa forma absolutamente única e mundial: sai de dentro dela o movimento de Teologia da Libertação que vai se identificar tanto com essa esquerda sobrevivente como com esse novo sindicalismo. Quero fazer parte desse novo projeto e, portanto, vai ser muito expressivo, fecha o pacote e tá feito o PT, tudo bem?

Em 1986, puta saia miúda, não tá dando certo. O que fazer ou deixar de fazer? Reúne-se o intelecto e vamos conversar. É aí que o Chico entra e diz que o PT se fez pela esquerda sobrevivente, pelo novo sindicalismo e pela Teologia da Libertação, que tem uma ação muito concreta, de onde derivam mais visivelmente os novos movimentos sociais. Tranquilo? Tudo isso pra localizar o novo texto que nós vamos ler, o Chico vai dizer isso ao longo desse fragmento. O setor central responsável por parte desses novos movimentos sociais tem muito a ver com a Igreja da Teologia da Libertação. Relaxa e veja como Chico vai começar a sua reflexão, olha que estranho, mas ao mesmo tempo o quanto linka o que a gente acabou de ver... *(segue trecho do texto “E agora PT? – caráter e identidade”, de Chico de Oliveira (1986))*

Leitor - (...) *Um terceiro grande setor que forma o PT, saído de bases cristãs (ou, pelo menos organizadas anteriormente no interior de movimentos criados e/ou protegidos pela Igreja Católica), é aquele que se origina nos chamados “movimentos sociais”. Estes são, por definição, produto da falta de identidade política da classe operária; em primeiro lugar, essa falta de identidade se traduz em carências que denunciam a insuficiência do salário real;...*

Scapi - A primeira afirmação do Chico é a profunda dificuldade de se ver como classe. Por exemplo, o que é o movimento de trabalhadores sem terra, sem casa? Por que casa? Composição orgânica de salário!

Quando os trabalhadores vendem a sua força de trabalho, a vendem como qualquer mercadoria. O salários são mensurados, medidos tendo como referência o conjunto das necessidades imediatas que os trabalhadores têm (comer, morar, vestir), portanto, casa é salário! Qual é a classe desse puto sem casa? Na classe trabalhadora tem uma enormidade que nem casa tem, isso remete a que salário eles estão recebendo; como está sua organização de defesa. Na falta de uma identidade, eu continuo lutando. E invento uma que me distancia daquilo que efetivamente... Não ter casa! Não poder pagar aluguel! Olá! Esta é uma discussão que deve ser remetida para os salários, é “falta de salário”!

Leitor – ... essa falta de identidade se traduz em carências que denunciam a insuficiência do salário real; de outro, a falta de representação política, portanto de um partido político da classe operária, ausente da política brasileira desde o degradingolamento do PC brasileiro; em terceiro lugar, os movimentos sociais, ainda que fundados em premissas anteriores, são também, de algum modo, uma estratégia do Estado para manter a segmentação dos dominados, tratá-los discriminadamente, atendê-los setorialmente, manter separadas reivindicações operárias e reivindicações difusamente “populares”...

Scapi - Ainda é uma formação social capitalista altamente desenvolvida, em que monopólios ditam o que é e o que não é feito. Ricos cada vez mais ricos e pobres *relativamente* menos pobres. Primeiro é falta de identidade. Se você não tem identidade, alguém vai te arrumar uma. Não por acaso, o Estado, para o qual é conveniente que venham de forma segmentária.

Leitor - ... representa o jogo de uma dialética perversa onde o objetivo das classes dominantes, traduzidas no Estado-do-mal-estar e concretizadas pelas ações dos governos locais, estaduais e federal, é nunca permitir a fusão das reivindicações operárias e das difusamente populares. Desse ponto de vista, os setores dos movimentos sociais que estão no PT carecem também, ao seu modo, de uma cultura socialista, a qual se traduz de certo modo na ojeriza à política, no basismo, e termina por desembocar naquilo que Eunice Durham chamou a “construção da cidadania”;



isto é, a politização dos movimentos populares começa pela reivindicação da cidadania.

Scapi - Que pérola! Quando é que esses novos movimentos sociais se politizam? Para quê? Você se politiza na relação com o Estado. Rapidinho, sem pensar: o que é Estado? O Estado não é só as Forças Armadas. Eu esqueceria toda a burocracia e todo o aparato de convencimento a serviço do Estado. Ele não é só repressão, mas também esforços de convencimento e consenso.

O Estado é uma mediação dos conflitos estruturais que a sociedade vive. Ele vai querer parecer o que ele não é - isso é essencial na definição de Estado. Isso tem que ser popularmente reproduzido.

Pelo que ele não é que nós vamos definir Estado. Vou meter um grande desejo substituindo o que ele efetivamente é. Não é ao acaso, é assim que a maioria absoluta das pessoas define: “não é mas deveria ser”. Não é um acaso que venha essa forma de definição para Estado, porque, antes mesmo de operar, ele produz um conjunto de auto-explicação. “Estado” só se faz quando a sociedade humana se divide em classes, em interesses antagônicos. Antes disso, não existe Estado - produto da cisão da humanidade em diferentes classes: as dominantes produzem o Estado e toda a sua fundação original já aparece com essa configuração (não é, mas deveria ser). Mas se assim é, o que a gente deveria fazer pra ele ser o que ele não é? “Seremos cidadãos participantes.” Ele ainda não é, mas, a depender dos seus esforços, poderia ser. Tá muito maluco isso? Existe dentro de nós a ideia de que o Estado poderia ser não esse, mas, quem sabe, outro...

O conjunto das classes historicamente oprimidas pelo Estado olha pra ele e diz: “sim, mas esse é o Estado deles. Qualquer hora dessas a gente vai ter um Estado nosso e, aí, será o Estado que existe não só pra defender, mas pra efetivar os interesses de todos”. Ou (sendo um pouco mais de esquerda) da *maioria*. Não é?

Qual é a sua maneira mais eficiente de impedir que isso aconteça?

A consciência idealiza um Estado que nunca existiu nem existirá, porque essa não é a função do Estado. Se você quer o interesse de todos ou da maioria, arrume outra coisa que não seja o Estado, esse produto da cisão entre as classes!

É sempre um Estado de classe dominante, ali para manter o domínio. Agora, ninguém pode manter o domínio só na porrada. Quando o domínio é mais eficiente? Quando corações e mentes são capturados e eu acabo achando que sou um *participante* disso! Portanto, qualquer hora dessas, a gente muda o interesse do Estado e vamos fazer um “Estado para todos”. Deu pra sacar o tamanho da bobagem que tá dentro da nossa cabeça? Se ele nasceu pra se manter como classes, ele não pode ir para além daquilo para o que ele foi inventado! Ele é sempre o Estado de classes. Por origem, tradição, cultura, experiência, onde nós, trabalhadores, como classe, nos metemos nessa discussão sobre Estado? Nós temos que ser *contra* o Estado; nós somos pela desinvenção do Estado, ainda que, pra isso, a gente tenha que fazer um Estado nosso, pra desfazer e evitar que a burguesia pegue de volta depois que a gente pegou. Explico: nós precisamos de um Estado só pra evitar a *contrarrevolução*. Tão logo esta passe, nós precisamos acabar com o nosso próprio Estado. Assim, e só assim, anarquistas, comunistas e socialistas revolucionários se encontram na mesma definição. Todos nós, apesar da profunda divergência que temos, nos encontramos no fim do Estado. “Gente! E na falta do Estado?!” Na falta do Estado, o poder volta pra sociedade!

Por isso, além das divergências imediatas - comunistas, anarquistas e socialistas revolucionários nos beijamos de língua - lá na frente vamos fazer *checklist* e ver se avançamos ou não: tem Estado? Não? Uau! Então, as coisas agora estão ligeiramente melhores do que antes. Se você conseguir, com muita dificuldade, entender que nós trabalhamos pelo fim do Estado, nós também vamos lutar pelo fim da forma com que as lutas são obrigadas a passar para ser aceitas: política. Nós também somos pelo fim da política. Cuidado! Não tem nada a ver com corrupção política, não! Política é a forma de agir com a existência do Estado.

A jurisprudência tem que ser superada. “Nossa! Quer dizer que a gente não vai ter direito nenhum?” Não, porque direito é algo que o Estado diz que você tem.



Que tal a gente, agora, lutar pela ampliação dos direitos que foram conquistados? Até o fim das nossas vidas e das vidas das próximas gerações. “Não, não, mas tá bem melhor do que ontem!” Vamos com calma, *capite*? Daqui a 5 mil anos, a sociedade conquistou... mas e eu? Calma, agora. O terreno sobre o qual você apoia suas ideias começa a ficar... claro! É essa a intenção.

Se não acabarem as propriedades privadas dos meios de produzir e reproduzir a vida - uma classe se faz classe porque se apossa dos meios indispensáveis à produção social da vida: comer, morar, vestir - aquela animalidade básica não pode ser realizada, porque os meios de realizar isso têm proprietário privado! Fim da propriedade privada. Fim do Estado. Fim da política. Fim do Direito. Assim, acabaram as ideologias: fim da ideologia! Alguns vão chamar isso de *anarkós*; outros, de comunismo; os socialistas, de utopia; e outros darão outros nomes, como lhes convêm.

Carlos Biaggioli - Não entendi a questão da ideologia.

Scapi - *Ideologia* pode ser entendido apenas como um “conjunto de ideias” - é assim que a maioria de nós entende: um conjunto de ideias deles ou nossas. Nós fazemos uma leitura ligeiramente modificada de ideologia. Muita gente boa, líderes revolucionários, coisa e tal, não puderam fazer essa reflexão no pé de quem a promove primeiro, Marx e Engels, porque a obra que eles produziram sobre isso só foi publicada depois dos anos 30. Sabe-se da existência de um livro original deles chamado *A ideologia alemã* por conta de uma carta que se faz rodar e diz: “merda, tem um original perdido dos velhos!”. Toda vez que se fala em original, já se acha que isso vai resolver e dá-lhe procurar aquela porra, porque são indicações acertando contas com o nosso próprio pensamento anterior. E mandamos publicar. Aí o cara da editora faliu e ficou com o original. “Que bom! Vai ficar à crítica roedora dos ratos!”, tudo bem? “O importante era a gente acertar as contas com aquilo que a gente achava antes e que agora está mais elaborado.” Isso só é publicado na URSS em 1932, na Europa em 35, 37,40 nos outros lugares do mundo, e aqui só chega nos anos 60. Por isso é que a gente vai achar em Lenin, em Rosa, em Trotsky “nossa ideologia contra a ideologia deles”. No Marx e no Engels não é bem assim.

Depois de conversar sobre essa definição de ideologia (conjunto de ideias), eles vão refletir sobre a insuficiência dessa definição. As ideias dominantes são sempre as das classes dominantes. Em *A ideologia alemã* a frase continua: vai saber por que só essa foi retida.

“As ideias dominantes são as ideias das classes dominantes; são as relações concretas na forma de ideias”, é a mesma coisa ou não? Ideologia é forma de que conteúdo?

Quais as relações sociais concretas que nós estabelecemos? Relações de classes! Por isso é que as ideias dominantes são apenas expressão; não são a dominação: são a *ideia* da dominação. A dominação se expressa por ideias, mas não só, e não substancialmente por ideias. Elas são concretas nas relações de classe, propriedade e um conjunto de outros elementos que, quando aparecem, será na forma de ideias, valores, maneiras de ver e de agir, de se comportar.

Então, a ideologia atuou e as pessoas têm uma maneira de interpretar o mundo pelas ideias. Por isso, quando o conjunto de ideias é para manter a dominação - o que significa e justifica inverter - ideologia é indissociável de *domínio*, de inversão, justificativas. Aí fica uma pergunta: nossa ideologia vai inverter o quê? É pra esconder o que de quem? Por isso: anti-ideológica. Atua contra a forma das ideias servirem como apoio ao domínio. Mas qual sua ideologia? Superar as ideologias, porque ideologia é de classe, é de domínio, pra justificar, explicar, velar por um véu, essa é a função da ideologia. Sem propriedade, sem Estado, sem política, a sociedade volta a produzir decisões, etc. Sim, mas ela não vai ter ideias e valores? É claro que vai. A falta de consciência social é o que nós chamamos de ideologia. São as ideias dominantes? São. Mas continua o texto: “são as relações dominantes na forma de ideias”. Forma remete a conteúdo. Qual o conteúdo? As relações de classe. O que corresponde a isso? Um jeito de velar e dizer que não existem classes; que o Estado deveria refletir o interesse de todos. Estado e ideologia são inseparáveis por conta disso. Olha que raciocínio eles produzem: “não é, mas deveria”. Isso é ideologia. Não tem como o Estado não ser ideológico. E o nosso Estado? Você vai arrumar uma ideologia nesses termos. O stalinismo se configurou na solução de um problema que a gente tanto queria; tanto quisemos uma ideologia que a gente arrumou uma: o stalinismo.



Burguês não é só ter grana, mas estabelecer uma relação onde eu assalario outros. As classes são relacionais. Eu tenho que comprar e explorar trabalho assalariado - senão eu sou pretensamente burguês. Mas onde exatamente estamos? Tem gente cobrando o que de nós?

Simone Brites Pavanelli - Que somos ultrapassados.

Scapi - Anacrônicos. Fale mais: nós estamos tentando reanimar algo que ficou pra trás, que já tinha dado errado na prática.

Marcos Pavanelli - E que o nosso discurso está ultrapassado.

Scapi - Se é mais elaborado, vem com esses elementos. Vocês estão sem referências, com coisas que estão absolutamente ultrapassadas. Não tem mais luta de classes. Essa não é a melhor maneira de se posicionar para desvendar o mundo. “A luta de classes até foi útil, deu umas merdas monumentais, mas que bom que deu tudo errado”. Isso possibilita a gente perguntar agora: se não é isso, é o que então? Está em pleno curso uma escola que, quando nasce, a gente a chama de *cética*. Todo pós-moderno nasce cético. Sabe como ele vai morrer, depois de fazer doutorado nessa escola, duvidar das coisas e de si mesmo? Começa cético, faz o doutorado e morre cínico.

Scapi - Vejam como é que Žižek vai trabalhar o mesmo tema. (*segue trecho do texto “As portas da Revolução”, de Slavoj Žižek*)

Leitor - (...) ***Por tudo isso, a lição “leninista” fundamental de nosso tempo é a seguinte: política sem a forma organizacional do partido é a mesma coisa que política sem política;...***

Scapi - Com quem ele tá dialogando? Se vocês são contemporâneos do seu próprio tempo, vocês caem naquela história de “mudar o mundo sem tomar o poder”. Milhões de pessoas dizendo: viva a nova forma, os movimentos! Partido é um equívoco. Meu bem, você lembrou de Junho. Não é um acaso: “viva os movimentos, o movimento é tudo... ai, partido não, partido é autoritário etc”. Žižek está recuperando isso. Ei, meninos, vocês querem política sem partido? Falem sério!

Leitor - ... ***por isso, a resposta àqueles que querem apenas “Novos Movimentos Sociais” (nome muito adequado, aliás) deve ser a mesma que os jacobinos deram aos girondinos que queriam negociar uma solução de compromisso: “Vocês querem a revolução sem revolução!”***

Scapi - De preferência! *[risos]* Compreensível? Os novos movimentos sociais querem a revolução, mas sem revolução. Por favor, sem partido, sem a violência de classe, sem guerra civil, pode ser? Pode! Mas fala sério: vocês não querem uma revolução, né? Como assim, Žižek?

Leitor - *O dilema atual é que há dois caminhos abertos ao engajamento sociopolítico: ou joga-se o jogo do sistema, engajando-se na “longa marcha através das instituições” ou toma-se parte em novos movimentos sociais, do feminismo à ecologia e ao anti-racismo. E, reiterando, a limitação desses movimentos é que eles não são políticos no sentido do Singular Universal:...*

Scapi - Uai, se eles não são políticos nesse sentido, só sobra uma coisa: eles são um *particular metido* a universal. Vai dar problema.

Leitor - *Eles são “movimentos de uma só causa”, que não têm a dimensão da universalidade – quer dizer, eles não se relacionam com a totalidade social.*

Scapi - Não tem e nem tem como! O caminho não é do particular ao universal; quem sai do particular não tem como chegar ao universal. O caminho para a totalidade, para o universal, passa pelo particular, mas não é e nem pode ser o ponto de partida. Equívocos metodológicos monumentais estão no nosso caminho. Para desfazer isso: calma, *bello!* Você levou a vida inteira pra juntar isso tudo.

Os particulares precisam de algo externo a eles pra tentar alçar algo além deles. Não é para o seu próprio movimento que se sintetizam e chegam ao universal, que só é dado por esse movimento: o ponto de partida, o juízo singular atravessado, permeado pelas riquezas particulares. A relação entre esses particulares é o meu caminho para o universal - e não ele mesmo. Ele, na relação com o conjunto dos outros, está dizendo o que eles têm de universal, para além da particularidade. Isso está neles, mas eles mesmos não são capazes de detectar o que tem de universal neles, então eles vão perceber neles mesmos as suas principais características (ser muito grande e parecer um réptil; ser minúsculo e dar em tronco) - exatamente o que não tem de universal. É importante estudar isso com muita calma, parece que é um dos grandes problemas que a gente tem.



Carlos Biaggioli – E a questão da humanidade que tem ali, todas as dores existenciais que liga tudo etc. e tal?

Scapi - Ah, perfeito. Só tem um jeito, com uma abstração, portanto. O que é um ser humano? É lindo o humanismo, só tem um problema: sob o capital não tem ser humano. “Ah, não? E o que eu faço com o meu humanismo?”. Nada. Ele é bonito, não joga ele fora, não. Vocês estão numa sociedade desumanizadora. O capitalismo permeia a vida do Bixiga? Portanto, o Bixiga é um lugar de desumanização que você ignora e o elege como símbolo de humanização. Você deixa de revelar o caráter profundamente desumanizador daquilo que é universal e está no Bixiga para ressaltar seus traços particulares, porque você acha que ali tem uma resistência humana contra o resto. *[cantando]* “Se você quiser ver o samba amanhecer, vai no Bixiga pra ver, ô, vai no Bixiga pra ver, ô”. Não é universal? Ô, pra ver o quê? “Sob o patrocínio das Casas Bahia a Vai-Vai apresenta... olelê-olalá!” Você quer ressaltar o mais íntimo do particular porque, pra você, ali está um elemento de resistência - e é verdade! Estão, mas estão ausentes todos os elementos que fazem do Bixiga um processo constante e contínuo de desumanização. “Ah, mas eu não vou contar isso. Eu vou contar o que me interessa, da minha resistência e tal”. Perfeito, uma resistência sem aquilo que a promove é *abstrata*! Então, viva o abstrato!

O risco é: valoriza-valoriza-valoriza e depois se surpreende, vira outro lugar. “Gente, isso tá estranho!”, como se fossem assim um Olodum S.A.. É o que começam a virar aquelas formas de resistência, com o chaveirinho, o chapeuzinho, a trança falsa do Olodum! “Não, não, mas ela é benzida pelo Ilê!” Ah, o Ilê?! Hum. Expõem certas formas de resistência que não suportam o tamanho da luta que tem por fazer e são, por assim dizer, cooptadas. Aí ganham um caráter universal: burguês capitalista. “Venha para a Festa da Piroquita!” Puta que pariu, 8 mil pessoas numa fila pra pegar uma fogazza?! E cadê a Santa? Que senhora vai dançar a tarantela se ela tem que fazer um milhão de fogazza? Quer dizer, ela resiste com a forma não industrial? Que legal, de repente ela acabou de dar uma puta ideia pra indústria alimentícia! “Fogazza Piroquita: feita em processos industriais!”

Mas vamos retomar para a questão da identidade.

A primeira coisa do teatro brechtiano é quebrar a sua identidade. Ao quebrar sua identidade, você diz: “como assim?!”. No Brecht, aquele monte de gente chorando, você dizendo “hipócrita, sem vergonha, tá chorando o quê, classe dominante filha da puta?!”. Aí entra a gente, nossa classe, todos felizes. “Você tá rindo do quê, imbecil? O cara vai te comer!” E você percebe que estava torcendo para o bandido! Tudo bem? E os jogos, as interações, as dialéticas, as contradições? Em Hegel - o mais alto ponto que o pensamento burguês foi capaz de chegar (depois é hipocrisia, ideologia, não é mais capaz de desenvolver o saber humano; precisa justificar, atrofia crescentemente) - como é que nós nos fazemos humanos? Diz ele que isso só acontece depois de um longuíssimo processo de desenvolvimento, onde nós, sem deixarmos de ser natureza, rompemos com ela mantendo o elemento natural que nos compõe, superando dialeticamente a natureza, negando, portanto, incorporando. Deixamos a animalidade e agora somos seres sociais. Bem-vindo! Quer pensar seu próprio tempo sem suar frio?! Olá! Acho que isso não tem grandes segredos. Mas, Hegel, dá pra ser mais preciso? Claro. Nós nos fizemos humanos agindo sobre a natureza. Superamos a animalidade continuando a ser animais, mas sociais. Deu pra sacar? “Ai, mas macaco não é social?” Não! Social só cabe pra nós. Nós nos fizemos humanos nos distanciando dessa animalidade na medida em que agíamos sobre a natureza, modificando-a, o estado natural das coisas, como elas nos aparecem.

Pensar é o que nos diferencia dos outros. E quem nos pôs a pensar? “Ai, é natural do ser humano pensar.” Instintos... Calma. Somos iguais a outros bichos, sim? Em certo ponto do nosso desenvolvimento vai sofrer uma descontinuidade, uma ruptura, um salto por um acúmulo, uma porrada de coisas que eu levaria horas contando sobre. Mas suponho que, diferente dos outros, estamos acumulando esforços em modificar a natureza e acumulando experiência. A tal ponto desse desenvolvimento, que ele consegue produzir na mente sem ser necessário operar na natureza. O que ele fez? Ele recompõe aquilo aqui, no pensamento. Seus problemas objetivos, erro-e-acerto-erro-e-acerto-erro-e-acerto, ele começa a produzir aqui, antecipa soluções na mente; leva para a coisa que quer modificar e nem sempre dá certo. Processos pelos quais ele recria na cabeça o mundo onde vive. Mais experiências, mais experiências permitem superar a fase do só fazer pra aprender fazendo, pragmática. Antecipa as soluções na cabeça,



depois vai lá e verifica. Deu errado, faz de novo pra entender por que deu errado; acha a solução; volta e vê se deu certo. O que faz isso é esse operar modificações fora de si, o que significa que eu objetivei coisas que eram subjetivas. Esse processo de objetivação, digamos assim, é humanizador. Objetivar é uma característica humana, mas, ao mesmo tempo, é um processo de externalização daquilo que é interno. Outra forma de dizer a mesma coisa, portanto, seria: processos de externalização. Segundo Hegel, ao fazer este movimento eu alieno algo que estava aqui para o outro, que se identifica comigo por essa externalização. Por essa objetivação da subjetividade, eu me torno conhecido do outro, que se identifica, e a gente se encontra como espécie nesse movimento de externalização. Ou, ainda, se preferem, nós nos humanizamos nos processos de alienação. Não tem segredo. Para o Hegel, são três movimentos muito próximos do que ele tá tentando definir com a maior riqueza possível. Vejam, não era para a palavra ter causado problema. Se eu falo *objetivação*, nenhum problema, você entendeu. Quando eu falo em *exteriorização*, nenhum problema, você entendeu. Por que é que você se enrosca com a palavra *alienação*? “De mim para os outros e os outros se reconhecem.” Em Hegel, a categoria “alienação” é extremamente positiva, é a razão última da humanização, o que nos faz humanos em relação com a natureza, os animais e as coisas todas. Tudo bem? Esse processo pelo qual nos relacionamos com a natureza, modificando-a, essas modificações agem sobre nós modificando a nós mesmos. Ajo modificando e isso age em mim e eu também me modifico. A isso ele chama de alienação. Cuidado com a definição que você tem de alienação. Expresso de outras formas (externalização ou objetivação), ele está dizendo: é isso o que nos faz humanos. Alienação, pro Hegel, é a própria essência da humanização.

Compreenderam o que é “alienado” para o Hegel? É exatamente isso que nos tem feito humanos até aqui. Só que, agora, o humano está diante de um pequeno problema: está submetido ao capital. Aí, aquelas mesmas modificações sobre a natureza - ela (a natureza) não produz o que eu preciso - são a matéria-prima sobre a qual eu atuo, modifico e, a partir dela, eu consigo o que eu quero. Agindo sobre a natureza, tendo em vista operar modificações. O produto dessas modificações devem satisfazer necessidades, sejam quais forem; modificações na natureza para satisfação de necessidades. Ao operar

modificações na natureza pra satisfazer necessidades que nós temos, nós nos humanizamos. Como chama o ato de modificar a natureza tendo em vista a satisfação de alguma necessidade? Vou operar objetivamente. Aquela comida é muito crua, mas eu preciso comer. Eu vou cozinhar, porque assim digere melhor. A isso se dá o nome de *trabalho*, a categoria fundante que te permite entender sua própria espécie. Nós nascemos porque fomos fazer modificações na natureza tendo em vista a satisfação de alguma necessidade.

TRABALHO

O que funda a espécie, o que humaniza? O trabalho. Somos filhos do trabalho. Nascidos da natureza, a certo ponto do seu desenvolvimento, vamos agir e operar modificações trabalhando. Portanto, é o trabalho que permite o salto entre animalidade e sociabilidade. Porém, em Hegel, o trabalho é o processo pelo qual eu opero e alieno aquilo que tem de humano que não estava na natureza. *[atirando um objeto]* Isso aqui é natureza modificada! Eu vou olhar a natureza modificada e dizer: quem e como modificou? Alguém como eu: um ser humano. Ninguém mais é capaz de operar modificações dessa natureza, com esse grau de complexidade. Onde é que nós nos encontramos como seres humanos? No produto das modificações que fazemos sobre a natureza - ou do nosso trabalho. Qualquer trabalho é produto do processo de humanização, portanto, nos produtos do trabalho nós nos identificamos como seres humanos, como seres da mesma espécie.

Posto nestes termos, olho e vejo que só tenho um problema: sob o capitalismo, isso que nos faz essencialmente humanos ganha forma mercantil e se generalizam os produtos do trabalho como *mercadoria*. Aquilo que era apenas e tão somente um valor de uso, agora continua sendo um valor de uso só que com valor de troca... e nem sempre foi assim. Houve um momento em nossas relações que, por N razões, modificou-se o caráter das nossas relações, que agora são mediadas pela forma mercantil. Agora, assim mediado, aquilo que antes identificava como trabalho humano mediante outros está a serviço não desse processo de identificação, mas de acumular capital. Portanto,



antes da identificação vem a realização prioritária desse objetivo: o *lucro*. Se isso é o elemento central, aquilo que humanizava agora aliena - não no sentido hegeliano, mas no marxiano. Ele volta e diz: “Então, Hegel, tem só um problema. Tudo isso era verdade (e continua sendo), mas a produção humana agora se volta contra o humano”. Então ele vai usar da expressão “estranhamento”. Ele não compreende aquilo que é um produto, uma realização humana. Eu não identifico nada como “humano” e me alieno, tudo bem? Em Marx, alienação vai ter esse sentido: não compreendo a sociedade em que vivo e que crescentemente vai se alienar ainda mais no humano. Quanto mais desenvolvimento capitalista, mais desumanização ativa - porque não é um problema de ideologia e controle da burguesia sobre a nossa forma de pensar. Eu me desumanizo ao trabalhar na forma assalariada. O trabalho assalariado produz mercadoria e isso aliena, desumaniza. Sem que eu pense nisso, eu faço... e faço... e faço... Quando eu quiser entender o mundo em que eu vivo: tchau, meu bem! Tua sociabilidade é desumanizadora, pois aquilo que nos fez humanos, modificar a natureza (você olha o produto do trabalho do outro e diz: “foi um como eu quem fez isso!”), ao produzir uma mercadoria feita para dar lucro, você vai ver tudo menos o outro ser que a produziu. Por isso, agora, alienar ganha um sentido totalmente negativo. Em Hegel, positividade absoluta; em Marx, negatividade absoluta.

Samia - Eu não peguei o motivo, por que muda tanto o sentido, de Hegel pra Marx?

Scapi - O que humaniza é o trabalho que modifica. Antes da produção capitalista, o Marx vê sentido nisso; sob o capitalismo, ao assumir a forma de mercadoria, eu não vejo outro ser humano produzindo aquilo. Minha identidade, agora, é como consumidor de mercadoria, se eu tenho ou não dinheiro pra comprá-la, tudo bem? A natureza da identidade muda completamente, ela tá a serviço da mercantilização. O humano, o valor de uso está submetido ao valor de troca - os dois existem ao mesmo tempo, mas um manda no outro. Se é o valor de troca quem manda: pra que é que aquela coisa serve? Tá com sede? Tô. Mata a sede, não mata? Como matar a sede na sua sociedade? Tem grana? Tem equivalente de troca pra comprar? Não? Uai, mas não é uma construção humana? Eu não juntei água num recipiente pra não ficar caindo e as pessoas poderem vir e tomar? Foi, e isso

é humano. Agora, o humano, nas condições capitalistas... Deu pra sacar esse invólucro? Você só mata a sede se fizer algo antes. O que? Trocar, pagar. O que é um ser humano? Um ser que troca coisas uns com os outros.

Aquilo que, na gênese, é alienação, ao se desenvolver vai virar fetiche. Aquele ser humano que produziu a garrafinha de água na forma mercadoria é um ser que se desumaniza ao produzir garrafinha de água. Desumanizar não é te maltratar, criança! Não é desumanizador por ser segregado; é desumanizador o processo de produção e reprodução da espécie! Não há produção e reprodução da espécie sem trabalho! E o trabalho, agora, aliena e, portanto, desumaniza no que ele tem de fundamento humanizador.

Carlos Biagioli - Na verdade, ao que você chamou de “humanismo”, eu estava me referindo a outro tipo, a coisas mais simples. Por exemplo, por profissão eu sou palhaço. A minha pesquisa é: comunicar através do riso, fazer as pessoas rirem, produzir alegria. Isso é o que eu chamei de “humanizar”, é isso que faz com que a gente se encontre naquilo que a gente ri. Outros fazem chorar. Outros fazem assim ou assado.

Scapi - O lúdico do palhaço é falar brincando. Fazer rir é humanizar? Palhaço, eu tenho uma péssima notícia pra te dar...

Scapi - Fazer rir não volta a humanizar.

Carlos Biagioli - Mas não foi isso o que eu disse!

Scapi - Quando me é conveniente, eu vou pôr palavras na sua boca!
[risos]

Carlos Biagioli - *[rindo]* Você não tem compromisso nenhum?!

Scapi - Lógico! Meu, você acabou de fazer inferência própria!

Carlos Biagioli - Posso tentar encerrar meu pensamento? Voltando à questão do “cante sua aldeia e será universal”, colocada lá atrás, eu acho que falar das alegrias, das tristezas, das dores, dos horrores e tudo o mais de todas as etapas que a humanidade atravessou é o que faz com que eu, cantando os horrores e louvores da minha aldeia, dentro do meu espaço-tempo, é o que faz com que eu me encontre



com outras pessoas (em outros locais) e me identifique. Neste sentido, criatura! Não em toda essa outra dimensão, na qual eu concordo com você e vou refletir. Mas eu acho que cantar a minha aldeia é cantar o mundo.

Scapi - Não se surpreenda se a ordem não vir em você nenhuma ameaça e subsidiá-lo pra que você faça a humanidade rir muito. Não se surpreenda se os causadores de tamanha tragédia que felizmente mantém tua sensibilidade viva e nos faz rir... Fique esperto! Sob certas condições, eles vão te financiar pra manter a barbárie suportável. Nada como um bom palhaço pra nos divertir!

Carlos Biaggioli - Digo que entendo e concordo com o que você está falando, mas ainda não é sobre isso o que eu estou falando! Você foi pra outro lado...

Scapi - Claro, eu sou um puta sacana, fico operando modificações no que vocês vão dizer, não é? Ah! Já que me destes a intimidade tão gostosa, eu sou filho de palhaço...

Carlos Biaggioli - Eu já tinha percebido! A tua comunicação é maravilhosa...

Scapi- Duvido que você saiba o nome do palhaço do meu pai! *[risos]* Não tem universalidade? Tem! Particularidades... Mas o humor... Eu trago o humor, o rir, pra minha área, meu! Se vocês não rirem, isso aqui fica um pé-no-saco, seria uma abstração maluca. Agora eu vou juntar essa dona aqui, a “da consciência”. Mas é um rir onde estão montadas as proteções necessárias pra ela não se sentir ameaçada. Essa é a nossa forma, pelo menos sob minha intenção, de aprendizado, de troca, de interação: tem que rir um pouquinho, senão fica um grau danado interno e externo. A gente precisa rir um pouquinho mas, agora vejam, os elementos do humanismo são cada vez mais abstratos e crescentemente incidem sobre apelos morais.

A sociedade capitalista não é transformada por apelos morais. Sob certas condições, ela precisa, requer mais do que risos: ela requer uma arte de contestação, que só nós (de esquerda) podemos produzir. Só nós contestamos eles dizendo: eu odeio o burguês funesto, o indigesto feijão com toicinho, dono das tradições. Não é?

Mas fica esperto, meu! Sob certas condições, por exemplo a que nós vivemos hoje, parte do teatro de contestação é, mais do que bem-vindo, exigido. Não é uma boa hora, Tcheckhov, nós precisamos de outras artes de contestação. Mas, ok. Pode mover as pessoas. Insisto, pode haver dignidade nisso, isso pode valer uma vida, vai ter nosso amor, carinho, respeito pro resto de nossas vidas, deu pra sacar? Porém, não muda o mundo, não transforma. E eu estou aqui pra brincar com vocês de transformadores do mundo, olá!

Simone Brites Pavanelli - Com um espetáculo de palhaço a gente faz rir e serve ao capital. Com um espetáculo de contestação a gente também serve ao capital. Em qual momento eu faço qualquer outra coisa que não serve ao capital?

Scapi - O que é capital e como ele se atualiza, se refaz, se reproduz? Em cada momento ele não é o mesmo. Como é que é *el gattopardo*? “Mudar permanentemente pra que tudo permaneça”, mudar formas o tempo inteiro. E as substâncias? Brincar de ser humanista agora é suspender por um átimo de tempo o processo desumanizador que antecede ao teu trabalho, tudo bem? Então, antes que ele termine, volta a atuar. “Ai, mas eu tô bem com a minha consciência!” O mundo continua produzindo e reproduzindo as possibilidades de barbárie. E aí, atacar ou não as causas?

Pode a sua arte ter um grau de contestação tamanho que eles não permitam? Difícil pensar, não é? Tal a mobilidade que eles têm, tal a plasticidade do domínio ao qual nós estamos submetidos.

Ou a gente acha algumas coisas, como alguns que nos antecederam acharam, porque tem conteúdo e forma própria de classe. A burguesia só monta Brecht como um “clássico”, assim como a Sociologia estuda o Marx. Estude como um clássico e você acabou de matá-lo! Esse é



um governo de *colaboração* de classes, de conciliação de interesses de classes. Você vai enfiar isso no teu espetáculo? Claro que não! Por quê? Porque os processos de desumanização são outros. Processo de desumanização, aqui, agora, é esse! O capital nunca acumulou de forma tão intensa, tão profunda quantitativa e qualitativamente como nos últimos 12 anos! Você quer ser contemporâneo ao teu próprio tempo mas não vai tocar nisso? Tudo bem. Eu só quero saber por que razões. Relaxa, porque agora sou eu, educador, conversando com vocês todos.

E aí, você quer pensar criticamente sobre o tempo em que você tá vivendo? Olá! Por que a sua república para no odioso neoliberalismo? Por que a sua república não vem pro democrático-popular?

Leitor (texto de um jornal) – Empresários e trabalhadores deixam de lado antagonismos e se unem pelo desenvolvimento do Brasil, mostrando que a relação entre capital e trabalho está mais madura. [risos e aplausos irônicos] Embora o avanço e a consolidação da democracia, persiste no Brasil um hiato entre Estado e Sociedade. É uma inoportuna subversão do milenar conceito aristotélico de que o poder público deve dedicar-se a prover as necessidades desse indivíduo político chamado ser humano. Porém, mais eficaz do que remoer as causas históricas da distorção, é buscar alternativas para corrigi-las. Excesso de burocracia, instabilidade jurídica, poder quase intocável dos governos de arrecadar impostos e decidir políticas públicas, ônus regulatório, incontinência fiscal e ambiente político ineficiente, que são os sintomas de que o Estado brasileiro continua se colocando como uma atividade fim e não como meio de garantir qualidade da vida. (...) É inadmissível que o Estado, que arrecada cada vez mais, continue tais demandas. Cabe à sociedade organizar sua articulação para promover a mudança.

Scapi - A sociedade tem que se articular pra resolver. Hum.

Leitor - E é isso que estamos fazendo ao estabelecermos diálogo pelo desenvolvimento do Brasil entre a FIESP e a CUT. Unimos duas forças da nação, porque confere mais equilíbrio à interação com o ente estatal. É um passo histórico do processo de aperfeiçoamento da democracia e participação civil. Não se trata

de estabelecer antagonismo com governos federal, estaduais e municipais e os poderes constituídos. Ao contrário, é uma iniciativa capaz de ajudar os ocupantes de cargos públicos, embuídos do verdadeiro espírito democrático, a iniciar a desconstrução de um modelo obsoleto de Estado, que não se coaduna. Um passo histórico para o amadurecimento e a modernização da relação entre capital e trabalho...

Scapi - Um passo histórico para a modernidade! O que que é *moderno* nessa sala? Os processos pelos quais a burguesia brigava com o velho regime. O que pra ela é modernidade agora?

Selma Pavanelli - Conciliação.

Scapi - Com os interesses (inconciliáveis) entre as classes. Portanto, um passo histórico está sendo dado. Qual?

Leitor - ***A modernização da relação entre capital e trabalho começou a ser dada pela FIESP e pela CUT-SP. As duas entidades, num gesto de quebra de paradigmas, iniciaram um entendimento pelo desenvolvimento do país sob a liderança dos seus presidentes...***

Carlos Maravilha - Eu tenho só uma dúvida. Historicamente, isso teria a ver com o fato de o pessoal ter desistido da greve, naquele momento? O Lula ter decidido parar a greve, o último ato do sindicato...

Scapi - Não, continuam fazendo greve. Isso é que é difícil de capturar no tempo em que você tá vivendo. É possível continuar fazendo greves, fazendo lutas, mas o objetivo estratégico, agora, é esse. Eu vou fazer greve, não é que parou de fazer. Mas pra quê? Qual é o segundo momento da luta depois da greve? O entendimento e a negociação. Eu já abro a greve tendo em vista a negociação em melhores condições do que se eu não fizer greve. A greve, que anteriormente tinha outros objetivos, agora tem novos objetivos. Não é que eu não faço mais. Curiosamente, não é por acaso, eu faço menos. Mas eu continuo fazendo, porém, agora, eu mobilizo as energias num outro sentido. Pra quê? Por um grande acordo na FIESP; para a continuidade da democratização; para o crescimento do país - porque, se houver crescimento, a gente pode distribuir renda, caso contrário não há renda pra distribuir. Juntos, fazer o país crescer. Quem são os mais interessados no crescimento econômico? Os trabalhadores!



Olha que invenção lógica fabulosa. Eu sou o maior interessado no desenvolvimento da minha região. O que é isso? As indústrias virem; eu não afastá-las porque a minha região tem a fama de radical. Eu construo uma nova imagem de bons moços. Olá! Quer brincar de contemporâneo? Vai ter que mexer com coisas tão desagradáveis quanto essas. Ser de luta, agora, é ser da CUT, do PT e negociar com a FIESP o indispensável para o crescimento do país. Alguma coisa está alterada nisso? Quem é a FIESP? Adeus, projeto dos trabalhadores! Eu preciso de um novo projeto identitário... acabaram de achar! É louco, olha: 1) não deixa de reconhecer a existência de classes; 2) não nega o quanto são inconciliáveis os interesses de classes: tem exatamente isso como ponto de partida, diferente dos acúmulos históricos que tentaram resolver isso por processos revolucionários, nós não! Temos horror às experiências autoritárias de esquerda e também às de direita. Nós teremos um caminho do meio. Uma forma não de nos enfrentarmos, mas de conciliarmos. Como (historicamente) as classes dominantes são brutas, estúpidas, violentas, o que é que eu faço? Um longo processo de lutas para convencê-los.

Selma Pavanelli - É cooptação, uma ilusão de que vai ter um desenvolvimento e você vai ganhar mais. Até tem uma melhora, é claro. Mas não importa o quanto tá ganhando o de cima, o importante é a pessoa não ligar pra essa proporção que está enriquecendo o outro. Daí, talvez, esse conformismo...

Carlos Maravilha - O sonho burguês, não é?

Scapi - Como fazer isso? Desarmar a classe de sua perspectiva de classe, emprestando a ela algo que não é classe...

Selma Pavanelli - Classe A, B, C, D... Vai dividindo mais ainda...

Scapi - Ah! A capacidade de consumo define classe. É A, B, C, D ou E? Está em pleno curso. Nós precisamos ter consciência de que caminhamos rapidamente pra todos nos transformarmos numa grande classe média. Qual é a origem, de onde vem a palavra "médio"? *Medíocre*, nem isso, nem aquilo, o caminho do meio... Eles podem continuar ganhando, enchendo o rabo como nunca, desde que... Uma grande conciliação de classes. Se a gente se entender, fica um pouquinho melhor pra todo mundo.

Esse é um velho projeto que já deu errado. Por isso, você é anacrônica com as temáticas que andaram levantando, fazendo sua arte.

Žižek volta, porque saem os trabalhadores e agora vêm os novos movimentos sociais. Veja, o operariado não vai desaparecer - isso era só um blefe monumental, que não tem comprovação empírica nenhuma. Não tem *como* acabar com o trabalho deles. Agora já dá pra afirmar por que, ou não? O que é trabalho? Os processos pelos quais modificamos a natureza e nos humanizamos. Não tem como acabar com isso. Ou a natureza vai começar a dar pronto tudo o que nós precisamos? Não? Vai ser preciso continuar operando essas modificações sobre a natureza? Não existe fim do trabalho. Pode existir fim do trabalho escravo, fim do trabalho servil, fim do trabalho assalariado, mas não existe fim do trabalho. Nem sob a forma capitalista se é capaz de acabar com o trabalho assalariado, é este que faz o capital. Sem trabalho assalariado, eu, como capitalista, não tenho como extrair o trabalho excedente dos trabalhadores, a mais-valia. Talvez precisemos de mais calma pra matar em vocês o delírio de que possa haver capital sem trabalho assalariado, o delírio que tá na cultura de vocês, que é “dinheiro faz mais dinheiro e isso é capital”. Isso não existe, não tem acumulação capitalista sem a exploração do trabalho assalariado. Capital é acúmulo de valor e só o trabalho produz valor.

Quer falar do seu próprio tempo? Fale em “conciliação”.

Mas, amanhã cedo a gente volta pro Žižek, que vai permitir recuperar esse conjunto de elementos que hoje ficaram muito dispersos. Amanhã a gente fecha um pouquinho isso, que é quem nos tá criticando pelo caminho que estamos seguindo. Que opção tomaram? Ao largar a classe, permanecem em luta, não vira uma canalhice, mas modifica profundamente a maneira de ver e de agir sobre o mundo. Mudam os sujeitos! Vem os novos movimentos sociais. Ah, agora eu achei uma forma de continuar os processos de luta! Legal! Qual parte disso é feita com muita dignidade? Tem meu respeito. Porém, tem só um problema: não tá mais inscrito nos processos revolucionários. Quer uma revolução sem revolução. O Žižek dá mais pistas sobre onde estamos metidos se ficarmos apenas circunscritos aos novos movimentos sociais. É importante que eles existam, mas é importante ver os limites que eles



mesmos trazem. Um salto mortal, mas nem tanto, aparentemente a gente dá um passo não no caminho dos nossos críticos mas daquilo que a gente tem constatado e não tem gostado. Por que as pessoas pensam e expressam da forma como tem se expressado com a gente? De onde vem essa coisa do naturalizar o que não é da natureza, mas histórico? Por que as pessoas pensam como pensam? São elas, individualmente, que desenvolvem essa capacidade? Existe a participação dos indivíduos, mas vamos ver (juntos) que existe uma ação de classe pra que as pessoas pensem dessa maneira e ajam dentro de um espectro onde não surpreendam. Vamos ver com calma os processos pelos quais as pessoas naturalizam (“sempre foi assim”) e perdem, portanto, as modificações. A gente vê também alguém que melhor pensou sobre isso, o Gramsci, pra capturar o que a gente chama de *senso comum*. Ele te sugere um outro caminho, para o qual eu te convido amanhã cedo.

Continuação do dia anterior...

Scapi - Vamos ao texto do Žižek. (*trecho do texto “As portas da Revolução”, de Slavoj Žižek*)

Leitor - *Por tudo isso, a lição “leninista” fundamental de nosso tempo é a seguinte: política sem a forma organizacional do partido é a mesma coisa que política sem política; por isso, a resposta àqueles que querem apenas “Novos Movimento Sociais” (nome muito adequado, aliás) deve ser a mesma que os jacobinos deram aos girondinos que queriam negociar uma solução de compromisso: “Vocês querem a revolução sem revolução!” O dilema atual é que há dois caminhos abertos ao engajamento sociopolítico: ou joga-se o jogo do sistema, engajando-se na “longa marcha através das instituições”, ou toma-se parte em novos movimentos sociais, do feminismo à ecologia e ao antirracismo. E, reiterando, a limitação desses movimentos é que eles não são políticos no sentido do Singular Universal: eles são “movimentos de uma só causa”.*

Scapi - Eles vão tentar do seu particular compreender o universal. Não existe caminho do particular para o universal. “Não, mas eles fazem o movimento!” Ultrageneralizam sua aldeia. “Ahh! Acho que entendi o

processo. Preciso universalizar, pensar grande. Ahhh! Sou da Barra Funda, logo, o que é o mundo? Uma barrafundona! Um bixigão! Uma enorme Cidade Tiradentes, um tiradentão!” Ultrageneralizo a minha particularidade, esse é o processo da consciência nesse momento lamentável de sua existência. “Cante sua aldeia e cantará o mundo.” Ah, que lindo! Não! Você vai ultrageneralizar o particular achando que está cantando o mundo. Uau! O conjunto dos grandes grupos monopolistas presentes no Bixiga; onde estão os dólares do mercado mundial no Bixiga? Diga melhor: onde ficam os marines no Bixiga? Não tem. Então, sua aldeia transformada em mundo vira uma coisa em que faltam só as peças fundamentais, só as essenciais, entre elas os trabalhadores como classe, porque, na Cidade Tiradentes, eles se desmancham como classe (que são) do trabalho indo pra casa como indivíduos. E você, pesquisador que quer cantar sua aldeia pra simbolizar o mundo, o que é que tu, estúpido, vai achar? Um monte de indivíduos. E seu critério vai levar ao quê? Ao exótico, porque eu tenho que ter um tratamento estético. Aquilo é um lugar produzido pelo desenvolvimento capitalista de São Paulo. Sabem como se chamam as primeiras e principais ruas da Cidade Tiradentes até hoje? Rua dos Têxteis, Rua dos Metalúrgicos, Rua dos Químicos. Não é ao acaso os nomes dessas ruas, sacou? Tudo bem a reconstituição histórica da Cidade Tiradentes pra onde vai se você marcar bobeira? Como é que o ônibus foi parar em Cidade Tiradentes?

Sidney Herzog - Ah, eu lembro. Os trabalhadores foram até a guarita, que era bem longe, os caras não quiseram falar com eles, levantaram a guarita e levaram até a Cidade Tiradentes.

Scapi - Com o cara dentro! “É aqui que essa guarita tem que ficar, entendeu?” É aqui o ponto final dessa merda, sacou?” E não mudou nunca mais o ponto final, meu. Tudo bem, cara? Te coloca numa perspectiva de classe e vê como é que as coisas se alteram. Os trabalhadores foram lá. Quando? Quando eles se diluem como trabalhadores?! Por favor, se inspirem nas coisas que precisamos. Daqui a pouco mesmo o Žižek vai ser envolvido, sacou? Mesmo os críticos! Porque a classe não se movimenta como classe, nós nos enfraquecemos, cara. Quer dizer, eles não são movimentos no sentido singular universal. Eles são de uma causa só. Só há um jeito de botar identidade nessa coisa serial, feita de indivíduos: algo fora deles



precisa dar sentido a eles. Como eles se dirigem ao Estado com suas demandas, produzirão um efeito muito interessante. Isto é uma via, até então, de uma mão só, que ficará também marcada pelo caráter repressivo do Estado brasileiro em relação aos movimentos. Alteremos e agora coloquem uma via de duas mãos. Um movimento que tenta superar a democracia de representação por uma democracia de participação. Muito bem, o que antes era unidirecional, agora é de dupla mão, agora envolve, agora precisa que participe, é orçamento participativo, conselho de desenvolvimento! Isso vai produzir um efeito muito interessante. Vocês não têm identidade nenhuma entre vocês, mas faz uma primeira identidade comigo, por favor. Vou me deslocar muito rápido pra esfera da religião, tudo bem, seres dispersos e seriais? Aponta o dedo pro papai aqui e repitam: “Oh, Papai!”. Isso imediatamente produz algo que, se você não prestar atenção, vai passar batido. “Oh, meus filhos!” “Oh, Papai!” “Oh, meus filhos!” Olhem-se uns para os outros. São agora irmãozinhos, agora existe uma identidade horizontal entre vocês que não havia antes. O caráter dessa identidade foi dado por quem?

Adailton Alves - Por ti, ó pai!

Scapi - Por tua filiação vertical, ao mesmo tempo horizontal. Então, com sua aldeia e seu particular, achando que foi para o universal e não foi, no máximo você está no espírito absoluto que “não é, mas poderia ser”. E o que a gente pode fazer pra ele deixar de ser o que é e ser o que gostaríamos que ele fosse? Ah, vamos voltar à mente, produzir esse processo crescente de identidades. A qualidade das lutas que daí vão advir está toda marcada por essa essencialidade. Agora eu converso sobre Junho. Todos nós estivemos lá – uns com a cara e a coragem; outros, nem tanto. Rapidamente, o que vocês viram ali?

Respostas - Jovens. Famílias. Caras pintadas. Cada um gritando uma coisa, uma bagunça.

Scapi - Lembram algumas coisas gritadas.

Respostas - “Sem partido!”, “Sem violência!”, “Escola Padrão FIFA”, “Você está doente e vai ao estádio!”, “O Gigante Acordou!”...

Scapi - Adversidade na diversidade! O que unia aquela bagaça?

Resposta - Estar na rua.

Scapi - Contra quem?

Respostas - O Estado.

Scapi - Nem todos. Uma coisa unificava: cada um com sua reivindicação. Quem reivindica reivindica alguma coisa para alguém. A soma geral daquelas reivindicações apontava para onde? As críticas apontavam pra onde?

Respostas – Governo?

Scapi - Seja ele regional estadual ou federal. Quem produziu aquilo? Ora, os governos democráticos e populares de colaboração de classe. O que eles precisam fazer imediatamente? Leram Gilberto de Carvalho, semana passada, dizendo como é que eles receberam a primeira manifestação? Lembram a primeira palavra que ele, Dilma e o resto usam quando veem aquilo crescendo, crescendo e crescendo? Ele se disse “magoadíssimo”...

Carlos Biaggioli - Primeiro foi: “Coisa pequena, mal organizada e violenta”.

Scapi - Ok. A PM. Salve a gloriosa corporação da PM. Ela foi fundamental. Quando ela desceu o sarrafo, “não bate nos meninos, vou pra rua!”, pronto. É indissociável o crescimento com o papel pedagógico da gloriosa Polícia Militar do Estado de SP: gás lacrimogênico, gás pimenta... Isso é uma ironia! Ficaram “magoados”. “Contra nós?!” É, eles têm uma pequena dificuldade de reconhecer que eles produziram as “Jornadas de Junho. Prova do crime? Reunem-se e dizem: “nem tudo é perda, vamos disputar essa merda dessa direção”. Aí chegaram todos embandeirados, foram buscar quem? Quem é do seu partido, que tá lá, levando porrada, xingando, black bloc, pseudo-anarquista... “Ai, aqui estão os hermanos de esquerda!” E o que fizeram os irmãos de esquerda? Os partidários de esquerda disseram: “Nossa! Bem-vindos...” Confesso: não foram todos que fizeram esse ato solidário. Primeira análise: “Ridículo! O fascismo tomou a Paulista”. Eles não têm a menor ideia do que seja fascista, cara! Tinha lá uma pá deles, mas quando você se horroriza e não faz nada contra fascista, não quebra nenhuma clavícula? “Não, a gente se enfrenta no campo das ideias!”



Mas o problema é que a merda cresce, fica nacional e, o pior de tudo, até onde foi possível contar, em 556 cidades houve manifestação. Žižek, que porra é essa de singular com o universal que isso aqui não tem? O que os nossos não têm que ele está usando como parâmetro pra ler os nossos?

Leitor - ... *Eles são “movimentos de uma só causa”, que não têm a dimensão da universalidade - quer dizer, eles não se relacionam com a totalidade social. Contra a pós-política - Na Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel, Marx lança mão de algo assim como a lógica da hegemonia: no clímax do entusiasmo revolucionário, surge uma “classe universal”...*

Scapi - Isso é um absurdo! **Se for classe, não é universal, mas a própria expressão do particular.** Mas olha a loucura: no entusiasmo revolucionário, surge uma classe que, sem deixar de ser o que ela é (particular), vive um momento único em que, sem deixar de ser particular, no clímax do entusiasmo revolucionário, ela ganha um caráter momentâneo de universal. Nega e supera a si mesma como classe porque produziu um entusiasmo revolucionário. Como é que se produz a hegemonia se é particular? Hegemonia é eu ir para além da minha perspectiva, ganhar os outros para a minha perspectiva, ser hegemônico sem deixar de ser particular. No entusiasmo revolucionário, o que é que tem?

Leitor - ... *Surge uma “classe universal”, ou seja, uma classe em particular se impõe como universal e, portanto, gera entusiasmo geral, pois ela representa a própria sociedade contra o Ancien Régime...*

Scapi - Ela é a representação física, viva, de quem se opõe à ordem que precisa ser derrubada. Adianta chegar e dizer: “Ai, mas eles estão propondo um acordo”. Vocês querem revolução sem revolução? Agora têm que ser derrubados! Eu vou atrofiar se eu continuar sob a direção deles. “Ah, nós também!” Sacou? O entusiasmo permite que uma classe vire símbolo, só pra começar, de quem não pode avançar se a ordem permanecer a mesma. Ela simboliza o *contra* que irradia, envolve e produz identidades com outras classes que também têm ali o seu inimigo. Eu significo uma luta concreta e objetiva e vou fazê-la contra isso aqui. Alguém mais é prejudicado, explorado por isso aqui?

Portanto, existe momentaneamente uma unidade - ainda que ela não seja produzida por nós - produzida por um *grande outro*. Mesmo sendo particular, nesse exato momento o entusiasmo não fala, as falas já foram feitas, agora é: derrubando a Bastilha objetivamente, produzindo modificações.

Leitor - *O próprio crime anti-social (tal como a burguesia na Revolução Francesa). O que se segue é a desilusão, descrita de modo tão sarcástico por Marx: no dia seguinte, a distância entre o Universal e o Particular se torna visível novamente...*

Scapi - É só um discurso pretensamente universal e uma ação concreta e cotidiana. Tudo bem de onde vem a concepção de “Estado para todos”? Você fica escutando a burguesia, ao montar uma explicação, uma ideologia sobre o que é o Estado. É isso o que você comprou. Não é você que diz isso; na falta de palavras, você vai lá e entrega pra burguesia: “não é, mas poderia ser”. Você introjeta isso e faz parte da tua análise. Onde é que você arrumou isso? Na desilusão histórica que nós carregamos. “Ah, filho duma puta, parecia tão universal!” É, só não tinha as forças necessárias pra fazer o que eu precisava, agora você já me ajudou e, enquanto isso, eu fui pra além de mim mesma como classe e me apresentei como universal naquele momento. No dia seguinte: olá! Quem reconstrói o Estado? Burguesia faz outro Estado, nada a ver com o monárquico, onde vai estar intrinsecamente presente a ideia de que é feito para o interesse de todos, mas não está zelando por isso. Enquanto eu não tenho um projeto, vamos pressioná-lo para que ele assuma essa posição. Vamos todos, em Junho, pressionar, cada um na sua, dizendo: tem mais demanda aí!

Leitor – ... *O lucro capitalista vulgar aparece como realidade da liberdade universal e assim por diante. Nesse aspecto, a acusação de Lenin aos liberais é crucial: eles apenas exploram a insatisfação das classes trabalhadoras para fortalecer sua posição em relação aos conservadores, em vez de se identificarem com elas até o fim. Isso não vale também para os liberais de esquerda de hoje?*

Eles invocam o racismo, a ecologia, as demandas dos trabalhadores e assim por diante, para ganhar pontos sobre os conservadores - sem ameaçar o sistema. (...) O mesmo vale para os Novos Movimentos Sociais: o establishment está sempre



disposto “a ouvir suas demandas”, destituindo-as de sua força política. O sistema é, por definição, ecumênico...

Scapi - Ecumênico, onde cabe tudo e todos ao mesmo tempo! E ele precisa afirmar o seu caráter ecumênico permanentemente para justificar, ser bem aceito. Como ele faz isso? Quando ele se mete já produz dessa forma, segmentado, e o apoia quem faz isso.

Leitor - Aberto, tolerante, pronto para “ouvir” a todos. Mesmo se você insistir em suas demandas, elas terão o seu impacto político universal eliminado em virtude da própria maneira como se dá a negociação. A verdadeira terceira via que devemos procurar é essa terceira via entre a política parlamentar institucional e os novos movimentos sociais.(conferir)

Scapi - Ainda como se dá a negociação, você tem elementos universais. A forma como se negocia elimina a última possibilidade de haver universalidade. Você vai como trabalhador, chega e diz: “gente, cadê o ministério correspondente aos trabalhadores?”. O que você faz? “Ah, a minha categoria!” Aí você vai como categoria e, a depender dela, é o prédio 1 ou 19 ou 7, não é? Previdenciário não é no mesmo prédio dos professores, são coisas diferentes. Expressão máxima da lógica formal: uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Junte a isso maniqueísmo e outras coisas e... bingo! Aí está a lógica com a qual a maioria de nós opera para organizar o pensamento e ler a realidade. Se não é pelas institucionalidades nem pelos movimentos sociais, vai acabar como, Žižek? Ironizando e brincando de novo: a verdadeira terceira via quem vai achar somos nós. Fica marcando bobeira, vem o clero e te arruma uma terceira via. Como produzir o que a gente quer não atuando apenas nos limites da institucionalidade ou dos novos movimentos sociais.

Adailton Alves - Como classe, a gente está tão despreparado, desorientado, que parece nem olhar os exemplos históricos, não é? No campo das políticas institucionais toda a esquerda na Europa já tinha fracassado. E aí a gente aposta que o que aconteceu lá aconteceu da mesma maneira aqui...

Scapi - Ou com requintes ou com tempos diferentes ou com singularidades muito próprias. Por exemplo, há uma delas que vale a

pena lembrar, porque me encheu o saco! Exatamente nos anos 80 (o Beverly falando da crise geral do trabalho, dos movimentos, da coisa toda), dois países estão na contramão dessa porra: o movimento operário no Brasil, emergindo com manifestações e greves em massa; e outro país está nas mesmas condições, emergindo um puta movimento e, mais do que o nosso, com segregação, racismo, uma coisa infinitamente mais radicalizada, que é a África do Sul - pronta pra explodir, uma única solução é a guerra civil, não tinha outra saída. Dois países na contramão do mundo: o Brasil e a África do Sul (mero acaso!). O tempo passa, as coisas ocorrem, o Mandela morre. Produzimos um grande líder que vai e faz uma conciliação de classes que impede que as coisas mais objetivas ocorram! Luiz Inácio *Mandela* da Silva são produzidos pra realizar o mesmo elemento. A África do Sul e o Brasil estão pacificados, sem violência! Dois grandes líderes carismáticos, homenageadíssimos. O que fez o Mandela? Organizou pra conciliar, pra evitar que aquele capitalismo altamente desenvolvido mas profundamente racista não fosse pra puta que o pariu! “Não, não: o capitalismo é legal; o problema é o racismo!” E aí? O capitalismo é capaz de promover mudanças e deixar de ser racista? Claro, meu! Ele faz o que for preciso! Ele deixa um líder carismático, operário de nascença, um Luiz Inácio dirigir o governo? Uai, claro que sim! É fundamental! Aquela burguesia que nunca pode ir além do restrito círculo de legitimidade hoje é a absoluta: o país inteiro legítima e está gostando muito da experiência do desenvolvimento do capitalismo “para todos”, não está? A burguesia brasileira não tem mais problema de legitimidade; se recorrer à violência é apenas seletiva e profissionalmente contra quem efetivamente ameaça. Está plenamente justificado! As novas tecnologias não diminuíram efetivamente o número de trabalhadores? Não! Nos últimos trinta anos dobrou o número de proletários do mundo - éramos 1,4 bilhão e somos hoje 2,6 bilhões de trabalhadores assalariados, eventuais, exército comercial de reserva. A pergunta é: onde tudo isso aqui começou? Quem teve a grande sacada de pegar a conjuntura imediata da sua aldeia e ultrageneralizar aquilo que não é universal! Os trabalhadores não diminuíram, nós dobramos de volume nesse tempo. Quantos chineses foram mobilizados nos últimos 30 anos do campo para aquelas zonas francas deles? São 12 grandes zonas francas, lá. Quantos milhões de chineses foram pra lá nos últimos 20, 25 anos? Índia, quantos? O Brasil



de quando você nasceu e o de hoje? Quantidade de trabalhadores! Rússia. Antes dos anos 90, aquele operariado inteiro não estava à disposição do capitalismo mundial, estava lá na sua experienciazinha. Caiu o muro. O Leste europeu inteirinho vira empregado do capital. Ou não? De quantos homens e mulheres nós estamos falando, ao falar apenas de Rússia, China e Índia? Nosso número dobrou! O que dizem nossos pós-industriais? Abstraíram o momento da realidade e generalizaram, convenceram gerações inteiras. Agora, tudo isso só é possível em mais uma peça: a Queda do Muro. O que veio da experiência? Uma avaliação crítica do que andamos fazendo? Não. A prova definitiva de que não temos mais que nos meter com isso. Uma porrada de intelectuais não resistem à essa pressão, primeiro porque nunca se inscreveram na luta anti-stalinista.

Carlos Biaggioli - Quando você disse que aqueles movimentos são de uma causa única, eu entendi que são causas externas.

Scapi - Não, as causas são internas. O unificador – porque é único – tem que ser outro. Eu preciso de outro pra me unificar, não sou eu que, me pondo em movimento, vou produzir identidade com todos os outros que se põem em movimento. Tem um grande outro lá na frente produzindo essa relação.

Marcos Pavanelli - E aí, depois de tudo isso, sei que isso é uma reflexão nossa, mas qual é o nosso papel nisso tudo? Nós, grupos de teatro, qual é a questão?

Scapi - Isso é uma falsa pergunta, vocês já sabem o que fazer, estão empenhados e vão continuar fazendo. Talvez a gente pudesse ajudar a fazer um pouco melhor, ampliando um pouco mais a visão de mundo, a concepção de quem estamos enfrentando e tal, no máximo isso. Ou não? Senão: “Scapi, o que fazer?”! Essa pergunta você nunca entrega pra alguém - não pra alguém que você conhece há nove ou dez horas. Obrigado por começar a montá-la, mas, talvez, na compreensão que melhor tenho agora, não é pra essa pergunta. É pra um conjunto de perguntas que precedem a isso: o que fazer? Organizar melhor a recepção e a leitura de mundo. Vocês são homens e mulheres que alterarão, saberão fazer as mediações necessárias no seu próprio campo.

O papel da arte continua sendo o que tem sido até aqui: divertir, acumular capital, é múltiplo! Agora, os artistas, no velho e bom esforço de serem uma das trincheiras de resistência da humanidade, naquele sentido mais generoso mesmo, palhaço, no sentido de resistência, não têm o que fazer, vamos rir, até que a gente ache as outras formas que, além de rir, chegue o dia que nos permita rir como classe das classes dominantes, rirmos do Estado, da sua falta de perspectiva, rirmos militando, desorganizando a seriedade deles, rindo como classe. Montar os nossos palhaços de classe?

Claro! Empenhados em bombardear toda vez que aquela coisa vier séria, meu palhaço chaplinianamente entra, perguntando: “e aí, meu, tá achando que nós somos tudo otário, meu?! Você é o cara? Eu sou o cara? Então ninguém é porra nenhuma! Quem vai pagar uma pra mim, hein? Ninguém, né? Ah, legal!” E depois pode organizar o grande riso: essencialmente crítico, não é só lúdico... Rir da estupidez pós-moderna! Mas já tem posto teu humor a serviço disso, agora precisa de os irmãos de classe se mexerem e falarem: “Palhaço, agora a sério!”. Os momentos mais impactantes do palhaço é quando *ele não ri*.

Sabrina Motta - Antes desse encontro, a gente fez uma reunião pra decidir o que a gente queria fazer e surgiu uma inquietação. Como a oposição contribui pra manutenção desse sistema?

Scapi - Legitimá-lo.

Oswaldo Pinheiro - É a ideologia dominante, inclusive, a arte, o teatro estão aí pra auto-afirmar a ideologia dominante.

Scapi - A burguesia que tinha uma profunda dificuldade de se legitimar está absolutamente legitimada!

Consentimento, consenso, uma nova hegemonia se montou. Nós fomos brutalmente atacados o tempo inteiro e continuaremos a sê-lo. Tudo isso em conjunto com muitas outras coisas, são áreas auxiliares das classes dominantes. São essenciais pra ampliar e mudar a qualidade do domínio que se exerce sobre nós, muito mais complexo, difícil de compreender e mais ainda de ser combatidos, pois agora é legítima a existência do burguês. “Ele arruma emprego,



não é um cara legal, mas vai se conscientizar com esses movimentos das ruas.” Tem um componente indispensável nisso que você está dizendo: são críticos! Esse é o ponto essencial da nova hegemonia de classe: “Eu tenho um pensamento crítico”. Você achou que isso seria necessariamente contra eles, não é? Agora o seu pensamento crítico é essencial pra manutenção da hegemonia. Quais os limites do seu pensamento crítico?

O ponto de partida do conhecimento não é o particular, mas do universal ao particular – desculpe dar uma invertida monumental na sua equação. “Gente, mas como é que eu vou ao universal?!” Olá, educando!, o seu pensamento a partir do singular, permeado pelo conjunto dos particulares interrelacionados com o universal que eles têm, ainda que seja uma inflorescência, uma semente, uma polpa, um suco ou o que mais possa ser.

Intervalo!

Scapi - Querido Bickman, nossa próxima montagem tem que ter a ver com a luta de classes. Dentro desse tema, ainda estamos vendo os assuntos e o jeito de expressar isso, mas uma coisa é certa: parece ser muito importante *desconstruir* algumas formas que pessoas com as quais nos relacionamos se relacionam. Eu alcanço o meu objetivo, mas ela passa por desmontar a forma com que as pessoas encaram e reagem a coisas que eu já tenho feito. Não por acaso, eu quero operar com luta de classes. Meu público, quando fala, não fala em classes; ele traduz isso para *povo*. Posso ignorar isso, achar que é a mesma coisa, passar ao largo e ir embora. Não é a mesma coisa, é uma aproximação. Se não for bem feita, vai trazer consequências. Quando todo mundo está no mesmo território, falando a mesma língua, todos são “povo”. Você, que queria falar de classe, ao fazer esforços de linguagem para ser compreendido etc., pode comprometer o conteúdo. Como é que você vai se virar com isso? Não sei, tome os devidos cuidados. É isso o que tem ocorrido: o esforço de apresentar linguagens. “Puxa, mas isso é complexo! Nós não podemos falar não numa linguagem acadêmica?” – como se isso que eu tô fazendo aqui fosse *academia!* Tem complexidade, não tem nada a ver com academia, tem a ver com rigor científico, tem a ver com nossa própria trajetória intelectual como *classe*. Mas tem um acerto: é preciso dialogar desconstruindo. Como é

que eu vou desconstruir uma coisa que diz: “sempre foi”, “é natural”... ? O que é que *desistoriciza*, que naturaliza? A gente tá diante de um “produto” que oculta os processos que o geraram – por isso eu preciso desconstruir. Teu espetáculo é um produto que oculta os processos que o geraram. Ou você intencionalmente revela. Ou, ainda, você fica confuso entre as duas coisas.

Na sua busca, vocês estão justamente encontrando produtos da ideologia que tem, entre outras coisas, essa característica: justificar, apelando para a produção de uma coisa artificial que faça algum sentido. Parece que, na natureza, as coisas são imutáveis, não é? Então, ao naturalizar, o que é que eu tô comprando? Como se na natureza não houvesse modificações. Mais do que isso: como se nós não produzíssemos modificação na natureza – a coisa que mais sofreu modificação! Não tem nada mais modificável e plástico do que a natureza com a gente agindo sobre ela. Onde eles foram buscar essa ideia da imutabilidade na natureza?

O ser humano ainda vive relações que ele produz sem se ver como sujeito dessa produção. Essa coisa se volta contra ele estranhada e, ao não entender, ele tenta arrumar alguma explicação sobre isso. Explicação sobre “a conspiração”! Eu tenho várias peças: como é que eu junto elas? Na falta de uma teoria, de um método, eu vejo alguma coisa que eu não sei por detrás disso, essa é a base de toda teoria da conspiração: tem alguém ou alguma coisa não revelada; mas eu vou revelar alguma coisa mal-intencionada que você ainda não percebeu!

Então, uma parte disso é ideologia, mas a outra: relações que, ao permanecerem, recriam a maneira de o mundo tentar entender aquela porra – mas não compreende. Como “ideologia” não é só conjunto de ideias, mas a relação na forma de ideias, vejam, mantida a relação, a consciência vai reproduzir sempre certas maneiras muito limitadas de tentar compreender a coisa. Nessas orientações é que se recriam naturalizações, não-historicizações, porque isso significa “pensar o próprio pensamento”, organizar os processos pelos quais eu uso essas capacidades. E existem diferentes formas de organizar o pensamento. As implicações não são nada pequenas. Lógica formal: “logo”, “é lógico”, “ahhh”, “hummm” - e essas reações são comuns. Tudo bem? Há a lógica formal e outras lógicas com as quais eu posso



operar. Certas determinações, que no campo da organização do pensamento a gente chama de “pré-supostos”, atuam, mas nunca ou normalmente não vai se revelar a existência deles. São coisas que atuam na linguagem mas não se revelam. Pressupostos, por exemplo, idealista e materialista – oposição absoluta! Duas formas de pré-supor.

Não existe método imediato pra alguém deixar de naturalizar, de desistoricizar. Não é com um espetáculo de uma hora – ou com Scapi em oito – que se faz isso. Isso tem que ser vivido em contradições, em que essa forma de explicar seja insuficiente, não dê conta. A minha maneira de explicar, essa forma de explicar tem que entrar em crise. Enquanto ela não entrar em crise (tudo bem, idealista?), não funciona a tua boa intenção. Por isso é que de vez em quando funciona e você diz: “Viu, como deu certo?”, mas você despreza algo da materialidade. Aquela porra já estava pensando, já tá madura, apodrecendo, não tá dando mais conta. Então, vejam. Vou te instrumentalizar, não no sentido de te responder imediatamente, vou te ajudar a desmanchar o que é isso.

Gramsci! Método para desconstruir.

Eu já discuti (sem dizer que discuti) que o “particular” precisa se apresentar como se fosse universal. Isso é o coração, o âmago da ideologia. Nós conversamos até agora sobre essas coisas e não falamos sobre *ideologia*. Agora a gente precisa falar disso e vamos falar de alguém pra além de nós. “Além de nós” no senso comum não é o mesmo que o dos outros, é mais elaborado. Para nós, ideologia está no patamar de centralizar as coisas, não só no inverter, justificar. Para nós pode ganhar muito mais sentido você dizer: “é o que falávamos antes com um particular que se apresenta (e não é) como se fosse universal”. Mas como é que o particular vai se apresentar como se fosse o universal? Tudo que fizer é ideologia para ocultar, velar, esconder o seu caráter particular, o qual, invertido, será apresentado como universal. O que tem que fazer? Des-inverter. Vamos falar de coisas que a ideologia produz. Se eu apertá-los, sai mais. Claro, somos homens e mulheres do nosso tempo, compartilhamos opiniões, ideias com as pessoas com quem a gente convive. E estas naturalizam, justificam. (*Trecho do Caderno 11 (1932-1933) Introdução ao estudo da Filosofia, de Antonio Gramsci*)

Leitor - 1. Alguns pontos preliminares de referência. - Deve-se destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia seja algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. Deve-se, portanto, demonstrar, preliminarmente, que todos os homens são “filósofos”, definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea” peculiar a “todo mundo”, isto é...

Scapi - Quais as características desse filosofar espontâneo, com intencionalidades, características, limites a todas as gentes? Vou, portanto, ver esses filósofos filosofarem! Como fazer isso? É fácil... Onde vou encontrar esse filosofar de todas as gentes? É fácil: escuta as pessoas falarem! Elas não estão filosofando? Nas unidades menores de contato de um com o outro, vai se apresentando a tal filosofia. Onde?

Leitor - ... da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso-comum e no bom-senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que se conhece geralmente por “folclore”.

Scapi - De onde vêm os filósofos – pra ir lá escutá-los e apreender suas características e limites? Por onde eu começo a fazer isso? Escutando-os! Eles falam. Você vai ver isso na *linguagem*, como conjunto de noções, conceitos muito bem determinados. Para ele, as palavras são vazias de conteúdo; para ele, eu defino o conteúdo do que eu falo - um pretensioso, estúpido. Não sabe que falar não são simples palavras. Elas são carregadas de conteúdo que não é você quem dá, mas sim a construção histórica e social. É isso que você vai saber ler nas palavras, em como as pessoas usam as palavras que usam. Você é um decodificador das palavras, sabendo que elas são carregadas de conteúdo. Por vezes, o senso comum vai usar conceitos sem saber o que é conceito, vai usar categorias sem saber o que é uma categoria, achando que é só mais uma *palavra!* [*cantarolando*] “Simples palavras...”, não é? Não sou eu quem define o conteúdo?

Claro que não! “Ai, é por isso que, quando eu falo, muitos falam por mim?” Muitos falam em você, com você. Você fala por muitos, que você não sabe quem são. Quer desconstruir e dizer: “Hum, quem está aí?”, para além da aparência? Este conceito, estas categorias são de quem? Qual é o original dessa versão popular?

Por exemplo, de onde vem essa ideia de *naturalizar* as relações que não são naturais?

Um filósofo conhecidíssimo por produzir esse tipo de raciocínio: Aristóteles, pai da lógica formal, 2.400 anos antes de nós, escreve, entre outras coisas, *A política*. Vai produzir reflexões, tais como: se quisermos dar conta, temos que começar do todo para a parte e não o contrário; o todo não é a soma das partes. Sabedores disso, vamos, agora, tentar investigar a sociedade. Por que a sociedade? Ela é uma pólis e dela nós vamos decompor e recompor as menores partes, fazendo o caminho inverso até chegar ao todo. Lá vai ele decompor a Grécia. Ponto de partida: a pólis. O ser. A menor parte que ele vai achar não é o indivíduo - na Grécia isso chama “idiotes”. A menor parte para Aristóteles é uma *associação*, porque a pólis, a maior, o todo, é uma associação. Qual é a menor parte do todo? Uma associação. Os indivíduos são incompletos e, por isso, só por associação conseguem realizar as coisas que precisam. “O homem é um animal social”, isso é do Aristóteles, o que nos leva a procurar outros pra fazer aquilo que sozinhos não conseguiríamos. Por que nós nos associamos? A natureza nos inspira, tudo que nela é incompleto faz um movimento próprio, não precisa nem pensar, animais fazem isso, buscam involuntária e inconscientemente a maneira de realizar o desejo que pretendem. E se associam numa enorme diversidade, com índices diferentes. Por exemplo: aquele que tem capacidade de previsão manda; aquele que não tem deve obedecer. Não são virtuosos quando mandam; mas quando “co-mandam”, porque compreendem o outro e o dirigem no sentido de completar-se, completando o outro. “Nossa, Aristóteles!” Sim, homens e mulheres são diferentes. Homem nasceu pra mandar, comandar; mulheres, para obedecer. A natureza nos inspira. Há quem obedece mesmo sendo homens: os escravos. Toda estética com a qual nos combatemos, lógica formal baseada em catarses e outras coisas mais, é genuinamente aristotélica. Vocês deveriam saber disso,

com suas escolhas brechtinianas. Brecht dialoga na porrada com Aristóteles e o teatro aristotélico. Esse cara está presente na cultura cotidiana das pessoas até hoje. Continua havendo uma relação entre homens e mulheres que não é compreendida pelas pessoas e, na falta de compreensão, tem ideia pairando por aí faz tempo, dizendo: “usa eu”! E isso as pessoas escutam junto aos outros, numa oralidade infinita: um vai ensinando ao outro, que vai ensinando ao outro e ao outro. Ótima luta! Mas se você, sem preconceito, reconhecer que todos são filósofos e se ativer à linguagem, percebendo com quem, entre outros, você estará dialogando... não com todo o Aristóteles, mas com um fragmento. Quem pega o fragmento e não pega o sistema filosófico aristotélico, mas usa conceitos do Aristóteles como simples palavras, por vezes leva pedaços inteiros do sistema aristotélico. E é isso que a gente vê operar, de alguma forma, nos processos de naturalização daquilo que não é natural. Um filósofo tentando justificar para os gregos porque aquela merda toda estava baseada no escravismo! Não são simples palavras, são categorias e conceitos. Ao escutar as pessoas falarem, você tem um rastreador, um scanner desmontando o que elas estão usando (pra além da própria compreensão delas), não como simples palavras, mas, por vezes, com o uso de conceitos bem determinados.

E, segundo, no *senso comum*; esse conjunto de opiniões, palpites, maneiras de ver que as pessoas compartilham entre si. Todo mundo tem. Na hora de discutir é que nem Mauá: só os outros é que tem ou não tem. O senso comum dá conta perfeitamente bem de explicar os problemas cotidianos que eu vivo. “Mas não é lógico?!” Justamente por isso! Tudo dá conta dos problemas que eu vou achando durante o dia na minha vida; vai dando algum sentido para mim. Diz o Gramsci: cuidado, agora, ao autenticar essa porra, pra não jogar tudo fora. Dentro do senso comum tem algo que ele chama de “núcleo sadio”. No meio daquela bobageira preconceituosa vêm algumas pérolas muito preciosas. Não podem ser combatidas, estão absolutamente corretas. Por exemplo: “o princípio de solidariedade internacional através do amor unificaria os povos do mundo inteiro”. Vai bater numa porra dessas? É só uma forma ingênua (vulgar, popular) de dizer que precisamos de uma Internacional socialista, comunista ou anarquista urgentemente. Isso é o núcleo sadio do senso comum.



Terceiro: continue sua investigação, agora, dirigindo isso para o que ele chama de “religião popular”. Todo cuidado agora: ele não está falando de Quadrangular do Sétimo Dia, não é isso que é religião popular. Religião vem de *religar*, tem essa pretensão: religar o que está disperso, dar unidade. O que é religare popular? Conjunto de crenças.

Seja generoso, largue isso e volte para as criaturas com as quais a gente convive. Quanto de saber elas têm? Quanto elas mostram desse saber? Quais as chances que elas têm pra isso? Elas exercitam generosamente com informações às quais eu preciso estar atento, porque ela está me dizendo no que ela crê. E o que virá? Superstições, opiniões, mas, junto com isso, eu preciso saber ler os modos de ver, de agir. Temos que estar atentos se queremos desconstruir coisas que estão vindo e a gente diz: “caramba, é a matéria-prima que eu quero trabalhar, operar modificação!”. Não quero que naturalizem, que desistoricizem, sim?

Mas tem de ver, primeiro, como funciona a coisa que eu quero mudar, porque eu só mudo aquilo que eu conheço, senão muda e eu não sei explicar por que mudou. Aí volta tudo de novo para o experimentalismo... Ciência! É isso: fundamentos. Guarda, vem o outro e diz: “hum, se eu repetir o mesmo procedimento, o resultado será esse?”. Sim, se houve variação é só fazer o caminho de novo e ver onde foi. Fermento demais? Bati a massa do lado errado? Temperatura?... Compreensível o caminho que fizemos até agora? Todos são filósofos (ainda que a sua maneira).

Leitor – ... Após demonstrar que todos são filósofos, ainda que a seu modo, inconscientemente (porque inclusive na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na “linguagem” está contida uma determinada concepção do mundo)...

Scapi – Na mais simples manifestação intelectual existente, que é a linguagem, os seres se comunicam entre si, você tem que aprender a ler o que está presente: uma concepção de mundo. Por isso, a brincadeira de dizer “todos são filósofos”. O que é próprio dos

filósofos? O que é a Filosofia? Bem-vindos à luta, ao tentar explicar o que é Filosofia. Primeira definição: um conjunto de perguntas. Afirmou algo?! Você acabou de produzir a primeira escola que rachou. “Não, Filosofia é o conjunto das respostas.” Ainda que não queira, ainda que não saiba, ao afirmar algo, você está indo contra algo ou contra alguém. “Ai, mestre, e agora, com quem eu fico? Com o conjunto das perguntas ou com o das respostas?” Gafanhoto, respira. Você está pronto pra fundar uma nova escola, rachando com os dois. Não é um muito nem outro. Filosofar é o movimento, o caminho entre o conjunto das perguntas e o das respostas. Tudo bem a concepção de mundo, aí? Uma explicação de mundo.

Três perguntas fundam e caracterizam todos os filósofos. Quem sou eu?... Jamelão, puta filósofo! Mangueira, puta conjunto de filósofos! Quem somos nós?! Faltam aí dois elementos. Esse “quem sou eu” (por experiência, empirismos, pragmatismos) aprende que isso vai ser bem entendido quando se completar com outras duas perguntas. “De onde vim?” - a depender da resposta que você já deu nessa questão, *já está dada* a resposta à terceira pergunta (que ainda nem nasceu): “para onde vou?” Aí vai operar, por exemplo, por lógica - se for a lógica formal, então... Olha que lindo: “está porque é; é porque sempre foi; se sempre foi, sempre será. É porque assim tem sido. Se assim tem sido (e é), sempre será”. Todo esse raciocínio pode ser dito por uma única palavra em latim: *amém*. É porque assim tem sido. Como, desde o princípio, assim tem sido, esse princípio se firma naquilo que é. E aquilo que é está grávido daquilo que será. Se é e sempre foi, assim continuará sendo por todos os tempos...

“Assim é porque assim tem sido por vontade do Pai criador, assim permanecerá para todo o sempre.” Como superar algo que eu não sei a origem? Ao dizer que as pessoas insistem no “sempre foi, sempre será”, é preciso saber que se está dialogando com milênios de formação religiosa. Existe um fortíssimo componente cristão nos processos de naturalizar e de desistoricizar as percepções de mundo. É mais complicado. Primeira coisa, vocês estão dialogando com alguém que está retornando pra vocês, dizendo: “não, eu não concordo”. Vocês estão sugerindo, na sua arte, que é possível fazer mudanças. “Até gostei, achei bonito, mas quero dizer a vocês que eu não concordo. Sabe por quê? Não tem mudança. E olha que mais



legal: seu espetáculo já acabou, não é? Deu pra entender? Se é isso que você queria, seu espetáculo não realizou.” Hummmm... Mas e se agora a gente largar isso tudo e fazer um debate? Vai, não vai? Agora é que não vai mesmo! Aquilo que você organizou acabou de dizer que bateu num puta muro e não foi capaz de superar esses elementos. Esse elemento reage dizendo: “gostei, mas quero afirmar algo diferente do que vocês afirmaram com o vosso espetáculo, que sugere necessidade de mudanças”. Sim, interpretação que coloca as coisas em movimento, como querem sugerir. É, mas esse é um momento da sua edificação, o processo pelo qual as coisas acabam sendo o que são. Você pode, de alguma forma, estar sugerindo na sua arte que *nem sempre foi assim*. E brincando com elementos de História, mobilidade, sugerindo essa forma. “Isso me contraria profundamente, não é verdade que “nem sempre foi assim”! Sempre foi! Se ele admitir, por algum momento, uma nova lógica, do “nem sempre foi”, acabou com aquela certeza lógica formal que estava posta antes! Se nem sempre foi e está, não necessariamente vai continuar da maneira como está posto! Compreensível? Este é o primeiro movimento: se pôr sem preconceitos e dizer que são todos filósofos, para apreender o máximo que pudermos como funciona a coisa sobre a qual a gente quer operar. Conhecer profundamente nosso público. Para quê? Para *contrariá-lo*! Antes a gente trabalhou pra mostrar identidade. Para além de valorizar a cultura popular, agora é hora de acertar contas ensinando como é que se acerta contas. Como se faz isso em arte eu não tenho a menor ideia, mas sacaram os princípios? O que isso, de alguma forma, está sugerindo? Eu preciso agora desconstruir pra ele ver as consequências da sua maneira de atuar e de agir. Como eu tenho feito até agora, eu termino o meu trabalho e ele reafirma o que ele já achava mesmo tendo conhecido a minha posição diferente.

A palavra é carregada de situações, de contextos que a produzem, e ela se embebe disso na vida cotidiana. Agora, para além da vida cotidiana, produziram-se filósofos sistemáticos, sistemas inteiros de pensar: pra dominar, pra libertar. Desenvolveram-se processos de altíssima periculosidade, onde as palavras nascem e são carregadíssimas de conteúdo. Por exemplo, o que quer dizer a palavra “alienação”? Uma coisa é a gente conversando ontem, outra coisa é a gente conversando agora. Até então você é quem defendia a alienação. E ideologia? Ah, um conjunto de ideias. Legal, tem outras definições. Sem que você

saiba, inconscientemente você está tomando posição e, ao fazê-lo, põe-se contra outras definições – seja porque são mais precisas, mais exatas ou porque têm tudo isso mas são incorretas. No senso comum, no bom senso... Vou tentar achar, investigar, o que é que faz a cabeça das pessoas, o que querem fazer da cabeça delas, que vida têm, de onde vêm, com quem elas conversam, o que elas frequentam... Não pra constatar uma bobagem, mas você ter certeza que é verdade. “As porcarias que as pessoas têm na cabeça eu não tenho. Quem botou foi a Rede Globo de Televisão...”

A Globo, não produz absolutamente nada que já não esteja lá, por isso é tão eficiente. Você acha que é nas ideias que estão as coisas. Imprensa alternativa (jornal, TV, teatro) combate no campo das ideias. A Globo não produz um único fragmento de realidade; ela é o mais do mesmo o tempo inteiro e tem uma correspondência no conjunto dos imbecis que a assistem, que não vão ter nenhum problema em serem atualizados na imbecilidade. Ela não produz, ela *re-produz*! E tem um conhecimento profundo do que é o senso comum. Ela atua pra reforçar coisas que já estão lá. É isso sua eficiência. Eu sei, crianças, que eu tô mexendo com coisas muito caras, com as quais vocês se agarravam e que lhes permitiram fazer umas coisas bonitas, boas. Mas tá batendo no limite, você quer mais. Esse querer mais passar por dar uma revisada nessa ingênua forma de ler o mundo para criticá-lo. Isso remete a boas perguntas, não é? Se já estava lá, além da Globo, que outras instituições nós vamos ter que chacoalhar pra desfazer a produção de imbecis?

Respostas - Escola, religião, política, polícia, Estado, família...

A pergunta agora é: o que fizemos, o que andamos fazendo? E não lendo manuais, não lendo um “é assim que tem que ser feito”. Ou, pra vocês, que são do teatro, faz mal saber de um *Meyerhold*? “Ai, mas não pode ser *panfletário*...”, não é? Isso você sabe, não sabe? Desde o começo. E se eu te apertar pra me responder o que é um panfleto, qual é o problema? Entendeu? Coisas que eu compro sem ser meu e reproduzo artisticamente.

Lá atrás eu disse que precisamos pensar em como contrariar as coisas do meu público que eu não gosto e quero modificar. Não é só no sentido de aristotelicamente achar identidades e ir embora, tudo



bem? Sob certas circunstâncias: como contrariá-lo? *Capite?* Eles têm uma concepção de mundo, e agora? O que eu faço? Já entendi mais ou menos como funciona, daria agora pra ser mais preciso?

Leitor - ... *Passemos ao segundo momento, ao momento da crítica e da consciência...*

Scapi - Olha, que gostoso! Pra nós, crítica e consciência são a mesma coisa. Só é consciente quem critica. “Ai, mas não pode ser uma consciência a favor?” Pode, mas é outra! A nossa só é consciência porque é *crítica*. “Ai, não dá pra ser sem crítica?” Dá, *bello*, se você quer uma revolução sem revolução.

Leitor - ... *ou seja, ao seguinte problema: - é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção do mundo “imposta” pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos vários grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na “atividade intelectual” do vigário ou do velho patriarca, cuja “sabedoria” dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para ação) ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira crítica e consciente e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro,...*

Scapi - O trabalho do seu cérebro! É aí que entra o *indivíduo*. Agora tem o seu trabalho pessoal de refazer esse caminho que outros já fizeram para produzir sua própria síntese disso. Será seu! Se funcionar, continua usando; se não, joga fora e acha outro!

Leitor - ... *Escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? Nota 1 - Pela própria concepção do mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e de agir.*

Scapi - Eu (indivíduo) não sei, mas eu, que estou olhando da totalidade, posso dizer algo que não está no seu particular, onde só tem você. Agora, olhando todos os outros particulares, que interessante: você não sabe, mas vocês são muitos, tem gente que pensa igualzinho a você! Pertencemos a um determinado grupo, tenhamos ou não consciência disso. Sem que eu nem saiba que existe, um monte de gente pensa o mundo como eu e age de forma muito semelhante à minha.

Leitor - ... *somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos. O problema é o seguinte: qual é o tipo histórico do conformismo e do homem-massa do qual fazemos parte?*

Scapi - “Uai, mas massa é tudo massa!” Não, meu bem. O que quer que seja, não é o mesmo ao longo da História. “Ai, mas é muito parecido!” Capture as diferenças, isso é essencial se você quer conhecer as coisas: elas estão em movimento. Que tipo histórico de homem-massa somos? O que é ser *massa* hoje? Não é o mesmo que sê-lo no populismo getulista. O que é ser massa sob a hegemonia democrático-popular? Não é o mesmo que ser massa sob o fascismo, sob uma democracia formal. O que é ser massa em tempos de democracia participativa? É massa, mas, perceba, mudam coisas essenciais. É aí que se acha a singularidade que vocês estão procurando. E não no particular. Elemento singular. Qual é a pergunta que ele faz?

Leitor - *Qual é o tipo histórico do conformismo e do homem-massa do qual fazemos parte?*

Scapi - Período histórico! Em 1º de abril de 1964 se inaugurou um novo período histórico que se fecha em 3 de outubro de 1989. Abriu-se aí um novo período, certo? Ele já fechou? Se fechou (por inferência lógica), quando esse pensamento teria fechado? Não é um ato único. Você pode procurar o Golpe e achá-lo em momento mais quente, mas e aí? Estaríamos já numa transição consolidada? Que elementos do “novo” já teriam aparecido? Nós estamos brincando de montar “período histórico”. Qual a arte correspondente àquele período, até 89? Qual é a arte que vem depois dele? Historicizar! Você explica a relação com outros grupos, outros artistas, em identidade e luta. O que marca o período histórico? Qual é o motivo histórico do homem-massa, no



conformista que está me dizendo “sempre foi, sempre será” ou “povo é tudo uma bosta”? Que tipo é esse? Cuidado para não achar que ele é o mesmo o tempo inteiro. Ele está vivo. Tem que capturar qual a marca que ele tem hoje, que não é a mesma de ontem.

Leitor - *Quando a concepção não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa...*

Scapi - Quem nós estamos procurando participa simultaneamente de vários grupos ao mesmo tempo. É conformista de vários conformismos simultaneamente, de vários clubes - ainda que, embora já tenha frequentado, ele há bastante tempo não frequenta alguns deles. Agora ele tá com a camiseta de um time, mas ele tem no coração um segundo, um terceiro, um quarto.

Leitor - ... *Nossa própria personalidade é composta de maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista; preconceitos de todas as fases históricas passadas, grosseiramente localistas e instituições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente...*

Scapi - Olá, criança! Já que uma das principais características é a bizarrice, a crítica é pra limpar coisas! Tem coisa inteira que vai ter que ser jogada fora, senão não desfaz a bizarrice. Tem que buscar uma unidade de pensamento com profunda coerência interna. Entre teu discurso e tua práxis teatral tem que ter coerência, vocês sabem perfeitamente bem do que estamos falando. Reexaminam, voltam constantemente e introduzem críticas ao seu próprio trabalho, buscando cada vez mais unidade, só que, agora, alusivo ao próprio pensamento (com unidade e coerência). Mas Gramsci, como é que eu consigo fazer isso? Criticando o próprio pensamento...

Leitor - ... *e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido.*

Scapi - O que ele acabou de dizer? Elevar o seu pensamento no processo crítico buscando unidade e coerência para achar, ao mesmo tempo, onde está o pensamento mundial mais desenvolvido. Qual é o

pensamento mundial mais desenvolvido? Horror dos horrores! Se você chegou à pós-modernidade, por favor, agora se horrorize com o que está escrito aí. Primeiro: tem pensamento mundial mais desenvolvido e eu tenho a obrigação de saber qual é e me filiar a ele! “Gente, isso é autoritário! Eu gosto dessas autonomias pessoais; eu, anarkos, com o meu pensamento localista...” E o resto? Qual é o pensamento mundial mais desenvolvido? Não procure na biblioteca da sua aldeia; melhor procurar na de Alexandria. Eu preciso agora da maior biblioteca do mundo! Eu preciso agora, mais do que minha língua, do conjunto das línguas - ou de uma língua que dialogue com o que está sendo produzido de mais desenvolvido! E aí, qual é o pensamento mundial mais desenvolvido?

Carlos Biaggioli - Mas tem resposta pra isso?

Scapi - Ah, quem é o arrogante que vai fazer isso? Baseado em que você vai dizer isso? Na história! Oi, crianças: eu sou o portador do pensamento mundial mais desenvolvido. Ironias à parte, essa é a minha pretensão. Agora não tem falsa humildade, palhaço! Agora nós trazemos em nós a história de toda a palhaçada que nós produzimos. O palhaço que ri e fere o burguês que não tem como rir e se constrange com as piadas que fazemos. Agora, em que circo e em que história de palhaços eu me inscrevo? Quando você monta o teu palhaço, todos os palhaços - com exceção de muitos que não são nossos - te habitam, um conjunto de palhaços está junto de você. Você é uma síntese - se é que é um palhaço sério, capaz das mais deliciosas piadas, contemporâneo ao seu próprio tempo, porque vai e fere, ou encanta as crianças (o que é o mesmo, sem sê-lo). Caros, como é que eu acho o pensamento mundial mais desenvolvido? Tem que procurar! Uma coisa é certa: sob certas circunstâncias, ele te procura, mas não procura sozinho. Assim como a pós-modernidade te achou e você mandou ver: “não vou operar mais com essa lógica”, “trabalhadores é coisa do passado”, “essa perspectiva revolucionária já era”...! Portanto, o que se apresenta como se fosse o pensamento mundial mais desenvolvido hoje? A pós-modernidade, não é? Com quem ela dialoga? Ela é contra quem? Ela é explícita no ser militante pós-moderno. Refaz! Repasse-a! Observe-a, desmontando-a e isso será uma ajuda pra quem pretensamente quer se apresentar sob o pensamento mundial mais desenvolvido aquele que ela supõe ser



aquele que era o pensamento mundial mais desenvolvido, que está sendo superado por eles. A pós-modernidade, agora, se afirma como *pós-moderna*, portanto, ela se apresenta também contra a burguesia, aparentemente! Vamos atualizá-la? Ela é mais exatamente o quê? Pós-*socialista*! Já acabou a luta contra a burguesia, o capitalismo. É a financeirização o pensamento mundial mais desenvolvido, *capite*?!

Leitor - ... *significa, portanto, criticar também toda a filosofia até hoje existente...*

Scapi - Deixa eu pedir ajuda pra um outro filósofo, o Sartre, que vai nos ajudar com uma pergunta: como acertar contas com toda a filosofia até hoje existente? Ele, filósofo, anos 60, 70, diz o quê? “Eu, filósofo que sou, vou atualizar o período histórico em que vivo, com quem tenho que brigar.” Vamos fazer quase uma leitura corrida agora, porque o que me interessa é a resposta que ele está dando pra quem quer acertar conta com tudo o que veio antes pra achar seu próprio tempo histórico, não ser anacrônico e outras coisas mais. O remédio do Sartre é que ele é um puta filósofo - não é dos meus, está em briga direta comigo, mas isso é que é adversário: o resto é conversa! Vejam o próprio Sartre, por favor...

Leitor - *Marxismo e Existencialismo - Se a filosofia deve ser, de uma só vez, totalização do saber, método, ideia reguladora, arma ofensiva e comunidade de linguagem; se essa visão do mundo é também um instrumento que trabalha as sociedades carcomidas; se essa concepção singular de um homem ou de um grupo de homens torna-se a cultura e, às vezes, a natureza de uma classe inteira, fica bem claro que as épocas de criação filosófica são raras. Entre os séculos XVII e XX, vejo três, que designarei por nomes célebres. Existe o “momento Descartes” e de “Locke”; momento dois, Kant e Hegel; e momento três: Marx.*

Scapi - Nos últimos 300 anos, do ponto de vista filosófico, é isso. Não tem mais nada, só o Sartre se inscrevendo pra dizer “quem sabe”. Ao que me consta, o existencialismo sumiu com a figura do Sartre. O que ele quer dizer com “momentos de síntese filosófica”? Acompanhem o Sartre, fiquem tranquilos, ele não concorda com a gente, mas vai dar outras ideias, é de uma integridade absoluta, esteve nas principais lutas do seu período. Agradado pelo Prêmio Nobel de Literatura, sabe

o que ele fez? Reuniu a imprensa, excitadíssima, e disse: “Quem é a academia pra dizer que o meu raciocínio é melhor do que o de Beltrano, Sicrano e Fulano?” Esse é o Jean-Paul que tem o nosso respeito e admiração. Chegou pra nós e disse: calma, nos últimos 300 anos têm três momentos síntese, cara! Entenda o que ele tá dizendo agora e você consegue encontrar o “pensamento mundial mais desenvolvido”.

Leitor - *Essas três filosofias tornaram-se, cada uma por sua vez, o hùmus de todo pensamento particular e de toda a cultura. Elas são insuperáveis enquanto momento histórico em que se expressam.*

Scapi - Uma burguesia precisando fazer uma revolução, acertando contas com toda forma de pensar anterior a ela, acertando contas com toda a filosofia antes dela - isso é Descartes e Locke! Ao pegar esses dois, você já está entendendo todo mundo com quem eles estão dialogando pra trás. Essa burguesia que precisava fazer uma revolução fez e, no dia seguinte, era um enorme *particular*. Quer saber que burguesia é essa? Kant e Hegel! Isso mesmo, um único momento em que a burguesia pensou. Depois, é pura ideologia, pura hipocrisia, não tem mais filósofo burguês! Prova do crime? O que é pós-modernidade? Morreram claro - só podiam ter morrido, mesmo... São burgueses. Hegel e Kant: o mais alto ponto que, como classe, a burguesia conseguiu elaborar. Que é que essa burguesia que se mostra particular no dia seguinte (e não mais universal) produz? O Marx é produto disso! Mas o que é que eu acabei de grifar, que eu preciso resgatar, é que eles deixam de ser contemporâneos do seu próprio tempo. Seu tempo histórico passa; essa burguesia pré-revolucionária fica para trás. Quer ver Descartes e Locke? Legal, você vai ver uma burguesia se preparando; uma burguesia no último momento antes de começar a justificar. Kant e Hegel! A burguesia deixa de ser revolucionária; a humanidade precisa de um bom filósofo pra uma nova síntese. Mas até quando dura a sua síntese filosófica, que pode ser a referência de todo pensamento individual e, ainda, do horizonte de toda a cultura? Como é que eu sei que isso tem contemporaneidade ou como é que eu sei se deixou de ter contemporaneidade? O que você tem observado, Sartre?

Leitor - *Com frequência, tenho observado o seguinte: um argumento antimarxista não passa do rejuvenescimento aparente*



de uma ideia pré-marxista. Uma pretensa superação do marxismo limitar-se-á, na pior das hipóteses, a um retorno ao pré-marxismo e, na melhor, a redescoberta de um pensamento já contido na filosofia que se quer superar. Quanto ao revisionismo, trata-se de um truísmo ou de um absurdo...

Scapi - “Marx está desatualizado, vamos atualizá-lo: indo pra frente”! Porque ele é bom; mas insuficiente. Falta coisa “que ele não viveu, mas eu vivi e agora vou atualizá-lo”. Quer referências? Não precisa...

Leitor - ***Não há motivo para readaptar uma filosofia viva ao curso do mundo. Por si mesma, ela opera tal adaptação através de mil iniciativas e pesquisas particulares, porque está intimamente ligada ao movimento da sociedade. Aqueles que se julgam portavozes mais fiéis de seus predecessores, apesar de sua boa vontade, transformam pensamentos que pretendem simplesmente repetir. Os métodos modificam-se porque são aplicados a objetos novos. Se esse movimento da filosofia já não existe, das duas uma: ou está morta ou, então, está em crise.***

Scapi - O que é que me permite saber se é ou não é contemporâneo? Se é uma síntese filosófica do seu próprio período histórico? Pergunto aos pós-modernos: relações sociais de produção predominantes nessa pós-indústria, pós-ciência, pós-etc, quais as relações sociais de produção predominantes? O primeiro ato histórico (comer, morar, vestir e tantas outras coisas mais), como é que a maioria da humanidade cumpre isso? É destituída dos meios de produção e só lhe resta a capacidade de trabalhar; ela vai ao mercado dessa coisa (força de trabalho) e a vende, recebe um salário em troca, com o qual ela compra os bens pra comer, morar, vestir etc. Portanto, sua vida é indissociável do trabalho assalariado! O trabalho assalariado me permite definir a contraface do capital. Só falta me dizer que as relações sociais predominantes no mundo em que vocês vivem é capitalista? Nossa! Alguém já fez uma síntese filosófica sobre o capitalismo? Mantido o capitalismo, esse é o “pensamento mundial mais desenvolvido”, o húmum e o horizonte que você precisa conhecer.

Leitor - ***Pobreza teórica. Em discurso proferido ontem, na abertura da Conferência dos Bancos Centrais em Frankfurt, o presidente do Banco Central Europeu, Jean-Claude Trichet, passou recibo***

de precariedade da teoria econômica. Avisou que a economia política não está comportando a diversidade de suas escolas. E recomendou que os analistas buscassem inspiração também em outras disciplinas: Física, Engenharia, Psicologia e Biologia. Trichet sugeriu que se alargasse o campo de visão. Os cientistas desenvolveram ferramentas sofisticadas para analisar sistemas que levaram ao entendimento de fenômenos complexos como epidemias...

Scapi - É, quando a crise bateu, o efeito manada fez todo mundo correr ao mesmo tempo como se tivesse sido impregnado por uma epidemia – isso só piorou a crise.

Leitor - ... **Padrões climáticos, psicologia das massas e campos magnéticos são disciplinas usadas com certo sucesso na administração de carteiras que podem ser empregadas nas análises do mercado financeiro e do comportamento dos canais de transmissão da política monetária.**

Scapi - Olha, teve gente que não pode ser delegado, porque tinha que ser presidente de Banco Central. Teve gente que escutou essa conversa e respondeu. Agora vamos ver o cara que vai dialogar com o Trichet, dizendo: “tudo bem, mas absolutamente insuficiente”. George Magnus vai agora, de fora, dialogar com esses caras todos. Quem é ele?

Leitor - **União dos Bancos Suíços. Autoridades econômicas que lutam para entender os obstáculos do pânico financeiro, protestos e outros males que afligem o mundo poderiam muito bem estudar a obra de um economista morto há muito tempo...**

Scapi - Claro, presidente da União dos Bancos (privados) Suíços! Claro, Smith, Ricardo e o conjunto dos pós-modernos falando do morto faz tempo. Quem será?

Leitor - ... **Karl Marx.**

Scapi - O Magnus está mandando o Trichet, presidente do Banco Central do mundo ler Marx? Por quê?

Leitor - **Quanto mais cedo eles reconhecerem que nos encontramos frente a uma raríssima crise do capitalismo, estarão mais bem equipados para administrar a sua saída.**



Scapi - Questão de ordem. Essa prova que o Magnus está sugerindo é algo que ele mesmo conhece pouco: a obra do Marx. Não tem “raríssima crise”! Mas ele tem uma percepção muito interessante. Por que ele está mandando ler o Marx?

Leitor - *O espírito de Marx (que está enterrado num cemitério perto de onde moro, em Londres) ressurgiu com a gravidade da crise financeira e consequente queda econômica. Sua matreira análise filosófica do capitalismo tem muitas falhas. Mas a situação econômica global atual apresenta muitas estranhas semelhanças com as condições que ele previu.*

Scapi - Qual é o título desse texto do Magnus? “Please, give peace a chance”, lembram? Please, give peace ao Marx! A burguesia, diante de uma crise, faz o quê? Primeiro, reconhece que ela e tudo o que ela tem produzido são absolutamente insuficientes. Pistas: um dos seus quadros diz que o pensamento mundial mais desenvolvido não é o nosso, mas o de um cara morto faz muito tempo. Se você tem dificuldades com isso, é bom saber que a burguesia não tem. Achou, criança, o “pensamento mundial mais desenvolvido”? Legal. É em par com ele, estudando-o, conhecendo-o é que eu vou poder fazer a crítica sobre o meu próprio pensamento na configuração bizarra que ele tem. Esses elementos críticos me possibilitarão começar a pensar com unidade e coerência. Vamos ler o fim da nota um.

Leitor – ... *Críticar a própria concepção do mundo significa, portanto, criticar também toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular. O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício ao inventário. Deve-se fazer, inicialmente, este inventário.*

Scapi – De quem eu herdei esses pensamentos? Acham que estou usando palavras que eu reinvento... Olá! São pedaços de sistemas inteiros que vêm junto, porque não são simples palavras, mas conceitos determinados, conjunto de impressões. Inventariar minha própria forma de pensar – não como indivíduo, mas como ser social colocado como indivíduo.

Leitor – Nota 2 - Não se pode separar a filosofia da História da Filosofia, nem a cultura da História da Cultura. No sentido mais imediato determinado, não podemos ser filósofos, isto é, ter uma concepção do mundo criticamente coerente, sem a consciência da nossa historicidade, da fase de desenvolvimento por ela representada e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções.

Scapi - Ou seja, está em luta com outras coisas que é preciso saber. Contra quem está fundado o meu anti-imperialismo?! Contra quem o que quer que seja que eu afirmo está indo? É isso que precisa recuperar e ver com quem você está dialogando.

Leitor – A própria concepção do mundo responde a determinados problemas colocados pela realidade, que são bem determinados e “originais” em sua atualidade. Como é possível eu pensar o presente, em um presente bem determinado, com um pensamento elaborado por problemas de um passado bastante remoto e superado?

Scapi - Vão achar problemas que acham que existem, mas não são contemporâneos. Quer um exemplo? “O Brasil não precisa fazer uma reforma agrária. Ficou pra trás.” O Brasil não tem mais reformas em atraso a serem feitas. Você quer modificar as relações do campo? Quais são? O capitalismo não vai parar reforminha agrária e dar terrinha pra todo mundo. Ele não precisa, não quer e não vai fazer, porque ele já está na fase *monopolista*, portanto, sem percorrer esse caminho que a Europa e outros lugares percorreram, onde a pequena propriedade familiar concorre intensamente com outros e, depois de um longo processo, um ganha o outro e concentra e vira médio, que come pequenos, briga com outros médios e vira grande e muito grande – processo histórico burguês de concentração e centralização. Ao chegar à fase monopolista, o faz sem precisar passar por aquelas outras. Hoje, no Brasil, o campo é *agrobusiness*, capitalismo desenvolvido. O Brasil é o maior produtor mundial de frango, de mel, fumo, porquinhos, *capite*?! E se pensarmos desta forma, olhar o real e ver efetivamente o que eu quero e não o que ele está dizendo; se eu trazer problemas não tem mais contemporaneidade?



Leitor – Se isto ocorre, nós somos “anacrônicos” em face da época em que vivemos, nós somos fósseis e não seres modernos. Ou, pelo menos, somos compostos bizarramente. E ocorre, de fato, que grupos sociais que, em determinados aspectos exprimem a mais desenvolvida modernidade, em outros, manifestam-se atrasados com relação à sua posição social, sendo portanto, incapazes de completa autonomia histórica.

Scapi - Você é capaz de localizar quais os problemas da tua contemporaneidade e o pensamento que te orientou a fazer isso? O mesmo pensamento que te orienta a como superar este problema sem bizarrices nem anacronismos. Vou interromper esse estudo pra encerrar aqui com outro fragmento pra entender autonomia histórica. Vamos fechar com Florestan Fernandes, lendo todo mundo junto.

Todos - Na periferia do mundo capitalista de nossa época, não existem “simples palavras”

Scapi - NÃO EXISTEM SIMPLES PALAVRAS!

Todos - Se a massa dos trabalhadores quiser desempenhar tarefas práticas, específicas e criadoras, ela tem de se apossar primeiro de certas *palavras-chave* - que não podem ser compartilhadas com outras classes, que não estão empenhadas ou que não podem realizar aquelas tarefas sem se destruir ou se prejudicarem irremediavelmente.

Scapi - Quais são as palavras-chaves que você, pequeno gafanhoto, vai usar agora na busca de unidade e coerência? Quando as pessoas te escutarem, vão prestar atenção na sua linguagem. Elas serão “simples palavras”? Você usará certas palavras-chave que, na dúvida (será que é minha mesmo?), vem o inimigo e diz assim: que te parece? Ele vai dizer: sai pra lá! Quais são as palavras que eles não compartilham com a gente e das quais a gente tem que se apropriar? Por exemplo, não tem nada mais nosso, do nosso período, que “cidadania”: eles não só compartilham como pedem direito autorais! Que palavras são nossas e eles não suportam, não compartilham? Na falta de firmeza, olha para o inimigo e vê se ele gosta. “Subversão”... olha a reação dele. “Jornadas de Junho”. “Black blocs”. “Fogo em lixeira”. Que outras? Estamos falando de coisas muito mais densas do que simples

palavras; estamos falando em conceitos, visão, concepção de mundo, organização do pensamento pra capturar as coisas em movimento. Se é que queremos ter tarefas práticas, específicas e criadoras, o campo da linguagem se apresenta como sendo mais do que um campo de simples palavras, mas de conceitos fundamentais para ler o mundo; o campo das palavras é uma trincheira avançada da luta de classes. Tem que ser preciso com as palavras que vai usar se é que você quer ser prático, original e criativo. Esses são capazes de autonomia histórica. Inspirados por essa disposição de autonomia histórica, é infinitamente grato aos homens e mulheres que trabalham em busca de uma perspectiva histórica, estética que reflita a contemporaneidade dos problemas que vivem. Expressar isso esteticamente é absolutamente imprescindível.





Dia de Benedito/ Praça Carlos Kozeritz/2014. Foto de de Juninho Sendro.

Segundo Encontro: 11 e 12 de fevereiro de 2014

Local: Galpão do Núcleo Pavanelli

Que momento histórico é esse que estamos vivendo?

Quem é o meu inimigo hoje?

Qual a nossa luta?

Scapi - O que o Gramsci nos ensinou no encontro passado? O senso comum é feito de um conjunto de elementos que, bem estudados, dão o caráter provinciano, particularista e não universal. Todos são filósofos, na mais simples manifestação intelectual. Na linguagem está presente uma concepção de mundo. Isso pode ser observado ao escutar as pessoas. Elas falam e, ao falarem, expressam a concepção de mundo que têm. O que a gente tem que fazer? Definir os limites, as características desse filosofar espontâneo comum a todas as gentes e que pode ser observado na linguagem como um conjunto de noções, como conceitos bem determinados. Nossos amigos não têm a menor puta ideia de que estão usando conceitos, categorias... não são simples palavras! “Eu defino o conteúdo das palavras. Eu ressignifico as palavras e o que elas querem dizer.” Tudo bem? Não estão vazias de conteúdo e quem dá o conteúdo não é você, mas circunstâncias históricas que produziram certas palavras e elas são carregadas desses contextos históricos que as fizeram necessárias! Onde mais posso achar isso? No senso comum, ambíguo, contraditório. Lá tem algo que não pode ser desprezado: o bom senso. É uma coisa bizarra, tem tudo o que a humanidade já pensou ao mesmo tempo, convive harmoniosamente naquele caos coisas que são contraditórias entre si, mas tudo bem: tá no senso comum. Eu acho nele o pensamento mais desenvolvido como fragmento, ao mesmo tempo a canalhice reacionária mais bárbara, convivendo ali, juntos. Então, eu tenho o bom senso envolvido pelo senso comum. Onde mais posso observar isso? Ora, na religião popular. E não me refiro à Quadrangular do Sétimo Dia, não é aquele monte de gente na feira querendo ser popular. Não. Religião no sentido de “religar”, estreitar laços e acreditar em algumas



coisas, em todo sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e agir que a gente conhece como “saber popular”. Sim? Se eu vou partir do particular sem referências, chuta qual é o meu ponto de partida. Se eu não tenho referências e nem meu ponto de partida é universal, eu vou tentar universalizar o quê? O senso comum! E senso comum, crianças, vai à universidade. Pra que existem os PROUNIs? Quem aqui já passou, está passando ou pretende passar por uma universidade? Olha quantos! Na minha geração (três décadas de diferença, talvez), era exatamente o contrário. Um ou mais grupos de teatro, essa pergunta: um ou dois, e olhe lá! E aí, o que a gente achou na universidade? Ah, sim, primeiramente “uma vitória da cidadania”, é claro, um avanço monumental! Tu não é mais peão, tu agora é um cidadão universitário! E tu foi pra universidade aprender o quê? O que rolava na universidade? O resultado de uma batalha que foi perdida por muitos de nós e foi, digamos assim, ganha, reafirmada pela maioria presente nas universidades. É pós-industrial! É pós-moderno! É pós-socialista! É esse o ambiente que você achou, meu bem! Contra os autoritarismos de esquerda e contra os autoritarismos de direita: o caminho do meio! Aí você virou taoísta: o tal! O caminho do meio... Aquele coroa que disse que, quando a gente amadurece, a gente se acha nem à direita nem à esquerda, porque a gente é *responsável*. Vejam, uma forma sofisticada, pretensamente elaborada, cujas raízes a gente conhece perfeitamente bem, estão aqui: uma concepção de mundo bizarra, anacrônica, que é um enorme ajuntamento do que bem interessar a cada um – cada um acha o que bem quiser – e sejamos felizes assim, porque assim tem sido! Todas as experiências anteriores foram autoritárias e a gente não pode ser autoritário, não é? Assim, esquece todo aquele segundo momento em que andamos brincando com Gramsci. Quer superar essa condição bizarra do teu pensar cotidiano, no seu participar simultaneamente de muitos grupos ao longo de sua vida, nos quais você vai apanhando frutas e pondo no seu chapéu... “Ai, nossa! Adorei esse raciocínio... Peguei aquilo da Educação Moral e Cívica, botei alguma coisa anarco, dos liberais...” Aí vira aquele chapéu de Carmem Miranda com o qual eu opero pra ler o mundo, à base de impressões – que traem, enganam, não são suficientes pra compreender o mundo! Elas são indispensáveis, *capite*, sem elas não dá pra se relacionar com as coisas... mas não podem ser o limite último da minha referência. Porque o teu sentir, *bello*, é

histórico! A argola enterrada dentro do nariz da velhinha é histórica! O tesão de ter uma argola enterrada no meio do nariz não é o mesmo do resto das pessoas. “Mas isso é meu! É único!” Não! Isso é uma produção histórica, é social, *capite*?! Mesmo o inconsciente freudiano – esse mistério moderno (antes era Deus, agora é o inconsciente freudiano)! – opera em uma criatura que opera em um mundo consciente. Inconsciente, pré-consciente e consciente se interagem, se interpenetram o tempo inteiro. Então para de tratar as coisas como “uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa”. Elas interagem, *capite*? Tem uma forma de superar isso! Primeiro, ver criticamente e não achar que isso aqui é a fonte de todos os saberes.

Disse o Gramsci: esse é o objetivo, criticar pra tornar unitária e coerente. Só o que tem unidade e coerência vai saber o que é autonomia histórica: agir compreendendo o mundo em que vive e atuando com base na compreensão que foi capaz de desenvolver, portanto, uma unidade e uma coerência entre a maneira de pensar e o conjunto das ações necessárias pra transformar a realidade. Leia por favor.

Leitor – *Superar os limites de classe e retomar as ruas. Ademário Costa.*

Scapi - Um militante da Articulação de Esquerda [corrente interna do PT]. Quer dizer, tem uma aliança de classes em pleno andamento batendo em limites da aliança de classes. E esse é só o título! Escreveu algo que alguém como eu está 30 aninhos na fila esperando pra vir com os nomes e expressões certos. Não são simples palavras, são um conjunto de noções e conceitos determinados, então tá. Tô escutando. E finalmente veio com todos os nomes adequados, aquilo que se evitou durante tanto tempo...

Adaiton Alves - Mas, de onde ele é, quem é?

Scapi - Ele é dirigente do PT da Bahia. Há três anos atrás, ele faz esse documento para o encontro nacional do Partido, pra dizer como anda nosso partido na atual conjuntura. Aí ele vai definir e entender com precisão algumas coisas... outras, nem tanto. Olha, eu tô fazendo só uma mera intervenção, diversidade não é assim, cada um achando o que bem entende, porque assim sempre foi e sempre será? Olha, não sou eu dizendo. São alguns deles dizendo que não é cada um



sentir o que bem entende: tem um sentido geral predominante que está dirigindo a sociedade brasileira há alguns anos. É nesse rumo que tu tá achando e sentindo o que bem entender. Deu pra entender? É num rumo bem determinado que as coisas estão seguindo. O mérito do cara é ter dado nome a isso.

Leitor - *Desde a vitória de Lula, em 2002, que nós, do PT, somos responsáveis pela condução do governo central do Brasil.*

Adailton - Portanto, alguém deles dizendo isso...

Scapi - E a gente, vivendo nesse mundão de Deus, diz: é verdade. Até ajudei, elegendando! Até fizemos campanha! Juntos! Portanto, até aí nada que a gente já não soubesse...

Leitor - *Inegavelmente a nossa presença no governo é técnica e politicamente superior a todas as gestões anteriores.*

Scapi - Uau! Adorei. Sabe do que eu gostei, mesmo? Nos dois governos Lula, a nossa presença não era tão... Agora, no governo Dilma (pra situar de onde ele tá falando), “somos técnica e politicamente superiores a todas as gestões anteriores”... tudo bem? Se nas duas do Lula eu tive dificuldade, agora não: técnica e politicamente eu estou muito mais dentro, é sob minha direção.

Leitor - *Conduzimos o Brasil a uma série de feitos inimagináveis, resgatando a auto-estima e a confiança do povo brasileiro. E um futuro cada vez melhor para as atuais e próximas gerações. Interrompemos o processo de privatização...*

Todos - *[explosão de risos]*

Scapi - O cara escreve, congela coisas e, uma semana depois, você diz: “não é bem assim, né, parceiro?”. Qualquer passeio, especialmente pela área da saúde, vai mostrar os diferentes processos de privatização pelos quais estamos passando. Não são “leilões públicos”, não... é no particular! No Tucuruvi, uma parceria público-privada, uma ONG etc., agora recebe os recursos e no final as pessoas vão lá e são atendidas, não são? São? São. Nada como grosserias para, com o passar do tempo, interromper as privatizações, tá bom. Que mais? O que interessa vem logo a seguir...

Leitor – ... interrompemos o processo de privatização do núcleo estrutural da economia. Elevamos a renda dos trabalhadores. Aumentamos a massa salarial. Fortalecemos o mercado interno...

Scapi - E não tá errado, cara, não tá enganando ninguém! Aumentar a massa salarial não quer dizer que aumentou o salário. Você, que reclamou que “a gente continua ganhando pouco”, viu como ele é preciso? A “massa salarial” cresceu porque novas pessoas entraram no mercado de trabalho, a massa cresceu. Não era uma das metas?

Leitor - Fortalecemos o mercado interno, aumentamos o crescimento do PIB, rompemos a dependência do FMI. Aceleramos o processo de integração regional de forma solidária, acabamos com a ALCA...

Scapi - Uma ova, porque a aliança entre EUA e Canadá vai muito bem, obrigada!

Leitor - ... Contribuímos para o fortalecimento da democracia no continente...

Scapi - Você não compreende a América Latina se você não compreender o teu país. Nós somos determinantes pro resto do que ocorreu na América Latina. Se você inverter com *chavismos* e *evismos*, azar teu, babaca. Quem tornou isso possível foi a maior economia do continente, que ditou a regra de como é que tem que funcionar o resto: pela esquerda, democrático e popular, tudo bem? Você não compreende o resto se não compreender que a origem dessa porra somos nós – responsáveis diretos por essas modificações latino-americanas. Isso aí, meu irmão, é redondinho.

Leitor – ... Retiramos milhões de pessoas da pobreza...

Scapi – Vamos fazer uma pequena correção? Retiramos da miséria e os metemos na *pobreza*. Já que o Ademário é tão cuidadoso, podia ter sido um pouquinho mais. O que separa um miserável de um pobre?

Adailton Alves – 1,25 dólar por dia.

Scapi - Exatamente! Quem tem isso por dia não é mais miserável, é um *pobre*.

Leitor – ... *Diminuímos as desigualdades sociais...*

Scapi - Ô! Diminuímos ou não? Cara, se tem coisa que enche o saco é que a internet não fala de outra coisa. Por favor, nunca repliquem uma coisa dessa, que eu vou mandar você à merda. A diferença entre os ricos cresceu exponencialmente! Vejam os 50 mais ricos! Vejam os dez jogadores de futebol mais ricos do mundo! Por favor, traz o resto dos jogadores de futebol pra terem uma ideia de quanto é que eles estão mais ricos do que os outros. Essas estatísticas de que vocês gostam tanto, que vêm com infográfico... Vejam! 10% da população tem mais do que os outros não sei quantos! Fala sério, cara! A distribuição da riqueza continua tendo, num polo, ricos cada vez mais ricos, em menor números, cada vez mais concentrados; e um massaroco, onde uma parte era miserável e agora é pobre. Tudo bem o pequeno ajuste em quem queria ser tão preciso?

Leitor – ... *Melhoramos a educação e a saúde...*

Scapi – Ô! Melhoramos a educação, não melhoramos? Primeiro, foi todo mundo pra universidade cafungar bastante na pós-modernidade, não é? E melhorou a saúde!

Então, a gente poderia interromper a leitura aqui, criança, e teu espetáculo estaria quase pronto. Você iria pegar essas coisas e dizer que não são verdade. Tudo bem como você tá treinado e eu vou tentar destreiná-lo até amanhã? Você é contemporâneo, vai dizer que nada disso é verdade! Espera, criança, calma... o melhor está por vir! O *plus*, o determinante não veio ainda... calma com a tua denúncia, *capite*?! Ela pode ser boa, digna, mas não eficiente, *bello*! Tu quer arrasar quarteirão com a tua arte? Se quiser, é bom saber que é em outro parágrafo que a coisa pega. Calma, todos, com a sua criatividade denunciante, com seu teatro contemporâneo, calma. A chuva já passou, *bello*! Sugestão, pura sugestão! Quem tá sugestionado depois faz xixi e passa, deu pra sacar? Esse governo está dando certo. Tem que ser criticado porque está dando certo e não onde está dando errado. Quer ser contemporâneo a seu próprio tempo? Calma. Tô só preparando as alminhas cujos espetáculos já estavam prontos antes que a questão central aparecesse. Quando ela aparecer, você saberá a questão central que determina as outras.

Leitor - *Por fim, elegemos o projeto pela terceira vez, com a eleição da presidente Dilma. Ainda poderíamos elencar uma série de grandes feitos das nossas gestões, que são qualificados como fatos incríveis ou inesperados, justamente por nunca antes terem acontecido. O ineditismo impactante...*

Scapi - Pode parar. Olha como os caras se auto-definem. Cuidado quando você vai muito rápido e se perde nessa superficialidade.

Já pensou, se você é um orelhudo desses que ouvem a primeira frase, já se apaixonam e vão atrás da canção? É só tocar bumbo e ter palhaço pra ser feliz e você vai embora... depois vai se perguntar que merda é essa?! Respira.

Leitor - *O ineditismo impactante dessas ações é uma característica marcante deste novo ciclo de desenvolvimento pós-neoliberal do capitalismo no Brasil. O fato de esse processo ser conduzido por um partido de trabalhadores também é uma surpresa histórica...*

Scapi - Pra quem não conhece História. Senão vai ficar com “ineditismos impactantes” e tal, onde só a ignorância de quem somos nós, nossa tradição de luta, nossos partidos políticos de trabalhadores nos diferentes países do mundo; só quem nunca ouviu falar em social-democracia, em movimento revolucionário na Alemanha, em mencheviques, em bolcheviques pode dizer que seja absolutamente único o fato de um partido de trabalhadores virar governo. Não tem nada de mérito nisso, pelo contrário, isso está se tornando uma recorrência monumental. “Não, não, mas com um dirigente sindical...” Estaleiro Lenin! Olha o nome do estaleiro de onde saiu o Karol Wojtila, da Polônia! Partido Trabalhista Inglês! Partido Comunista Francês! Mandela, África, Congresso Nacional Africano! Partidos de trabalhadores... Então, menos! Aqui, talvez, uma novidade um partido de trabalhadores chegar ao governo.

Leitor - *Foi necessário que o PT, nascido da luta de enfrentamento dos patrões, chegasse ao governo para estabilizar um processo de desenvolvimento com inclusão social em regime democrático burguês.*

Scapi - Ponto! Foi preciso que um partido vindo das lutas dos trabalhadores dirigisse esse processo. Por si mesmo, isso não daria



onde deu. Foi preciso que quem nasceu das lutas orientasse seus movimentos numa perspectiva de crescimento com melhor distribuição da riqueza produzida. Precisão, cara, na definição! O PT nunca ocultou isso de ninguém.

Leitor - *Estamos cumprindo uma série de tarefas de organização do Estado...*

Scapi - Porque eles são governo federal e o Estado, tradicionalmente, no Brasil não é feito para atender parte das demandas que a gente trazia. Portanto, era preciso fazer uma reorganização naquilo que é possível. Você sabe que governo e Estado não são a mesma coisa. Estado é desse tamanho e governo é desse tamanho; parte das funções de Estado não estão em discussão, já foi produzida e continuará a sê-lo. Por exemplo: todo o aparato repressivo. Você pode treinar melhor, pode convencer que antes de dar a porrada deve dialogar? Pode... Mas o caráter repressivo você não pode alterar. Isso é Estado, não é governo. O aparelho repressivo pode perguntar à presidenta: “Posso bater?”. “Agora não.” Estado e governo. Mas os parceiros têm consciência disso, não são bobos, não. Sabem que ali tem uma limitação e é isso que eles estão querendo apontar.

Leitor – ... *típicas das revoluções burguesas clássicas na Europa e na América do Norte. Para isso, optamos por construir um governo de colaboração de classes, onde o trabalho e o capital alcançam ganhos constantes, tais como aumento no lucro, da massa salarial, do valor real dos salários e do nível de emprego.*

Scapi – Eu fui buscar autonomia histórica e me encontro diante de um real e concreto expresso em que termos? Estou diante de um governo de colaboração de classes. E aí? Você queria fazer um movimento para se manter com sua concepção de mundo unitária e coerente pra ter autonomia histórica? Oi, crianças: deu certo! E a única forma de esse projeto dar certo é em “colaboração de classes”. Ele, na sua concepção, nunca escondeu isso de ninguém. Quando uma bosta como essa se abate sobre nós, quando um governo de colaboração de classes se efetiva, é uma tragédia que não aparece como tragédia: é uma “paz de cemitério”. Vou criticar? Mas não é nosso? Toca bumbo, faz um esforço pra ser democrático e popular e não mexe com o conteúdo, tá?! É putamente envolvente. Mas com calma a gente vai

chegar lá, porque a gente descobriu o princípio fundante das novas relações: colaboração de classes. Sabem o que significa isso? “Já sei! Vou criticá-los! Eles omitem a luta de classes, não é?”

Marcos Pavanelli – Não!

Scapi - Lógico que não!

Scapi - Eles omitem a luta de classe? Leia aqui, meu! Onde está a omissão da luta de classes? Mano, é mais difícil do que você supõe. O princípio fundante: eu reconheço a existência de classes antagônicas, inconciliáveis; meu ponto de partida é a luta de classes.

Olá, crianças, bem-vindas. *Mama*, tô tentando responder à primeira pergunta da segunda rodada: “Quem é o meu inimigo hoje?”.

Toda calma nessa hora, é muito difícil caracterizar isso, agora.

Um ponto de partida dos caras, agora, é o reconhecimento da luta de classes. Então, tá errada a tua denúncia de que eles omitem a luta de classes! Eles não omitem; se afirmar como “de classe” é o ponto de partida essencial para que o projeto dê certo. Pra quê? Se você tem como ponto de partida a omissão da luta de classes, e se o projeto é aquele, vai dar errado! Como pressuposto, colaboração de classes é algo de uma sociedade de classes. Tudo bem, ô da crítica apressada? Eles não omitem a luta de classes, é o contrário. Tá bom, não se desespere, você ainda nem tinha descoberto a luta de classes? Eu não vou facilitar a sua compreensão da coisa, fazer tua parte, didaticamente facilitar teu trabalhinho, se vira, bota essa bunda pra pensar, velho! Você ainda tem sérios problemas com a luta de classes? Azar teu, você está sob domínio dela, você vive nela e ela vive em você. Em que marcos e em que termos? Nós fizemos um processo fantástico de lutas, nos posicionamos como classe, organizando, conscientizando, mobilizando; fizemos arte, educação e isso se consubstanciou num programa, que, ao ser praticado, executado, não é o original. As críticas ao projeto democrático-popular. Uma coisa é o projeto, ideia, que eu vou chamar de “era uma vez uma intenção”, porque é uma práxis que, quando se fez governo, se efetivou. “Scapi, há uma distância enorme entre intenção e gesto.” Alguns conseguem



chegar até esse momento crítico. Fez-se um caminho, ao longo do qual desnaturou-se e perdeu-se deixando de ser o que era. O que fazer? *Mama*, veja bem: se o diagnóstico é esse, o prognóstico já tá respondido, deu pra sacar? Vem comigo. Era uma vez um projeto que ao virar realidade se transformou, não é? E não é mais o que era. Se o diagnóstico é esse, o que fazer?

Selma Pavanelli - Voltar à “intenção” ?

Scapi - Ao original, não é? Esse é o não-original. Ao se desfazer, portanto, onde tá o meu horizonte? Cantem comigo e com a mística do MST: [*cantando*] “E se não houver amanhã brindaremos o ontem e saberemos, assim, onde está o horizonte...”. Ah, o horizonte está no ontem?! Eles têm um grande passado pela frente! Isso me dói, tô cortando minha própria alma se você sacar do que estamos falando! Mano, não tem amanhã! Então, tem o que pra fazer? O ontem! Porque o nosso projeto era bom; os homens que o executaram se perderam pelo caminho de mensalões e outras coisas mais... “Scapi, você já ouviu o Oswaldo Montenegro?” Jamais ouviria, porque ele vai me dizer que eu deveria pensar em onde estão os meus amigos dos últimos 10 anos! Os que não morreram estão somados aos 200 mil amigos que eu acabei arrumando ao longo das outras coisas... Agora, você só arrumou uma meia-dúzia quando era feliz no teu passado... ah, faz favor, qual é que é?! Meus melhores momentos, quando foram? No grêmio estudantil, no meu grupinho de teatro lá não sei onde... Então, falando de forma mais direta, alguns olham um governo de colaboração de classes, querem salvar a própria pele porque organizaram, constituíram e fizeram um projeto de colaboração de classes, mas querem tirar o seu da reta. Quando alguém executa porque deu certo, sobra uma crítica monumental. Alguns bons parceiros – bons!, essa é que é a foda – enfiaram na cabeça que o que está em realização não é original. A primeira das três principais correntes críticas ao governo atual faz uma “análise corna”: o que houve foi uma traição da direção etc. Em caso de dúvida, liga pra alguém de extrema-esquerda e ele vai te repetir essa bosta. Mas tem alguém que olha e diz: “Não, muito radical, não gosto de coisas radicais. Traição é muito forte! Dirceu? Genuíno? Não... Dado um conjunto de circunstâncias históricas, esses companheiros abandonaram o projeto, então vamos pegar de volta, não como um projeto original, mas um genérico...”

Selma Pavanelli - No projeto original não estava o governo de colaboração de classes?

Scapi - Calma agora! No original tinha as duas coisas... “Mas, *bella*, a gente não chama um governo pelo nome de “colaboração de classes. E se eu usar o termo “contra-hegemonia?” Aí é Gramsci, aí eu vou! Eu uso esse documento porque nele estão as palavras que vão reconhecer as classes e fazer “mediação de conflitos”.

Estamos vivendo um momento de descenso da luta de classes, a gente se enfraquece muito e o governo é obrigado a fazer coisas que não estavam no plano. São objetivas as pressões que ele está sofrendo e a falta de força de movimento organizado e mobilizado pra poder pressionar e dizer: “não, não faça!”. Como não tem essa força disponível, diante de uma correlação de forças adversas, ele é obrigado a conceder mais do que deveria e gostaria. Eu estou diante, portanto, de um rebaixamento. Não por ser filho da puta - apesar de haver alguns que o são. Precisamos fazer o quê? Olha como ele chama o documento...

Leitor - *Superar os limites da aliança de classes e retomar as ruas.*

Scapi - O autor do documento está onde? Justificando! Não porque queremos, mas porque não temos as forças necessárias para impor, por isso precisamos voltar para as ruas e buscar essas forças, essas energias que precisamos e poder elevar, fazer coincidir o gesto e a intenção.

Adailton Alves - Esse rebaixamento que o Ademário tá falando, o retomar as ruas... como, se eles próprios acabaram com as forças da retomada?

Scapi - Não! Existe uma articulação de esquerda que dirige, por exemplo, a Consulta Popular. Você não pode dizer que não estejam seriamente comprometidos em organizar, educar, mobilizar...

Adailton Alves - Enquanto projeto?

Scapi - Claro. Estamos falando do setor majoritário do Partido. Verdade, fizeram isso: privilegiaram o institucional em detrimento das lutas populares. Portanto, o que é que precisa ser feito? Se o diagnóstico é este, o que fazer já está feito, sacou? Já está no pressuposto. Isso, por



muito tempo, se chamou *teoria da pinça*. Com um dos lados da pinça, ocupar os espaços institucionais. E com o outro lado? Só vai pra rua quem organizou, conscientizou, mobilizou, pôs em luta os movimentos populares. Esse é o como fazer o projeto. No item “metodologia”, coube à DS [Democracia Socialista, corrente interna do PT] definir com precisão o movimento de pinça, a ocupação dos espaços institucionais, que não podem ser prioridade mas é fundamental e importante, desde que combinado, sem jamais abandonar o movimento que dá base a isso tudo em processo crescente e contínuo de lutas.

Selma Pavanelli - No projeto já não estava constando passar por tudo isso?

Scapi - Sim. Esses são os dois componentes centrais.

Selma Pavanelli - Tinha todo esse caminho para ser percorrido, sabiam onde isso dava. Eles sabiam que iam ter que abrir mão de tudo para realizar o projeto?

Scapi - Não! Não vão abrir mão de nada, em momento algum... Ninguém tá disposto a abrir mão de nada!

Selma Pavanelli – Mas eles não fizeram o projeto original.

Scapi - Fizeram! Essa é a má notícia que eu trago e vai ser difícil pra vocês compreenderem. É mais ou menos como o siri, que, quando briga, é comum perder a pata, vocês já viram? Uma se desenvolve como uma puta patola; e a outra começa a nascer de novo, uma pequenina, atrofiada, e outra grandona. Já sei tua crítica: é demasiado institucional e muito pouco popular na participação, não é?

Adailton Alves - Julho de 2013 foi...

Scapi - Julho, sim. Junho, não. Primeira crítica: ficou poderoso demais esse braço, manda demais sobre o resto do todo, degenera porque abandona, ou parcialmente abandona ou estabelece relações com essa outra parte, que era a mais importante. Por isso, traiu, abandonou ou rebaixou. Se foi assim, do que é que esses caras estão falando? Estão falando de um programa que faz uma leitura de Brasil no mundo, de como enfrentar os problemas que o Brasil tem. Tem um programa!

Programa democrático e popular. Os principais críticos disso acham

que o programa não está sendo realizado ou porque foi traído (organizações de extrema esquerda) ou abandonado (APS [Ação Popular Socialista, corrente interna do PSOL], setores majoritários do PSTU, PSOL, Consulta Popular, MST, articulações de esquerda, tá bom assim?). Eles permaneceram e viram os principais críticos saírem do PT - mas o PT não saiu deles! “Eu sou petista, mano, fora do PT!” Qual o seu projeto? Não é o original que estamos vivendo, então, qual é? Esse! Refundadores petistas... Se uma estrelinha não deu certo, que tal um solzinho? Desafio terrível. O que está em curso é a realização possível do projeto. Entre a formulação profundamente idealista e a realidade objetiva, material e determinante... Por exemplo, vai discutir ideal com os marxistas? Livre-se desse idealismo todo e é possível que algumas coisas sejam realizadas. Quem, entre o idealismo e a objetividade material, pra resolver isso? Objetividade material, que é uma sociedade de classes, capitalismo desenvolvido, em que os interesses da classe dominante prevalecem e têm que prevalecer, essa dura realidade de quem acha que a teoria da pinça é importante, fundamental! Façam a pinça. *[de um lado]* Institucional e *[de outro lado]* popular. Que elemento une a pinça? Eu não quero a interpretação, quero agora o programa dizendo como as coisas se realizarão, tudo bem? Qual é o elemento que junta as duas peças? Está no programa. O que é fundamental, decisivo pra que isso ocorra, pra saber se a pinça vai ou não funcionar? A conquista do governo federal. Isso está na gênese do programa: a conquista dos cargos executivos municipais e estaduais como preparo para a grande conquista, que tornará factível a combinação do braço institucional e do braço não institucional das lutas. O que é que vai articular essas duas coisas? A chegada no governo federal. Faremos um conjunto de metas impactantes e blábláblá... sim, mas temos que chegar aqui! Agora que chegou, o que a gente faz? “Uma coisa é quando a gente é oposição; outra é quando é governo. Uma coisa é quando a gente é jovem; outra é quando a gente amadurece.” Conhecem isso de algum lugar? “Na juventude, incendiário; amadurece e vira bombeiro.” Leia mais...

Leitor - *Algumas poucas máximas de Luiz Inácio: o que acontece no interior de um dirigente de esquerda que hoje é um exemplo de pragmatismo? Que mudanças se produziram em seu interior?*



Scapi - Uma jornalista argentina entrevistando Luis Inácio perguntou: “*que se passa?*”. Provavelmente ela ouviria uma piada que, quem conviveu com ele ouviu um milhão de vezes. Quer saber o que se passa no meu íntimo? Quer saber do meu fígado? Pergunta pro meu baço!

Leitor - ***Nunca fui marxista. Nunca. Desse mal não soufri.***

Scapi - Lembram? Eu posso não saber direito o que eu quero, mas sei perfeitamente bem o que eu não quero. Não sei o que conhecem de Lula, mas marxismo e Lula, muita gente zelou (assessores etc.), com muito cuidado, para que nunca se encontrassem. Mas vamos deixar ele falar, pra dar pistas do porquê ele nunca sofreu desse mal...

Leitor - ***Minha origem política foi o movimento sindical, nas comunidades de base e no movimento social.***

Scapi - Nas comunidades de base, a assim chamada Teologia da Libertação, e nos movimentos populares. Esta é a origem dele.

Leitor - ***Sempre me considerei um socialista, porém, o PT jamais definiu um tipo de socialismo, porque isso seria impossível.***

Scapi - Jamais definir o tipo de socialismo... Mas você não define tipo de socialismo, ele não está definindo. Venha você ajudar a definir, contra aquelas formas estabelecidas! Puta chamado, não?!

Leitor - ***O exemplo da URSS é o modelo de socialismo que queríamos? Não, eu não queria isso porque não concebo um socialismo sem liberdade democrática, sem direito de greve, sem alternância de poder.***

Scapi – Vocês já pensaram a humanidade sem alternância de poder? Sem o direito do DEM, do PSDB ser governo? Cara, o próximo passo será pensar o mundo sem a Folha de São Paulo, sem o SBT! O que será da cultura mundial dos povos?! Isso será um absurdo! Um mundo sem Veja, sem Datena, sem caras e bocas, sem alternância de governo! Há uma diferença monumental entre *poder* e *governo*. Mas, essa é a minha ideologia!

Leitor - ***Houve um momento nos anos 70 em que a esquerda brasileira me dizia que eu era de direita e a direita me dizia que eu era de esquerda. Essa postura era importante porque considerava***

que eu estava no caminho do meio. A realidade é que o trabalho que fizemos no movimento sindical me permitiu me unir a um grupo muito grande de brasileiros que, nos anos 70, participavam da luta armada, um grande número de intelectuais, dos melhores que tínhamos no Brasil; um grande grupo de sindicalistas com apoio muito forte dos movimentos sociais das comunidades. Nunca tive trauma por ter mudado de postura, por ver a política com grande pragmatismo.

Scapi - Precioso. Nada como o Luis Inácio pra pôr nos devidos termos. Entre o idealismo que não considera a realidade e a realidade que se impõe para ser superada, Luis Inácio diz assim: “deixa que eu resolvo essa”. A distância entre intenção e gesto a gente resolve com *pragmatismo*. Um pragmático atuante vai te dar a impressão imediata de ejaculação precoce. Aí você vai tentar melhor, ou ainda que ele esteja pragmaticamente realizando o projeto - não no seu delírio pequeno-burguês idealista, mas no pequeno-burguês realista que encontra a correlação e diz o que é considerável. Por favor, alguém me defina “pragmatismo”, o que é um ser pragmático? Eis uma crítica permanente de um pragmático: “O Scapi é muito acadêmico! Viram a linguagem que ele usa?” De onde ele tira o saber dele? Da experiência *dele*: concreta e imediata! De onde o Luis Inácio tira o seu saber? Do conjunto das ações em que ele está metido desde que veio ao mundo, das suas experiências sindicais, da Teologia da Libertação, dos grupos de jovens e dos movimentos populares. Daí, dessas relações imediatas, eu penso essas coisas. Uma consciência importante que pega o particular e diz já estar pronto pra conhecer o mundo.

Estavam tentando descobrir o que é um pragmático? Olha ele se auto-definindo... O problema era o abismo entre intenção e gesto? Responde pra eles, Luis Inácio... A política tem alguma importância aqui? Se faz o quê?

Leitor - **No discurso podemos dizer o que se quer, porém, no momento de executar, o limite é o possível. Eu fui eleito com um programa muito claro.**

Scapi - É com isso que eu quero dialogar! Não com criticozinhos externos que querem reinventar. Por isso, crianças, tô voltando para o original...



Leitor - *Firmei um compromisso com o povo brasileiro e, por isso, me elegeram presidente da República e estou cumprindo. Duvido que haja, em outro lugar do mundo, uma relação entre o presidente e os movimentos sociais como a que existe aqui no Brasil.*

Eu falo com os dirigentes sindicais, com os que vivem na rua, com os travestis, com os homossexuais - e tudo sem preconceito - por isso é que no fundo não me odeiam...

Cresci e assumi mais responsabilidades. Quando somos oposição, dizemos o que cremos e pensamos que deve ser feito. Porém, quando somos governo, não cremos e nem pensamos nada: fazemos ou não fazemos. E eu fui eleito para fazer.

Scapi - Para aqueles que querem pensar criticamente o seu tempo: quando ele se diz pragmático, era só equacionar. Não é por acaso que isso aqui [*programa*], agora, tem uma figura central maior que as intencionalidades, porque ele é o único, entre todos eles, que - sem hipocrisia - vai e diz: “O limite é o possível”. Por isso é o maior líder carismático que nós jamais tivemos. Aquilo que deveria ter sido um projeto de memória das lutas dos trabalhadores brasileiros ironicamente se chama Instituto Lula. “Ai, não é Instituto Lula, gente! É o Memorial das Lutas dos Trabalhadores Brasileiros!” Assim é que nasceu, mas hoje a bagaça se chama Instituto Lula, porque esse é o nome que tem que ter. Críticas ao Lula, desde quando você as ouve? Quais?

Esta ou aquela que sempre tivemos: não estudou. E não estudou mesmo! Mas tem aquele sentido de preconceito de classe. Qual é o problema das classes dominantes para aceitarem o Lula? E não aceitou até hoje. E não vai aceitar! Lembram do bordão: “Não é a mamãe!”? Não é da minha classe! Tá fazendo direitinho o seu dever de casa mas isso não vai fazer de você classe dominante! Você é dominado com cabeça de dominante; dominado disposto à colaboração de classes. Enquanto eu precisar de colaboração de classe, eu te trato com...

Selma Pavanelli – Classe! [*risos*]

Scapi - Quando não for conveniente, eu boto o Barbosa - um negro que você mesmo nomeou - e você tenta se defender como pode! Eu,

como classe dominante, posso desviar recursos, posso contratar um Marcos Valério e permanecer anos sem que ninguém saiba, ok? Mas você não pode fazer as coisas que eu faço! Você tem que ter as suas próprias formas. Por quê? Você é um colaborador, que vem e diz publicamente, para o mundo inteiro, que não tem como ter expressão política burguesa sem ter corrupção – a não ser os babacas moralistas que querem política sem corrupção. Espero que você tenha ficado com essa lá no ponto de ônibus, tudo bem, otário? Não existe política sem corrupção! “Ai, não, é que eu vou fazer uma crítica para além da corrupção.” Meu, vai direto ao assunto! Não tem como, no mundo burguês, fazer política sem ter corrupção! Essa é a lição didática do Partido dos Trabalhadores que nós não podemos aprender, por isso alguns vão ser presos exemplarmente; pior se for sob sua condenação moral. Calma, não se apresse também para soltar os caras! Vai fazer campanha pra colaborador de classes ser solto? Não foi essa a opção?

Leitor - *Se nós não estivéssemos cuidando dos 7 milhões de trabalhadores rurais que recebem salário mínimo, se não tivéssemos a LOAAS - Lei Orgânica de Assistência Social, o Estatuto do Idoso, o Bolsa Família, o Pró-Jovem, o Pronuni, certamente nós teríamos gente se matando na rua mais do que está se matando e, quem sabe, gente falando em revolução todo dia, quando hoje a palavra-chave é como consolidar a democracia neste país”, disse Lula.*

Scapi - Se essas coisas não estivessem sendo feitas, teria gente nas ruas falando em “revolução”! Deus me livre da revolução, não é? Por isso estou fazendo um conjunto de medidas (dentro do possível) pra que as pessoas não falem em revolução.

Leitor - *Porque, afinal de contas, desse mal eu nunca sofri.*

Todos - Por pior que seja a sua vida, diga que tudo vai bem.

Carlos Biaggioli - Lair Ribeiro! [risos]

Scapi - Não é Lair Ribeiro, é Luis Inácio Lula da Silva, a maior direção política que, como classe, nós já constituímos, meu! Quer desmontar, desmanchar? Vai dar um trabalho do caralho... Tem Lair Ribeiro? Lógico que tem, porque é bizarro - e essa palavra tem que ser cara pra ti! A maior liderança política que nós temos é o quê? Voto! Senso



comum politizado, essa bizarrice, essa anacronia e outras coisas mais que andamos vendo.

Leitor - *Por mais que você não goste de sua aparência, afirme-se bonito. Por mais pobre que você seja, diga que é próspero.*

Scapi - Empreendedorismo!

Adailton Alves - Aliás, o Brasil tem o maior número de empreendedoras do mundo, viu, mulheres? Vocês estão de parabéns.

Leitor – *Banco do Povo Paulista destaca Mulher Empreendedora.*

Scapi - A quantidade de projetos sociais que reúne os fudidos-e-mal-pagos pra fazer esse movimento Lair Ribeiro não é desprezível e eu, se fosse você, não riria disso. Milhões de pessoas estão sendo envolvidas e manipuladas até o último pelo para se acharem “empreendedoras”. É portentoso o estrago que essa merda tá fazendo na minha classe! Cara, eu que ia transformar o mundo, fazer uma revolução, pragmaticamente agora sou...

Ciléia Biaggioli – ... próspero, bonito...

Scapi - Marxismo, não! Desse mal nunca sofri. O babaca Luis Inácio Lula “Baiano” da Silva! É Lair Ribeiro, sob direção política de Paulo Coelho! Como é que eu vou nomear o mal do qual você sofre? Sua inspiração filosófica é de quinta categoria, é auto-ajuda, cara! E é o maior líder político que esse país já teve! Então você não vai criticá-lo, ele é nosso, certo? Olha o que me chega às vésperas de me tornar sexagenário...

Leitor – *Se você conhece alguma pessoa muito idosa que seja de esquerda, é porque ela está com problemas. E se você conhece uma pessoa muito nova que é de direita, ela também está com problemas. Quando a gente tem 60 anos, é a idade do ponto de equilíbrio porque a gente não é nem um nem outro. A gente se transforma no caminho do meio, que precisa ser seguido pela sociedade.*

Scapi - A sociedade é dividida em classes. É impossível desconsiderar a luta de classes. Vamos considerá-la, não vamos omiti-la. Considerando a luta de classes, faremos o que com ela? Juntos a

gente busca soluções para os históricos problemas que a gente tem. Assim, espero ter fechado isso para podermos ir além disso. Existem diferentes formas de a colaboração de classes se expressar, nada melhor do que o “colaborador-chefe” Luis Inácio em pessoa. Tem pós-modernidade em Luis Inácio? Tem, porque é bizarro, tudo o que for simpático ele vai pegar e pôr no chapéu, quando for conveniente ele usa! “Mas isso está em contradição com a outra coisa!” Foda-se, meu bem: eu sou senso comum. E quando o senso comum age, ele é...

Adailton Alves - ... um dos Três Porquinhos!

Scapi - Na verdade ele é dirigente dos demais porquinhos, que não o contrariam. E tem uma geração inteira que não contraria! Se eu usei Lula foi apenas como recurso didático. Lula não está sozinho: tem um conjunto de homens e mulheres que estão com ele. Há um projeto político em pleno curso. Quer ser contemporâneo do seu próprio tempo? Fale das equações do seu próprio tempo, ainda que não seja nada simpático - como acho que estou sendo!

***Intervalo para um lanche, nessa altura do campeonato já
estávamos pirando!***

Scapi - Duas formas de críticas se apresentam. Primeiro, olhando as coisas e dizendo: não é o original. Ao fazer isso, se inscreve imediatamente no que eu chamo de refundadores. Portanto, eu sei qual é o original, o que buscar: a intencionalidade. Vou ficar discutindo o plano ideal, ver o que falta, ver o que não se completa nisso, enquanto a velha e boa realidade está executando o projeto como ele pode ser executado e não como gostaríamos.

Tem uma outra crítica. Eu espero que as coisas se realizem, deem certo. Eu as critico porque deram certo e não porque deixaram de dar certo. Este é um governo de colaboração de classes efficientíssimo; veio para realizar e é pleno de realizações.

As classes dominantes, nesse exato momento, não têm a menor dúvida em reeleger o projeto democrático-popular. Alguma dúvida disso? Elas são múltiplas porque são múltiplas as áreas de atuação



das classes dominantes: grandes comerciantes, grandes banqueiros, grandes industriais concorrem intensamente entre eles o tempo inteiro. Hobbes: “o homem é o lobo do homem”, se comem na luta de todos contra todos o tempo inteiro, porque assim exige o capital: crescer concentrando e centralizando cada vez mais, até virarem gigantescos monopólios que vazam para além da fronteira nacional e viram monopólios internacionais. Assim é *Brazil Foods*, meu bem, assim tem que ser quando ficar grande, essa é a exigência do capital. E esse capital precisava de um governo de colaboração de classes. Ao longo do desenvolvimento capitalista brasileiro, as classes dominantes do Brasil sempre se mostraram alheias a qualquer coisa popular; adversas a qualquer coisa que viesse da grande massa popular, vinda dos trabalhadores. Para as classes dominantes brasileiras, trabalhador foi feito para trabalhar, desaparecer no mundo serial e acabou. Ele não deve aparecer mais em lugar nenhum. As classes dominantes brasileiras, no desenvolvimento do capitalismo brasileiro – nos dizeres de quem melhor compreendeu essa burguesia, o Florestan Fernandes –, se fizeram num círculo tão estreito de legitimação, que elas nunca precisaram, quiseram ou tentaram ampliar a legitimação para as pessoas votarem neles, não: a marca tradicional do domínio burguês no Brasil, diz o Florestan, sempre foi “autocrático”. É uma burguesia que se auto-legitima num estreitíssimo círculo onde só é aceito quem a legitima; pro resto que compõe a população brasileira ela está cagando e andando – sejam trabalhadores urbanos, rurais, precarizados, o diabo que for. A burguesia caga-e-anda para a legitimidade, ela é essencialmente autoritária, seu DNA revela que, desde o seu nascer, foi e vai continuar sendo autoritária. Como ser *anti-burguês*? O projeto democrático advém exatamente dessa leitura, não sem razão, de que as classes dominantes, por serem autocráticas, não admitem ser sufocadas por um processo democrático. Diferente das burguesias centrais europeias (francesa, holandesa, etc.), que fizeram a revolução contra o Antigo Regime monárquico, feudal, e democratizaram os processos de participação, envolvendo grandes massas no seu projeto político, diferentemente das burguesias da América Latina, das periferias desse mundo mais desenvolvido. Têm esse componente no DNA. Portanto, os oprimidos, os explorados, os *de baixo*, precisam ser organizados contra os de cima. Está falando em classe, tudo bem? Isso vai criar um impasse monumental. Eu vou com uma demanda

burguesa para uma burguesia que não pode ser rigorosamente burguesa nestes tempos. Pondo assim, fica muito complicado ou compreensível? A burguesia fez uma revolução contra o regime feudal europeu, sua forma política era monárquica, contra a Igreja Católica, que tem uma monarquia celeste; ela vem com o protestantismo, portanto, uma religiosidade popular: você é o seu próprio profeta! Leia a bíblia você mesmo e saia pregando você mesmo... Tudo bem o processo de “democratização de Deus”? Na Reforma Protestante não vou gastar mais tempo, tudo bem? Em vez de uma hierarquia em que é Deus quem manda de um “céu monárquico”: um céu burguês democrático! Você é o profeta. Decorou a Palavra? Deus não precisa de intermediários. Papas, padres... fim a esses, sem ídolo! Uma experiência pessoal que cada um que se dispor vai ter! “Nossa, mas ele é loiro, um metro e noventa e tem aqueles olhos lindos azuis...” Claro que não, isso é conformação católica apostólica! “Ai, eu sinto no coraçõzinho que tem que se permitir essa experiência fantástica com o Criador!” Qualquer hora você liga e diz assim: “Alô? Pai?! Gente, Ele me ligou, era uma tarde chuvosa... eu, comigo mesmo” e isso vai produzir um efeito reprodutor nas pessoas, dizendo: “caramba, se eu tiver uma fé minha, individual, pessoal e só minha, terei um lugar no Céu para o indivíduo! Porque o Céu católico apostólico não é nem individual, eles andaram dando uma adaptada pro coletivo, coisa meio de purgatório-inferno-céu, uma coisa assim...” Não, como o capital é acúmulo de riqueza abstrata, ele precisa da correspondência religiosa com alto grau de abstração, portanto, Deus precisa ser desinventado e reinventado como uma coisa abstrata. Você que define, na sua intimidade, a relação com Ele. Deus tinha donos e intermediários; você só tinha acesso a Ele em latim, via intermediários; a burguesia veio e democratizou o cara. Agora taí, aprende a ler, analfabeto de pai e mãe! Burguesia, aprendizado, alfabetização de jovens e adultos, é indissociável esse movimento, não é, Paulo Freire? As pessoas não podem ser analfabetas, elas têm que ter acesso às luzes! Tirar da escuridão e levar para a luz. E isso tem que ser participativo, não devo fazer por você - isso você conhece de algum lugar: não dê o peixe, ensine a pescar (liberalismo na veia!)...

Essas burguesias centrais, para terem legitimidade, incorporam o conjunto das demandas do seu período, coisas que não são necessariamente burguesas. Mas elas incorporam como suas porque



elas representam a vanguarda da luta daquilo que fode todo mundo: o mundo feudal. Ela é vanguarda desse processo e, de alguma forma, por algum instante, ela reúne o conjunto dos desejos de quem é oprimido pelo feudalismo, ela representa vivamente a possibilidade de superação e pergunta: vocês vão vir junto ou não contra aquela porra? É claro que vamos! Essa burguesia tem um projeto. Um feudo tem pedra, terra, cabra, camponês, rio... qual é a diferença entre um e outro? Nenhuma! Um camponês, assim como um rio, uma pedra e uma cabra é uma *posse* do senhor feudal, ponto. Ele é uma *coisa* dentro daquele troço, tudo bem? Diz a burguesia: “No meu mundo, não. Vai ter terra pra todos assim que vocês me derem força e a gente derrotar o Antigo Regime. No Novo Regime terá uma reforma agrária: ‘terra para os que nela trabalham’”. As burguesias dos países centrais, todas, sem exceção, têm no mundo rural um obstáculo ao seu desenvolvimento, ao desenvolvimento das relações burguesas de produção, da re-produção burguesa. Reprodução burguesa precisa de muita comida sendo produzida. Sob a direção do modo de produção burguês, fertilidade absoluta. Para que? Para que o alimento fique bem baratinho e um baixo salário não produza miseráveis. Um baixo salário, que me faz burguês e capitalista, possibilita que ela não atrofie. Com um pequeno salário, ela tem abundância de oferta de alimentos. Para uma burguesia se instalar, se fazer burguês, ter uma reforma agrária é essencial. Deu pra entende por quê – antes que você comece a sonhar com uma terrinha? Por que dessa forma? Porque aí tem terrinha pra todo mundo. Sabe o que ocorre logo na sequência? Produzem, mas como produzem a mesma coisa, eles têm que vender a mesma coisa, então vão concorrer entre si. E assim, como burguês, depois de um longo processo de concorrência, uns ganham, outros perdem; os que ganham compram as terrinhas dos que perderam e continuam a saga burguesa de concentrar e centralizarem-se até virarem *farmers*, grandes empresários agrícolas norte-americanos – aquilo que o burguês faz na indústria, no comércio! Um intenso processo de concorrência que levará necessariamente, numa fase mais desenvolvida, ao monopólio. Esse é o caminho pelo qual a burguesia segue. Nesse processo, do ponto de vista político, a burguesia se abre para eleições regulares, em que todos podem ser candidatos, com uma mobilidade que Luis Inácio tanto reclamava, com o que ele chamou de alternância de poder. A burguesia dos países

centrais produz, portanto, um movimento de legitimação, ganhando o coração e a mente dos trabalhadores, que acham que estão num projeto que é seu! Problemas? Descubrem cotidianamente, mas os ricos ficam cada vez mais ricos, os pobres, cada vez mais pobre etc., porque é contraditório. Às vezes se conscientizam, se põem em luta (grandes lutas) etc. Problema: essas burguesias, como a brasileira, 150, 200 anos depois, chegam atrasadas, não chegam nos grandes centros, não têm a mesma conformação de poder pra brigar contra os europeus, não têm feudalismo, não têm Antigo Regime, que aqui é escravocrata para produzir açúcar para o mercado mundial: o preço do açúcar é dado pela Bolsa de Valores de San Francisco. Tudo bem a combinação do mais antigo com o mais moderno? Escravidão: base da produção de mercadoria para o mercado mundial. Isso vai configurando uma forma abasileirada de ser capitalista, *capite*? A forma de ser capitalista exigiu das classes dominantes, aqui, que elas fossem tudo, menos democráticas. Não era sua vocação, ela não pode (não que não queira) ampliar a participação para as grandes massas, a correspondente legitimação que ela até gostaria de ter com os seus originais. Entre outras coisas, ela não pode porque na divisão mundial do trabalho, na divisão mundial dos países, poderes, essas coisas todas, quem chegou muito tarde como a nossa chegou, chega, por assim dizer, subordinado; na divisão internacional do trabalho, chega, assim, meio: “uau, tá chegando agora, 300 anos depois?!”... Não, não, tô chegando só 100 anos depois dos italianos e dos alemães, países que se unificaram no século XIX. Nós chegamos depois deles, mais retardatários ainda! Esse conjunto de retardamento nos põe numa divisão internacional do trabalho onde somos subordinados - mesmo sendo capitalistas e burgueses. Eu exploro os trabalhadores, mas divido com vocês. Esse e mais um puta monte de elementos marcam essas classes dominantes, fazendo com que a burguesia tenha que ser autoritária, que tenha que explorar tanto essa criatura, que não pode dar participação. Se vier participar vai dizer o quê? “Orra, meu! Dá pra apertar menos? Dá pra pagar melhor?”, entende? Eu produzo um ser que precisa ser permanentemente reprimido. Ao longo do desenvolvimento capitalista brasileiro essa é a marca central. Dúvidas? Deixa o democrático-popular quieto.

Deixa eu ir buscar o projeto que antecedeu o democrático-popular. Deixa eu ir pro pré-64, onde o conjunto das forças que querem modificar



o Brasil se reúne nas diferentes instituições - seja no PCB, no PTB, no ISEB, na CEPAL - Comissão Econômica para América Latina e o Caribe. Esse conjunto, por vezes juntos, por vezes cada um na sua, faz uma leitura comum do Brasil e dos problemas do desenvolvimento brasileiro. Cada um, à sua maneira, juntos ou separados, compartilham de uma mesma leitura de mundo e de Brasil e, portanto, dos desafios da sociedade brasileira. Montam um projeto que ficará conhecido como "Projeto Democrático-Nacional". O capitalismo brasileiro, a sociedade brasileira, sociedades da periferia precisam se desenvolver mas não podem, porque têm dois obstáculos centrais: internamente, o latifúndio; externamente, o imperialismo. O latifúndio porque, para o desenvolvimento, eu preciso de uma reforma agrária para a comida ficar baratinha e os baixos salários não produzirem miseráveis, produzindo bastante valor excedente e bastante mais-valia, portanto, fazer o capital crescer. Olham para dentro e veem que as relações no campo do Brasil são um impedimento para o desenvolvimento brasileiro; por isso precisamos de uma reforma agrária. Mas não basta, porque, no mercado internacional, nós entramos dominados. Pior: o imperialismo vem aqui, tira parte daqueles excedentes que a gente consegue extrair e leva embora. A gente precisa que esses excedentes fiquem aqui para que, com eles, a gente possa promover o desenvolvimento, melhoria de vida etc. Tudo bem os elementos de um projeto político anterior, democrático e nacional? Quem são os interessados e os inimigos nisso? Os inimigos: o latifúndio e o imperialismo. Quem são os amigos? Os trabalhadores da cidade e do campo, as chamadas pequenas-burguesias, setores médios... Qual o papel da burguesia na revolução brasileira? PCB, PTB, ISEB, CEPAL, as universidades, o Brasil inteiro tá debatendo, discutindo o tempo inteiro ativamente. Juntos confluem na seguinte ideia: tem um interessado central nesse desenvolvimento: a burguesia brasileira. Ela é a principal interessada nessa porra toda, não tem como ela ser contra as reformas. Portanto, defendem, a burguesia vai vanguardear o movimento das modificações que farão o Brasil brasileiro e democrático. Principais interessados? Nós, trabalhadores da cidade e do campo, setores médios. Esse não é verdadeiramente o nosso projeto, mas é um projeto necessário para que, depois, o nosso possa se inscrever. Dois campos contam e praticam o democrático-nacional. Campo da educação: o Brasil é feito de uma massa de analfabetos que serão arrancados do campo e virão

para grandes centros urbanos. O desenvolvimento vai ser nitidamente o que é o desenvolvimento mundial: grandes centros urbanos marcados por processos industriais. Quem é a base de sustentação dessa porra toda? Uma massa de analfabetos vindos do campo sabe-deus-como que vão afluir para aqueles que vão ser gigantescos centros urbanos. Essa massa de desenraizados vai vir pelos grandes centros e, se ela não for politizada, alfabetizada (de preferência as duas coisas juntas), ela será fácil massa de manobra de gente muito mal-intencionada que tá esperando ela para fazer uma revolução. Como evitar que isso ocorra? Como fazer que não seja só uma democracia representativa, mas sim participativa? Tá lá o professor, atuando numa dessas escolas do Senac, Senai etc., pra ser mais exato. Angicos, no cu do mundo, tá lá tendo experiências e dizendo: “puta merda, sou um homem do meu tempo, quais as exigências do meu tempo?. To fazendo minhas experiências com alfabetização e desenvolvi um método único, com o qual não preciso de 40, mas de 4 anos para alfabetizar alguém, 40 horas, com palavras-geradoras. Fa-ve-la... Fa-Fe-Fi-Fo-Fu... Va-Ve-Vi-Vo-Vu... La-Le-Li-Lo-Lu... Alfabetizo partindo do seu particular, que é algo concreto e imediato, e ao mesmo tempo politizo a relação, fazendo com que ela seja mais do que simplesmente te dar o código, mas te dar também os conteúdos.” Paulo vai fazer um puta método com a ideia de alfabetizar milhões de pessoas atraídas para os grandes centros e que poderão ser massa de manobra de comunistas, de socialistas, de anarquistas... e tudo isso precisa ser evitado! Essas pessoas precisarão de uma *ideologia*. O ISEB, um dos institutos criados pelo presidente da República, senhor Juscelino Kubitschek de Oliveira, chama os principais intelectuais e pergunta: “e aí? Bom, nós vamos produzir uma ideologia pra essa massa”. Freire é indissociável desse movimento, foi convocado pra isso. Os caras estão conduzindo a ideologia e Freire diz: “problema, eles são analfabetos”. Quem vai alfabetizá-los para eles entenderem essa ideologia sou eu. Assim nasce o mestre Paulo Freire, com alfabetização em 40 horas para adultos e crianças. Mas funciona bem quando funciona para adultos. Deu pra sacar? Um homem do seu tempo, envolvido nas exigências do seu tempo. Esses desenraizados, analfabetos, não poderão votar. O presidente precisa de base e esse projeto precisa de base de eleitores alfabetizados! Que tal reuni-los nas periferias, nos grandes centros e na favela... “fa-fe-fi-fo-fu”...deu! O homem e a hora, indissociáveis,



tudo bem? Qual o conteúdo desse processo de alfabetização? Aquela ideologia que o ISEB está produzindo: “nacional-desenvolvimentismo”. Homens da sua época. Os estudantes baseados na leitura da realidade brasileira. O que é que canta a UNE?

Se o diagnóstico é esse, *Mama*, o que fazer já tá dado, não é? Ele é subdesenvolvido, logo, qual é o remédio?

Todos - Desenvolver!

Scapi - Bem-vindos ao nacional-desenvolvimentismo e ao conjunto de elementos que isso possa representar. Quem não lê Paulo? Só vai se apaixonar por um hegeliano, que acha que um educador tem que se inspirar na *dialética do senhor e do escravo*, do Hegel. Hegeliano que era Paulo, o senhor tem que se conscientizar de que ele é um opressor. Todos juntos:

Todos - Eu sou um opressor!

Scapi - Mas não pode ser um único movimento, unidirecional. Ele tem que encontrar o oprimido, ao mesmo tempo dizendo: “eu sou opressor e não quero continuar sendo oprimido”. Voltemos ao opressor: “Eu sou opressor e não quero continuar sendo oprimido”. E, num movimento ativo, opressores e oprimidos se identificam como opressores e oprimidos, para, juntos, resolverem superar essa coisa que não interessa nem a um e nem a outro. Isso não é demérito algum, faz de Paulo um puta humanista, um dos maiores educadores que a gente jamais teve. Mas, se eu me fiz entender bem, Paulo Freire é indissociável desta cabecinha pragmática que você acabou de ouvir e se surpreender. Paulo, como educador, não autoritariamente, interagiu com o educando, relação dialógica, participativa. O educando educou o educador se educando. Paulo fez um excelente trabalho. E o educando chama-se Luis Inácio Lula da Silva. E deu absolutamente certo!

Também adoro Paulo. Mas não conte comigo pra dialética do senhor e do escravo posta para os tempos atuais: colaboração de classes. Não é isso que está? Prove o contrário, babaca! Vai lá, bebe *Pedagogia do Oprimido*, volta pra mim e ache *classes*: a minha classe, a classe deles, as outras classes... Não vai achar, porque não tem. Paulo, velhinho, morre como um contador de deliciosas histórias e diz: “Antes do exílio

de África, antes de conhecer Samora Machel, eu não operava com classes sociais”, ponto final. Quais são as obras mais conhecidas? Todas de antes do exílio de África, que não operam com “classes”. É um puta cara, sacou? É nosso! Mas deu pra sacar que tem um pequeno probleminha? Isso não inspira a modificar aquelas relações entre professor e aluno que eram assim chamadas de “tradicionais”, ou seja: um cara autoritariamente, só ele fala, de vez em quando passa a palavra aos outros, bancariamente depositando coisas na minha cabeça. Que coisa mais autoritária! Vamos democratizar esse processo, vocês são sujeitos, vocês podem, e eu tenho que acreditar nisso, eu tenho que estar disposto a isso, não é?

Pergunta - Mas o Paulo Freire estava consciente dos interesses a que ele estava servindo?

Scapi - Sim, os interesses dos oprimidos. Respondi certinho, não respondi? Conscientíssimo!

Pergunta - Não da classe oprimida, não é?

Scapi – É que “classe” não é oprimido. Vamos começar pelas correções devidas: uma classe *explora* a outra!

Explorado e oprimido não é a mesma coisa.

Eu posso ser oprimido e explorado; posso ser explorado sem ser oprimido, não posso? Homens do seu tempo, pressões do seu tempo, militâncias do seu próprio tempo dirigidas pra um projeto político, merda! E o que você acha desse projeto político? É praí que eu tô tentando puxar vocês. O projeto político democrático-nacional foi a maior gelada que nós jamais experimentamos em nossas vidas; nos dirigiu politicamente para a maior derrota que nós jamais sofremos. A burguesia não era a principal interessada nesse projeto? Sabe o que ela fez? Ela se juntou ao imperialismo, aos latifundiários, pegou o Exército e meteu um golpe militar no dia 1º de abril de 1964 contra o nacional-desenvolvimentismo. A burguesia disse assim: “Vai ler errado na PQP! Não aprendeu, agora vai se fuder pra aprender a fazer revolução. Você tá achando que eu sou o principal beneficiário do teu projeto? Babaca! Olha o meu projeto aqui: ditadura militar. Tô cagando e andando pro seu desenvolvimento nacional”. E aí o



principal interessado é o principal dirigente da contra-revolução. Você tá vendo o tamanho da merda, criatura mais jovem? Pense que nós, daqui a alguns anos, homens do seu tempo que são, envolvidos, vão em feiras de arte comum, veem espetáculos comuns, inspiram-se nas grandes reflexões e vão fazer sua arte, sua estética a serviço dessa luta. Não é nacional? Não é anti-imperialista? De onde você acha que vem essa coisa de *cultura popular e brasileira*? Contra os enlatados do imperialismo norte-americano. O que eu faço na luta anti-imperialista? Afirmando minha brasilidade nas suas múltiplas expressões. Tudo bem o que tá fazendo na arte? Repente: obrigatório. Boi, congada, capoeira, maculelê... Até que eu consiga que venha de lá, não é nem os intelectuaizinhos da UNE, até que eu consiga que o próprio povo venha e se expresse. Cara, tem momentos brilhantes! Escuta isso: *[cantando]* “Podem me prender, podem me bater, podem até deixar-me sem comer que eu não mudo de opinião”. Isso saiu do Zé Ketty! De onde veio ele?

Adailton Alves - É a favela falando!

Scapi - Quando a favela fala, não se cala! Ela vem e expressa. É Glauber: uma ideia na cabeça e uma câmera na mão e vamos lá: *Cinco vezes favela*. Estão vendo aquela estética, aquele *coroné* Antônio das Mortes, aquela afirmação e aquela resistência estúpida religiosa, indo pro Monte Santo atrás do Beato? O que fazer, companheiros?

[cantando] “Aos pés de muitas igrejas, lá você vai encontrar esperança e caridade querendo se organizar. Os cegos pedindo esmola e a Terra inteira a rezar. E aí se um dia eu enfrentar, não se assuste, Capitão, não atire o pau na cara e não maltrato, não. Na frente da minha mira não há dor nem solidão, eu não castigo, que quem castiga é Deus que há de castigar, se não castiga, não quero eu seu lugar. Apenas atiro certo na vida que é dirigida pra nossa vida tirar...” Os moleques se meteram com luta armada, cara! Isso é Vandrê, básico, está em disco, as pessoas cantavam! O projeto democrático-nacional tem diferentes momentos na sua constituição. Em alguns momentos é praticado na forma da mais pura e límpida luta institucional. A burguesia, como classe que é, diz que não tá afim dessa brincadeira. E os meninos dizem: “Merda! A forma de lutar pelo democrático-nacional vai ter que ser armada”. Outros divergem e dizem: “Não, não é armada.

É com grande componente de pressão pacífica de massas”. São diferentes formas de um mesmo conteúdo. Quando, depois de 64, as organizações revolucionárias explodem e racham, elas viram mais de 30 organizações. O que antes era uma, duas ou três, vai virar mais de trinta. Vai se fragmentar quando tem grandes derrotas, com exceção de uma única organização, todas as demais organizações políticas defendiam um projeto democrático-nacional. Por favor, não se deixe confundir ao olhar a aparência mais imediata e não veja diferenças onde não tem, porque um está em luta institucional e outro está em armas. Por favor, supere rapidamente essas bobas ingenuidades de achar que, por estar armado, é mais radical, esqueçam essas bobagens. A pergunta é: qual o programa que te orienta? O programa que me orienta na luta institucional que estou fazendo é o democrático-nacional! Velho e bom guerrilheiro (banco, cônsul), qual o programa que orienta a tua luta? O democrático-nacional! Portanto, cuidado com a forma como se apresenta, meu! Senão, vai chamar Jesus de Genésio e urubu de meu louro, *capite*, crianças? É mais trabalhoso... São diferentes formas de executar o mesmo programa. A leitura é a mesma: o latifúndio e o imperialismo, o papel da burguesia dizendo: “leu errado, o meu papel não é esse, é outro. Leu errado, organizou, mobilizou e foi derrotado”. Viram o tamanho da encrenca? Dúvidas?

Adailton Alves - Os dois projetos grandes, até hoje, que a classe trabalhadora se engajou...

Scapi - O democrático-nacional e o democrático-popular.

Adailton - Que era também democrático-nacional e populista. E o projeto que hoje governa o país é chamado de neo-desenvolvimentismo, o que, de certa forma, é uma reformulação...

Scapi - Guarda relação com seus avós. Era desenvolvimentista e não somos mais, somos *neo* – termo de quando te faltam palavras.

Adailton Alves - Enquanto projeto de classe, ele existe. Pode não ser nacional, mas, na história brasileira, os dois projetos que orientaram a classe trabalhadora nos fuderam. Precisamos agora, nós, que estamos rascunhando espetáculo... Nessa questão cultural, o Renato Ortiz tem até um livro muito interessante, *Identidade nacional*, em que ele diz que até hoje a cultura brasileira é muito pautada pelo ISEB, sabemos



ou não. Isso foi tão forte nesse período, que, de alguma maneira...

Scapi – ... vai ficar por muito tempo com uma força inercial. Quando as pessoas perguntarem o que eu faço com a minha arte, a resposta: uai, anti-imperialista, nacional! A burguesia é uma brabeira, como é que ingenuamente eu posso reconstituir fragmentos de um projeto já derrotado? Lembram do Gramsci? São *anacrônicos*. Acham que têm certos problemas ou que já foram resolvidos ou que ficaram para trás, não são problemas contemporâneos. A burguesia brasileira já disse: “Sou do mundo e não tem essa de me ganhar por nacionalismos do que quer que seja. E vou usar isso toda vez que me for conveniente!” A segunda coisa que eu queria dar expressão tem a ver com uma forte componente inercial nos movimentos artísticos culturais, em que ainda ronda um fantasma, pois os fazedores dessa arte ainda não acertaram conta com o programa que inspirava-nos e que nos derrotou fragorosamente. Tem um anacronismo em pleno desenvolvimento.

Carlos Biaggioli - Produziram uma pá de zumbis!

Marcos Pavanelli - Esses projetos não eram nossos?

Scapi - Absolutamente nossos. E o que era ser nosso? Nacional-desenvolvimentismo. O Brasil tem que ser nosso. A questão é: vai ou não continuar a ser nosso? O “ainda é nosso” melhorou mais ainda. Contra o imperialismo vamos valorizar o que é nosso.

Pergunta - Quer dizer, então, que existe uma diferença entre cultura popular e cultura nacional, não é? Você está se referindo à apropriação nacionalista dos elementos das culturas populares? Uma série de manifestações populares que são apropriadas a partir de um discurso que não é popular...

Scapi - Não, é popular. Mas se eu mantiver ele na pureza, não.

Pergunta - É, falar em “popular puro” também é um problema, não é? O que é que é o *puro* do popular?

Scapi - Isso pode ser melhorado ainda mais. O que é “povo”? Duas formas de se apropriar dos meus esforços pedagógicos: primera, formal; segunda, não tem como não incomodar. Na carta dos Pavanelli estava: “Querido Scapi, o tema da nossa próxima montagem é luta de classes”. Pavanelli: enquanto for essa a sua preocupação, eu

faço qualquer coisa por vocês, eu sou vocês e o que mais eu puder mobilizar, é isso que nos traz. Mas, mais do que isso, a sequência imediata, que é o que indica que a gente pode ajudar a fazer alguma coisa: “dentro desse tema, estamos ainda escolhendo quais assuntos vamos abordar. Na primeira discussão de 2014, conversamos sobre a importância de desconstruir os pensamentos que estão naturalizando e começamos listar alguns deles: ‘a culpa é do povo’, ‘sempre foi assim’, ‘é da natureza humana’. Essas três primeiras são nosso *top* da discussão, temos ouvido muitas pessoas falarem nisso. Inclusive, sem questionarmos quem é o povo ou sobre o porquê ou a quem interessa esse pensamento”. Queridos Pavanelli e amigos, *povo* e *classe* não são sinônimos. “Popular”, “puro”... complicado, não? Lógico que é. Portanto, bem-vindos, crianças. Quando o Antonio Ermírio de Moraes se expressa dizendo “nós, o povo”, está certo, porque ele habita, mora, tem um título. Agora, por que diabos nós inercialmente continuamos confundindo, até certo ponto, povo e classe? Lembram dessas forças inerciais que continuam atuando? O projeto democrático-nacional não deveria ser um projeto de classe. Lembram do papel da burguesia na revolução? Ela é vanguarda no processo, lembram? E burguesia também é povo! Que tal, depois de sermos derrotados, agora a gente se reorganizar e manter o povo sem a burguesia? Deu pra sacar? Problemas de expressar-se... Por isso os *neo*, os *pós*, os *quase*... definição extremamente precária, porque, de alguma forma, éramos orientados a ver dessa forma: quem é povo e quem é contra o povo. Então, o latifundiário não é povo, o imperialista não é povo: é *antipopular*. Pode isso inspirar a arte nos tempos? Aquelas coisas mais saudáveis que a gente tem como fazedores de cultura, Arena, *Eles não usam black-tie*; primeira vez que um operário vai pra porra da cena, as primeiras preocupações do “aprendi essa forma europeia e positiva de agora”, mas agora eu faço ela ser *nossa*. E, por isso, ela deve expressar as coisas nacionais - ainda que seja essa a forma, que deverá sofrer os ajustes devidos. Mesmo no Arena, era só uma dica de quem estava fudido, sem grana nem porra nenhuma e precisava de um espaço. Aquele espaço desse tamanhózico foi a única coisa que sobrou pra nós, dizia o Zé Renato. O que se faz? Cara, acabei de ler que tem uns malucos fazendo uma coisa com a plateia, sem quarta parede, revolucionário... Não é revolucionário, alguém sabia que, em algum lugar do mundo, gente que nem nós estava fazendo teatro



possível, nas condições possíveis, necessárias... mas é o conteúdo? Está inspirado a levantar que problemas? É subdesenvolvido. Qual o caráter das denúncias a serem feitas? Mostre o subdesenvolvido e você estará fazendo arte contemporânea.

Augusto Boal, inspirado pelo seu tempo, olha a maneira de fazer de teatro, ainda que nossa maneira de ter um conteúdo, e diz o quê? Tem problemas. Tem um cara que entra, os outros não falam, ele é o sabe-tudo, ele dirige autoritariamente, as pessoas não participam do processo de construção... CHEGA! BASTA! MORTE AO DIRETOR! Vamos democratizar o fazer teatral!

Carlos Biaggioli - Processo colaborativo já!

Scapi - Estou tentando responder à sua questão. Assim, sem autoritarismo, uma forma que todo mundo pode fazer, olha que legal! Não estou ironizando, apenas... apesar de estar ironizando. Só Deus sabe a qualidade desse teatro, sob direção autoritária. Pelo menos sabia da História da Arte, sabia se rococó era rococó mesmo, ser era do particular do barroco alemão, uma puta erudição e uma correspondência estética – e estético não era só botar uma roupitcha, chacoalhar e sair tocando bumbo, mas uma forma de exprimir um conteúdo não-anacrônico, com unidade e coerência. Portanto, nos termos brechtianos, feito com e para classe, na República de Weimar, no processo revolucionário da Alemanha. Tira essa porra do processo revolucionário alemão e você faz o quê? *Círculo de giz caucasiano*, um clássico...! Você não vai reconstituir as relações alemãs, vai lá e enfia a mão, faz o que o Brecht fez toda vez que faltava-lhe uma ideia: ele achava uma e nunca precisou dar a fonte pra ninguém. “Ai, mas essa ideia não é dele...”, claro que não, todo mundo sabe, vai ficar fazendo referência do quê? Essa corporação de ofícios, fica se babando um pelo outro, não fez bem feito, fui lá, peguei e trouxe pro meu tempo. Isso chama *Mahagony*, a cidade do capital, onde só tem um problema capital: não ter capital. “Ai, e como é que eu faço?!” Simples: primeiro vem as calcinhas, só depois vem a moral. Bem-vindos a Mahagony, e aí? “Ai, nossa! Mas é a *Ópera dos três vinténs!*...” Resolveu de um jeito muito babaca: expropriei aquela merda, refiz e assinei! Assim caminha a humanidade! Você usa fogo? Cada vez que você usa o fogo você vai dizer: “graças a um semideus que se fudeu junto aos deuses”, é

isso? Você vai usar o copyright do Prometeu? Vai fazer o mesmo com a roda? Não! Essas maravilhas todas nós produzimos como *espécie!* E são fundamentais. Ah, para! Foi lá, expropriou e pau. Ideia é assim mesmo, foi feita pra gente pegar. “Fizeram mal, vou resolver bem.”

Olhem em volta: homens e mulheres de um tempo que acha que criticam, só as construtivas. A crítica a essa bosta vai ser construtiva? Tá achando o que, peão? Foi traição, abandono, rebaixamento? Não foi. Tem que ser uma crítica de totalidade. Esta é uma bosta pequenoburguesa em pleno andamento de colaboração de classes que fez o capitalismo brasileiro avançar como nunca tinha avançado; resolveu os problemas estruturais da política brasileira: a burguesia brasileira, agora, é poder e é legítima! Ela não podia, ela é autocrática, alguém foi lá e disse: “deixa, eu os envolvo, eu manipulo e eles vão colaborar. Vai custar pouquíssimo”. É um governo democrático-popular, certo?

A gente fecha dizendo que homens e mulheres do seu tempo histórico, da sua época, são tensionados. Certos ou errados, eles podem levar um tempão, por vezes precisam ser fragorosamente derrotados para perceberem que estavam lendo errado o mundo! Mas, ainda assim, é preciso acertar contas com o pensamento, porque, se não, aqueles elementos, de certa forma, ainda estarão se insinuando para você passar lá e achar que ele é um problema daquele mundo, daquela contemporaneidade, sacou? E ele foi duplamente um problema, até a hora de ser resolvido ele virou um pesadelo, porque ele não era um problema, éramos nós que achávamos. E, assim, homens e mulheres do seu tempo fazem educação, arte porque dialogam com outras pessoas, leem o que leem os outros, pensam com o senso comum da sua época. Não é disso que se trata o tempo em que estamos vivendo. Feita a derrota, gente muito boa vai sentar e tentar a porra da derrota que sofremos: Florestan, Caio Prado, Ruy Mauro Marini, Chico de Oliveira, uma legião de fantásticas figuras, Conceição Tavares, aquele que foi presidente da UNE, o Zé Serra, vão se colocar numa perspectiva de tentar ler porque - merdas! - nós nos metemos nisso aqui. Como é que isso aqui acabou sendo hegemônico, como é que isso aqui acabou sendo *húmus* de cultura - quando uma filosofia se faz, onde todo mundo se alimenta - e, ao mesmo tempo, limite de horizonte? Homens e mulheres que vivem isso têm perspectivas diferentes em que produzem sua arte, sua educação. Toda a sociedade é envolvida



nesse processo. A questão é que esse desenvolvimento não é mais democrático e nacional. O que retém e abandona o projeto anterior, hoje apodrecido? Hoje é democrático e popular. O que ele retém?

Resposta - O democrático.

Scapi - E o que ele abandona?

Todos - O nacional.

Carlos Biaggioli - Até porque não tem mais como voltar atrás, mesmo na cabeça deles...

Scapi – Não na cabeça deles: a burguesia é que não deixa! Ninguém tem dúvida: nacional quer dizer *burguesia nacional*. É o papel dela nesse processo, é ela que bota o nome nacional. O interesse de classe que nomeia o projeto nacional é da burguesia nacional, esse é o papel que ela tem nessa revolução. Como ela diz “não”, parte desses refazem os caminhos, porque fomos derrotados. Onde estava a leitura errada de mundo, como atualizar, como não errar de novo tão tragicamente? Ao dialogar com ele, eu vou estar na intencionalidade, eu não vou estar conversando sobre as realizações, porque entre intenção e gesto há um abismo cumprido muito bem pelo pragmatismo. Florestan é o melhor diálogo para se fazer com isso, diz ele: “que erro grosseiro!”. Por quê? “Uai, não opera com classe!” Aí não pega o resto do instrumental de classe. Opera com povo, nação e um conjunto de noções e conceitos bem determinados. Mas o que fazem as pessoas do senso comum são só palavras. Esse caráter autocrático da burguesia não se desfaz: ela não pode estender o movimento de legitimação. Cabe aos oprimidos, aos explorados, aos de baixo se organizarem, se mobilizarem. Quais bandeiras? Quais demandas? Aquelas que a burguesia não pode atender, mesmo sendo burguesas. Eram as bandeiras burguesas com a burguesia. O que a burguesia fez? “Tô fora!” Agora são as bandeiras que ela não pode realizar contra a burguesia. E isto pode ser feito dentro da ordem. O que é que você está pedindo? Nenhum absurdo: coisas que a burguesia mundial andou fazendo, portanto suas demandas vão ser “dentro da ordem”, deu pra entender? Eu quero reforma da educação, e você? Reforma da saúde, e você? Reforma agrária. Onde é que a gente vai fazer isso? Dentro da ordem. Agora, a burguesia vai reagir como a isso? Como ela tem

agido historicamente: “não quero, não posso e não vou fazer”. A gente se reúne e vê que a burguesia não faz nem as suas próprias, a quem compete fazer esta porra? A nós! Topam? Vambora. Esse mesmo movimento se transforma contra a ordem. Assim, com inspiração trotskysta, inspirado na revolução permanente, dois momentos de um mesmo processo: dentro da ordem a ordem responde que continua do mesmo jeito e, por continuar com as mesmas coisas, eu agora sou contra a ordem. A própria luta de classes vai dizer: “modificação da qualidade da nossa luta” sem que ela propriamente se altere. A luta, o confronto entre as classes, fará um salto de qualidade e a revolução vai ser permanente. Aquilo que não é possível dentro da ordem, porque a burguesia ainda não quer, vai ser fora e contra a ordem. Na ordem e contra a ordem. Esse é o patamar mais alto que essa teoria vai alçar. Impossibilitada que é, nós vamos com as demandas *deles* e eles vão dizer “não”. A gente diz: “eu quero e vou fazer”. E ela terá que se posicionar contra, necessariamente. Não é esse o seu histórico de classe, o seu DNA não é esse? A burguesia brasileira teria tão pouco a oferecer que não há como o proletariado revolucionário aceitar. Florestan Fernandes. O projeto é democrático e popular. PT e CUT, ao nascerem, fazem seus manifestos de lançamento, se reúnem nos seus primeiros encontros, em congressos, e definem os seus documentos de fundação: “O PT nasce rejeitando a reformulação democrático-nacional, porque nacional, aqui, quer dizer o papel da burguesia no processo revolucionário brasileiro. Estamos aqui publicamente para afirmar que a burguesia brasileira não tem mais nada a oferecer aos trabalhadores”. Isso é manifesto de lançamento do PT e da CUT. Cita literalmente, é assim que se faz, sou herdeiro disso aqui. E o que eu acho da herança que eu estou recebendo? Não, meu projeto não é nacional, porque, aqui, nacional tem a ver com burguesia e é explícito que a burguesia não tem nada a oferecer aos trabalhadores brasileiros. Se ela tiver, é tão pouco que eu me antecipo e digo: “não quero, não me rebaixo, o meu querer, o meu desejo”.

Adailton Alves - O Chico de Oliveira, se colocando justamente contra a análise da CEPAL, na *Crítica da razão dualista*, que é uma alusão ao Sartre e tal, ele diz que esse desenvolvimentismo ou esse avanço à modernidade é às custas ou só é possível justamente por conta do arcaísmo que tem. Quer dizer, mesmo a elite que assume o poder desse democrático-nacional contra a elite do campo, mas, de alguma



maneira, o café (que era a linha de ponta) é quem vai enriquecer ou colocar dinheiro pra esse processo de industrialização. Esse processo fica claro. Mas em 2013 ele escreve no *Ornitorrinco*, fazendo a mesma alusão, de certa forma, à essa gestão do Lula, que esse arcaísmo continua alimentando. Já está clara a aliança de classes e tudo mais, mas onde esse arcaísmo estaria ainda alimentando ou sustentando esse processo de desenvolvimentismo?

Scapi - Primeiro, sobre o autor, o Chico. Petista de primeira hora, Chico sai e vai fazer PSOL. Essa obra é um marco de toda uma geração: *Crítica da razão dualista*. Dual é a forma de pensar da CEPAL. Uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa. Por que nós somos subdesenvolvidos? Coisas se opõem ao desenvolvimento nacional. Quem se opõe? Latifúndio e imperialismo. A favor? Burguesia, assalariados do campo e da cidade, desempregados em geral. Inconciliáveis. Não tem desenvolvimento. Vem o Chico, lendo Caio Prado, Florestan, sendo contemporâneo desse pensar e dessas exigências, porque fomos derrotados, e produz a crítica ao pensamento que orientou a leitura de mundo que produziu o projeto democrático-nacional. E, entre outras coisas, pergunta o Chico, como era um projeto pluriclassista, burguesia e operariado tudo junto, povo: “a quem interessa o desenvolvimento do Brasil?” Tudo bem a pergunta que o dualismo não pode fazer? Porque é desenvolvimento capitalista *brasileiro*! Não, somos desenvolvimentistas! Qual é a ideologia? O nacional-desenvolvimentismo. Você não pode perguntar a quem interessa o desenvolvimento. Pergunta o Chico: “É capitalismo? Desculpa, mas você está querendo ocultar o que de quem, pensamento dualista?”. Onde o pensamento dualista via uma oposição (latifúndio/imperialismo *versus* interesses nacionais), por não ser marxistas e muito menos dialético, não consegue ler para além dessa forma, dessa lógica formal. Ao mesmo tempo em que se opõem se atraem. Eu odeio você. Eu odeio mais ainda você. Eu, mais, mais, mais ainda. E aí a gente se engalfinha num processo de lutas e ódios até que... Quem é você? Quem sou eu? Nossa! Eu não me defino como trabalhador assalariado se não for por ela, burguesia, que compra a minha força de trabalho. E ela só se faz burguesia porque compra a minha força de trabalho assalariado. *Capite?* É assim! Se opõe, se opõe, se opõe e... se atraem! O que você acha que é o desejo de todo operário sem consciência? Ter seu próprio negócio. Ele é atraído pelo seu

contrário. Chico, recuperando coisas muito mais densas do que esse tosco, vai dizer, por exemplo, na *Crítica da razão dualista*, ou é total ou ela se inscreve pra tentar melhorar aquilo que é inútil. Tem que cortar o nó, não desatar. É esse tipo de pensamento que impediu de fazer as perguntas certas e descobrir qual o grau de desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Qual foi a efetiva integração ao imperialismo? Ao não fazer essa leitura, está havendo oposição onde há complementariedade. Aqui, o mais velho se alimenta do mais novo. Dual por isso. Velha sociedade. Nova sociedade. Aqui, latifúndio não impede a burguesia de se desenvolver. Complementa. “Ai, nossa! Eu não conseguia ver isso...” Agora, com o agronegócio, você consegue ver? Porrilhões de sojas virarem divisas pro cara sair e comprar as máquinas que ele precisa? Quando chamava de latifúndio você não via? São complementares, não se opõem. Mais difícil ainda: o imperialismo não é um impedimento ao desenvolvimento, pelo contrário. Não vou abusar muito da sua falta de cultura geral, crianças, mas imperialismo não é o que impede os outros de se desenvolverem. Isso, na verdade, é uma leitura de imperialismo feita por Karl Kautsky, que foi um dirigente internacional do movimento operário por muito tempo, que acreditava que imperialismo é um domínio dos mais desenvolvidos sobre os menos desenvolvidos, principalmente os agrários, que ficariam eternamente condenados a exportar alimentos ou matérias-primas. E, nessa relação desigual de mercados, ficariam subordinados àqueles que, produzindo todo tipo de mercadorias, teriam esses lugares para exportar suas mercadorias excedentes. Pequeno problema: esse era o Kautsky. Tem mais gente que escreveu sobre imperialismo, entre eles o Lenin. E o Lenin vai justamente brigar com o Kautsky dizendo: “Se tem uma coisa que não é imperialismo é isso: você não caracteriza imperialismo de forma alguma, não o moderno, não o de 1920”. Diz o Kautsky que, por isso, pode ser que tenha guerra, pode ser que não. É uma opção dos capitalistas mais desenvolvidos, fazer ou não a guerra. E o Lenin diz: “nem fudendo, babaca”. Esta porra, ao chegar na fase monopolista, se internacionaliza e não tem como não ser bélico. A indústria bélica tem que encher o rabo, tem que ir pra cima do resto do mundo na porrada. Mais grave ainda: não compreendeu a modificação que o capitalismo sofre pra se transformar verdadeiramente em imperialismo. O que modifica a natureza do capitalismo num certo momento do desenvolvimento e faz dele imperialismo é que ele não



exporta mercadorias, ele exporta capital. Vocês não conseguem ver a diferença, ainda? O velho capitalismo, da fase concorrencial, precisa desovar a sua capacidade de produzir mercadorias, por isso mercado é fundamental. O novo capitalismo, na fase monopolista, não se caracteriza por precisar de mercado para o seu excedente, continua exportando mercadorias mas não é o fundamental. O fundamental, agora, é exportar a relação capitalista de produção, a fábrica que vai extrair a mais-valia lá, onde antes eu só ia realizar mercadoria. As mercadorias, ao serem produzidas pelo trabalho assalariado, são um produto, partes de um processo. Uma parte dessa mercadoria repõe os custos que o capitalista teve com prédio, máquinas, matérias-primas etc. para montar o seu processo produtivo. Ao vender a mercadoria, uma parte disso é reposta, *capite?* Uma parte dessa mercadoria é o que os trabalhadores receberam como salário, por terem trabalhado lá com aqueles objetos, máquinas, aquelas coisas todas, mas *uma parte* da mercadoria... As mercadorias não dão lucro porque têm um custo de produção. Saem da fábrica, vão para o mercado e lá serão vendidas *acima* dos custos de produção, o que dá o lucro do capitalista. Não? Quando o trabalho assalariado, dentro dos custos de produção dos capitalistas, produz uma mercadoria, o faz com o trabalho assalariado mais valores do que ele mesmo recebe. O trabalho assalariado, nos moldes capitalistas, produz *excedentes* que vão para além daquilo que ele recebe, *capite?* Juntou tudo? Vender a mercadoria é ir da forma-mercadoria para a forma-monetária. Não é porque mudou de forma que apareceu o lucro. O lucro já estava lá na forma de trabalho excedente, mas vai fazer parecer que nasceu por causa da mudança de forma (folha de papel, telefone celular, televisão, ventilador), agora virou dinheiro. Mas enquanto for o que quer que seja, ele já era um acúmulo de trabalho excedente extraído dos trabalhadores.

Continuação do dia anterior

Scapi - As palavras são carregadas de conteúdo, são pistas, com maior ou menor complexidade, do pensamento de quem fala. São pistas seguras, se tem uma compreensão mais ou menos desenvolvida, mais ou menos profunda ou se só atuam na superfície. Na periferia do mundo capitalista de hoje, se a massa de trabalhadores quer desempenhar tarefas práticas, específicas de classe, e criadoras, precisam se

apossar de certas palavras-chave. Por que “palavra-chave”? São palavras que *abrem* um outro universo de exigências, que vão pedir outras companheiras, para que haja unidade e coerência. Por isso, os trabalhadores precisam se apropriar. Num primeiro momento, como eu sei se é uma palavra-chave ou não, se ela é nossa? Seguinte: ela faz parte do vocabulário usual dos inimigos? Ou você está cheio de amor pra dar, só o amor constrói? Se for por aí, vai cagar. Tem o *nós* e tem *os que se opõem a nós*, os inimigos. Meu inimigo é poder e *parte* (não o todo) do poder do inimigo se constitui de palavras que me dão acesso ou me impedem de compreender o domínio que ele exerce sobre mim. As palavras são fantásticas nas combinações, posso combiná-las de forma tal que um dominado, por essas palavras, não tenha acesso à superação do domínio. Quer um exemplo? “Sempre foi e sempre será. Sempre teve dominados e dominantes, logo, pra que tentar mudar? Vamos tentar achar o melhor lugar pra se acomodar nessa ordem.”

Eu vou não usar determinadas palavras, vou buscar novas palavras e trocar por outras palavras. A palavra *povo*: uma coisa indeterminada. Se quer definir coisas, por favor, ache formas mais precisas para definir do que, de quem e pra quem você tá falando. “Povo” é absolutamente indefinido, é um *ajuntamento*. E quando você fala “povo” (isso é que é legal), você não tá falando do ajuntamento. Invariavelmente você opõe a outra coisa pra dizer que ele tem cara própria, que tem gente que os oprime etc.; você apresenta dualmente as coisas: o bem e o mal, quase como se fosse maniqueísmo. Alguns não chegam a isso, mas continuam com a ideia de dualidade. Não por acaso, se ontem apareceu *povo* é só apertar um pouquinho mais para aparecer o inverso disso: *elite*. Veja, elite *versus* povo talvez seria mais apropriado se eu vivesse em uma sociedade de castas e não de classes. Elite tem mais a ver com nascimento e não com constituição, desenvolvimento e relações que se alteram o tempo inteiro. Devo entender que não devo usar povo? Não, pode sim! Só preciso saber que estou usando uma expressão indefinida, cada um a entende a sua maneira, são muitas as explicações de povo que estão por aí. Qual é a que você quer usar?

Eu penso, logo, eu quero que os outros pensem o que eu estou pensando. Essa é a dificuldade. Como é que eu supero o que eu



estou pensando fazendo com que todo mundo pense o que eu estou pensando? Todo idealista acha que a coisa mais importante a ser feita é: *[cantando]* “educação é tudo...”. Você e a Fundação Roberto Marinho acham que é um problema de conscientização, porque o que muda as coisas são as ideias, e como as pessoas não têm ainda as ideias, a gente vai projetar o filme... O que faz as pessoas são as ideias, por isso vamos operar no campo das ideias! Aqui é um ambiente extremamente propício pra falar nisso, não é? Você faz teatro e opera no campo das ideias. Nós não somos idealistas e isso não nos faz mocinhos dos filmes; nesse filme nós somos os bandidos – ou pelo menos deveríamos ser. Materialismo é uma forma de organizar o pensamento e, na dúvida entre isto e aquilo, vai resolver o componente físico, que é feito por neurônios, sistema nervoso central, sinapses; precisa de um cérebro mas não basta um cérebro, um cérebro tem um tempo, tem cultura. Tem o mesmo cérebro pegando enquanto coisa *física*, mas ele é feito de uso, cultura, língua, conhecimento. Idealista despreza a realidade e fica à base de ideias. Não adianta achar as ideias certas e as pessoas se conscientizarem com teatro, com música, cinema e, conscientizadas que elas estão, a realidade vai mudar! Vai! A burguesia vai vir conosco, não vai? Vai vanguardear o processo, não vai? Isso é idealismo em grau altíssimo.

Nós vamos ser ou um ou outro. Na ignorância, eu acho que sou um pouco de cada um. Isso não existe. Isso nos remete para onde começamos: o senso comum, aquela combinação bizarra que me impede de ter unidade e coerência. Quem não tem isso não tem autonomia histórica, precisamos de unidade e coerência – por isso tenho que conhecer melhor o que é idealismo e o que é materialismo. Você se inscreve numa escola ou na outra, faz o curso inteiro e diz “sou idealista e opero no idealismo; sou materialista e opero no materialismo”. Para além das vulgaridades do conhecimento popular, que não entende o que nós estamos falando, bem-vindos a um campo restrito, onde todo o senso comum agora capota: a escola *shaolin* ou a escola *dimbinkut*, escolha! Você quer aprender aquele golpe? Está numa daquelas escolas. Uma diz: “Pense. A força da mente levanta essa cadeira”. Quer mexer a cadeira, criança? *[ele vai até lá e muda a cadeira de lugar]* Mexeu! É assim mesmo que eu preciso te apresentar: polarmente opostos. As implicações são enormes. Vocês vão dizer: “mas tem pensamento quando você foi lá.” Claro que tem!

Como idealista, não pode desprezar completamente a objetividade material. É com razão que você pergunta. Na hora de explicar ou de dizer para os outros qual o caminho, é aqui que a objetividade é determinante. A determinação vai estar num ou no outro, já que eles podem se relacionar (e se relacionam). Onde está a determinação que você pega toda vez que você precisa, você define por onde? Isto te faz ou de uma escola ou de outra.

O idealista não fica só no subjetivo. Agora o cuidado! Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Tem lógica operando aqui. Está no subjetivo a determinação. Estamos perto, mas deu pra sacar uma forte incidência idealista, uma forte incidência materialista? Independente de sua vontade, o mundo muda. Independente de suas ideias, o mundo muda. O mundo não muda a golpe de ideias. Qual a nossa principal arma? As ideias? Não combatemos a golpes de ideias, moral, juízos valorativos... “O burguês não é bom.”

Há uma luta e há derrotados nessa luta: os idealistas ganharam; os materialistas perderam. Quem ganha, ganha o direito de renomear, ressignificar o derrotado. Fizeram de nós um bando de redentismos, possessivos, que estão cagando e andando pra subjetividade. Não! A subjetividade é material. Diga-me o que fazes e eu te digo o que pensas e como sentes. Por isso eu preciso de precisão.

Nós somos idealistas querendo brigar contra idealistas, tamanha a vitória deles. E nós nos reproduzimos como idealistas ao nos relacionarmos. Cantamos idealismos. Sugerimos, no nosso teatro, idealismos, somos militantes... Como é pressuposto, não aparece, eu nem sei, nem consciência eu tenho de que estou me posicionando numa briga histórica... Grécia! Filósofos de uma escola e de outra escola.

Não é sem implicações que o meu pressuposto é um ou outro; a depender do meu pressuposto, o resultado do meu pensar vai ser de um tipo ou de outro – e não é sem consequência.

Deixa eu botar as próximas peças, pra dificultar um pouco mais o seu trabalho, que já não é tão fácil. Não vai agir no pressuposto sozinho. Uma expressão qualquer, uma fala no teatro, tem o pressuposto,



mas tem também uma outra coisa atuando lá: uma lógica. Deixa eu apresentar a lógica e vocês vão ver que vai resolver algumas, mas vai complicar outras. Portanto, pressuposto e lógica. Se houvesse uma única lógica, estaria resolvido o problema, ambos operariam numa mesma lógica. E operam na lógica que predomina na nossa sociedade (que não é a única). “Ai, a gente tem mais do que uma lógica? Nem sei da existência disso”; por isso mesmo é que eu opero com uma sem saber. Assim como o idealismo prevalece, tem uma lógica que, mesmo sem saber disso, você já a utiliza, que é quando você me responde: “anrã”, “claro!”, “óbvio!”... Que lógica é essa que você tá usando pra me dizer: “Eu estou te compreendendo”? Não é senso comum, que tem pressuposto e lógica totalmente desorganizados, sem unidade, sem coerência. Queremos superar o senso comum, então temos que saber pressuposto e lógica. Calma agora. A lógica predominante na sociedade em que vivemos é a *lógica formal*. Vamos diretos pras matemáticas. Por que $1 + 1 = 2$? Logicamente, ao agregar um a outro, eu vou ter dois onde antes eu tinha um. *Logo* – logo é produto do movimento que eu vou fazer –, a somatória, logo, logicamente, levará ao resultado de dois. Lógica formal. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Opero com separação absoluta das coisas. Absolutizo a separação entre as coisas para entendê-las melhor. Se eu as relaciono... gente, vira uma bagunça! Então, eu seleciono, tiro da existência e, por vezes, levo pra cá: uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Por exemplo, uma expressão de lógica formal... Nem toda lógica formal é maniqueísta, mas maniqueísmo é um elemento muito próprio da lógica formal: bem e mal. Conhecem essa lógica? Falem-me das artes em geral, por exemplo a mais visivelmente comercializada: o cinema. Quanto de maniqueísmo tem no cinema?

É um enorme revisitar do *bem* contra o *mal* o tempo inteiro. Luke Skywalker, com seu enfisema pulmonar. Ficar com as coisas que são boas; evitar as coisas que são más. Esse neném, assim que se livrar da mãe, vai perguntar: isso é bom ou é mau? Operar, olhar o mundo com uma lógica que separa. No limite, a lógica formal faz assim com as coisas que ela quer conhecer. Por exemplo, ela quer conhecer a vida. Bio! A lógica formal quer conhecer um sapo. Como é que se ensinam as criancinhas, na primeira aula de Biologia? Dá um sapo pra cada uma. O que faz a lógica formal?

Mata o sapo! Cabeça, tronco e membros = Sapo. Cuidado agora. Isso não o impossibilita, mas limita o conhecimento. Se você jogar fora a lógica formal, vai jogar junto a maior parte das coisas que sabe. A lógica formal é uma maneira de proceder o pensamento para conhecer as coisas, às quais nos possibilitou conhecer fantasticamente bem, não fosse um problema: bate num limite. Conheces precariamente. Pra algumas coisas é suficiente, para aquelas coisas das relações humanas, é um desastre absoluto. Linearidade é fundamental para a lógica formal. A linearidade ajuda no sentido de pôr a coisa num certo movimento, que já tá dado com um determinado pressuposto de que ele é *sempre* daquela forma, linear. Linearidade é, por exemplo, estudar a História. Eu vejo a coisa em movimento, mas um movimento já “pré” visto: não tem imprevisto. “Ah, sim! E se ocorrer um imprevisto?!” A História é feita de linearidade, de vez em quando tem um problema, *capite?* Mas o que acontece toda vez que tem um problema com a História? Aparece um grande homem – mulher não, tá?! –, um grande pensador (na coleção *Os Pensadores* só nas últimas edições resolveram colocar uma ou outra mulher, uma forçada de mão monumental), quando a História sai da linearidade um grande homem tem uma grande ideia e põe a História de novo nos eixos. E ela continua linear. Lógica operando! Legal, você conhece melhor um sapo do que conhecia antes (cabeça, tronco, membros). Mas olha que curioso, a lógica formal tende a matar o movimento da vida pra conhecer a vida. E o que é a vida? Vida é aquele sapo verde pulando. A lógica da nossa sociedade, com a qual a gente opera no senso comum, também vai operar a lógica formal. A lógica dialética nos cria, primeiro, um gigantesco problema: ao tentar apresentar uma lógica para uma outra lógica, vai dar merda. Você vai querer compreender a lógica dialética usando que lógica? Então, você vai *formalizar* a dialética, matando-a como ao sapo - aquela coisa verde pulando. É no movimento que a coisa se revela.

Pepinasso está posto aqui, agora. Você vai desdialetizar (o maior dos meus esforços), porque é o jeito de você entender o pepino. Quando eu apresentar isto aqui, sabe o que isto aqui vai falar? “Isto é i-lógico!” Lembra daquela briga anterior, que você não tinha entendido direito porque nós tínhamos perdido ela? Essa aqui é mais fácil de ser entendida: a gente perde ela no cotidiano da vida e vai perder ela agora, se não fizer bem feito. “Não, mas eu quero entender, porque eu



estou pensando *errado* e quero pensar *certo!*” A lógica formal não só ganhou como ela é soberana e absoluta, porque ela vai dizer que isto aqui *não* é lógico – não só destruindo como excluindo o outro como “ilógico”.

A lógica formal entra na frase “é e sempre vai ser, porque sempre foi e, assim sendo, sempre será.”

Me deixem apresentar a dialética de forma tal que ela não vai ser tão dialética, mas vai estar bem próxima do que é a sua própria lógica. Vamos usar um texto do Wilhelm Reich. Alemão discípulo do Freud, racha com seu mestre não pelas descobertas deste mas pelo uso que o mestre faz das descobertas, que são precisas, permitem me compreender e compreender aos outros muito melhor do que antes eu compreendia. O que ele fez? Disse: “olha, tem regras básicas para entender a dialética”. Deu pra sacar que ele já *formalizou* a dialética pra entender o que é dialética? É o jeito que a gente achou melhor fazer...

Leitor - *Em relação aos alemães, situados à margem de qualquer pressuposto...*

Scapi - Isso é uma piada de um alemão, que não tem graça nenhuma. “Nós, alemães, não temos pressupostos, fazemos as coisas sem pressuposto.” Ele, como bom alemão, gozando de seus iguais, diz: “Então, vamos pro resto do mundo, pra França, pra Inglaterra, porque lá todas as pessoas, além de inteligentes, sabem que toda inteligência tem pressuposto. Os alemães são um bando de estúpidos que acha que não existe pressuposto - só eles acham. Portanto, deixa eles, porque depois eles vão perguntar: “Nossa, o que vocês andaram fazendo?”. Então é um esforço de gozar os próprios alemães. Então abandonemos os alemães sem pressupostos, vamos para o resto da humanidade. E aí?

Leitor – ... *somos forçados a começar constatando que o primeiro pressuposto de toda existência humana – e, portanto, de toda a História – é que os homens devem estar em condições de viver para poder fazer História. Mas, para viver, é preciso, antes de tudo, comer, beber, ter habitação, divertir, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto...*

Scapi - O que é *primeiro ato histórico*? Se não entender isso, não resolve ir pra frente. Seria o ato inaugural da História? Ah, sim, o que é História pra ele mesmo? “Pressuposto de toda existência humana e de toda a História.” Ele tá reescrevendo a gênese! Quer dizer que, pra ter unidade e coerência, eu tenho que reescrever a gênese, pra dizer que “nem sempre foi”?! Ahhh... Vai ter que voltar lá, então, e me explicar como é que foi o primeiro ato histórico, portanto, o ato que produz a História. Ora, produzir História é próprio de seres humanos...

Leitor – ... *a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades.*

Scapi - Qual o primeiro ato histórico? Produzimos *meios* que modifiquem a natureza, que não dá pronto tudo o que você precisava. Para este problema, este animalzinho vai achar uma solução que nenhum outro animal acha. Ele vai fazer modificações na natureza... “Uai, todos os outros bichos também fazem, numa certa medida, então, por que a nossa modificada da natureza é diferente da dos outros animais?” Esse produz meios, instrumentos, ferramentas – coisas que os outros não produzem. O que levará outros a definirem a diferença da gente para os outros animais como “*homo ferramentae*” – em latim, pra ficar bem bonito –, aquele animal que produz ferramentas, o único. Alguns animais chegam a usar meios para conseguirem o que querem, mas eles têm que encontrar esses meios prontos: eles não produzem meios para si. Nós somos um bicho que intervém na natureza, modifica a natureza como os outros, mas de uma maneira muito distinta, muito própria, muito humana. Acabou de sair da animalidade e está entrando na humanidade. Categoria fundante da análise: o que produz um ser humano? Como chama a ação de ir para a natureza, fazer nela modificações tendo em vista a satisfação de alguma necessidade (seja do estômago ou da fantasia)? Como chama o ato de ir na natureza e modificar?

Todos - Trabalho.

Scapi - Categoria fundante, sem a qual você não entende a origem da espécie. Por quê? Opera modificações na natureza que mudam sua própria natureza. Teleologia. Monta na cabeça o problema que tem, resolve teoricamente e, aí, vai pra prática. Não deu o que queria? Vai ficar mexendo naquela porra o resto da vida? Não. Para, interrompe,



volta, refaz, acha o erro e remonta, reconstrói. Pensa montando e desmontando, colocando em movimento. Contra o que estamos brigando ao afirmarmos isto? Tudo! A categoria fundante, a passagem da animalidade pra humanidade, é o TRABALHO que faz isso.

Não vou mais usar a palavra “povo”; vou usar a palavra “trabalhador”. Viu como não é um simples trocar de palavra? A implicação tem que ser unidade e coerência, ou seja, você tem que voltar todo o processo histórico, acertar contas com as explicações da História e ter sua própria formulação de História. Essa é a nossa. Quem nos produziu? Um longo processo de desenvolvimento.

Animais que, ao chegar a um ponto do seu desenvolvimento, fazem um salto que o resto da animalidade ainda não fez.

Diferente de uma certa concepção de mundo, não nascemos à imagem e semelhança do Perfeito! Que bom, somos imperfeitos. Erramos!

Por isso é que o senso comum é estúpido: toda vez que ele quer justificar alguma coisa, ele vira e diz que errar é humano.

Calma, isso tem uma profundidade deliciosa, mas não pode ser usado naquele senso comum pra justificar qualquer coisa.

A passagem da animalidade pra humanidade é feita em grupo. Diriam os críticos: “primeiro meteu o trabalho, depois meteu os trabalhadores juntos”. Uai! Tô tentando ter unidade e coerência.

Agora, teu filho nasceu num momento da história onde não tem como não trabalhar, não tem alternativa. Ele não tem meios de produção, então ele só tem a capacidade de trabalhar. Lembram como é que nós estamos montando as coisas? A capacidade de modificar a natureza é só animalidade, mas agora com meios de produção. Se teu filho tiver meios de produção, ele vai botar os outros pra trabalhar pra ele. Teu filho vai vender a capacidade de trabalhar pra alguém que tem os meios de produção e é um proprietário privado de meios de produção, vai trocar essa compra por um salário, com o qual ele vai tentar comprar o conjunto das coisas que ele precisa para sobreviver. Teu filho será um ser completamente alienado das relações que ele estabelece para

sobreviver. Ninguém pode ser humano se for alienado – condição de desumanização. Teu filho teu uma enorme desumanização pela frente e ter consciência disso não muda o caráter das relações que ele tem que estabelecer pra sobreviver.

Teu filho não é um idealista. Ele vive essa objetividade material e, mesmo com consciência, as coisas não se alteram, porque a consciência não tem essa capacidade de alterar as coisas se não for transformada em *práxis* – pensamento mediado por ação correspondente com unidade e coerência. Não é porque ele vai trabalhar que ele vai se humanizar.

Olha só que louco: ao trabalhar esse animal virou humano; agora, sob o capitalismo, o trabalho é desumanizador. Viu o que é ser *anticapitalista*? Aquilo que humanizava, sob domínio burguês, desumaniza.

Trabalhar é próprio nosso porque envolve aquilo que os animais não têm: teleologia, esse conjunto de elementos que fazem modificar a natureza modificando sua própria natureza. E, como é em bando, modifica a relação daqui com os outros, é uma tripla relação: 1) com a natureza; 2) com os outros; e 3) comigo mesmo. É um tríplice movimento simultâneo modificando a natureza. Isto é trabalho.

O que tem de desumanizador tirar os meios de produção de nós? Se são *meios*, o que somos nós? Apenas capacidade de trabalhar e, portanto, animalidade!

Leitor – *Em relação aos alemães, situados à margem de qualquer pressuposto, somos forçados a começar constantando que o primeiro pressuposto de toda existência humana, e portanto de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder fazer história. Mas, para viver, é preciso, antes de tudo, comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material. E, de fato, este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história que ainda hoje como há milhões de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas simplesmente para manter os homens vivos. (A Ideologia Alemã)*



O Marx e o Engels chamam o momento que você vive de “pré-história da sociedade humana”. Cara, ainda tem classes! Mantidas as classes não está superada a pré-história, a animalidade ainda não está superada no conjunto da espécie! Por que você acha que os caras são os escolhidos de todo mundo para levar porrada? No próximo texto, ele fecha dizendo: “Superada a sociedade de classes, supera-se a pré-história da sociedade humana”. Tudo bem o tamanho da ousadia dos caras?

Adailton Alves – Essa é a divisão que a própria ciência histórica encontrou pra, mais ou menos, dividir os períodos históricos, que é muito diferente, realmente, do que ele está colocando...

Scapi – Por exemplo, idealistas lógico-formais vão para a História com Antropologia, com um conjunto de esforços. Mas, para manter a coerência, aí o pepino: invariavelmente ou joga pro espaço ou “era uma vez um monte de gente maldosa ou um monte de gente pura que botou um cara para guardar o excedente. Quando finalmente conseguiu produzir excedentes, o cara maldoso ficou com eles e sacaneou todo mundo criando as classes”, tudo bem?

Otávio Correia - E esse momento (pré-criação de classes), como que o Marx e o Engels chamam?

Scapi - Comunismo primitivo. São bem sacanas, né? Porque nós não vimos *dialética*, não dá ainda para brincar com a negação da negação, mas é assim que eles vão brincar. A sociedade sem classes foi negada pela sociedade de classes. Tudo bem a primeira negação? Agora precisamos executar a segunda negação: negar aquilo que está negando, combater a sociedade de classes. Ao fazer isso, reaparece a sociedade sem classes que nós já vivemos, mas não como era a do passado, e sim sob as novas condições materiais, em que estamos postos, portanto, com saberes, com a humanizada agora para todo o mundo. Agora com globalização, esse serviço civilizador – cuidado, que não é moral – que o capital possibilitou! Não nega completamente. E não tem um julgamento só moral, pelo contrário. Ele unificou a porra da humanidade dispersa para desumanizá-la...

Adailton Alves - E elevou o processo de desenvolvimento tecnológico à estratosfera...

Scapi - Aos maiores patamares que nós jamais chegamos. Sem deixar de querermos (sim!) o capitalismo manhã, tarde e noite, por favor, leia de novo o *Manifesto...*, veja como ele olha e descreve os processos sob domínio burguês. Num curto período de tempo, a burguesia fez modificações que empanam – ou envergonham! - tudo o que a gente até então sabia, no resto do tempo em que vivemos. O *american way of life* não pode ser hoje generalizado para humanidade inteira, isso significaria no máximo dez ou vinte anos (e olhe lá!), talvez nem isso, e parte dos recursos não-renováveis acabariam. Não é possível fazer de todo o mundo um norte-americano classe-média - isso arrasa o planeta em 20 anos, o planeta não suportaria, por exemplo, tamanha a quantidade de embalagens.

Intervalo!

Leitor - *Prefácio à Contribuição à crítica da economia política.*

“O resultado geral a que cheguei, e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode resumir-se assim: na produção social da sua vida. Os homens contraem determinadas relações necessárias...”

Scapi - Para produzir a vida é necessário contrair determinadas relações. Essas relações são dúplices. Não é opcional, são necessárias e independentes da vontade. Junta as duas coisas para ver se estão entendendo o que ele está dizendo. É uma necessidade objetiva que produziu o “agrupar-se”, o “associar-se”, independente de vontade, quer dizer, de consciência. Conscientes ou não, a objetividade impulsionou a socializar-se. “Ai, gente! Qual é o papel da vontade nisso?” Vontade de sobreviver!

Leitor - *Na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais.*

Scapi - Existem diferentes formas de produzir a vida, existem, portanto, diferentes relações sociais de produção (escravistas, servidão, assalariamento), que produzem a vida sob determinadas condições,



com resultados diferentes uns dos outros. Estabelecemos relações e são diferentes as relações possíveis? Uma coisa eu já sei: elas são necessárias e independem das nossas vontades. Sendo assim, elas dependem *do quê*, o que determina?

Ela depende de um certo grau de desenvolvimento do que ele, agora (já categorizando), chama de *forças produtivas materiais*. Quer dizer que o segredo da bagaça está aqui?! Pode se desenvolver até que compreenda isso. Que merda são “forças produtivas materiais”? São muitas coisas, vou definir em três básicas.

É a quantidade e a qualidade dos que fazem a produção da vida.

Tem povos que têm pouca gente e povos que têm muita gente. Os que têm mais gente têm maiores possibilidades de maior desenvolvimento. Portanto, a quantidade somada à qualidade do que conhecem, sabem como funciona, a qualidade dos saberes do conjunto de experiências que reúnem.

Tecnologia, conhecimento com aplicação. O que vou chamar de tecnologia? Uma pá serve melhor para tirar mais terras do que as mãos ou um graveto: uma pá é uma tecnologia. Mais tecnologia ou quase nenhuma tecnologia. A pá requer algumas relações sociais, pois são elas que produziram a pá. Com a retroescavadeira estamos falando de outras relações. Ainda que no tempo da retro, ainda tenhamos as pás. Mas no tempo da pá, não tem nem como pensar ainda na retro.

Daí vem o terceiro componente, que vamos chamar **desenvolvimento das forças produtivas, os recursos naturais disponíveis**. O recurso natural disponível tem que ser disponível mesmo! Mas algumas coisas antecedem. Por exemplo, para que servem os recursos naturais disponíveis? Entendeu o quanto das anteriores já agiu sobre a natureza e a tornou conhecida? Legal, o que faço com aquela coisa preta que borbulha estragando minha plantação inteira? E agora nem posso mais pasturar meus animais, porque tem umas coisas grudentas que não servem para nada... Eu vou ter que mudar de lugar. Eu tenho o petróleo, num tempo que eu não tenho a menor ideia do porquê do uso do petróleo. Agora tudo bem, eu moro em Cuba, no ano 2015 e queria petróleo. Tem petróleo? Não, Cuba não tem petróleo. E agora o que eu faço, se minha tecnologia depende de petróleo? O limitador,

a possibilidade do que eu estou querendo, quantidade e qualidade, quem faz? Os recursos técnicos disponíveis e os recursos naturais disponíveis. Esses três elementos associados, eu vou chamar de forças produtivas materiais. Quem faz, como faz, com que recursos técnicos e naturais faz e quais recursos são disponíveis. Portanto as produções de suas ideias estabelecem relações independentes de suas vontades; se não depende da vontade, depende do quê? A um certo grau de desenvolvimento das forças produtivas correspondem determinadas relações.

Leitor - *O resultado geral a que cheguei, que, uma vez obtidos, serviram de fio condutor aos meus estudos, pode ser resumido assim: na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade.*

Scapi - Um novo nome, uma nova síntese; agora você puxa tudo isso fora e fica com essa. Depois de ele falar de uma estrutura econômica, do que ele está falando? A relação entre as duas, o todo, é mais do que a soma das partes, é a relação entre as partes. Economia no sentido aristotélico, de Aristóteles, para quem a sociedade grega é a sociedade que conhece a política, por isso é conhecida como uma *pólis*, o lugar onde se faz política. Só se faz política se se pensa na totalidade. Qual a menor parte de uma associação política? Uma outra associação, aquela feita para a reprodução, a vida cotidiana, a família - mas que em grego não é a melhor expressão. Em grego é a expressão *oikos*, em que está o homem - pai, marido e senhor -, a mulher, o filho, o escravo. Nas famílias gregas, diferentes da sua, tem escravo como parte integrante da família. Tanto é que, sabe de onde vem o nome *família*? Do escravo, que chama *famulus*. “Ai, nossa! Quer dizer que família vem de escravo?!”. Aquela organização social para a vida imediata e das soluções imediatas, portanto, é feita no *oikonomia*: aquela que trata da vida cotidiana. O conjunto dessas relações – que não são poucas - forma a estrutura *oikônômica* da sociedade. Enxergam onde está a economia aí? Todo o processo de produção social da vida. E o que economia pode ser? Aquele departamento



que tá lá embaixo, na USP, diferente do de História. Foi um pouco diferente do que imagina. Chamarei isso de *estrutura econômica*. Isso será a base sobre a qual se erguerá alguma coisa. Aí se mostra uma metáfora de algumas coisas que vão derivar daí...

Leitor - *O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base pela qual se levanta a superestrutura jurídica.*

Scapi - É a infraestrutura sobre a qual se erguerá uma superestrutura. É uma base, agora vamos ocupar; é um prédio que tem uma determinada conformação. Exemplos...

Leitor - ... *superestrutura jurídica e política e a qual corresponde a determinadas formas de consciência social.*

Scapi - Se montará uma forma de tomar decisão; como já é sociedade de classes, ganha o nome de *política*. Além de formas de tomar decisão, eles se baseiam numa série de normas, regras, que eles já estabeleceram entre si. Vou chamar isso de superestrutura *jurídica* - ao que corresponde uma série de expressões, de vivências intensas, subjetivas, das quais vão derivar um monte de expressões, ideias, maneiras de ver, compreender as coisas para tentar atuar sobre elas. Isso, nesse momento, se chama de *consciência social*. Toda sociabilidade requer uma forma de consciência. Deu para sacar aonde ele quer ir? Isto é uma sociedade funcionando; toda sociedade tem uma certa consciência sobre si mesma. Três perguntas básicas: 1) de onde viemos?; 2) quem somos nós?; e 3) pra onde vamos? Tudo bem? Para bem ou para mal, toda sociedade tem uma consciência. A um certo momento do desenvolvimento, as coisas sofrerão mudanças...

Leitor - *O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é o que determina a sua consciência. Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade se chocam com as relações de produção existentes ou, o que não é senão a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais se desenvolveu até ali. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, essas relações se convertem em obstáculos a elas...*

Scapi - As forças produtivas estão pedindo essas relações, que permanecem. Mas chega um momento em que as relações que favoreciam esse desenvolvimento obstaculizam aquele desenvolvimento. As forças produtivas querem desenvolver mas as relações dizem: “Ai, não seria favorável...!” Exemplo banal: nós já temos saber suficiente pra fazer uma lâmpada que queime só a cada 25 anos, não menos. As forças produtivas estão desenvolvidas, mas em que relações de produção eu estou? Capitalistas, que permitiram essa puta sacada: chegar até uma lâmpada que queima a cada 25 anos. As lâmpadas, agora, não vão durar 25, mas 50. O que dizem as relações sociais de produção sobre isso?

Todos - De jeito nenhum!

Scapi - Viram como as forças produtivas se desenvolvem e entram em choque com as próprias relações que a produziram, que se convertem num obstáculo? As forças produtivas querem se desenvolver mas não é *conveniente*, para as atuais relações, que elas se desenvolvam. “Merda! Elas estão em luta?!” Sim. Olhe o que isso pode trazer...

Leitor - *e se abre, assim, uma época de revolução social...*

Scapi - Quer dizer que, sob certas condições novas, é mais ou menos assim: ou atrofia e permanece ou avança. Em nome de não atrofiar, tem que mudar. E vejam que curioso: não é porque você tem vontade de mudar; é algo que se põe objetivamente como necessário, independente das vontades. Difícil, *Mama*, mas a revolução se impõe como necessidade objetiva, pelo próprio movimento contraditório das coisas. Se nós vamos realizar, é outra questão. Se nós vamos ter competência etc., é outra questão. Mas ela se põe objetivamente.

Leitor - *Ao mudar a base econômica, revoluciona-se mais ou menos rapidamente toda a imensa superestrutura erigida sobre ela. Quando se estudam essas revoluções, é preciso distinguir sempre entre as mudanças materiais ocorridas nas condições econômicas de produção, e que podem ser apreciadas com a exatidão própria das ciências naturais, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas. Numa palavra: as formas ideológicas em que os homens adquirem consciência desse conflito e lutam para resolvê-lo. E, do mesmo modo que não podemos julgar o indivíduo pelo que ele pensa de si mesmo,*



não podemos tampouco julgar essa época de revolução pela sua consciência...

Scapi - Eu não vou aprender nada sobre a revolução burguesa se eu for nos grandes pensadores burgueses. Eu tenho que entender que modificações na estrutura econômica possibilitaram (e obrigaram) a burguesia a fazer a sua revolução. Você quer eles no pré-revolução? Já temos dois caras: Descartes e Locke. E eles depois da revolução? Kant e Hegel. Tudo bem quanto às sínteses filosóficas? Então eu vou ler Kant e Hegel e vou entender a revolução burguesa? Vai! A revolução burguesa no pensamento.

Leitor - ***Não podemos tampouco julgar essa época de revolução pela sua consciência, mas, pelo contrário, é necessário explicar esta consciência pelas condições da vida material, pelo conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção. Nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela contém.***

Scapi - Ou tua revolução está madura ou não está. Ela precisa de condições materiais e objetivas, não só subjetivas.

Leitor - ***Jamais aparecem condições de produção novas e mais altas antes de amadurecerem no seio da própria sociedade antiga as condições materiais para sua existência. Por isso, a humanidade se propõe apenas os objetivos que pode alcançar, pois, bem vistas as coisas, vemos sempre que esses objetivos só brotam quando já existem (ou pelo menos estão em gestação) as condições materiais para sua realização. A grandes traços podemos designar, como em outras tantas épocas de progresso na formação econômica da sociedade, um modo de produção asiático, o antigo, o feudal e o moderno burguês. As relações burguesas de produção são a última forma antagônica no processo social de produção – não no sentido de um antagonismo individual, mas de um antagonismo que provém das condições sociais de vida dos indivíduos. As forças produtivas, porém, que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa, criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para a solução desse antagonismo. Com essa formação social se encerra, portanto, a pré-história da sociedade humana.***

Scapi - Ao chegar a um certo momento do desenvolvimento... isto está tão abstrato que pode ser ainda melhor observado se eu pensar em termos de classes. Dá uma expressão um pouco mais viva a essa compreensão, se a gente colocar aqui, no centro da sociedade, diferentes interesses de classe. A humanidade, agora, já está cindida em classes: uma, cujo interesse é a manutenção das relações; e classes outras, interessadas vivamente na modificação das relações. Permanecidas as relações, uma atrofia e a outra se beneficia. Quando a humanidade se cinde em classes, já não cabe mais falarmos em *consciência social*, porque, agora, as ideias dominantes serão as das classes *economicamente* dominantes - agora, sim, é "ideologia", um conjunto de ideias, valores, maneiras de ver e de agir no mundo para velar, ocultar, inverter, transformar interesses particulares como se fossem universais. Quando o conjunto de valores e ideias tem esse papel, de fazer com que esses interesses particulares sejam apresentados como se fossem universais, o que eu tenho, na verdade, é uma ideologia - por isso é que a gente recomenda que você não queira uma, pois ideologia é sempre pra velar algo de alguém. Ocultar o que, de quem? Você quer acabar com a burguesia? Não precisa, ela já sabe disso.

Quando se estabelece uma sociedade de classes, ela tem um conjunto de instrumentos pra defender sua situação de classe (políticos, jurídicos, ideológico, etc.) Ao conjunto organizado desse domínio é que se dá o nome de Estado, o conjunto dos aparelhos de domínio de uma classe sobre outra - ou de classes sobre outras classes.

Se pra alguns de vocês ajudou compreender o mundo à base de duas classes, olá, bem-vindos: hoje existem várias classes. É que existem classes determinantes, e são duas. Cuidado para não esquecerem que há uma série de outras relações sociais de produção que continuam existindo e que não são burguesas, porque não são capitalistas. Convivem com o próprio capitalismo e, apesar de submetidas ao capitalismo, elas produzem outras classes. Existe, portanto, uma relação de determinação. Um aspecto do método materialista diz: "Quer compreender a sociedade em que você vive? Compreenda esses elementos e você acabou de achar a determinação central da



sua sociedade: ela é como é porque ela vive e produz a vida dessa maneira”. “Puxa, eu queria saber como a sociedade *pensa...*” Não é um bom ponto de partida, tem que ser um ponto de chegada. Como ela vive? Que relações ela estabelece? De que graus de desenvolvimento nós estamos falando? Aí eu posso entender como ela toma decisões. Os ordenamentos que ela tem e a consciência correspondente só se revelam à luz desses conhecimentos, não se revelam por si mesmos. Pior: não é pelo conjunto das ideias que você vai entender como a sociedade funciona, porque as ideias são *produto* de como ela funciona; portanto, um método requer um pressuposto. O pressuposto te leva a conhecer a sociedade na forma de um método. Se ele for idealista, você parte das ideias, da jurisprudência, Filosofia do Direito. Marx partiu daí, brigou com o Hegel e disse: “Obrigado por essa briga. Não compreendo o mundo a partir da jurisprudência nem da Filosofia do Direito. Quem sabe eu a compreenda a partir da política, da maneira como eles tomam decisão. Não, porque a maneira como eles tomam decisão não está determinada pela maneira com que eles estabelecem relação que me leva a cumprir o primeiro ato histórico”. “Ai, já sei! Vou fazer pela história das ideias...” Não! Não é a consciência que determina o ser; é o ser social que determina as ideias. Feito isso (e só agora), a gente pode fazer o próximo passo. A política não interfere? Ela é neutra ou insignificante ou, nos termos do Chico de Oliveira, ela é irrelevante? Pode até chegar a sê-lo, mas ela influencia o viver das pessoas? Não é determinante; é determinada, cuidado agora. Mas pode agir, modificando, condicionando e, por sua vez, dando... A jurisprudência faz a mesma coisa com a própria consciência, pode ou não? Pode e faz! As ideias interferem na vida. As pessoas têm ideias, mantêm coerência com as ideias, tentam praticar suas ideias e, ao fazê-lo, modificam as coisas. Agora é a interpenetração das coisas. Mas já com a determinação *pós*, já como que dizendo que já estão condicionadas as possibilidades dessas coisas agirem.

A ideia aqui é organizar o caos da sua percepção imediata: o método e uma forma. É pondo em movimento, sem perder determinação, que eu volto: “olá, isso é uma totalidade”. Ser do Tucuruvi implica em pensar de uma determinada maneira? Sim, como ser da Barra Funda pode implicar na mesma ou numa forma diferente. Mas quais são os elementos condicionadores do Tucuruvi e da Barra Funda? É isso o que o teu estudo deve produzir. Deu pra sacar que materialismo não

era exatamente o que você achava? Isso é materialismo, só falta o resto. Na parte mais importante nós nem tocamos: a *lógica*. Ou tá achando que, com materialismo, é suficiente pra você compreender a sociedade? Não! Ele é um pré-suposto. Com lógica adequada eu capturo as coisas ou não. Vou paralisar tudo pra conhecer tudo? Ou é *em movimento* que eu compreendo as coisas? Agora, não compreendo as coisas perdendo o pressuposto. Com esse pressuposto você pode ter a coisa e ela pode não ser o que você gostaria que ela fosse, mas, independente da sua vontade, ela está grávida de quais contradições e possibilidades? Como trabalhar e operar para potencializar essas contradições? Se equacionarmos isso direitinho, necessariamente voltamos a ter consciência social. Somos pelo fim da classe, pelo fim da ideologia, pelo fim do Direito - forma superestrutural de uma sociedade de classes. Numa sociedade sem classes não tem *direitos*, volta a ter regras, normas, maneiras de conviver que não são impostas. Por isto, não são Direito, forma de classe de impor. Se não tem Direito, sabe quem também vai pras cucuias? A política, essa forma de tomar decisão da sociedade de classes. Numa sociedade sem classes desfunda-se a política e refunda-se na sociedade a forma de tomar decisão. Não é uma superestrutura, é um viver cotidiano, o qual, tomando decisões, não pode ser chamado de “política”. Por isso, nós somos pelo fim da política. Deixa eu pegar uma totalidade e acabar com ela pra consubstanciar o poder de uma classe sobre a outra... “Ai, mas ele não podia ser democrático, pelo interesse de todos?! E se a gente fizesse umas reformas?” Não resolve, meu bem. É uma máquina de opressão de classes que não pode cumprir outro papel. Barbeador não serve para compor odes poéticas, ele não é um instrumento musical. “Ai, mas a gente podia dar um jeito...” Não! Ele é feito para oprimir, isto é uma máquina de opressão mais fantástica que a gente foi capaz de criar, por isso, com o desenvolvimento, a gente vai ter que (diz o Engels de forma poética) “colocá-lo no museu, ao lado da roda e da roca de fiar”. Não tem oposição, nós vamos decidir se queremos esse ou aquele desenvolvimento. Novas necessidades, não pararão de tê-las, mas quais os custos (sociais, ecológicos) disso tudo? Alguém vai decidir por nós? Claro que não. Assembleia geral permanente, deu pra sacar? Sem classe. Sem Estado. Sem política. Sem Direito. Sem ideologia. É isso o que a gente quer.



ISTO NÃO É UMA UTOPIA. A origem da palavra *utopia* é “lugar nenhum”. Eu não quero ir pra lugar nenhum. Eu quero ir pra um lugar objetiva, subjetiva e materialmente posto pra nós. Não quero “sonhar mais um sonho impossível” e outros delírios mais.



Fazer algo que é humano até aqui e que pode continuar sendo esse conjunto de construções humanas numa sociedade sem classes.

Superada a animalidade, qual será a próxima lista de prioridades? A arte? E qual a qualidade da arte?

Liberto desses entraves todos, artista será uma coisa sua, alguns serão artistas? Não! Você terá um pequeno problema de concorrência, sacou? Vai ter uma humanidade inteira dizendo: “Opa, já foi. Agora sai daí que você vai ver o meu, o nosso teatro!”. Pra que é que eu tenho desenvolvimento de força produtiva?

Três formas de apresentar toscamente a dialética: segundo Reich, segundo Henri Lefebvre e segundo Lenin. Estudos básicos e iniciais pra, quem sabe, se aproximar da dialética. Mais legal: vai ver que os três se conhecem, vivem tempos diferentes mas os três se leram, então vão ter coisas em comum e coisas que não estarão em comum. Tem um que conheceu os outros dois, tem um que conheceu um outro e tem um que não conheceu os outros. Tragam isso com suas anotações e dúvidas. Ok?





Dia de Benedito/ Praça Carlos Kozieritz/2014. Foto de de Juninho Sendro.

Terceiro Encontro: 13 de março de 2014

Local: Galpão do Núcleo Pavanelli

Enfim, a dialética!

Leitor - *As características do movimento dialético da matéria – W. Reich / Materialismo dialético e psicanálise. O princípio materialista trata da relação de determinação. A dialética é a essência do método, trata do movimento, da lógica sobre a qual o pensamento se estrutura para tentar entender o pensamento. O que interessa é eu captar o movimento “é-e-tende-a-ser”...*

Scapi - Entende o primeiro jeito de tentar dizer? Movimento. Dialética. Vamos tentar definir o que é “movimento”. A coisa é, está acontecendo - olha que gostoso: está *acontecendo!* Quer dizer: ela tem antecedência, ela tem um é. É fundamental conhecer esse é. Ao fazer esse movimento retroativo, eu volto ao é e ele já não é mais o mesmo, agora é um é em movimento - portanto, ele não é um é, mas um *está*. *Está* com a condição de alguém que não vai ficar aí por muito tempo e *vai ser...*

Leitor - *Analisar objetivamente este movimento e suas passagens como uma forma que foi superada por outra e que já anuncia a nova que virá em seu desenvolvimento...*

Scapi - O *está* traz, em si, a superação do *era*. O que quer dizer “analisar objetivamente”? É material, é histórico, mas isso é pouco. O que você acha e o que você gostaria está temporariamente *suspense*. É o que é. Você não perturba o fenômeno querendo ver nele coisas as quais pode ser que ele tenha mas pode ser que não tenha. Ou, ainda, ele pode ter mas não ser determinante. Análise objetiva é neste sentido.

Leitor - ... *este movimento, suas passagens, como uma forma que foi superada por outra e que já anuncia a nova, que virá em seu desenvolvimento...*

Scapi - Então, no superado está contido (em forma não permanente) o que vem do futuro. Fazendo uma análise de conjuntura, é também projetar o futuro no presente. Se foi fácil olhar agora no sentido retrospectivo, vejamos que eu posso vê-lo de outra forma, pegando



o futuro e colocando-o aqui; verificar se ele realmente está grávido desse futuro.

Leitor - *O importante desta análise objetiva é que a dialética não deve ser imposta ao fenômeno, não. Não é o pensador dialético que torna dialético o fenômeno...*

Scapi - Eles efetivam, e quem conhecer vai dizer: “Merda, essas dialéticas!”. Sei com quem estou brigando, portanto. Boa parte de com quem a gente briga não sabe com quem tá brigando. Nós não impomos a dialética ao fenômeno, ele é que tem que revelar a dialética...

Marcos Pavanelli - Todo fenômeno é dialético?

Scapi - Alógica formal vai resolver perfeitamente bem a coisa conhecida. Milho: não precisa de dialética pra melhorar o conhecimento que a gente tem do milho. O risco é ouvir uma que ainda não cabe e se torna preciso uma pesquisa dialética. Os dialéticos não se dizem dialéticos. Não vamos resolver o conflito opressor/oprimido idealisticamente, portanto, crianças, cuidado: toda vez que você achar a palavra “dialética”, não quer dizer que você vai ter dialética na sua frente. Existe um recurso de usar as palavras e não fazer, na sequência, exatamente o que promete. Não dá pra ser só idealista, não é? Não podemos resolver só na cabeça a relação opressor/oprimido, mas na prática. Na maioria absoluta das vezes em que eu vejo a palavra “dialética”, eu pego o Reich, o Lefebvre e o Lenin e digo: opa! O mínimo que eu sei é isso aqui, vejo as regrinhas básicas de procedimentos e não vejo nenhuma... mas a palavra está lá! Nós vivemos um meio onde ser dialético configura *status*.

Leitor - *Devemos mostrar como um movimento único da coisa estudada evidencia a dialética. Toda forma traz em si mesma uma contradição. É uma união de contrários. Essa contradição (ou sistema de contradições) amadurece dentro dessa forma até que o conflito entre os polos da contradição seja resolvido dentro dela. A contradição interna destrói a forma antiga e gera uma nova...*

Scapi - A contradição está lá, na coisa. Faz com que haja uma luta permanente dentro da coisa. Vamos simplificar a contradição em dois polos (poderiam ser vários) que se opõem permanentemente. Ao chegar

no momento dessa luta, a forma onde mora essa briga não suporta mais a briga. Exemplo (a frase terrível): “essa casa está pequena demais para nós dois”, é um momento do casamento, casa pequena demais pro tamanho da encrenca que tá rolando, se acumulando; a contradição está ali, viva, a mesmice tomando conta. Chega um momento em que aquilo vira um polvo grudento, que eu alimento e ele cresce até a casa ficar pequena demais. Duas possibilidades se apresentam. O que a gente faz? Ou sai ou fica, atrofia e morre. É mais fácil ver a coisa se solucionar ou explode e vai buscar outra forma, que também é contraditória e vai chegar um momento em que também vai explodir. O contínuo fluir das coisas, o contínuo superar das velhas formas, essa é a maneira mais tranquila de ver, não é? “Mas, Scapi, e se a contradição não se resolver? É possível?” É! Morre! Lembra da *Ópera do Malandro*? [cantando] “O cadáver do indigente, é patente que morreu / E no entanto, ele se move, como prova o Galileu...” Que brincadeira gostosa! Morreu, mas continua se movendo: enquanto não parar o processo de decomposição, ainda estará em movimento! Forma uma contradição, se desenvolve a tal ponto da forma ficar pequena e não conseguir mais conter a contradição. Ela se resolve - não da mesma forma. Ela tem que explodir e ir pra uma nova forma, viver uma nova contradição, a qual, ao chegar ao momento do seu desenvolvimento, vai ter que romper - se não romper, rompe do mesmo jeito! Tranquilos quanto à essa primeira abordagem? O contraditório não suporta mais a qualidade da briga. A forma *sociedade brasileira* - uau! - chacoalhou toda em Junho, não foi?

Leitor - *Toda forma traz em si mesma uma contradição, é uma união de contrários. Essa contradição (ou sistema de contradições) amadurece dentro dessa forma até que o conflito entre os polos da contradição não possa mais ser resolvido dentro dela. A contradição interna destrói a forma antiga e gera uma nova.*

Scapi - Vamos à tal da *unidade de contrários*. Eu tenho uma forma que tem os polos da contradição. Mesmo sendo contraditórios, eles estão numa relação, portanto eles fazem uma terceira coisa, que não é nem um nem o outro: é os dois juntos, tudo bem? Vamos ampliar. Classes com interesses inconciliáveis. Mas o que é o capitalismo? É uma luta permanente da forma com a luta de classes, dentro, pulsando pra tudo quanto é lado. Isso faz uma “unidade de contrários”, que é



útil pra elemento e recurso de análise porque uma classe se define em relação à outra - você não define uma classe *em si mesma*, é na relação com a outra que ela se define.

O que é que vai acontecer no processo pedagógico, político etc. dos idealistas? Vai dar certo, é só os dois confiarem. É só ter um opressor que se reconhece no oprimido e eles se fundem numa superação dialógica... Sim? Nesse momento em que concordam – e mesmo nos momentos em que estão em desacordo – eles formam uma unidade. “Gente, mas é contrário!” Exatamente. Isto vai te permitir compreender uns outros complicadores. Se um se define em relação ao outro, não estranhe que um se transforme no seu contrário, que a consciência do dominado seja a do dominador... Eles estão em uma unidade! Os polos caracterizam uma relação muito tensa de opostos, não é? Sob certas circunstâncias, se opondo e se atraindo ao mesmo tempo. Sua lógica formal, agora, vai ficar em chamas... Sem deixar de ser oposição muito tensa, ao mesmo tempo tem uma atração (mesmo que de opostos)! Ao mesmo tempo *opõe atraindo*, por isso a importância da unidade de contrários. Pela lógica formal, oposto é oposto. Na lógica dialética vem outro componente junto. Rigorosamente, quem faz o burguês burguês é a classe trabalhadora, portanto, os operários *produzem* a burguesia ao produzirem capital; reproduzem o capital reproduzindo a burguesia. Eles têm interesses opostos em relação a isso. Uma terceira qualidade muda: a lógica formal não pode agora ser usada, no sentido de eles serem opostos... Isso você está fazendo na sua cabeça, na vida vai ser diferente. Na vida, o operário, quando crescer, sabe o que ele quer ser? Burguês e capitalista, deixar de ser mandado e poder mandar! Isto é contraditório. Isto se sustenta? Todos podem ser patrões? Não!

E aí, meninos, deu pra sacar? Ao mesmo tempo é contraditório e faz uma unidade...

Leitor - *A nova forma não elimina a contradição, gera uma nova. Tudo que nasce já traz em si o germe de sua própria superação, por isso nada é eterno, só o movimento.*

Nada é eterno. E não o mesmo movimento. Um fluir de diferentes movimentos de contradições se resolvendo e se metendo em novas, isso permanece. Tudo é movimento.

Leitor - *Tudo o que nasce tende a desaparecer, o novo já traz em si o novíssimo, o “é” já traz o “tende a ser”.*

Scapi - Se estiver grávido, eu tenho que proceder aos exames necessários para ver se está grávido ou não. Agora, eu não posso botar o desejo. Eu tenho que perguntar: grávido do quê?

Leitor - *As contradições não são absolutas. Dois polos que se opõem como contrários estão também em uma relação de identidade; um aspecto é também, ao mesmo tempo, o outro...*

Scapi - Ao mesmo tempo, não depois. Depois é quando você toma consciência, mas, se você fizer a historiazinha, no momento da maior paixão, o maior ódio já está lá, porque ele leva consigo o seu contrário - a merda é que só vai se expressar sob certas circunstâncias.

Leitor - ... *causa e efeito, ação e reação, alto e baixo, quantidade e qualidade, e etc. Por este motivo, num determinado ponto do processo, uma coisa pode transformar-se no seu contrário...*

Scapi - Uma das leis mais caras e mais difíceis de serem compreendidas, porque ela bate direto com o idealismo, com o que a gente deseja, quer fortemente... não adianta! A coisa está grávida de algo diferente do que você pretendia e desejava. O resultado vai ser diferente de tudo que você pretendia! Agora, como as coisas são contraditórias, formam uma unidade de contrários. Sob certo aspecto, num dado momento do movimento, elas se transformam no seu contrário necessária e obrigatoriamente. Imaginem, nesse exato momento, a *Mama* entrar pela porta abrindo, grande, redonda, cheia de muita massa, muita pizza, dizendo: “Oi, tudo bem com vocês? Então tá. Me disseram que diga-me com quem andas... Tá muito frio lá fora, eu trouxe mais uma blusa para você; mamãe trouxe também um guarda-chuva...”. Para. Uma mãe não modificou a sua natureza de mãe, que foi fundamental até os cinco ou seis anos de idade dela. Aos 30, *Mama*, aquela mesma mãe fazendo a mesma coisa que fazia acaba de se transformar no seu contrário e se transforma no quê?

Putá mico, mãe! A mãe chamando o filho de “meu bebê”?!



Mas tem uma coisa muito importante de a gente perceber: mãe não sofreu modificações, é exatamente o que ela era. Só que ela foi fundamental quando ele era bebê e agora não é mais. *Fazendo as mesmas coisas* ela, agora, atrofia o filho que tem. A mesma coisa, sem deixar de ser o que ela é, se transforma no seu contrário num dado momento do movimento. Quer dizer que eu, revolucionário dos povos, posso virar um puta dum babaca? Pode, ué! Já está presente, apresentar, afirmar, dar ênfases serve também para o movimento de convencimento permanente. Será mesmo que tô sendo contemporâneo do meu próprio tempo? Cara, isso é uma invenção permanente. Então - olá! - tem uma contradição. Esse elemento está presente.

Você não quer fazer um “teatro popular”? Você está em oposição ao quê? Você dialoga pensamento com o quê? Com o não popular? Então você já está afirmando que *não quer, não vai*, porque tem algo (um fantasma) que acompanha o tempo inteiro, elitista, um teatro para poucos, para entendidos, que a gente sabe o que é, e não para essa massaroca que come qualquer coisa... Não é? Simplificando muito, não tá aí essa tensão? O contrário está presente.

“Ai, gente, eu vi uma figura hoje que faz teatrão e ontem era tão radical...” Qual é o problema? Ué, é o momento do movimento que, sob certas circunstâncias, pode se transformar no seu contrário. Todo movimento traz essa possibilidade? Sim. “Ai, o meu, não!” Claro que o seu não... porque ele está *idealmente* montado na sua cabeça! A vida vai se incumbir de, mais cedo ou mais tarde, dizer “viu como é o idealismo?”. “Ai, nossa! Que cruel!” É uma unidade de contrários, não é *de fora* que vem essa possibilidade, não é porque andou com más companhias, já está lá desde o começo...

Leitor - *A forma como se resolve uma contradição, destruindo uma velha forma e gerando uma nova, não é nem boa nem má, mas sim necessária. Como uma contradição, ela é composta e com esta contradição se desenvolve necessariamente até a superação evidenciada. Deve ser vista além de juízos valorativos, mesmo porque aquilo que possibilitou o movimento pode vir a paralisá-lo.*

Scapi - O que desenvolve, o que gera o movimento pode paralisá-lo. Nossa mãe! Nosso amor! O conjunto dos elementos que, num dado momento, são extremamente favoráveis ao desenvolvimento da coisa são, eles mesmos, que, num próximo momento, agirão como paralisadores do mesmo movimento. Forças que querem modificação se transformam em forças altamente conservadoras sem deixar de ser o que eram. Seres contraditórios. Um educador de classe pode desenvolver, mas, sob certas circunstâncias, pode estagnar... é só pegá-lo no momento errado, com conteúdo errado, didática errada e vai funcionar no sentido inverso do que eu pretendo, mesmo tentando com o melhor dos esforços, o melhor dos ideais.

Leitor - *O amadurecimento interno da contradição se dá progressivamente mas se resolve por uma ruptura, um salto de qualidade. A contradição germina silenciosa e imperceptível e aflora abrupta numa quebra de continuidade.*

Scapi - Um milhão na Paulista! Quem explica isso?! Chama os especialistas! Quanto de acúmulo, de insatisfações temos em três governos democráticos e populares? Quanto de despolitização a gente tem? Ora, cara, a hora que explode é aquilo que você viu: descontínuo, despolitizado. Aquilo foi produzido onde? Em vários anos de “tá todo mundo bem”, de “nunca antes na história desse país”... Tem uma série de contradições rolando.

Como é que eu chego no meu trabalho? Com o chefe esperando na recepção para receber todo mundo quando chega na fábrica, todo mundo ri, só falta chamar de “benhê”... Ele diz: “Olá, colaborador dessa empresa, tenha um ótimo dia!”. E tu não pode dizer o que pensa... Que merda de relação eu tô construindo no lugar onde eu trabalho, isso é falsidade, é de plástico! Isso acumula progressivamente, chega uma hora em que encontra uma forma de explodir, por vezes pedagógica, por vezes é um outro que explode e explode junto, por vezes é o próprio que explode. Mas não tem como ficar o tempo inteiro, deu para sacar? O que é que um dialético está vendo ali? O que ninguém tá vendo... Ao entrar naquela puta muvuca, ele entra rindo... O resto do trem olha e diz: “filho da puta, tá rindo do quê?”. “Tô rindo porque, qualquer dia desses, vocês vão explodir! Enquanto vocês não explodem, eu também deprimos...” Acumulou de tal forma... mas percebem? Não



é acúmulo por causa do metrô; ele desce, foi obrigado a fazer duas ou três horas extras, fuma um cigarrinho, chega no ponto do ônibus, uma massa maior ainda... Você é o cara mais reacionário do mundo nessa hora! Queimaram 38 ônibus, se esse cara pega um black bloc pela frente, ali, ele mata! “Só me faltava agora você, com sua greve, queimando ônibus!” Tudo bem as múltiplas possibilidades que estão aí e as contradições?

Simone Brites Pavanelli - Mas, por exemplo, existem vários programas do governo, muitos projetos que ajudam a melhorar a vida das pessoas. Dentro disso que você tá falando, o que eu tô entendendo é que todos esses movimentos, de fazer com que as pessoas sejam mais felizes, amorosas, afetivas...

Scapi – Retarda a explosão mas não evita!

Tô me fazendo entender? Isso pode ser descontínuo, pode levar tempos diferentes, mas pode se combinar numa série de interdições que faz explodir mesmo! “É espontâneo!” Metrô, falta d’água, espontâneo!

Carlos Biaggioli - Voltando à questão dos cinco pontos, o Reich detectou no estudo dele um movimento que pode se dizer que seja natural, ou seja, as coisas são todas imbuídas de contradição e essas contradições impreterivelmente vão entrar em conflito e vão explodir. Então, considerando este, vamos chamar assim, “princípio natural”...

Scapi - Que não é uma boa palavra, né? “Natural” normalmente vem com sentido aristotélico: aquilo que não pode ser mudado; é da natureza da coisa. Ok, estou entendendo, você está dando um outro sentido... É da natureza da coisa estar em movimento.

Carlos Biaggioli - ... estar em movimento e implodir ou explodir - isso é quase por decisão de uma lei.

Scapi - É uma lei.

Carlos Biaggioli - É uma lei. Então pode resolver o problema do metrô, que isso vai explodir do mesmo jeito.

Scapi - Vai, porque, sob o capitalismo, o processo de exploração é contínuo e se espalha por toda a vida desse cara. Por vezes, esse conjunto de elementos se combina e explode tudo junto, por vezes

não. São explosões de piruá aqui e acolá; é gente fazendo violência com os outros e consigo mesma, quer dizer, está permanentemente explodindo. Os pepinos são as referências que a gente fica usando. Enquanto não for na Avenida Paulista com faixas vermelhas dizendo “Abaixo não-sei-o-quê!”, eu não me identifico com aquilo que eu gostaria. Na hora em que aquela coisa está morta, submetida, a contradição está inteirinha lá – pouco desenvolvida. Mas alguém vai fazer o favor de (mesmo involuntariamente) desenvolver um pouco mais a contradição. Naquele metrô, naquela circunstância, aquele sinhozinho quietinho, que ninguém reparou e nem vai reparar... ele peidou.

E como ele é vegetariano, não come carne, os processos de decomposição são mais naturais e, por isso, o pum dele é mais natural que do outro. Fazer o quê?

Selma Pavanelli - A revolução!!!

Scapi - Passa batido, é mais uma desgraça das que vão se juntando. Num certo dia encontra alguém, alguns juntam e dizem: “Gente, vamos fazer assim: todo mundo dá uma respirada funda, que essa merda vai embora de uma vez!, ao invés de feder de pouquinho em pouquinho!”. *[risos gerais]* Permaneça clandestino, filho de uma puta! Aí vem o velhote e diz: “Eu tentei e não deu mais!”. Cara, isso vira uma risada coletiva, vira um jeito de suportar essa merda, transformar essa tragédia numa comédia. Todo mundo ri, mas tão contraditório, porque é um riso nervoso, para afirmar o que vem na sequência, é um silêncio monumental que dá para pegar: momento da contradição. Quando foi convidado para ler *O manifesto comunista* na Liga dos Justos, num desses paisinhos aí, abre dizendo que a História é a história das lutas de classes e, na sequência imediata, às vezes franca e aberta, às vezes (na maior parte do tempo) disfarçada. As pessoas em suas casas, vendo aquelas bobagens todas na televisão, a luta deixou de ocorrer? Não! Ela está num momento do seu desenvolvimento. Deu para sacar? É o momento do controle, da alienação em estado quase absoluto, mas ela *está* lá, em estado germinal, ela precisa encontrar o conjunto das contrariedades que fazem crescer essa contradição. Ao chegar a um certo ponto, não tem jogo, muda a qualidade, salta, rompe e não é mais a mesma coisa que antes. Ok? A cavalaria dialética vem inteira agora: a negação da negação. Para entendê-la, vamos



continuar com a mesma linguagem anterior. A contradição chega a um ponto do desenvolvimento, explode e modifica. Esse explode-e-salta é uma *negação* da situação anterior, tudo bem? O salto de qualidade também pode ser entendido como uma negação: aquela forma anterior foi negada, por suas contradições. Uma nova forma nega a forma ultrapassada.

Leitor - *Todo movimento, sucessão de formas, evidencia uma dupla negação, uma negação da negação. A primeira forma é negada pela segunda, que é negada pela terceira, gerando, assim, a aparente volta à primeira. No entanto, nada retorna ao que era. A terceira forma (que apresenta traços da primeira) traz em si também traços da segunda, a forma superada, já não é mais nem uma nem outra. O novo traz traço do velho e o velho já anuncia elementos do novo. A impressão de circularidade é apenas aparente, pois a última forma sempre reapresenta a primeira num patamar superior. O movimento não é circular, mas em espiral.*

Scapi - Como não cabem juízos valorativos (bem ou mal), ele resolve fazendo uma dupla negação. Então, nós temos que imaginar que entendemos, sem maior dificuldade, que tem uma coisa qualquer que tem contradição, que atua e amadurece progressivamente. Ao chegar um determinado momento, ela salta, rompe e... pronto, conduzindo a uma nova forma que tem contradições. Até aí ok, certo? Vamos expressar graficamente o seguinte: era uma vez uma forma chamada A. A *forma A* desenvolve suas contradições até um ponto onde não é mais possível permanecer como *forma A* e se rompe, produzindo uma nova forma – que, para facilitar, eu não vou chamar de B, para não dar o sentido progressivo, linear do abecedário. Mais adequadamente, o que significa a nova forma?

Rigorosamente, é um *não A*, que, ao se desenvolver, tem contradição; não acaba o movimento. Chega o momento, acumula contradições e rompe para uma nova forma.

Não ao não A. O que significa essa dupla negação? O que é *não não*?

Negar o não é, portanto, afirmar; é um ato afirmativo. É um sim. É o *não ao não A*. O A, portanto, se reapresenta. Ele havia sido negado, sua negação foi negada, portanto, reapresenta o A. Cuidado, agora.

Mas não é mais o mesmo A porque esse A já foi negado. Isso causa um aparente retorno que vai produzir na consciência uma impressão de circularidade: “A História é um círculo fechado”, e dá-lhe ficção científica em cima disso! Dá-lhe projeções do que está por vir, uma puta de uma negação sem saída. *Admirável mundo novo, Revolução dos bichos...* Uma circularidade que reafirma algo já presente no senso comum: “sempre foi”; “viu como não adianta ter mudado?”; “a gente muda, se anima e depois vira uma bosta”; “as coisas sempre são o que são, não mudam, são uma enorme circularidade”... A gente quer uma volta ao passado? Não, o passado não volta a não ser uma forma de um passado já superado, já negado, que tinha elementos que, ao serem negados e desnegados, se reapresentam com suas novas características. Mudemos o exemplo.

Era uma vez uma sociedade sem classes, sem política, sem Direito, sem ideologia e, portanto, sem Estado. Ao chegar num momento do seu desenvolvimento, bateram problemas monumentais. Ameaçada, acumulou contradições que esta forma de sociedade não é capaz de resolver. Entre as possibilidades que essa sociedade encontrou para resolver o seu “decifra-me ou te devoro” - que não é outro senão comer, beber, morar, a sociabilidade - em diferentes lugares se produzem classes sociais. Por favor, observem a sociedade de classes negando a sem classes. Portanto, agora, tem classe e, se tem classe, eu tenho política, Direito, ideologia e especialmente Estado...

Scapi - ...vamos botar aqui um que eu não tinha posto: casamento monogâmico. Aqui não era isso. Propriedade privada você não tinha. Remonta a essa sociabilidade, que passa por diferentes momentos da sociedade de classes (escravista, feudal, burguês), diferentes momentos desta constituição altamente contraditória que é uma sociedade de classes.

Simone Brites Pavanelli - Nessa passagem, essa é a ruptura, o salto de qualidade da sociedade de não classes para a sociedade de classes?

Scapi - Sim! Por isso, se eu operar com juízos valorativos, tem quem vá dizer: “A humanidade vai se fuder com as classes!”. E daí? Mas mudou, como a qualidade do conjunto de características que fazia uma sociedade está alterado para outro conjunto de características ... a isto estou dando o nome de *salto de qualidade*.



Simone Brites Pavanelli - Mas aí, dentro da sociedade de classes, ter essa alteração das relações sociais de produção também não é um outro salto de qualidade?

Scapi - Se produz a vida de forma diferente da que se produzia anteriormente; se toma decisões diferentes, jurisprudência diferente. Esse conjunto operava de uma forma e agora opera de outra, mas continua sendo de classes, dentro da sociedade de classes. O escravismo vive contradições que, dentro de uma sociedade de classes, se resolvem. Senhor feudal e servos, servidão generalizada. Servidão e escravismo não são a mesma coisa.

Não mudou o caráter central da sociedade de classes.

A servidão bate no seu limite e não vai para além das classes; ainda nos marcos de classe resolve suas equações, através de burguesia e proletariado, campesinato etc. produz um mundo burguês ainda dentro dos marcos de qualidade das relações de classe. Marx disse: “Encerra-se aqui a pré-história da sociedade humana”. A ousadia do cara está no seguinte: já desenvolvemos todas as contradições possíveis para manter a perspectiva de classe; viver agora tem que ser necessariamente pra além das classes. Não existe outra possibilidade de classe a ser criada, inventada para superar a que a gente já tem. É mais do mesmo; é o mesmo agora combinado com pitadas de escravismo ou de servidão? É o mesmo! Não tem uma novidade de classe, não se produziu nenhum elemento, por isso ele disse que é o momento último da sociedade de classes. A burguesia desenvolveu a contradição num grau tão alto, que produziu também a resposta, a negação da negação – não porque as pessoas desejem (e que bom que elas desejem!), mas é mais do que desejar.

A vida só volta a fluir se a sociedade de classes for negada, caso contrário as pessoas atrofiam crescentemente; quando você não usa uma coisa ela atrofia, e isso tem implicações: atrofiar outras coisas na totalidade.

Por isso, a sociedade de classes entrou no desenvolvimento histórico negando a sociedade sem classes e sem Estado. Estão dadas as condições objetivas, a sociedade em que vivemos está madura e

grávida de produzir a negação da sociedade de classes. O conjunto dos instrumentos de domínio também vão para o espaço. “Ah, então a gente vai voltar?” Programa de índio! Não vamos voltar às ocas, teremos casas *high tech*, informatizadas etc. A volta é aparente porque ela recupera elementos, mas eles são recuperados sobre novo patamar de desenvolvimento. Lá, *Mama*, a carência absoluta produziu o movimento. Agora nós estamos diante da possibilidade de a abundância dirigir o movimento. Tirar o burguês do processo produtivo é ter acesso, destravar o processo produtivo e finalmente produzir a abundância (a terra do leite e do mel). Agora, se não fizer isso rápido, crianças, o meio ambiente já está dizendo: *american way of life* quer transformar o mundo numa gigantesca classe média norte-americana, consumidora voraz de bostas eletroeletrônicas que não têm papel nenhum pra melhorar a vida, essa é a referência.

O planeta não suporta 20 anos da generalização desta forma de ser, viver, habitar, consumir, trepar, cagar. O problema agora é de *recurso natural*, a natureza, o planeta se modifica numa rapidez avassaladora, criando enfermidades e uma porrada de coisas.

A vida está ameaçadíssima! Primeira possibilidade: tem algo que ajude a abrir perspectiva. Não tem? Céticas. Queremos uma revolução não só porque a desejamos ardentemente, mas porque a sociedade em que vivemos está grávida dela. “Que é que você gostou, em Junho?” Disso, cara! Era um milhão, eu vivo num país que tem 200 milhões! Uau! A burguesia ativa todos os instrumentos que ela tem para tornar a vida um pouquinho melhor, tentar adiar por mais algum tempo. Os transportes estão melhores, então a gente nunca mais tem insatisfação em relação aos transportes. Não modificou absolutamente nada a não ser uma coisa permanecer: a tarifa de três reais. Por quanto tempo? Todo o movimento de negação reapresenta elementos do passado sob novas condições materiais. É, agora, um viver na tribo, sim, só que agora é uma tribo mundial que não vai mais se meter nessa equação, porque, diferente da situação vivida de carência absoluta, agora é abundância. Vão ter novas contradições, mas classe não se apresenta mais como solução dos problemas futuros que nós viveremos. Classe não é uma solução, é um recolocar de problema. Será uma nova



possibilidade, portanto, novas necessidades e novas possibilidades. Trabalho realizando uma série de condições que a sociedade de classes trouxe, e que só vivendo a sociedade sem classes vai dar pra imaginar o que seja *trabalho não alienado*; trabalho como *fonte de realização* e não como *meio de vida*. Não pode ser, tem que ser o fim, não o meio!

Como transformar isso? Eu tenho que me livrar desse conjunto de meios. Ao voltar para uma sociedade sem classes, eu vou ter um conjunto de homens e mulheres que, diferente dos anteriores, agora já têm a experiência de classe, já sabe o que é viver num Estado.

Um *não Estado* aqui não tem nada a ver com um *não Estado* lá. Aqui é porque era necessário; lá é porque não é necessário e nós *não queremos*, não precisamos. Negar a negação cria, portanto, um sentimento de volta. Desavisado e sem dialética, não consigo perceber esse movimento que parece que vai se encontrar e fechar; que vai produzir, quanto mais próximo desse momento do movimento, o *déjà vu* (coisa que todo mundo já viveu), uma sensação de que já viveu aquilo, que aquilo vai se repetir. A dialética nos diz que isso é aparente, que o movimento não é circular, mas em espiral. Portanto, produz necessariamente o *déjà vu*, mas não realiza, porque o patamar é outro. Como não tem juízo valorativo, uma espiral pode ser para cima e para baixo, ou para trás. Pode ser pra pior, é só não resolver a contradição. Não resolve, atrofia a vida, a produção, a re-produção, adoce e mata! Morre de causas que poderiam ser perfeitamente evitadas. É uma opção que não se coloca no plano da ideia, da vontade, do ideal. É uma objetividade material e concreta que se coloca para a humanidade. Os velhos colocavam isso na forma de um enigma para a humanidade: “decifra-me ou te devoro”, “barbárie ou socialismo” – não porque a barbárie esteja inscrita no futuro.

Viver a barbárie produz a consciência que já estou nela. Ela não está colocada no horizonte, por isso ela produz movimentos conscientizadores, o desejo de superação.

Os conscientizadores podem entrar agora, aproveitar essa circunstância e transformar isso em uma consciência. Percebeu o papel que teve a consciência? É complementar. Ela entra e funciona quando condições materiais estão dadas para isso, quando as pessoas querem efetivamente - e não quando você vai lá, querer; não é quando você, enquanto artista, vai lá e bota sua arte. É momento raro, único, que eu espero que vocês tenham vivido ainda que em fragmento; a hora que dá uma confluência, uma comunhão entre a sua fala e o entendimento das pessoas. Você propõe o riso, as pessoas gargalham; você propõe um movimento e aquilo produz um efeito avassalador! Espero que vocês tenham vivido, com a arte de vocês, pequenos momentos em que: “caralho, se isso se unifica pra rir, isso unifica um porrilhão de outras coisas”. Assim, a negação da negação é a mais complicada delas, porque ela contém todos os elementos anteriores se repetindo: acúmulo repetido de contradições que chega a um ponto que salta. Mas eu preciso que estoure pra saber que salto é esse.

Continuando com outro texto...

Scapi - Nós vimos que a dialética tem sete leis. Vejam agora como o Lefebvre põe um componente importante nessa história...

Leitor - Lógica formal e lógica dialética. Henri Lefebvre. Temos aí somente momentos ou aspectos do movimento...

Scapi - Aspectos... Momento do movimento... Eu não tenho, aqui, o movimento. Rigorosamente, a dialética não tá lá, sacou? Tá no conjunto, aquelas sete coisas fazem uma coisa só. Essa coisa só é que é o diabo do movimento.

Leitor - ... de tal modo que a multiplicidade das leis dialéticas implica uma unidade fundamental...

Scapi - Uma unidade fundamental entre elas, tudo bem? Rigorosamente, eu poderia brincar dizendo: na verdade, nós temos



uma lei, a lei do movimento, que é feita de sete momentos para o Reich. Fale mais, Lefebvre...

Leitor - ... encontram essa unidade na ideia do movimento, do devir universal. O acento pode se colocado alternadamente sobre essa ou aquela lei...

Scapi - Depende do que você estiver analisando. A depender do fenômeno que você pega para estudar, o acento estará colocado no momento da coisa que você estiver estudando. Ela está em que momento? Pré-salto de qualidade. Eu estou em que momento? Acúmulo progressivo. Ou em que momento? A contradição está apenas em germe, acabou de nascer. Três momentos absolutamente diferentes. Quem determina é o objeto que você está estudando, que está num momento da sua existência - não você.

Leitor - Em certos casos, a lei da contradição parecerá mais essencial, pois, na contradição, encontra-se a raiz, o fundamento de todo o movimento. Mas as próprias contradições, em certo sentido, resultam de um movimento profundo que as condiciona e as atravessa, e, neste sentido, o acento será colocado sobre a lei da conexão, da interdependência universal ou, ainda, se estuda uma metamorfose ou a crise além dos saltos passará ao primeiro plano...

Pouco importa. Os aspectos do devir são igualmente objetivos e indissolavelmente ligados no próprio devir. Poderíamos resumir do seguinte modo as regras práticas do método dialético: um...

Scapi - ... dois, três, quatro, cinco... vai até nove. Espera, temos um problema: é sete ou é nove? Se a gente pegasse o Lenin, agora, eram quantas? Dezesseis! Eles precisam se entender: é sete, nove ou dezesseis? Segura um fio... Estica o fio... Traz ele até o lado de cá... Em quantas partes em posso dividir esse fio? Quase ilimitado – porque como é ilimitado aqui, vai ser também aqui. O Reich olha e resolve explicar pra nós fazendo sete cortes. O Lefebvre acha que precisa de mais dois... O Lenin entra e faz o quê? Mas os três estão falando da mesma coisa e definindo o mesmo objeto. E eles se entendem perfeitamente uns com os outros. O Reich pode (é improvável) ter conhecido o texto do Lenin e diz: “dezesseis é muito! Posso dar uma

reduzida, juntando dois momentos em um só, que é mais expressivo do que segmentar ele em dezesseis longos pedaços...”. Portanto, se em sete, em nove ou em dezesseis, o movimento que os três fazem é o mesmo. Por exemplo, leia a um do Lefebvre.

Leitor - *Dirigir-se à própria coisa...*

Scapi - Para. O Reich tinha falado sobre isso? “Análise objetiva.” Leia a três do Lefebvre.

Leitor - Apreender os aspectos e momentos contraditórios, a coisa como totalidade e unidade de contrários...

Scapi - Isso não vai estar no Lenin, vai?

Leitor - Tá aqui, número 5! “A coisa e o fenômeno como unidade dos contrários.”

Scapi - São diferentes formas de abordar qual era a intencionalidade, tornar mais fácil o trabalho de identificar isso que não era conhecido até então: o movimento, que é feito de diferentes momentos. Três autores fazendo pequenas incisões diferentes, umas maiores, outras menores – mas os dois concordariam com o Lefebvre. Corte seis, sete, nove ou dezesseis, há uma *unidade* entre elas. É aparência mas na verdade está e está porque foi e, tendo sido, está. E, se está, está para vir. Por isso, quando o Engels se põe a fazer o mesmo movimento que ele faz, ele faz só três cortes quando vai explicar dialética. Ele diz: “Merda, eu e Marx vivemos uma época em que a gente só era aceito se fôssemos dialéticos: juventude hegeliana, a cultura alemã, todo mundo era dialético e gozava-se muito de quem não era dialético. É estranhíssimo, diferente de hoje. O exótico era o não-dialético. Portanto, ao longo da nossa obra, nós descuidamos de explicar o que era dialética nas coisas que se desenvolveram”. Marx achava que todo mundo que o lesse saberia o que é dialética e que o método dele era dialético. Marx já morreu e o Lenin, bem velhinho, vai tentar dizer o que é dialética. “É mais ou menos assim: tem três leis...” Porra, sete, nove, dezesseis e um dos criadores do método, ao explicar, diz que só precisa de três?! Contradição e unidade de contrários, salto de qualidade, negação da negação, isso é o Lenin explicando e achando que dava conta. Vem gente depois, o Lenin na Rússia vai precisar falar de muitos momentos. Grosso modo, poderia ter resolvido isso em três



formas: a contradição e a unidade que chega ao momento em que salta e rompe, portanto, faz uma negação. Tem um segundo momento, de uma negação da negação. Fechou o ciclo dialético aí.

Leitor – Só que esse texto do Lenin, em alguns momentos você lê e diz: “Já passei por isso”.

Scapi – Parece que ele fala da mesma coisa de outra maneira, ele tava querendo só reforçar o que ele já tinha dito na lei anterior, por isso, talvez, ele chegue a dezesseis. Dezesseis, três, nove, sete, isso é dialética. Tem um texto que nós já lemos, o *Prefácio à Crítica da Economia Política*. Você achou facinho o que era materialismo. Agora, que você sabe o que é dialética, será que aquele texto tem dialética? O Marx foi dialético? Agora que você sabe rudimentos de dialética, sabe pelo menos sete leis, a gente volta para o texto, individualmente. Esse vai ser o exercício...

Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito

2013/2014

Coordenação de pesquisa, dramaturgia e texto final:

Calixto de Inhamuns

Núcleo de atuação e criação: Beatriz Barros, Jéssica Duran,
Lucas Branco,

Marcelo Roya, Mizael Alves, Otávio Correia, Sabrina Motta e
Tiago Cintra.

Direção: Marcos Pavanelli

Dramaturgia e assistente de direção: Simone Brites Pavanelli

Direção musical: Charles Raszl

Assistentes de direção musical: Otávio Correia e Mizael Alves

Percussão: Luiz Bastos

Desenho de som: Otávio Correia

Danças Brasileiras: Karla Magalhães

Palestrantes convidados do CPTR: Luiz Carlos Checchia, Luiz Scapi,
Juliano

Espinho, Keã e Vitor Pordeus

Figurinos e adereços: Marcio Rodrigues e Cleydson Catarina

Assistentes para figurinos e adereços: Beatriz Barros

Produção: Cristiane Accica e Simone Brites Pavanelli

Projeto Gráfico/ diagramação: Maurício Santana

Comunicação visual/ elaboração e manutenção do site:
Sabrina Motta

Revisão das publicações do CPTR: Taiguara B. de Oliveira e
Danielle E. F. Maciel

Audiovisual: Fernando Mastrocolla e Taiguara B. de Oliveira

Agradecimentos

Adailton Alves, Adriana Victorelli, Amanda Macaia, Ana Maria Paula, Andressa Ferreira, Antonio Carlos Peixoto (*em memória*), Augusto Brites, Babalú, Bainawá, Beto Bisca, Calixto de Inhamuns, Carlos Gomes, Carlos Biaggiolli, Ciléia Biaggiolli, Charles Raszl, Claudia Victorelli, Daniel Gregório, Dirceu da Silva, Edson Paulo, Edu Viola, Fabiano Lira, Heloisa Brites Bisca, Irinéia Normandia, Irmã Miriam, Julio Leão, Juliano Espinho, Juninho Cendro, Karla Magalhães, Keã, Kelly, Laiz Corrêa, Luiz Bastos, Leonardo Carvalho, Luiz Carlos Checchia, Luiz Scapi, Lourdes Calheiros, Lourdes Sales, Marcos Brites Pavanelli, Marcelo Americano, Marcos Borges, Maria Sendro, Marisabel Lessa, M. Marry, Milton Carlos da Silva, Nai Lopes, Osmar Felipe, Osvaldo Pinheiro, Paula Barros, Priscila Pamela, Priscila Venâncio, Romisom Paulo, Rosa Motta Peixoto, Sancler, Selma Pavanelli, Sidney Herzog, Tatiane Aragão, Thamara Fernandes, Teresa Brites, Valdelice Alves, Vitor Poeta Benevento e Vitor Pordeus.

Buraco d'Oráculo, Cia Estável de Teatro, Cia Estudo de Cena, Cia de Rockocóz, Cia dos Ventos, Coletivo da Albertina, Grupo Folclórico Filhos de N'Zambi, Grupo Mistura da Raça, Grupo Sanza, Grupo Filhos da Quadra, Grupo Veteranos da Catira Martins, Tenda Paulo Freire, Trupe Olho da Rua e Trupe Lona Preta.

Igreja de São Sebastião, Escola Professor Ker Nogueira, CICAS, Coletivo Verde,

Colégio Maria Paula, Colégio Luzia de Godói, Deba's Bar, GEAMADO, Grêmio

Esportivo Vila Harding, UBS Jardim Romano e Restaurante Costa e Costa.



Dia de Benedito/ Largo São Bento /2014. Foto de Julio Leão.